

autor de A CABANA, 4,5 milhões de livros vendidos no Brasil

WILLIAM P.
YOUNG



Eva



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Eva



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

WILLIAM P.
YOUNG

Eva



Título original: *Eve*

Copyright © 2015 por William Paul Young
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado em acordo com a editora original, Howard Books,
uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Alice Dias

revisão: Ana Grillo e Herminia Totti

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y71e

Young, William P.,
1955-

Eva [recurso
eletrônico] /
William P. Young
[tradução de
Fabiano Morais];
São Paulo:
Arqueiro, 2015.

recurso digital

recurso digital

Tradução de: Eva

Formato:

ePub

Requisitos do
sistema: Adobe
Digital Editions

Modo de
acesso: World
Wide Web

ISBN 978-85-
8041-462-2

(recurso
eletrônico)

1. Ficção
canadense. 2.
Romance. 3.
Espiritualidade. 4.
Livros eletrônicos.

T. M. G. G. G.

I. MORAIS,
Fabiano. II.
Título.

15-
26929

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

ESTA HISTÓRIA É DEDICADA À MINHA IRMÃ DEBBIE.

Serei eternamente grato pelo privilégio
de ser seu irmão.

1

ENCONTRADA



Recostado numa árvore, com os pés enterrados na areia fria, John, o Catalogador, se deixava levar pelo fluxo de suas orações matinais. Diante dele, o oceano ondulante se estendia até desaparecer no horizonte, mesclando-se ao céu límpido, cor de cobalto.

De repente, a fragrância salgada do mar foi substituída pelo cheiro de eucalipto, mirra e flores silvestres. John sorriu. Ela sempre fazia isso ao chegar. Resistindo à tentação de correr para os seus braços, ele apenas baixou a cabeça e respirou fundo. Havia tempos que não se encontravam.

A mulher negra, magra e alta aceitou o convite silencioso e sentou-se ao lado dele, despenteando com a mão os cabelos grisalhos do homem com a ternura que uma mãe dedicaria ao filho. O toque brincalhão espalhou uma sensação de paz pelos seus ombros, aliviando o peso do fardo que ele carregava sem perceber.

John poderia ficar assim por um bom tempo, mas aprendera que as visitas dela tinham sempre um propósito. Durante alguns instantes, ele conteve a própria curiosidade e simplesmente ficou ali, aproveitando o prazer sereno da companhia dela.

– Mãe Eva?

– John.

Mesmo sem olhar, John soube que ela estava sorrindo. Ancestral e poderosa, aquela mulher irradiava uma alegria quase infantil. Com um dos braços, ela o puxou para si e deu um beijo delicado em sua testa.

– Você está aqui há... – começou ela.

– Cem anos, hoje – concluiu John. – Se esse é o motivo da sua vinda, fico grato.

– Em parte, sim – disse Eva. – Cem anos é sempre motivo de comemoração.

Ele se pôs de pé e limpou a areia do corpo antes de ajudar Eva a se levantar também. Ela agradeceu com educação, embora não fosse necessário. Seus cabelos brancos e crespos se entrelaçavam como uma coroa em volta do rosto repleto de vincos deixados pelos incontáveis anos.

As perguntas de John ameaçaram se espalhar por todas as direções, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela ergueu a mão para detê-lo.

– John, uma boa pergunta vale mais do que mil respostas – disse ela. – Escolha com sabedoria.

Ele precisou de apenas um instante para formulá-la.

– Quanto tempo mais? – perguntou, em tom grave. – Por quanto tempo mais precisaremos esperar até o fim, até que nossa cura esteja finalmente concluída?

– Muito menos do que quando eu mesma fiz essa pergunta pela primeira vez.

John respirou fundo e assentiu, fitando seus olhos faiscantes.

– Vim aqui para lhe falar sobre hoje, John. Hoje minha criança vai nascer no seu mundo.

John franziu as sobrancelhas, confuso.

– Sua criança? Mas, Mãe Eva, não somos todos seus filhos?

– Sim, são – afirmou ela. – Mas há três em especial que se erguerão para representar a todos nós: aquela que recebeu a promessa da semente, aquela cuja semente esmagará a cabeça da serpente, e aquela à qual a semente se unirá para sempre. A Mãe, a Filha e a Noiva. A chegada desta menina marcará o início do fim.

Ele ficou tão surpreso que mal notou quando Eva apanhou uma pedra e começou a caminhar em direção à beira da água. John se pôs a segui-la, ainda desorientado. Ela lançou a pedra bem alto no ar e os dois a observaram cair no mar quase sem fazer barulho.

– John – disse Eva –, a ondulação causada por uma única pedra é capaz de mudar o oceano do Universo para sempre.

John deixou que as pequenas ondas lambessem seus pés e puxassem a areia debaixo deles. Estar perto de Eva era ao mesmo tempo revigorante e perturbador.

Uma voz estridente cortou o ar.

– Você está enrolando, John.

Ele se virou. Uma brisa vinda do mar levantou seus cabelos, enquanto o perfume de Eva preenchia pela última vez os seus pulmões.

Letty tinha chegado e Eva havia partido. John suspirou.

– Os Catadores o estão chamando há mais de uma hora! Como você é o único Catalogador em um raio de 150 quilômetros...

Virando-se para a água novamente, John escolheu uma pedra lisa e a jogou bem alto no ar, tentando fazê-la cair na água sem som, como fizera Eva.

– Por que essa pressa? – resmungou, enquanto Letty se aproximava. Ele apanhou outra pedra.

Letty era uma velha baixinha e atarracada, que mal chegava a 1 metro de altura. Parecia uma maçã esquecida debaixo do sol quente: ainda redonda, mas toda enrugada, com os olhos negros penetrantes, o nariz adunco, a carranca quase toda desdentada, um par de meias desencontradas e sapatos que também não combinavam. Apoiava-se em uma espécie de cajado, que agora estava apontado diretamente para ele.

Quando notou a intensidade do olhar da velha, John deixou a pedra cair na areia.

– Letty?

As palavras dela foram escolhidas com cuidado.

– Um grande contêiner de metal foi visto flutuando no mar hoje cedo. Nós o puxamos para a areia e o abrimos. Os Sábios afirmaram que ele veio da Terra.

– Não é a primeira vez que isso acontece – comentou John.

– Lá dentro havia os restos mortais de doze seres humanos, todos jovens do sexo feminino. Com exceção de um.

– Meu Deus – balbuciou John, ao mesmo tempo em tom de prece e exclamação.

– O contêiner parece ter sido usado para transportar pessoas por longas distâncias, provavelmente em algum tipo de embarcação. Mas como nenhum destroço foi visto junto com ele, suspeitamos que tenha sido lançado ao mar propositalmente, depois que as pobres meninas foram... executadas. – A voz dela fraquejou de emoção.

John sentou-se na areia, puxando os joelhos para perto do queixo. A beleza do dia agora parecia uma piada de mau gosto. A alegria que Eva inspirava partira junto com ela.

Ele sentiu a pequena mão de Letty pousar sobre seu ombro enquanto lutava contra a onda crescente de fúria e pesar.

– John, não podemos permitir que a doença da sombra se aloje em nosso coração. Temos o direito de nos enfurecer, mas não devemos nos afastar do abraço da alegria, que está além da nossa compreensão. Ser capaz de sentir tudo isso significa que estamos vivos.

Ele assentiu.

– Você disse que os humanos eram do sexo feminino, com exceção de um deles?

– Sim. Havia também um homem de meia-idade. A princípio, supomos que ele tenha tentado proteger as meninas. Estou certa de que há uma história por trás disso, mas provavelmente só o tempo nos permitirá desvendá-la por completo.

– Eu não quero ver...

– Não se preocupe. Os corpos já foram levados para o Santuário das Lamentações e estão sendo preparados para a cerimônia do fogo, amanhã. Neste momento, precisamos que faça o que só você pode fazer, para que os Catadores possam terminar seu trabalho e os Artistas consigam encontrar uma maneira de preservar a memória dessas crianças.

John fechou os olhos e voltou o rosto para o céu, desejando que a conversa com Eva não tivesse sido interrompida por um motivo tão cruel.

– Vá – incentivou-o Letty. – Os outros estão esperando.



John ficou surpreso com o tamanho do contêiner. Ele tinha pelo menos 9 metros de comprimento e era tão pesado que os Puxadores precisaram da ajuda de uma dúzia de animais para tirá-lo da água, usando uma esteira de troncos giratórios. A caixa imensa havia deixado sulcos profundos na areia da enseada. O que havia dentro dela – roupas, cobertores, brinquedos – estava empilhado sobre as mesas nas tendas ao redor. Estava mais frio ali, como se o próprio sol tivesse virado o rosto para não ver a cena.

Ele tirou um pequeno estojo de um dos bolsos, abriu-o, pegou um anel e colocou-o no dedo. Então girou a borda dele para mudar a marcação. Tudo o que John tocasse com aquele anel seria marcado com uma data e depois levado para a casa dele, o Refúgio, onde ficaria armazenado para análise e consulta. Do outro bolso, tirou um par de luvas finas e as calçou.

O primeiro item que chamou sua atenção foi um arquivo de três gavetas, preto, fechado a chave. Era frio ao toque. John o marcou e depois chamou uma Artífice, uma mulher com habilidade para manipular trincos e chaves. Ela só precisou de alguns instantes para abrir o gaveteiro. Quando John examinou seu conteúdo, encontrou o que esperava: registros de envio, faturas de despacho marítimo, informações de contabilidade e vários outros relatórios.

A última gaveta guardava documentos com alguns dados pessoais das meninas, incluindo um retrato de rosto de cada uma. Altura, peso, idade, estado de saúde. Os nomes eram obviamente falsos: Argélia, Bolívia, Canadá e assim por diante. John ficou observando as imagens por alguns instantes. Os olhos naquelas fotos eram janelas para a vida de doze jovens que mereciam um luto adequado.

John estava prestes a fechar a gaveta e continuar seu trabalho quando um pensamento lhe ocorreu. Ele contou as pastas. Doze, como Letty tinha informado. Mas havia algo errado. A contagem de doze corpos incluía o do homem. Ele tornou a contar. Doze fotos, todas garotas, todas jovens. Isso significava que estava faltando uma. Talvez ela tivesse escapado ou então os registros estivessem incorretos. Fosse como fosse, ele não conseguia tirar aquela discrepância da cabeça.

Será que era de alguma dessas meninas que Eva estava falando?

Seguindo sua intuição, ele andou alguns metros de volta até o contêiner. Em frente à porta havia uma fileira de botas de proteção para os trabalhadores, que depois seriam meticulosamente higienizadas e desinfetadas. Ele escolheu um par que cabia nos seus pés.

Um Engenheiro o cumprimentou.

– Olá, John. Que tragédia, hein?

Ele concordou com a cabeça enquanto amarrava as botas.

– Preciso entrar um instante para confirmar uma informação dos registros. Há algo que eu deva saber antes?

– Não, ainda temos algumas pendências para resolver, mas já retiramos o mais importante.

John assentiu com tristeza, reconhecendo a gentileza do homem.

– Ah, acabamos de desligar a unidade de refrigeração. Ainda está um gelo lá dentro. O ciclo de resfriamento deve ter travado por conta de algum defeito, o que talvez tenha sido uma bênção. Os corpos estavam quase congelados. O chão está bem escorregadio, tome cuidado.

As portas se abriram com facilidade, deixando a luz do sol invadir o contêiner. A iluminação interna piscou e depois acendeu, indicando que havia algum tipo de circuito movido a bateria ainda em funcionamento. John prendeu a respiração ao entrar.

Cerca de um terço do contêiner estava ocupado por itens de grande volume – caixas, tapetes, embalagens –, além de entulhos e lixo, uma bagunça que ele teria que vasculhar em algum momento. Manchas de sangue congelado salpicavam as paredes e o chão daquela tumba de metal. John caminhou com cautela, evitando pisar nos vestígios da tragédia, cada passada reverberando em meio ao silêncio mortal.

Na extremidade oposta, ele avistou a ventoinha de refrigeração parada, uma fina camada de gelo se formando em suas pás. Após correr os olhos à sua volta, quase se convenceu de que não restava nenhum lugar em que uma menina pudesse se esconder.

Então algo estranho chamou sua atenção: uma placa metálica que se projetava cerca de meio metro para fora de uma das paredes. Ele foi até lá e examinou a estrutura de perto. Havia dobradiças na parte de baixo e, quando correu os dedos por cima, encontrou dois fechos grandes. John sabia que, se soltasse os ganchos, a estrutura se abriria para baixo e para fora. Seria um lugar para dormir, como uma tarimba ou algo parecido? Para um guarda, talvez?

Ele hesitou. Depois soprou as mãos e abriu os fechos, que se desprenderam com um barulho surdo. Enquanto baixava a placa de metal, suas mãos arderam por causa do contato com o aço congelado. A placa era pesada, e John teve que apoiá-la no ombro até que as correntes dos dois lados se desenrolassem por completo. Ela parou a poucos centímetros do chão, nivelada e firme. Foi então que ele a viu.

O corpo de uma adolescente estava espremido naquele espaço. Alguém havia fechado o compartimento à força, pois ela mal cabia ali. Os membros estavam dobrados em ângulos bizarros, a cabeça apertada para baixo junto ao peito, os cortes começando a sangrar depois de liberada a pressão. Um dos pés estava quase amputado. Ela jazia ali, congelada, e ele apenas observava, chocado demais para

reagir.

Por fim, John conseguiu se virar e saiu, dessa vez sem se preocupar com o sangue no chão. Precisava chamar as pessoas treinadas para lidar com aquele tipo de situação.

– Encontrei outra garota! – gritou ele, dando início a um turbilhão de atividades.

Do lado de fora, ele desamarrou os cadarços das botas e as tirou, andou até a tenda em que havia marcado o gaveteiro e sentou-se, recostando-se nele.

– Deus, como o Senhor ainda consegue nos amar? – sussurrou John. Ele ficou em silêncio por um instante e depois clamou: – Por favor, deixe-a descansar em Sua paz!

Uma nova explosão de atividade e gritos fez com que John se levantasse, curioso. Um Puxador amigo seu entrou na tenda e o abraçou.

– John! Aquela garota que você encontrou está viva! O estado dela é muito grave, mas ela ainda vive! – O homem abriu um sorriso radiante e o abraçou outra vez. – Você é um Descobridor agora, John! – exclamou o Puxador. – Quem poderia imaginar?

John afundou a cabeça nas mãos, sentindo-se anestesiado. Se aquela era a filha de Eva, seu nascimento havia sido sofrido e brutal. Que bem poderia vir de tamanha crueldade?

2 INÍCIOS



Tudo parecia explodir dentro dela. Tudo doía.

Por quê? Sua memória falhava.

Imagens se embaralhavam em sua mente. Clarões de luz penetrantes feriam seus olhos. Sons pungentes – dissonantes, violentos, aterrorizantes – aumentavam seu pânico. A respiração, acelerada e ruidosa, rugia em seus ouvidos.

Outro clarão de luz angustiante, borrões de movimento, música... cordas? Uma mulher negra se transformando em um homem moreno com uma gravata-borboleta vermelha. Informações desconexas. Ela precisava acordar. Tentou. Não conseguia.

Sua cabeça girava como um furacão em alto-mar... ondas a puxavam para baixo, prendiam-na às profundezas. Ela arfava... e tornava a ser engolida pelas águas... não conseguia respirar.

Quando a escuridão enfim a envolveu, foi bem-vinda como uma velha amiga.

Alguém se inclinou sobre ela e a acordou. Uma imagem desfocada. Uma voz distante. Seus pulmões doíam. O ar estava pesado. Líquido. As sombras pareciam encurralá-la, engolindo-a. Uma nesga de luz branca se encolheu até sumir.

Ela gritou. *O que está acontecendo comigo?* Nenhum som saiu.

Lembranças de sonhos e alucinações misturavam-se e distorciam-se, até se tornarem um espetáculo de horrores por detrás de seus olhos. Ela se encolheu, tentando se esconder, querendo sumir. Mas para onde ir? Seus gritos inúteis se transformaram em soluços.

Um pano morno na testa. Conforto. E uma fragrância pungente que ela não

conseguia reconhecer penetrou seu corpo, espalhando-se pela garganta, descendo pelo estômago, tomando todos os seus membros. O alívio era irresistível. Os sons foram abafados. A quietude a envolveu.

Ela voltou a adormecer.



Quando acordou novamente, uma conversa quebrava o silêncio nebuloso da noite.

– John. – A voz feminina era penetrante e aguda. – Esta jovem é uma anomalia.

Os Curadores estão tentando descobrir suas origens, mas o código genético dela é incrível. Ninguém nunca viu nada parecido!

Um homem de voz calma e bondosa respondeu:

– Parece que o impossível e o absurdo são o playground de Deus.

A menina esforçou-se para abrir os olhos, mas foi em vão. Um peso mantinha suas pálpebras cerradas, exaurindo-a. *Por que não consigo me mexer?*

– Eles precisam de mais tempo para desvendar este mistério – disse a mulher.

– Parece que teremos tempo de sobra. A recuperação dela não será rápida – ponderou John com um suspiro. – Não entendo o que está acontecendo, Letty, mas de uma coisa eu sei: esta menina se tornou a *minha* anomalia.

Letty riu.

– Ouça só você, todo protetor e carinhoso!

Ela fez outro esforço. *Acorde! Acorde!* A dor reclamava espaço. Seu corpo pareceu perder o equilíbrio. Ela se retesou para lutar contra a sensação de estar caindo.

– Às vezes me pergunto: Por que eu? – disse John. – Por que Eva me convidou para participar disso?

– Talvez por você ter sido uma Testemunha?

– E o que isso tem a ver com esta menina?

Letty respondeu cantarolando baixinho. A sensação de desequilíbrio da menina cessou abruptamente. O corpo dela pareceu se endireitar. As vozes sumiram. Ela se sentia flutuando em uma lagoa de paz.

Filha. Uma nova voz chegou aos seus ouvidos, vinda de longe. *Filha.*

O perfume de ervas e flores encheu o ar. Um toque leve como pluma roçou as costas de sua mão. Quente. Suave. Tranquilizadora.

Minha criança.

Minha criança? Desta vez, quando a menina pediu que seus olhos se abrissem, eles obedeceram.

Uma mulher negra estava parada ao lado de sua cama. Ela parecia jovem e velha, majestosa e comum, delicada e forte, tudo ao mesmo tempo. Inclinou-se, plantou um beijo na testa da menina e sorriu.

A menina sussurrou: *Quem é você?* Achava que deveria falar baixo, mas ela se

perguntou se teria apenas pensando na pergunta.

Sou sua mãe. Você é a Testemunha. Venha ver!, sussurrou a mulher sem mover os lábios. Seus dedos longos se fecharam em volta dos punhos da menina e a ergueram como se ela não tivesse peso ou não estivesse presa à cama.

Minha mãe? A palavra mãe trouxe à tona emoções amargas. Ela ficou confusa. Não queria ir a lugar algum.

Venha, minha filha. Venha testemunhar a Criação, a perfeição que irá curar seu corpo ferido e sua alma!

A menina tentou se desvencilhar da mão que a segurava com ternura, mas os dedos da mulher não a soltaram. Uma lufada de ar roçou suas faces, dando-lhe a sensação de alçar voo – e agora ela segurava firmemente aquela mão. Ao olhar para baixo, a visão a fez perder o fôlego: o corpo destruído que acabara de deixar estava preso a um emaranhado de correias, tubos e fios.

Ela se deteve e, por um instante, nada se moveu. Prendeu a respiração, sentindo-se enjoada.

Quantas vezes posso morrer?, pensou.

Não, isto não é morte, disse a mãe. *É vida. Venha ver. Prometo que não vai se decepcionar.*

E então a mão a soltou, abandonando-a.

Ela fechou os olhos com força para conter o pânico crescente. Em vez de cair, no entanto, flutuou como uma pluma. Tomada por uma onda de calor, sentiu um líquido turvo e viscoso envolvendo-a, engolindo-a. De repente, o fluido gelatinoso entrou em sua boca e ela engasgou, aterrorizada. Mas, quando notou que não sufocava, começou a relaxar.

Estou respirando esse líquido? Impossível! Isso é loucura!

Com os olhos arregalados, mas sem conseguir enxergar, ela se deixou levar. Resistiu ao impulso de procurar apoio, algo que a ancorasse no tempo e no espaço, que a prendesse à memória. Então quase se sentiu livre.

Uma paz profunda veio à tona, uma sensação de que ela não seria deixada sozinha. Alguém sabia que ela estava ali, ainda que fosse apenas a mulher de pele negra que afirmara ser sua mãe. Venha ver, dissera ela.

Mas aquele Universo era um vácuo sem forma.

Percebendo o vazio à sua volta, ela ficou ressentida. A sensação de ser enganada e abandonada num lugar estranho era dolorosamente familiar.

Flutuou talvez por um nanossegundo, talvez por um milhão de anos – era impossível saber. Não havia nada para ver.

De repente, um estrondo. Seu corpo inteiro se encolheu. A menina esticou o pescoço em direção à luz. A explosão foi instantânea e contínua, uma energia arrebatadora e um fluxo de informação que se propagava, jorrando em sua direção. Era cor. Era música. Era alegria e fogo, sangue e água. E era voz – única e múltipla, ascendente e penetrante, unindo-se ao vazio.

Caos e matéria colidiram, desencadeando fagulhas de alegria e poder, criando energia, tempo e espaço. Ao redor, seres espirituais aplaudiam o espetáculo, o êxtase emanando de suas mãos como gotas resplandecentes.

Ela se sentiu maior que uma galáxia e menor que a mais ínfima partícula. Tudo à sua volta se dilacerou e se recompôs novamente. Uma onda de vozes se ergueu, envolvendo-a numa explosão de fragrâncias. Ao redor de tudo, ecoavam três vozes – que, ao mesmo tempo, eram apenas Uma.

A Grande Dança, afirmou uma voz.

É a mãe quem está falando?, perguntou-se ela.

Este é o supremo Início.

A menina girou no líquido à procura da voz. Esforçando-se para encontrar a mulher, ela chamou:

– Mãe?



– Ah, finalmente acordou, pelo menos por mais de alguns segundos. Bem-vinda ao mundo dos vivos e ao Refúgio.

A voz era familiar. *John*, supôs ela. Soava firme e totalmente comum, mas, comparada com o que tinha acabado de testemunhar, aquela “normalidade” era um pouco frustrante.

Ótimo!, pensou ela. *Eu morri de novo, aqui é o inferno e há um homem nele.*

Ela tentou mover a cabeça na direção dele. Então, ouviu-o gritar:

– Não faça isso!

Tarde demais. Uma dor lancinante comprimiu seu pescoço como um torno mecânico. Uma névoa surgiu nos cantos da sua visão, espalhando-se em direção ao centro. A última coisa que ouviu enquanto a escuridão caía em camadas cada vez mais cinzentas foi aquela voz comum, agora aflita, dizendo:

– E lá vai ela outra vez...



Algo suave roçou seu rosto. Um sussurro.

O que você viu foi o útero da criação sendo forjado. O que ouviu foi a primeira concepção de todas. Agora, só nos resta aguardar a chegada da criança.

Seus olhos se abriram enquanto o cosmos se desdobrava com uma alegria incontida.

Quer dizer... que este é o início do mundo?

A primeira história de todas. A voz era incorpórea, estava ao redor e dentro dela, em todas as partes e em lugar nenhum.

A menina observava, confusa. *O big bang?*

Como resposta, apenas uma risada. O som se uniu às outras melodias, que se misturaram numa trama de fé, esperança e amor.

O útero da criação continuava crescendo e se expandindo. Era poderoso, selvagem e bravo, embora ao mesmo tempo ordeiro e preciso.

A menina sentia fascínio e desconforto. Esperança e ceticismo. Atração e repulsa. Ela conhecia a história, e não a conhecia.

Ou conhecia?

Então, em meio a todo aquele espetáculo, surgiu uma minúscula esfera azul que girava, frágil e vulnerável.

Aqui é o Lugar em que a gestação será consumada. Daqui nascerá a criança. E você será testemunha disso, minha filha. Você é a Testemunha da Era dos Inícios.

As palavras pesaram em seus ouvidos, abrindo feridas dentro dela.

Não.

É para você, minha filha. Um presente para você e para cada homem e cada mulher que já nasceu sob esta luz primordial.

– Não – negou ela em voz alta. A palavra foi disparada como um dardo venenoso. – Não sou Testemunha de nada. E não quero ser.

O Universo escureceu num piscar de olhos.



Uma melodia diferente, zumbidos e cliques a trouxeram de volta. O contraste entre aqueles ruídos e as harmonias da música da Criação era decepcionante. Era como se uma cachoeira imponente tivesse sido subitamente represada e transformada num gotejar irritante em um reservatório de água parada.

Mas ela se sentia aliviada.

Alguém assobiava uma canção alegre que ela não conseguia distinguir. A menina tossiu fraco e a música parou bruscamente. Sons de passos se aproximaram.

– Então, vamos tentar outra vez? – Era a mesma voz masculina de antes. John. Mas agora ela conseguia ver seu rosto, os detalhes borrados e indistintos, como se estivesse olhando através de águas profundas. Um homem moreno, de barba curta e sobrelhas grossas, fios grisalhos salpicando os cabelos que começavam a rarear. Os movimentos dele causaram-lhe enjoo, de modo que ela fechou os olhos mais uma vez.

Em outra parte do quarto, o cantarolar grave voltou.

Ele secou com cuidado as lágrimas que haviam se acumulado debaixo das ataduras que cobriam o rosto dela. A menina se encolheu diante do toque. Não conseguia mover a mandíbula, que estava imobilizada por algum tipo de armação, deixando um gosto metálico em sua boca. Lutou para engolir a saliva. Mais uma vez, viu-se à beira de um pânico claustrofóbico.

– Vá com calma. – A voz do homem que tentava tranquilizá-la apenas

aumentava sua náusea. – Você deve estar muito confusa agora. Deve ter um milhão de perguntas. Se não tiver, eu tenho.

Então ele se apressou em acrescentar:

– Mas não tente falar por enquanto. Você ainda não está bem o suficiente para isso, embora tenham me garantido que é só uma questão de tempo. Se conseguir compreender o que estou dizendo, abra os olhos e pisque uma vez para sim e duas para não.

Ela piscou uma vez.

– Ah, só para eu ter certeza, essa foi uma piscada para dizer sim, correto? Não uma reação involuntária ou um erro de interpretação da minha parte, certo? Vamos de novo: pisque uma vez para sim e duas para não.

Uma pontada de irritação a fez querer fingir que estava inconsciente. Não gostava de estar presa, recebendo ordens. No entanto, obedeceu.

Uma piscadela.

– Excelente. – Ele parecia genuinamente feliz. – Ótimo. Não valeria a pena continuar tagarelando só para ouvir o som da minha própria voz, não é mesmo?

Confusa, ela decidiu piscar duas vezes. Aquilo era uma pergunta?

– Oh, desculpe! – exclamou ele. – Esta é a nossa primeira tentativa de conversa, então preciso ser mais objetivo. E se eu perguntar “sim” ou “não” ao final de toda frase que for realmente uma pergunta? Isso vai ajudar? Sim ou não?

Ela piscou uma vez.

– Ótimo. Então deixe-me começar com algumas informações básicas. Meu nome é John e você está sendo tratada na minha casa, que a maioria das pessoas chama de Refúgio. Aqui neste quarto também está a mal-humorada e pequena Letty...

– Ele quer dizer baixinha, querida – interrompeu a mesma voz feminina que ela já ouvira antes. A presença de uma mulher ali era reconfortante. – Sou mais baixa e mais velha do que ele, que tem inveja das duas coisas. E, caso esteja preocupada com isso, você está totalmente vestida. Só eu e as cuidadoras é que cuidamos da sua higiene e desses detalhes mais íntimos. Embora não precise ter medo de John.

Apesar da visão distorcida, ela notou que o homem sorria em direção à voz.

– Letty, pegue um banquinho e suba nele para que ela possa vê-la.

– Ainda não é necessário, John. Vim apenas conferir se está tudo bem e informá-lo de que três estranhos chegaram à nossa comunidade. Sábios, ao que parece, e vindos de muito longe. Eles querem falar com você e com ela. Isso é tudo.

O murmúrio constante ressurgiu, confirmando que vinha de Letty.

John virou-se para a menina.

– Você sabe como se chama? Sim ou não?

Dois piscadelas.

– Não? Humm, então suponho que também não saiba de onde vem, ou mesmo de *quando* vem. Essa não é uma pergunta, apenas uma observação.

Ela fechou os olhos, desinteressada. Queria que ele fosse embora. Queria dormir.

– Tem alguma lembrança de como veio parar aqui? Sim ou não?

Duas piscadelas.

Durante os quinze minutos seguintes, ele fez diversas perguntas. A comunicação, no entanto, era totalmente unilateral e estava se tornando frustrante e cansativa.

Não, ela não se lembrava de onde vinha nem tinha recordações de sua família. Sabia que era humana e mulher, e achou estranho ele perguntar isso.

Sim, estava sofrendo.

Isso era verdade – sua cabeça latejava no ritmo de seu coração – mas não, não conseguia mexer os dedos, mover os pés nem senti-los quando ele os tocava. Conseguiu erguer as sobrancelhas, franzir a testa e piscar, mas nenhum outro movimento parecia possível.

A consciência da imobilidade trouxe uma nova onda de pânico, mas John se apressou em explicar que aquilo era necessário para sua recuperação. Isso aliviou um pouco a angústia, mas gerou outras perguntas – que ela não podia fazer.

O homem andava de um lado para outro, mexendo em várias coisas que ela podia apenas ouvir e imaginar o que seriam. Por fim, ele parou de fazer perguntas e começou a dar informações.

John chamava a si mesmo de Catalogador. Como tal, ele reunia as coisas que eram trazidas pelas marés até as praias rochosas perto da sua casa. Havia meses que a menina vinha se recuperando no Refúgio.

Segundo John, ela havia “enclanhado” em uma “ilha” entre mundos, uma vítima do que ele chamou de Tragédia – um acontecimento terrível e destrutivo. Vários escombros foram trazidos junto com ela: um verdadeiro caos feito de metal, papel, brinquedos, madeira e detritos de sua civilização e seu tempo. Todas as coisas tinham sido encaixotadas e guardadas em um depósito próximo dali. Quando recobrasse as forças, ela poderia vasculhá-las.

– Não era minha intenção encontrar você – declarou John. – Afinal, sou um simples Catalogador, não um Descobridor.

Aparentemente, Descobridores ficavam ligados para sempre a qualquer coisa que encontrassem. Pela maneira como John explicava, essa lei parecia se aplicar a todo o Universo.

Ela não gostou de ouvir aquilo. Ligada a um homem? A ansiedade se contorceu dentro dela como um lobo agitado.

Por quase uma hora ele ficou falando sobre isso; depois passou vários minutos se desculpendo por ter dado a impressão de que toda aquela situação era culpa dela.

Aquela injustiça causou-lhe uma dor tão profunda quanto a provocada pelas lesões em seu corpo.

Felizmente, não demorou muito até que ela ficasse sonolenta, embalada pelo ritmo da voz dele e do zumbido constante ao fundo. Não conseguia mais acompanhar o que ele dizia; tampouco queria fazê-lo. Então se deixou levar,

ansiado por mergulhar na escuridão e libertar-se de qualquer expectativa.
Sua esperança foi em vão.

3

LILLY E A SERPENTE



Aproximando-se da superfície da Terra, a menina desceu até pousar em uma pequena colina deserta, que ficava à beira de uma planície sinuosa salpicada de árvores. Depois delas, fileiras e mais fileiras de colinas maiores compunham a paisagem distante. Mais além, via-se a silhueta de uma cadeia de montanhas.

A menina mal pôde notar todo esse esplendor, pois sua atenção foi atraída pelo que havia atrás dela. Virando-se, ela se espantou e instintivamente deu um passo para trás. Uma colossal cortina d'água se estendia do solo até o céu e para as duas laterais infinitamente. Pulsava como se tivesse vida, irradiando luz e calor que penetravam em cada célula de seu corpo.

– Nunca deixo de me maravilhar com essa visão – disse uma voz ao seu lado.

Lutando para conseguir afastar os olhos da barreira de água, a menina virou-se para a mulher alta de ossos finos parada ao seu lado.

– Você é aquela que se chama de Mãe – disse ela. – Você não é minha mãe.

A presença daquela mulher era mais poderosa do que a muralha líquida. Sua postura exalava nobreza e era mais bela e arrebatadora do que a menina havia percebido da primeira vez. As maçãs do rosto eram salientes, anunciando olhos castanho-escuros penetrantes que brilhavam como ouro. Os cabelos brancos estavam trançados com firmeza, as pontas caindo de forma suave sobre os ombros. Sua túnica resplandecente, majestosa e colorida ondulava como se animada por cada pensamento e gesto seu.

A mulher sorriu e se inclinou até as testas das duas se tocarem.

– Sim, sou sua Mãe, Lilly – sussurrou ela.

– Lilly? – Ouvir aquele nome surpreendeu a menina, mas ela o reconheceu de imediato. – Oh, meu Deus! Agora me lembro. Meu nome é Lilly! Lilly Fields!

No mesmo instante, ela se deu conta de outra coisa.

– E você é minha mãe? Como pode ser? Você é...

– Negra? – Eva deu uma risada tão límpida que Lilly não pôde deixar de fazer o mesmo, embora ainda estivesse totalmente perplexa.

– Ainda não sei quem você é. Como se chama?

– Eva.

– Você é a Eva? De Adão e Eva?

– Sim, minha filha. Sou Eva, a Mãe dos Vivos. Onde você pensa que nós estamos, Lilly?

– Não sei – disse ela, insegura. – Perdidas em algum sonho, numa alucinação causada pelos medicamentos ou em algum tipo de viagem mental catastrófica? – Ela hesitou, depois falou abruptamente: – Ou será que estou ficando louca?

Lilly baixou a cabeça e olhou para o chão, como se isso pudesse ajudá-la a organizar seus pensamentos. Foi com surpresa que percebeu que também usava uma túnica de luz oscilante – perfeita, pura e protetora. Por mais que tivesse a sensação familiar de estar exposta, ao mesmo tempo sentia-se estranhamente segura. Aquela contradição não podia ser real.

– Bem, se você me conhecesse de verdade – balbuciou ela –, saberia que eu não pertenço a este lugar.

– Minha querida – retrucou Eva –, alguém por acaso é capaz de conhecer a si mesmo? – De repente a voz de Eva mudou, suas palavras soando ao mesmo tempo como uma declaração e uma ordem: – Sinto a presença de uma acusação. Revele-se para mim!

Enquanto Eva falava, Lilly ouviu um farfalhar na vegetação rasteira, de onde surgiu uma víbora de aparência robusta. A serpente ignorou a presença de Eva e ergueu-se diante da menina. A serpente fitou dentro dos olhos dela, a língua entrando e saindo da boca, saboreando o ar. Eva apenas observava a cena, com o rosto inexpressivo e os braços cruzados.

– O que é você? – sibilou a serpente. – Nunca vi nenhuma criatura do seu tipo.

A respiração de Lilly ficou presa no peito. Ela desviou o olhar.

– Nada – sussurrou. – Não sou nada.

– Você diz que não é nada. Mas este nada tem uma voz, então quem é você?

– Ninguém – respondeu Lilly. – Não pertenço a este lugar.

A serpente parecia crescer a cada palavra que a menina dizia.

– Que curioso! – A serpente recuou, como se quisesse examiná-la melhor. – Diga-me, então, o que nada e ninguém está fazendo aqui?

Lilly não tinha resposta para isso.

A serpente entortou a cabeça e tornou a saborear o ar.

– Você é uma criatura estranha, de um tipo que desconheço. Mas não passa de

uma interrupção. – Com essas palavras, a serpente foi embora.

Lilly se sentiu aflita e, no fundo, um pouco desprezada. O farfalhar da vegetação rasteira se fez ouvir outra vez, e então o som se afastou.

– O que foi aquilo? – perguntou Lilly.

– Às vezes – respondeu Eva –, uma serpente é apenas uma serpente.

– Mas ela falou comigo!

– Outras vezes, uma serpente é algo mais. Se uma mentira recebe atenção suficiente, ela pode crescer. Mas não é isso o que me preocupa no momento. O que me preocupa é o fato de sua presença aqui ter sido percebida por outros, que nem sempre estarão interessados no seu bem.

Lilly abraçou o próprio corpo.

– Você está me assustando.

– Não tenha medo – disse Eva. – Eu já vi o desenrolar desta história.

– Isso... – ela abriu os braços, indicando o que viam à sua volta – ... já aconteceu mais de uma vez?

– Não, só uma. Apenas esta – respondeu Eva, como se isso fizesse todo o sentido.

– E você está aqui para testemunhar.

– Eva? – Instintivamente, Lilly deu a mão à mulher e foi surpreendida por uma estranha sensação de que podia falar com franqueza, sem medo de ser julgada.

– Sim, minha filha? – Eva abriu um sorriso bondoso, apertando a mão da menina.

– Não quero ser uma Testemunha, seja lá o que isso signifique.

– É um privilégio e uma honra.

Lilly sentiu um nó na garganta, envergonhada, mas não sabia por quê.

– Isso não pode dar certo. Não sou uma pessoa religiosa.

Eva franziu as sobrancelhas, intrigada.

– Não se trata de *religião*.

– Quero dizer, eu conheço a história. Apreendi quando era criança. Deus criou o mundo perfeito, criou o homem, criou a mulher... e então a mulher estragou tudo. – Lilly hesitou. – Bem, você deve saber disso melhor do que ninguém.

As faíscas douradas nos olhos de Eva tremeluziram.

– Disso o quê?

– Hã, como todo mundo tem culpado as mulheres desde então. Deus parece estar bem irritado também, pelo menos na minha experiência.

– E que experiência seria essa?

Sua memória falhou. Ela olhou para os seus dedos, ainda entrelaçados aos de Eva, e sentiu uma vontade repentina de chorar.

– Não me abandone, por favor – pediu Lilly, a voz quase inaudível.

– Nunca me afasto. – A expressão suave nos olhos de Eva tornou-se nublada de lágrimas. – Afinal, você é minha filha. Eu estou em você, assim como você está em mim.

As palavras tranquilizadoras encheram o coração de Lilly de paz. Eva olhou para cima e a menina seguiu seu olhar.

– Veja! Chegou a hora. Você não vai se arrepender de ser Testemunha. Eu prometo.



– De volta ao presente?

Lilly não conseguia ver, mas sabia que a voz era de John e sentiu uma pontada de raiva por ter sido tirada de seu sono.

– Eu estava observando você sonhar.

Ótimo. Ele é um tarado.

Ele riu como se tivesse lido a sua mente, mas não ficou nem um pouco ofendido. Lilly ficou vermelha de vergonha.

– Quando você sonha, seus olhos se movem pra lá e pra cá debaixo das pálpebras, como se o que visse no sonho estivesse mesmo ali.

Após uma pequena pausa, ele acrescentou:

– Na verdade, o que quer que esteja vendo pode estar realmente ali. Não sou especialista em sonhos. Eu deveria perguntar a um Sábio. Enfim, não sei qual foi o seu sonho, mas você parecia perdida nas profundezas dele.

Perdida, pensou Lilly, era exatamente como ela se sentia: presa entre a dor e a banalidade daquele lugar e a transcendência arrebatadora de seu sonho. Ela não queria ser uma Testemunha; mas também não desejava ficar longe de Eva. Algo dentro dela mudou, e seu sonho radiante desapareceu como o sol poente.

Ela ergueu as sobrancelhas numa expressão de dúvida e John entendeu o movimento.

– Sonhos ou Sábios? Quer que eu fale mais sobre os Sábios, sim ou não?

Piscar era doloroso, então a menina concentrou seus esforços na boca, que tinha sido libertada da armação de metal. Conseguiu produzir apenas um grunhido e John achou que aquilo era um sim. Mas a intenção dela não era dizer nem sim, nem não.

– Consegui ouvir isso! Muito bem! Meus parabéns! – comemorou John.

Ele arrastou sua cadeira para mais perto da cama.

– Sábios – continuou – são um grupo de eruditos que estudam um determinado assunto e podem falar a respeito dele nos mínimos detalhes. São muito inteligentes e possuem um conhecimento ilimitado. São capazes de explicar praticamente qualquer coisa, mesmo que essa coisa não seja verdade.

Ele olhou para a menina para ver se a havia feito sorrir. Não detectou nada, mas prosseguiu mesmo assim.

– Infelizmente, eles passam muito tempo falando entre si em línguas que ninguém consegue entender. Às vezes preciso chamar um Tradutor para compreender seus argumentos profundos. Mas eles não são pessoas difíceis. Muitos

dos meus melhores amigos são Sábios.

Recuperando o fôlego, ele se inclinou para a frente a fim de ver o rosto dela. Dessa vez, ela tentou fazer o que o homem queria e deu um levíssimo sorriso, o primeiro que tinha conseguido produzir de propósito.

Para surpresa de Lilly, o sorriso dele aqueceu seu coração e eliminou grande parte de sua irritação.

– Meus parabéns outra vez – disse ele, incentivando-a. – Esse primeiro sorrisinho me dá a esperança de que outros virão em seguida. Agora deixe-me contar mais uma coisa sobre os Sábios. – Ele olhou em volta, como se pudesse haver alguém por perto para ouvir, então baixou a voz. – Eles estão sempre visitando o Refúgio. Na verdade, os três estrangeiros que vieram ver você vão querer examiná-la. Em algum momento, você terá que permitir isso. Um truque para conversar com eles é oferecer-lhes um pouco de vinho ou algo mais forte. Quando eles bebem, fica mais fácil entendê-los.

John deu outra risadinha. Lilly teve que admitir que aquilo era um pouco engraçado.

– Em geral, eles são muito afáveis e me ensinaram muito. Mas raramente admito isso na presença deles – disse ele em tom de brincadeira.

Como as opções da menina eram limitadas, ela fez um ruído com a garganta e tornou a exibir algo parecido com um sorriso.

– Eu vi de novo! – alegrou-se John. – Até a mais ligeira sombra de um sorriso faz você ficar radiante como uma princesa!

Embora provavelmente a intenção dele tivesse sido encorajá-la, o comentário desencadeou uma terrível reação. O que John disse – ou a maneira como disse – a fez mergulhar em mais uma onda de pavor.

O sentimento foi tomando conta dela, agravado pela incapacidade de se mover. Dessa vez, no entanto, ela conseguiu se concentrar em respirar lenta e profundamente, e aos poucos a adrenalina produzida pelo medo diminuiu. Enquanto continuava deitada ali, inspirando e expirando através dos dentes trincados, as lágrimas embaçaram sua visão.

John enxugou os olhos dela com delicadeza. Era um gesto terno, mas a menina não conseguia suportar o toque dele. E não podia se afastar. Um tremor percorreu todo o seu corpo.

– Minha querida menina – disse ele com um suspiro. – Como gostaria que você conseguisse se lembrar do seu nome.

Era como se aquelas lágrimas fossem sua única linguagem, palavras líquidas e incoerentes.

– Voltarei logo. – Ele afagou seu braço e se afastou.

Ela descartou a vaga esperança de que ele talvez pudesse compreendê-la. Lutava contra uma fúria crescente, que pesava sobre seu peito, esmagando-o. Mas sentiu-se grata por ele ter partido, e fechou os olhos.

Então a mão de alguém pegou a sua. Dedos de mãe, quentes e macios. A sensibilidade voltou ao seu corpo, afugentando a fúria.

– Lilly! – A voz de Eva era uma brisa que sussurrava baixinho em seu ouvido. – Volte agora. Venha ver!

A alegria em sua voz e a firmeza de seu toque derrubaram a resistência da menina. Ela ergueu os olhos esperando ver o rosto de Eva e levou um susto: logo à sua frente, a menos de um metro de distância, erguia-se a gigantesca barreira de relâmpagos e cascatas trovejantes. Mas quando deu um passo e ergueu a mão para tocá-la, uma voz vinda do fundo do seu coração murmurou: “Você não é digna.”

Então ela se afastou e desviou o olhar para o horizonte, onde um sol flamejante se punha devagar.

– Mãe Eva, o que é esta muralha atrás de mim? – perguntou ela baixinho.

– Estamos do outro lado da fronteira do Éden.

– Éden? Quer dizer... o Jardim do Éden? – Aquelas palavras ativaram uma lembrança havia tempos adormecida. – Minha mãe costumava me levar a uma igreja quando eu era criança e me deixava lá para aprender as histórias. Achei que o Paraíso tivesse desaparecido depois de um dilúvio.

Eva riu, uma risada cristalina como água da fonte. Lilly ficou constrangida.

– Minha querida, você não precisa ter medo ao meu lado. Eu ri porque você disse algo engraçado. Jamais rierei para envergonhá-la.

Ela não sabia como responder. Quando finalmente fez isso, foi na forma de uma confissão.

– Eu me sinto burra quando não sei algo que deveria saber.

Eva tornou a rir, mas desta vez Lilly não sentiu vergonha.

– Como você poderia aprender se não soubesse primeiro?

– Sei lá. – Então a própria Lilly deu uma risadinha. – Rá, entendi.

Eva apontou para cima, para baixo e para todas as direções.

– O Éden tem seis fronteiras, se você incluir o solo. Ele é um cubo. Entende o que é um cubo, Lilly?

– Sim – resmungou ela. – Eu frequentei a escola. Olha, não quero parecer mal-educada, mas isso é só um mito. Tudo isso. Até você. Estou ficando louca, lembra?

– Lilly, você sabe que Deus criou tudo o que existe, não sabe?

– Só nestes sonhos. Na vida real, quando não estou tendo alucinações, não acredito em nada disso. Só acredito que tudo veio do nada.

– Não perguntei no que você acredita. Perguntei o que você sabe.

– Qual é a diferença?

– Interessante! Parece que essas alucinações são capazes de convencê-la de coisas nas quais você ainda não acredita. A experiência é uma força difícil de desprezar – desafiou Eva. Lilly não pôde deixar de notar a ironia daquelas palavras.

– É mais seguro desprezar tudo – disse ela. – Em especial se tudo for inegavelmente real.

Eva ficou calada por algum tempo, então voltou a falar do jardim.

– O Éden é o grande deleite, o mais profundo e verdadeiro de todos. Chegará uma era em que este jardim abrangerá toda a criação e todas as dimensões. – Essa declaração fez algo se acender dentro de Lilly, como uma fagulha trazida à vida por uma corrente de ar passageira.

Novos movimentos chamaram sua atenção. Sentinelas de fogo gigantescas, como fogueiras multicoloridas e flamejantes, haviam se erguido ao redor do planalto. Dentro dos limites estabelecidos por essas piras de fogo, fileiras e mais fileiras de espíritos se posicionavam com uma exatidão coreografada. Para além das fronteiras, emergindo do solo, do céu e das árvores, surgiu toda a sorte de animais, hominídeos e pássaros de aparência etérea. Atrás deles se reunia um sem-fim de criaturas rastejantes: anfíbios, insetos e répteis, visíveis e invisíveis. E, nos oceanos a léguas de distância dali, todos os seres estavam atentos. O Universo inteiro havia interrompido seus esforços para reverenciar algo que estava para acontecer.

À medida que a noite chegava, ela podia ver com mais clareza a miríade de luzes coloridas que brilhavam com elegância. Incontáveis seres se juntaram no céu, formando um conjunto de tons espectrais e reluzentes. A congregação se tornou maior e a expectativa parecia crescer no mesmo compasso. Todo o cosmos estava reunido ali, naquele local, naquela hora. Era como se o Universo respirasse fundo para dar início ao parto.

Lilly se viu no centro da congregação, cercada pelos seres de luz e por uma avalanche de estímulos sensoriais. Música se entrelaçava como os fios de uma tapeçaria perfumada: cordas de mirra e sândalo, trombetas de olíbano e frutas, flautas de jacinto, pinho, lilases, lavanda e madressilva, tambores de cravo e canela, açafraão e gengibre. Até mesmo as estrelas se juntaram ao grupo com suas próprias canções, enquanto toda a criação aguardava em suspenso.

Depois que todos estavam reunidos ali, não precisaram esperar muito até que um portão fosse aberto nos muros do Éden. Um brilho intenso jorrou lá de dentro e, num instante, apenas Lilly e Eva estavam de pé. Todos os demais curvaram-se em reverência, tomados de veneração e alegria.

– Eles estão vindo – disse Eva, cutucando a menina.

Lilly não conseguia descolar os olhos do esplendor à sua frente. Era um turbilhão de chamas alaranjadas, com pontos verde-esmeralda cravejados em um brilho vermelho rodopiante. Do centro desse turbilhão de luz e energia, surgiu... um ser humano.

– Quem é aquele homem? – sussurrou ela.

– Não é apenas um homem. É o Homem Eterno! O Deus Perpétuo! Adonai.

– Deus é um homem?

Mas Eva não deu explicação.

O Homem Eterno parecia dançar e vestia uma túnica branca de luz. Uma humilde coroa de ramos circundava sua cabeça. Lilly teve a sensação de estar em

transe, cada célula sua ansiava por correr na direção dele e lhe contar todos os seus segredos. Ansiava por ser restaurada, por se mesclar à sua glória, por se livrar da vergonha. Estava diante daquele em que se pode confiar plenamente. Com um sorriso acolhedor, Ele ergueu as mãos e todas as criaturas puseram-se de joelhos.

O que aconteceu em seguida foi surpreendente. O Homem Eterno também se ajoelhou e começou a juntar um monte de terra avermelhada com as mãos, como uma criança brincando na areia. Ele revolveu a terra com concentração e alegria. Então, Ele se sentou e cercou o monte com as pernas. Uma brisa suave subiu, agitou seus cabelos e o ajudou a moldar seu tesouro. Ele e o Vento trabalhavam com cautela, como se estivessem tentando garantir que nenhuma partícula se perdesse.

Lilly esticou o pescoço para ver melhor e ouviu o som das risadas do Homem Eterno e do Vento. Lágrimas de alegria também corriam dos olhos Dele, derramando-se na terra amontoada entre suas pernas.

Então Ele começou a cantar. Era uma canção diferente de qualquer melodia que Lilly já tivesse ouvido antes. A música a arrebatou, enchendo seu peito de euforia. E pela primeira vez desde que sua limitada memória lhe permitia lembrar, Lilly sentiu esperança.

Esperança pelo quê, não sabia dizer.

Subitamente, uma água vermelho-sangue começou a brotar de dentro do monte de terra, o líquido jorrando de um manancial invisível. Adonai cantou para ele e, entre lágrimas e risadas, enterrou as mãos na mistura sagrada com um grito que fez Lilly se levantar. O parto estava chegando ao fim. Então, com um urro profundo, Adonai ergueu o bebê recém-nascido.

– Um Filho nasceu, um Filho nasceu!

Todas as criaturas irromperam em um som de júbilo, celebrando o nascimento. Lilly gritou para conseguir ser ouvida acima do ruído da multidão.

– Mãe Eva! Você viu isso?

Mas era impossível encontrá-la. Enquanto Lilly a procurava, a verdade pousou sobre seus ombros: *ela* tinha visto. E, conforme Eva havia lhe prometido, não estava nem um pouco arrependida.

A voz límpida do Homem Eterno agora cantava:

– Esta é a alegria do Meu coração, a coroação de toda a Criação. Apresento a vocês o Meu filho amado, em quem Minha alma se deleita. Eles serão chamados Adão!

Eles?

O bebê não se movia.

Incialmente confusa, depois alarmada, Lilly gritou em desespero:

– O bebê não está respirando!

– Ela está tendo uma convulsão! – gritou a voz de John, vinda de muito longe. – Faça alguma coisa!

Lilly sentia seu corpo tremer, os músculos contraindo-se e distendendo-se descontroladamente. De olhos fechados, ela tinha a sensação de estar se afogando numa luz líquida e quente. Seus espasmos eram amortecidos por aquela substância viscosa em que flutuava.

– Desligue isso! – ordenou uma mulher.

Mas o bebê não está respirando!, gritou ela em pensamento antes de ser cegada por um clarão de luz. Então seus olhos se abriram e viram um lugar que parecia o céu, mas não era o céu. Era azul, plano e nada glorioso.

Ela estava de volta ao quarto do Refúgio, tão imóvel na cama quanto a criança sem vida.

4 SEGREDOS



A preocupação com o bebê não a deixava em paz. Como uma língua que volta insistentemente para o vazio deixado por um dente recém-perdido, sua mente retornava a todo instante para a cena que testemunhara. No entanto, após duas noites sem nenhuma visita ou sonho, Lilly voltou a duvidar de si mesma. O que ela viu enquanto flutuava na escuridão espessa só podia ter sido uma reação aos medicamentos que tomara. Imagens aleatórias vagavam em seu cérebro, que trazia à tona uma mistura de velhas histórias ouvidas na escola dominical e em programas de TV de seu passado nebuloso. Essa era a única teoria plausível que ela conseguia desenvolver – qualquer outra alternativa soava bizarra demais para ser considerada. Mas, por outro lado... havia o bebê.

Embora conseguisse sentir que recuperava suas forças, Lilly mantinha o olhar fixamente voltado para cima. O quarto lembrava uma caverna, o teto abobadado cor de marfim, com nuances em tons de pérola e um ou outro toque de azul. Era quase como o céu, só que totalmente inerte. Talvez o lugar fosse feito de mármore, os padrões estranhamente reconfortantes acentuados pelas pequenas variações na iluminação.

Ela buscava qualquer tipo de movimento – algum inseto ou criatura voando pelo teto – mas o quarto era estéril, com apenas Letty e John como companhia. Ele não lhe dera motivos para temer, mas Lilly ainda não se sentia segura o bastante para baixar a guarda.

Enquanto permanecia ali, ela ouvia o falatório amistoso de John e coletava informações. Ele não era feio nem bonito, mas tinha um rosto agradável que se

iluminava e ficava quase belo quando sorria. Lilly analisava suas feições quando ele se inclinava sobre ela, procurando algo suspeito ou oculto, e decidiu que não deveria confiar plenamente naquele homem. Sua pele era morena curtida pelo sol, a barba curta e bem aparada, cabelos negros já meio grisalhos. Ele poderia ser do Oriente Médio. E era velho. Quer dizer, não velho-velho... apenas mais velho. Embora resistisse à ideia, algo nele a atraía.

A identidade e a história dela ainda eram um mistério para ambos. Fossem quais fossem os detalhes encobertos pelas sombras do passado, Lilly tinha apenas uma certeza: os homens eram imprevisíveis e perigosos.

Por mais que falasse, John também parecia hesitante em fornecer-lhe informação. Talvez estivesse com medo de assustá-la. Aquela era uma dança delicada, uma valsa de duas vidas conectadas de forma indissociável, mas que mantinham uma distância cautelosa uma da outra.

Assim como os grunhidos incoerentes haviam substituído as piscadelas de sim e não, com o tempo estes acabaram dando lugar a pequenos sussurros.

– Meu nome é Lilly – murmurou ela quando ouviu John entrar no quarto. – Lilly Fields. Agora eu me lembro.

– Ora, ora. Olá, Lilly Fields – exclamou John. – Belo nome. Combina muito mais com você do que Egito.

– Egito?

– No contêiner em que você foi encontrada, onde eu a encontrei, havia arquivos e fotos. O mais perto que conseguimos chegar de sua identidade foram documentos com uma foto que se referiam a você como Egito, obviamente um nome falso. Você parece mais ter vindo de uma ilha do que do deserto, embora os Curadores tenham encontrado em você traços genéticos de pessoas de ambos os tipos de região.

– Obrigada... eu acho.

– Então, estou curioso. – John entrou em seu campo de visão. – O que a fez lembrar seu nome?

– Um sonho – disse ela –, ou alucinação. Não sei bem.

– Ah, mais sonhos. Isso é bom. Quer me contar alguma coisa a respeito? Você parece ter muitos deles.

Lilly refletiu por alguns instantes antes de responder.

– Não. Eles são confusos.

Como poderia contar algo que ela própria não entendia? Lilly não tinha explicação para bebês, inícios e a misteriosa mulher negra chamada Eva que dizia ser sua mãe. E também não sabia ao certo se, na verdade, estava se aproximando perigosamente da insanidade.

Naquela noite, quando o barulho e a luz ficaram mais fracos, Lilly teve a sensação de estar ao ar livre, olhando para a imensidão estrelada. Luzes distantes pulsavam na escuridão do quarto e, vez por outra, deslocavam-se pelo céu em uma dança grandiosa. Como uma aurora, o espetáculo oscilava sem nenhum padrão

previsível. Os movimentos trouxeram à tona lembranças fortes do que ela havia visto ao lado de Eva – a escuridão profunda e espessa, seguida pela mais bela das revelações.

Ela navegava entre as correntes de vigília e sono, mas todas as vezes que se aproximava das margens do repouso, o choro baixinho de um bebê despertava sua ansiedade.

Ela imaginou ter ouvido vozes engajadas em uma conversa no meio da madrugada. À medida que o pêndulo oscilava entre a noite e o dia, fragmentos de memória começavam a visitá-la, mas nunca permaneciam por muito tempo.

– Venha ver – disse uma mulher, tomando as duas mãos de Lilly nas suas.

– Eva? – Lilly acordou, sobressaltada.

A mulher riu e envolveu a menina em um abraço.

– Minha querida – sussurrou ela –, você está viva e eu sou a Mãe dos Vivos. Você deve testemunhar comigo a criança que tanto ocupa seus pensamentos.

Novamente, Lilly teve a sensação de estar atravessando um véu negro e envolvente que separava as eras e os mundos, a barreira sombria entre o Refúgio e os Inícios. No instante em que ela cruzou a fronteira, Eva soltou sua mão. As duas ficaram paradas lado a lado, a cortina de luz e água ressoando atrás delas.

– O bebê? – perguntou Lilly, dando um passo em direção ao local em que ele havia sido tirado da terra.

Um toque gentil em seu ombro a fez parar. Neste mesmo instante, o Homem Eterno, que estava sentado diante da fronteira segurando o recém-nascido inerte, ergueu seu rosto sorridente. Ele olhou diretamente para Lilly, que se sentiu invadida e preenchida pela paz que irradiava Dele. Por um momento, aquele simples olhar aliviou suas angústias e encheu-a de esperanças novamente. Então ela desviou os olhos, libertando-se do transe.

O Vento e a Energia que vinham da muralha se reuniram em volta do Homem Eterno. Os três formaram um só rosto, que se inclinou para beijar a criança. Mas era mais do que apenas um toque de lábios contra lábios: era o sopro vital, que trouxe alma ao corpo daquele frágil bebê.

Um choro baixinho atravessou o silêncio da noite, e Lilly suspirou aliviada.

– Meu Adão nasceu – sussurrou Eva, a mão ainda pousada no ombro da menina.

Uma ovação retumbante acompanhou o choro do bebê e o som da aclamação foi replicado por inúmeros mensageiros espirituais até os confins do cosmos.

– Esses mensageiros conhecem os portais e as janelas que existem na trama dos mundos – disse Eva. – Eles agora vão transmitir a boa-nova do Pai.

Três figuras gigantescas se aproximaram da congregação, duas delas vindas de extremidades opostas da muralha e uma da escuridão mais além.

– Quem são eles?

– Querubins! – afirmou Eva, em tom respeitoso.

Os três faziam a muralha colossal do Éden parecer pequena, mas, à medida que se aproximavam, foram diminuindo de tamanho até não estarem tão mais altos que os demais. Mesmo assim, Lilly teve a sensação de estar encolhendo. Os pés dos querubins pareciam não tocar o chão, e ela sentiu o movimento de asas enormes, porém invisíveis.

Os dois que vieram da muralha baixaram a cabeça, mas o terceiro aguardou um instante antes de fazer o mesmo. Sua coroa ostentava doze joias radiantes, que emanavam um arco-íris de cores em todas as direções, formando uma espécie de tenda de luz sobre a congregação. Foi a este que o Homem Eterno se dirigiu.

– Olhe e veja, Querubim Ungido. Aqui nos meus braços, aninhada contra o meu peito, está a expressão mais sublime de minha criação. Ela exercerá domínio sobre todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis.

Um turbilhão de perguntas atravessava a mente de Lilly, mas ela estava petrificada e impotente diante do recém-nascido, que a atraía por motivos que não conseguia explicar.

A voz do Anjo era terna e controlada:

– O seu sopro confere ao pó um novo sentido, Adonai? Essa criatura pode ter sido criada à sua imagem e semelhança, mas seres assim são frágeis, fracos e... inconsequentes. Se é o Senhor quem define as condições, por que escolher revelar-se através da fraqueza? Por que depositar sua esperança e sua vida em uma simples porção de matéria?

Lilly se sentiu ofendida.

– Todos os bebês são indefesos – disse ela entre os dentes.

– E assim continuarão – contra-argumentou Eva.

Lilly ergueu os olhos para ela, mas Eva não se explicou.

– Surpreso? – perguntou o Homem Eterno para o Querubim. Sua expressão de afeto materno e bondade paterna era pura, justa e amorosa. – É de minha natureza surpreender. Assim, querido e Ungido Querubim, você poderia ter a honra? – Ele ergueu seu filho para o Arcanjo, e Lilly notou que o cordão umbilical da criança ainda a mantinha ligada à terra.

Por um instante, o ser poderoso pareceu ficar intrigado.

– Machiara?

O Homem Eterno assentiu.

Em vez de apanhar a criança, o Querubim Ungido sacou um pequeno punhal de suas vestes ondulantes e o ergueu no ar. Eva apertou o ombro de Lilly com um pouco mais de força. A menina arquejou de espanto diante da cena. Seria muito fácil cortar a garganta da criança e provar a fragilidade daquele ser.

No entanto, o Arcanjo usou o punhal para cortar o cordão umbilical do bebê. Adonai levou-o de volta para junto de seu peito e a criança adormeceu em paz nos braços protetores de Deus.

– Obrigado!

– É uma honra, Senhor – foi a resposta do Anjo. – Esta é sua melhor e mais sublime criação? – A pergunta era direta, mas foi feita com uma voz suave enquanto o Anjo limpava a lâmina manchada de sangue em suas vestes e a devolvia à banha.

– Alguns mistérios são ocultos até mesmo para você. – Adonai se levantou e ninou o bebê nos braços, sua túnica antes branca agora suja de terra, sangue e água. – Este ser não precisa de prova para amar. Meus filhos são osso do meu osso, carne da minha carne. Meu Amor eterno por eles jamais será diminuído ou obscurecido. Eles não podem cair em desonra.

Lilly sentiu um nó na garganta e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela não sabia por quê, e ficou envergonhada.

– Por que Ele está chamando o bebê de “eles”? – perguntou ela, secando as faces.

– Apenas observe – disse Eva com brandura. – No tempo certo, você entenderá.

– Eis o meu convite para você – falou Adonai –: mantenha-se em seu lugar de direito, permaneça humilde, curve sua cabeça e seu coração e permita que seu caminho seja purificado pelas chamas do amor, da fraternidade e da alegria de servir.

– Certamente. – O Querubim hesitou, em dúvida. – Curvar-me ao Senhor?

– Não, não só a mim – falou o Deus-Homem. – Mas também a esta pequena criatura. Meus filhos são seus soberanos, eles exercem o domínio; é a eles que deve servir e é por eles que deve se manter em seu lugar. O convite que faço é o de servi-los plena e totalmente.

– É com alegria que me curvo e juro servir ao Homem assim como sirvo ao Senhor! – declarou o ser celestial. O Querubim Ungido se curvou, abraçou a criança e beijou o rosto do Homem Eterno.

Deus então declarou:

– Ótimo! Contemple a criança! O útero da criação foi plenamente abençoado. Que tudo o que existe, cada qual à sua maneira, possa celebrar este nascimento. O apogeu da criação é o grande Bem! Com a chegada desta criança, o Sexto Dia é coroado e concluído. Agora, descansemos de Nosso trabalho.



Quando Lilly acordou, as lágrimas escorriam pelo seu rosto até os ouvidos. Mas ali, no Refúgio, ela não podia secá-las.

Ela havia testemunhado o nascimento de Adão? Como isso era possível? O bebê recém-nascido trouxera à tona alguns de seus anseios mais profundos: de pertencimento, de ser abraçada por alguém que a amava sem motivo. Era mais seguro permanecer fechada para sentimentos tão perturbadores. E Adonai? Por que seu primeiro impulso tinha sido correr na direção Dele? Era mais do que isso: ela quis correr para *dentro* Dele, ser conhecida por Ele. Ele era Deus? Era Homem?

Os pensamentos eram como um redemoinho que a puxava para baixo, afundando-a na escuridão. Ela se concentrou em inspirar e expirar, inspirar e expirar, inspirar e expirar...

John se aproximou com um pano macio e enxugou suas lágrimas.

– Quando você estiver mais forte, de pé e andando, vou levá-la até a câmara onde guardei as coisas que chegaram à praia junto com você. Talvez isso possa ajudar.

– Que coisas? – perguntou ela, com a voz rouca.

– Um monte de quinquilharias, coisas do tempo e do espaço de onde você veio. Mas nenhum livro. Ninguém mais lê no seu mundo?

– Não me lembro de ser uma grande leitora – disse Lilly, ainda rouca.

John lhe deu algo quente para beber para aliviar sua garganta.

– Que tristeza – lamentou ele. – O livro certo, assim como a canção certa ou o amor certo, pode mudar todo o mundo de uma pessoa. E então iniciar uma reação em cadeia.

– Por que não consigo me lembrar das coisas?

– Traumas e tragédias podem causar uma espécie de amnésia, mas as lembranças geralmente retornam com o passar do tempo. Quando o Conselho decidiu que você deveria ser tratada aqui no Refúgio, enfrentamos alguns desafios assustadores. Você não parava de ter convulsões que ameaçavam arruinar tudo o que estávamos tentando fazer, então precisamos utilizar uma série de inibidores de memória.

– O quê?

– Nada permanente. Há alguns dias estamos reduzindo as doses aos poucos, então talvez você tenha alguns flashbacks. Isso significa que está recuperando memórias bloqueadas, e não que está enlouquecendo.

– Que maravilha – resmungou Lilly, irônica.

Isso o fez rir e começar a falar sobre livros para crianças e como eles criam importantes alicerces para a civilização. Algo que ele disse, um comentário sobre um determinado livro, fez a mente dela entrar em parafuso.

Lilly foi invadida por uma enxurrada de imagens inesperadas de sua infância, que subjugaram seus pensamentos como água sobre fogo.

Ela era muito pequena. Uma mulher lia para ela uma história envolvendo um príncipe, uma serpente, uma raposa e uma rosa, enquanto Lilly dava piruetas ao som de uma canção que tocava apenas em sua cabeça. Ela continuou girando com seu vestido surrado até que as sombras ao seu redor se avolumaram e ela saiu correndo, em pânico.

A enxurrada de imagens era brutal: aterrorizada, ela se escondeu debaixo de uma pilha de roupas mofadas em um armário escuro. Olhando pelas frestas, pôde ver a mulher desfalecida no chão e o vulto de um homem parado ao lado dela. De repente, ouviu o som de passos se aproximando e parando em frente ao seu

esconderijo. Ela engatinhou até um canto bem no fundo do armário e a maçaneta começou a girar.

Mais uma vez, ela ficava impotente enquanto as lágrimas transbordavam de seus olhos.

– Às vezes eu falo demais – disse John em tom de desculpas, tornando a secar o rosto dela.

– Não tem problema – disse Lilly, desejando que ele não notasse quão vulnerável e desamparada ela se sentia.

– Mas tenho boas notícias – continuou ele, meio sem graça. – Você está reagindo tão bem ao tratamento que vamos mudar algumas coisas para que você possa voltar ao seu corpo.

– Há? Como assim?

– O que quero dizer, Lilly, é que vamos reduzir as doses da medicação e começar a fazer sessões de fisioterapia. No começo, vamos apenas ajudá-la a se sentar na cama. Com o tempo, você voltará a andar, cantar, dançar e fazer todas as coisas que qualquer criança nasce para fazer.

Ela estremeceu ao ouvir John mencionar dança. Como ele poderia saber?

– Vai ser um trabalho árduo para você – prosseguiu John –, mas não me parece que tenha muita escolha. O que me diz?

– Estou mais do que pronta. – Ela soltou um longo suspiro, como se ele estivesse preso em seu peito havia meses.

– Ótimo! Para comemorar, eu trouxe um pequeno presente que fiz para você.

– Um presente? – Ela foi novamente surpreendida por uma náusea repentina. Por que a simples menção a um presente a afetava dessa forma?

– Você disse que não se lembrava de ser uma grande leitora, mas eu acredito que toda pessoa é uma história e, portanto, uma contadora de histórias. O problema é que, como muitos temem fracassar, nem sequer tentam. Mas você, querida Lilly, é uma menina corajosa. – Ele parou de falar e ergueu um pequeno presente embrulhado em um papel estampado com flores, com um laço cor de esmeralda.

– John, você sabe que não consigo me mexer, não sabe?

– Claro! Eu mesmo o embrulhei, o que prova que tenho os genes necessários para desembulhá-lo.

– Então o que está esperando?

Ele tirou o papel, detendo-se para mostrar cada dobra desfeita, até que um elegante diário encapado em couro se revelou. Era ornamentado com uma série de círculos em relevo e um fecho intrincado. Nesse diário, ela poderia escrever pensamentos, poesias e reflexões, John explicou. Caso quisesse manter essas coisas em sigilo, poderia proteger o conteúdo pressionando a mão na capa. Ele virou o diário e abriu a contracapa, que parecia dura como uma tabuleta.

– Isso aí no final é um gravador de um tipo especial, capaz de registrar suas experiências e emoções. Não precisa fazer nada para ativá-lo.

Lilly sentiu a gratidão se somar à desconfiança. Era um presente maravilhoso – talvez o melhor que já tinha recebido.

– Obrigada, John.

– Não tem de quê. Espero que ele se torne um porto seguro para você. Eu também escrevo de vez em quando. Escrever é outra espécie de refúgio. Espero que tenha esse mesmo efeito para você.

– Talvez – disse ela. – John, você tem um livro que conta a história de um príncipe, uma serpente, uma raposa e uma rosa?

Ele pensou por um instante.

– Tenho! – exclamou, enfim. – Sei de que livro você está falando. Há anos não penso nele. Vou procurá-lo. – Ele sorriu. – Quer que eu o leia para você?

– Claro. Nunca se é velho, louco ou rebelde demais para ler para uma criança, não é?

O Catalogador riu.

– Rá! Quantos anos você tem mesmo?

Lilly sentiu a vergonha corar suas faces. O senso de insubordinação que havia dentro dela a fez reagir com sarcasmo:

– Cinco.

Depois de um instante de silêncio, John aproximou o rosto do dela e disse com delicadeza:

– Não tive a intenção de constranger ou magoar você. Não sei de que forma a minha pergunta poderia lhe causar sofrimento, mas, se isso aconteceu, peça desculpas.

Ela tentou não dar muita importância ao assunto. Afinal, nem sabia por que havia se sentido ofendida.

– Tudo bem – disse Lilly com a respiração pesada enquanto tentava controlar as emoções. – Também peço desculpas por ter sido tão grosseira.

– Então você me perdoa?

A gentileza dele fez suas defesas ruírem. Os sentimentos que vinha controlando até aquele momento foram enfim libertados, como uma cachoeira há muito represada. O que aconteceu então foi muito mais que um simples choro. Ela começou a urrar. Soluçava por perdas das quais nem se lembrava; por memórias e rostos que ela não conseguia identificar; por ser apenas uma menininha que não sabia onde era o seu lar e se sentia perdida; e porque tudo doía e ela não conseguia conter suas emoções.

E aquele homem, aquele homem bom, chorou com ela. Inclinou-se até a sua cabeça tocar a dela e pousou as mãos uma em cada lado de seu rosto, as lágrimas de ambos se misturando. Aquilo era uma espécie de batismo. O que foi perdido e o que foi encontrado, irremediavelmente entrelaçados.

5 O JARDIM DE DEUS



– Venha, Lilly – sussurrou a mulher.

Por um instante, enquanto ela se levantava, a luz ao redor implodiu e ela pensou que estava perdendo a consciência outra vez. Quando voltou a enxergar, Lilly se espantou.

– Mãe Eva, onde estamos agora? – As cores, os sons e os cheiros de uma grande floresta invadiram seus sentidos.

– Do lado de dentro dos portões do Éden. – Enquanto Eva falava, Lilly sentia a força de sua presença. – Quando você testemunhou o nascimento de Adão, estávamos do lado de fora.

O lugar era impressionante, mas, de alguma forma, a deixava perfeitamente à vontade. O calor, a umidade – tudo trazia conforto, tranquilidade e prazer. *Então é assim que o normal deveria ser*, pensou. Porém, esse pensamento foi logo seguido de outro: *Você é tudo, menos normal. Não pertence a este lugar.*

– Gostaria de ver mais, Lilly?

Quando a menina concordou com a cabeça, Eva apanhou sua mão e ambas açaram voo, flutuando em pleno ar. Era como se seus pés ainda estivessem em terra firme, embora ela pudesse ver o solo se afastar ao olhar para baixo. Lilly perdeu o equilíbrio, mas recuperou-o com facilidade. Não conseguiu resistir e bateu o pé no vazio. Sim, era como se houvesse algo ali. Eva olhou para ela e sorriu.

Acima da copa das árvores, elas desaceleraram até parar, ainda suspensas no ar.

– Este é o jardim de Deus – disse Eva –, criado para ser habitado por todos nós.

– É enorme! – exclamou Lilly.

Ele se espalhava para todas as direções por centenas de quilômetros, até que, no horizonte distante, as muralhas se erguiam do solo até desaparecer no céu, como gêiseres monumentais de água multicolorida. O ar era límpido, fresco e acolhedor, e estava em perfeita sintonia com ela.

– Você disse que o Éden é um cubo, correto? Mas, por maior que ele seja, duvido que todos nós coubéssemos aqui.

– O Éden se expande e contrai de acordo com a necessidade. Não é um *lugar*, da maneira como você entende. Na era vindoura, depois que tudo tiver sido concluído, ele crescerá para incluir toda a criação.

– Você parece triste – disse Lilly.

Eva sorriu.

– Não é tristeza, minha filha. É nostalgia. Esta é a morada da virtude.

– Virtude?

– Relacionamentos corretos, baseados na sinceridade e na confiança.

– Isso é possível? – Lilly ficou constrangida com a própria impulsividade. – Quero dizer, relacionamentos assim existem?

Eva apertou a mão da menina.

– Sim, minha querida. E não precisa sentir vergonha. Nossos medos mais profundos nos lembram de que perdemos algo fundamental e precioso. Esses medos são a esperança de retornar.

– Retornar para onde?

– Para este jardim.

– Mas Deus não expulsou você? – perguntou Lilly.

Eva parecia prestes a responder quando algo desviou sua atenção.

– Ouça.

Lilly conseguia ouvir. Uma canção bela e ligeiramente desafinada vinha de longe. Era a voz clara e alegre de um menino atravessando a floresta.

– Este é...?

– Adão? Sim! Olhe!

Mas, em vez disso, Lilly olhou para Eva e reconheceu o rosto de uma jovem apaixonada.



Quando Lilly abriu os olhos, John estava inclinada sobre ela.

– Por que você me acordou? – resmungou Lilly, grogue e irritada por seu sonho ter sido interrompido.

– Eu não a acordei – defendeu-se John, confuso.

– Ah. Bom dia, então.

John olhou para o teto azul acima deles e depois para ela.

– Na verdade, não está de manhã. Estamos no fim da tarde.

– Sério? – Ela virou o pescoço, como se buscasse alguma confirmação.

– Ora, ora, olhe só para você! – exclamou John. – Que avanço incrível. Toda a atividade emocional desta manhã parece ter liberado parte dos movimentos de sua cabeça. Bem que me disseram que eu deveria esperar por isso.

Ela tentou de novo. O movimento foi quase imperceptível.

– Vamos com calma! – disse ele. – Sei que é tentador, mas agora não é hora de forçar. Primeiro vamos começar a remover o aparato que tem imobilizado você até agora.

– Que tipo de aparato?

– Bem, eu já lhe disse que quando a encontramos você tinha muitas lesões. Para que os Restauradores e Curadores pudessem trabalhar, pedimos que os Artífices e Construtores criassem um *aparato* que a mantivesse totalmente imóvel.

– O que aconteceu comigo, afinal?

– Seu pescoço e sua coluna sofreram faturas em diversos locais, isso sem mencionar as outras coisas. Nós a encontramos em estado de animação suspensa. Provavelmente foi isso que a manteve viva. – John parecia medir as palavras, tomando cuidado para não dar informações demais, especialmente depois da enxurrada de emoções que provocara poucas horas antes.

– Espere. – Uma série de perguntas começava a se formar na mente de Lilly. – Há quanto tempo estou aqui?

John hesitou e ergueu a cabeça, fazendo um cálculo mental.

– Quase um ano.

– Um ano? Eu passei um ano aqui dentro?

– Sim, aproximadamente.

– De onde eu vim?

– Ainda não conseguimos determinar com exatidão, mas certamente de algum lugar do planeta Terra.

– Do planeta Terra? Você está dizendo que *não estamos* na Terra?

Ele balançou a cabeça, resolutivo.

– Então onde fica este lugar?

– Esta é uma ilha que fica em um oceano do qual você provavelmente nunca ouviu falar. Está localizado em uma dobra entre mundos, entre dimensões diferentes. Existem muitos lugares como este.

– John, isso é loucura.

– Não duvido que assim pareça.

– Alguém veio procurar por mim? Alguém... se importa que eu tenha desaparecido?

John afastou o olhar.

– Não que eu saiba.

Uma nova espécie de medo tomou conta dela.

– Um ano? Meu Deus! Existe alguma maneira de eu voltar para casa?

John pigarreou e se ajeitou na cadeira.

– Lilly, sei que tudo isso deve ser confuso e assustador para você – arriscou ele. – Não posso sequer imaginar o que está sentindo, mas quero dizer que sinto muito, muito mesmo.

– John, por que estou aqui? Eu não sou ninguém. – Ela sentiu um nó na garganta e fechou os olhos. Sem nenhuma memória concreta, ela não era capaz de relacionar nada daquilo a qualquer coisa real. Tudo o que tinha eram fragmentos de recordações incoerentes que surgiam de forma repentina. Havia os sonhos, mas, se contasse a John a respeito deles, ele poderia pensar que ela estava louca. Lilly se perguntou por que se importava tanto com a opinião dele.

– Lilly, pare com isso. É claro que você é alguém – disse ele com firmeza. – Quanto ao lugar de onde veio, você saberá de tudo quando Deus julgar apropriado. Você parece cansada. Por que não continuamos essa conversa mais tarde?

– Não, ainda não terminamos! Não ouse me deixar aqui sozinha! – exigiu ela, os olhos ainda fechados.

Ele esperou.

– O que exatamente seus Curadores e Reparadores fizeram comigo? – Ela estava furiosa.

– Bem... eles reconectaram sua medula espinhal ao seu cérebro e recolocaram no lugar tudo o que precisava ser, há, recolocado. Esse tipo de coisa.

– O que precisou ser recolocado no lugar, John?

Com um suspiro, ele contou que apenas um de seus pés era *original*. A boa notícia, nas palavras dele, era que o seu novo pé esquerdo era de uma menina também, um detalhe que não ajudou a tornar a verdade menos grotesca.

Quando ela foi encontrada à beira da morte, uma das muitas partes quebradas de seu corpo era o pé esquerdo, que tinha sido totalmente esmagado.



Lilly perguntou de onde o seu novo pé tinha surgido. A resposta foi tão horripilante quanto ela temia. A caixa de metal em que ela fora encontrada continha outros corpos quase congelados.

– O quê? – Lilly se sentiu nauseada. John falava rápido, como se a velocidade pudesse diminuir o impacto das palavras.

– Os Curadores e Reparadores deduziram que a melhor opção era tentar encontrar um pé compatível entre uma das meninas que haviam morrido mais recentemente. Talvez ajude se você pensar nisso como uma espécie de transplante de órgãos – sugeriu ele, mas Lilly preferia não pensar naquilo de forma alguma.

– John, o que você acha que aconteceu conosco? Comigo e com as outras garotas?

– Não saberia dizer ao certo... – disse ele, cauteloso, então se deteve. – Lilly, todas as teorias me deixam aterrorizado. O que quer que tenha acontecido com vocês é inaceitável.

Como a última folha de uma árvore no outono, Lilly tinha a sensação de estar sendo levada ao sabor do vento. Para não cair, ela tentou mudar rapidamente de assunto.

– E quando foi que eles fizeram todas essas... reparações? Não me lembro de nenhum Curador ou Reparador. Você e Letty são as únicas pessoas que vejo por aqui.

– Enquanto você dormia. – John respirou fundo. – Todos os dias, durante meses a fio, eles trabalharam meticulosamente para reconstruir você!

Como Lilly não disse nada, John prosseguiu:

– Eles projetaram e construíram este quarto só para isso. Quase todas as noites ele é selado hermeticamente e preenchido com um líquido respirável. Isso porque a maior parte do trabalho exige que você esteja virada de bruços, e eles não podem virá-la sob o efeito da gravidade normal. Pela manhã, eles a reposicionam e drenam o líquido do quarto. Você não consegue ver da posição em que está, mas há vários aparelhos mecânicos por aqui.

Lilly ficou calada. Durante pelo menos um minuto ela ficou apenas deitada, lutando para não cair novamente naquele abismo mental que lhe proporcionava alívio e segurança. John entrou em seu campo de visão, a preocupação estampada em seus traços bondosos.

– Há mais alguma coisa que gostaria de saber, Lilly?

– Pra mim chega! – Ela hesitou. – Não, espere. Tenho só mais uma pergunta, por enquanto. Por que eu?

Isso o fez abrir um sorriso.

– Ah, Lilly, por que não você?

Por mais que isso lhe permitisse olhar a situação de uma perspectiva diferente, não era o que ela havia perguntado.

– Não estou falando por que eu em um sentido cósmico, e sim em um nível mais pessoal. Por que *você* teria todo esse trabalho por *minha* causa? Você nem me conhece.

Ele refletiu por um instante antes de responder.

– Acredito que você tenha entrado na minha vida porque Deus me ama.

– Porque Deus ama *você* ?

– Sim, porque Deus me ama, Lilly. O porquê de nossa conexão é um mistério, mas ela não é menos especial por causa disso! Você é importante! Você é a filha de Eva.

– A filha de Eva? – Ela levou um susto. Será que John sabia de suas visões? – Você está falando de Eva, de Adão e Eva? Isso é só uma história. Um mito.

– Lilly, mitos e lendas são produtos da imaginação; o fato de algo ser

considerado “uma história” não significa que não seja verdade.

Mais uma vez, a garota resistiu à oportunidade de se abrir com ele. Contudo, as palavras de John a deixaram intrigada a respeito de uma coisa.

– Então você acredita na história do Éden? Sempre achei que fosse uma invenção, como o Papai Noel ou a Fada do Dente.

– É claro que acredito. – A expressão no rosto de John era de perplexidade. – Lilly, você gostaria que eu lesse para você as Escrituras, onde essa história foi registrada pela primeira vez? Se me der um minuto, posso ir buscá-la.

– Se não for muito incômodo – disse Lilly, tentando disfarçar a curiosidade.

Ele saiu do quarto e voltou rapidamente com um livro antigo, encadernado em couro.

– Desculpe, na verdade não é o manuscrito original, mas está na língua de origem. Posso ler e traduzir para você da melhor forma que conseguir. Seria melhor se tivéssemos um Sábio conosco. Prefere esperar?

– Prefiro que você leia – disse Lilly.

John puxou um banco para perto dela. Abriu o livro pela contracapa e começou a ler de trás para a frente.

– No começo – falou John –, Elohim criou... – Ele interrompeu a leitura e levantou a cabeça. – Lilly, você sabia que na língua original da Antiguidade Elohim, Deus, é plural, e Ruach, o Espírito de Deus, é feminino?

Lilly se limitou a erguer as sobrancelhas e encolher os ombros.

– Talvez seja melhor eu apenas ler – concluiu John, retomando a leitura. – No começo, Elohim, Deus, criou os céus e a terra...

E assim John continuou lendo até o final do primeiro relato da Criação.

– Então tudo era bom e Deus descansou? – perguntou Lilly, imersa em pensamentos e nas imagens que as palavras despertavam.

– Sim – respondeu John. – Tudo era bom, muito bom... – ele hesitou como se quisesse dizer outra coisa mas tivesse mudado de ideia.

Então ele se levantou, limpou a garganta e disse:

– Bem, acho que você já teve emoções demais para um dia só. Se quiser, posso continuar a ler em outro momento, mas agora já passou da hora de descansar. No fim das contas, hoje foi um ótimo dia. Então, bons sonhos. – John pressionou os botões necessários para diminuir as luzes no quarto e, como se ele tivesse desligado um interruptor, as pálpebras dela se fecharam.

Apesar da tristeza que sentia, Lilly reconheceu o toque cada vez mais familiar e bem-vindo que a levava para outro lugar.



– Adão cresceu muito desde que você testemunhou seu nascimento – disse Eva.

Era como se não tivesse havido interrupção alguma. Lilly estava novamente com

Eva, escutando a canção que se tornava cada vez mais próxima.

Ela observou um jovem emergir da floresta, alto e magro, a pele negra com uma tonalidade marrom-avermelhada, os cabelos pretos crespos cobertos de lama. A visão dele era arrebatadora, e seu encanto ficava ainda mais evidente pela maneira como deslizava por entre as árvores, cantando a plenos pulmões. Estava vestido apenas com a luz do dia – o que deixou Lilly bastante constrangida. Ela desviou o olhar, sem saber se deveria ou não observá-lo.

– Por que ele está nu?

– Nu? – Eva sorriu para ela. – Ele nasceu assim. Adão não precisa de nenhuma veste além do amor de Deus. Não há vergonha alguma em ser fraco e vulnerável.

– Ele não *parece* fraco.

– Não estou falando de fraqueza física, mas de sua total dependência de Elohim.

– Ok, isso não faz o menor sentido – comentou Lilly. – E não entendo uma só palavra do que ele diz.

– Você vai ouvir e ver o que quer que esteja aqui para testemunhar.

– Ele consegue nos ver?

– Não. A sua presença ainda não foi revelada para ele. Na verdade, você ainda nem nasceu, então como ele poderia vê-la?

– Mas e quanto a você?

A mulher não respondeu a essa pergunta.

Flutuando acima de Adão, elas o seguiram, enquanto ele cantava e dançava ao longo da campina de grama alta, parando de vez em quando para falar com coisas que Lilly não conseguia enxergar. À frente dele, um córrego borbulhava em direção ao rio. Saltando na água com a alegria de uma criança, ele parou de repente; algo chamara sua atenção.

Lilly se virou na direção de vozes que se aproximavam cantando a mesma canção que Adão, acompanhadas por uma brisa quente e acolhedora que ficava cada vez mais forte. Ele claramente conhecia aquelas vozes, pois correu na direção delas.

– Este é o momento que eles reservam para caminhar juntos e conversar – explicou Eva, antecipando a pergunta de Lilly. – Deus e Adão. Todos os dias, logo antes da aurora, eles celebram, riem e alegram-se na companhia um do outro.

Eva se calou, ouvindo uma conversa que Lilly não conseguia escutar. A mulher sorriu.

– Lilly, por que não se junta a eles? Adonai está convidando você.

– A mim? Ele está me convidando? – Ela ficou encantada, e então terrivelmente acañhada. Um milhão de desculpas vieram-lhe à mente, sussurrando quão indigna ela era dessa honra. – Preciso mesmo fazer isso?

– É claro que não. É um convite, minha querida, não uma ordem. – A expressão no rosto de Eva era compreensiva, como se estivesse disposta a aceitar qualquer que fosse a decisão de Lilly.

– Não posso – balbuciou a menina. – Não pertença a este lugar. Não saberia o que dizer.

Eva a abraçou.

– O convite estará sempre aberto a você, esperando o momento em que estiver pronta. – Não havia qualquer indício de reprovação na voz da mulher. Lilly ficou triste, mas também aliviada.

Um turbilhão de fogo e água soprado por rajadas de vento envolveu Adão em um abraço. A única figura que Lilly podia perceber com clareza além de Adão era a do Homem Eterno. O sangue e a terra do nascimento do rapaz tinham se tornado parte da luz branca que o vestia, como um ornamento bordado.

Lilly ansiava por também ser abraçada daquela forma. Eva trouxe Lilly para junto de si, segurando-a firme.

Adão e Deus se sentaram, recostados numa árvore. A presença do Fogo e do Vento dançava ao redor deles. Quando Lilly e Eva se sentaram na grama a menos de seis metros de distância, Adonai olhou diretamente para elas, sorriu e meneou a cabeça para cumprimentá-las. Lilly sentiu um arrebatamento profundo. Não opôs resistência; não queria resistir.

– Ele está me vendo – sussurrou ela, quase sem mover os lábios. – Eva, Ele está me vendo.

– Ele sempre vê você – afirmou Eva em voz baixa. – E não só a vê, como a conhece também.

– Filho – disse o Homem Eterno para Adão –, você é o centro do Nosso amor e o esplendor da Nossa glória.

– E o Senhor é minha alegria. Eu também amo o Senhor – disse Adão com entusiasmo infantil. – Estive explorando. – Então ele descreveu as criaturas que havia encontrado durante suas aventuras. Demonstrou, com grunhidos, rosnados e urros, como tinha se comunicado com elas. Apesar de muito jovem, Adão era inteligente e captava ideias com uma facilidade impressionante. A serenidade das risadas dos dois e o fluxo da conversa banhava Lilly como ondas quentes e suaves.

Quando olhou para Eva, ficou surpresa ao ver lágrimas escorrendo pelo rosto sorridente da mulher. Sem tirar os olhos do grupo ali reunido, Eva inclinou-se e sussurrou:

– Obrigada, Lilly.

– Pelo quê?

– Esta é a primeira vez que o vejo desta maneira, como um menino apaixonado pelo seu Criador. Você me deu um presente inestimável.

– Eu não...

– Shhh. Agora ouça. Isto é importante.

Adão estava dizendo:

– Se o Éden dá frutos por conta própria, é importante mesmo que eu cuide dele e o cultive?

– Sim, é importante; mas não necessário – afirmou Deus.

– E quanto a mim? O que é preciso fazer para que eu esteja bem cuidado e protegido? Existe... – Adão se deteve, procurando as palavras certas. – Existe algo além das fronteiras que eu deva temer?

– Você faz perguntas perspicazes, meu filho. Vejo que, além de crescer em estatura, você se desenvolve também em Sabedoria. Isso o ajudará a servir à criação e a conduzi-la à maturidade. Lide com cada momento à medida que ele se apresentar. A Sabedoria irá guiá-lo. Assim como o cuidado, a proteção é importante, mas não é necessária. Sua orientação e seu cuidado demonstram a reverência e a adoração que tem por Nós.

– Sim, eu adoro Vocês! – gritou Adão, subindo nos galhos mais baixos da árvore.

– Assim como Nós o adoramos! – Adonai também escalou a árvore até estarem os dois empoleirados nos galhos, olhando para o jardim.

Adão ergueu os braços, equilibrando-se, seu riso tão puro quanto água da montanha. Após recuperar o fôlego, fez outra pergunta:

– Por que não posso voar? Tenho visto criaturas capazes de se alçar às alturas e já tentei fazer o mesmo, mas me pareço mais com uma pedra do que com elas.

– Existem leis e forças que o mantêm preso à terra. Um dia, embora ainda esteja sujeito a essas leis, você as dominará. – Deus sorriu. – Agora eu é que tenho uma pergunta. Você é livre para andar por isto aqui? – Ele bateu os nós dos dedos na árvore em que estavam empoleirados.

– Sou livre para tentar. Está vendo? – brincou Adão, apontando para uma pequena ferida em sua testa. – Embora não seja tão habilidoso quanto os Mensageiros.

– Adão, a vida e a liberdade que você e todos os que virão de você possuem estão intimamente ligadas à relação conosco. Enquanto estivermos face a face, a vida e a liberdade lhes serão eternas.

Pela expressão no rosto de Adão, Lilly pôde perceber que ele estava se debatendo com um novo pensamento. Enquanto o fazia, Adão agarrou o galho que havia debaixo dele e se deixou cair para a frente. Ficou pendurado por um instante antes de pousar com leveza no solo. Adonai veio logo atrás.

– Como eu poderia não estar com a minha face voltada para a do Senhor? Meu coração, minha alma e meu espírito possuem vida apenas por habitarem no Senhor. Como eu poderia...?

Deus acolheu o filho nos braços.

– Amar é assumir riscos, querido filho. Você tem a liberdade de dizer não para Nós, de não nos Amar, de nos virar a face.

Adão franziu as sobrancelhas.

– E se eu fizesse isso, o que me aconteceria?

– Ao afastar a face de Nós, você encontrará dentro de si uma sombra. Esta

escuridão se tornará mais real do que Eu próprio. A partir desse momento, enquanto não voltar sua face para a minha, este vazio irá enganá-lo a respeito de tudo, incluindo sobre quem Nós somos para você e sobre quem você é para toda a criação.

– Essa sombra, esse ato de lhe virar o rosto, tem um nome? – perguntou Adão, parado a poucos centímetros do Criador que tanto amava.

– Ela não merece um nome – sussurrou o Homem Eterno –, mas poderia ser chamada de morte.

Lilly teve a sensação de que dedos fortes e gélidos tinham se fechado em volta do seu peito e o esmagavam devagar.

– Eu conheço a morte – disse ela. – Eva, precisamos alertar Adão.

Eva pegou sua mão e a apertou com carinho. Lilly conseguia sentir o calor do seu toque avançar contra o frio do medo.

Então Lilly ouviu a Voz, que lhe soou tão próxima quanto um pensamento: “Confie em Mim.” Com a mesma rapidez com que havia chegado, a pressão fria em torno dos seus pulmões foi aliviada.

– Não quero a morte – sussurrou Adão. – A morte é o oposto da vida?

– A vida não possui oposto, Adão. Ela é inigualável. A vida é a Nossa natureza.

Adão refletiu por um instante antes de perguntar:

– Essa morte existe dentro de mim?

O Homem Eterno sorriu e tocou com carinho o rosto do menino.

– Não, Adão, não existe morte alguma dentro de você, ou em qualquer um que virá de você. Há apenas vida. Hoje e sempre, você pode comer do Fruto da Vida, inspirar e expirar Meu Espírito.

Adão tocou a mão que estava em seu rosto e sorriu.

– O Senhor sabe que amo as árvores e os frutos que o Senhor criou – disse ele, meio brincando, meio a sério –, e que cuido deles e os protejo, mas não por necessidade.

Risadas encheram o ar. À medida que a noite caía, a luz da presença de Deus ia iluminando os arredores. Criador e criatura continuavam a gozar da fraternidade do amor altruísta.

As duas mulheres choraram em silêncio enquanto observavam aquela troca de afeto. Lilly não sabia por que Eva estava chorando, mas desejava com cada fibra de seu ser correr para o centro daquele amor – porém o sussurro da sua indignidade a ancorava ao chão, impedindo-a de se mover, roubando novamente sua voz e entorpecendo-a. Tãozinha alegria era algo que ela jamais poderia ter.

Depois de um tempo, o jovem disse:

– Quero conhecer apenas a vida, estar face a face com o Senhor.

– Adão, você repousa junto Àqueles que o conhecem e o amam plenamente. A confiança é sua única participação. Ouça minha palavra a cada dia e eu lhe direi o que é Bom. Isso não é uma ordem ou uma tarefa árdua. É simples e fácil.

– E qual é a Sua palavra para mim hoje? – perguntou ele.

– Minha palavra neste dia de descanso é a seguinte: você pode comer livremente de qualquer árvore do Éden, em especial da Árvore da Vida, que fica no centro do jardim. Mas, por enquanto, há uma única árvore cujos frutos você não pode comer e continuar livre. No dia em que comer daquela árvore, aceitando assim o Bem e o Mal, você já terá morrido.

– O Bem eu conheço, pois o Senhor sempre o declara, mas o que é o Mal?

– O Mal está para a morte assim como o Bem está para a vida. Afastar-se da vida, da luz, do Bem, do amor e da confiança é abraçar a sombra da morte, pois a vida está no ato de estar face a face, enquanto a morte está no ato de virar a face.

– Não quero a morte ou o mal! – exclamou Adão.

– Então alegre-se diante de toda a liberdade que celebra em Nós – declarou Deus.

Adão pulou no colo de Deus como se fosse um menininho, aninhando-se em seus braços e fechando os olhos. O Homem Eterno abraçou a humanidade, entoando uma canção de ninar.

Lilly também sentiu sono, embalada pela canção de Adonai. Em meio à serenidade que reside entre a vigília e o sono, ela sentiu que Eva a erguia do chão. A menina se deixou repousar em seus braços maternos, sentindo o hálito quente de Eva pousar em seu ombro como beijos carinhosos.

6 INVISÍVEIS



Lilly acordou no meio da noite com o cheiro floral de Eva ainda em sua pele. O calor da Mãe foi substituído por um arrepio de frio, mas Lilly sentia-se serena e em paz. Embora a manhã não estivesse nem perto de chegar, ela estava totalmente desperta. Uma iridescência azul sutil iluminava o quarto, apenas o suficiente para lançar sombras no teto de pedra. Olhou à sua volta na esperança de ver Eva, e ficou desapontada.

Ao longe, ouviu vozes baixas e sussurros. John estava falando com alguém. A outra voz não exatamente falava; parecia cantar.

– Ainda não decidi – disse John. – Sim, precisamos contar para ela em breve. Os Reparadores e Curadores trabalharam com afinco para curá-la, mas só podem ir até certo ponto. Quando o assunto é a mente, o coração e a alma, até mesmo o melhor bisturi tem suas limitações.

O Cantor falou por algum tempo, cada palavra vibrando pelo corpo de Lilly e afrouxando nós em seus músculos. A voz era irresistível, e ela a sorvia como se fosse o ar, tentando absorver a melodia. Quase adormeceu de novo.

– Obrigado por dizer isso – falou John. – Mas, se me permite a ousadia, posso perguntar por que Deus não a curou diretamente com Sua palavra?

A resposta veio outra vez na forma de canção, e outra vez ela ficou deitada ali, de olhos fechados, deixando-se invadir pelo som das palavras. Não conseguia explicar por quê, mas dentro dela crescia uma sensação de que ficaria bem, independentemente do que acontecesse. Isso a fez lembrar-se de como se sentira quando estava próxima de Adonai.

– Sim, eu confio – retrucou John. – Confio tanto no Amor quanto nos desígnios de Deus. Mas está dizendo que... Isso é extraordinário! Tem certeza de que ela é uma Testemunha?

No instante em que ouviu John se referir a ela como Testemunha, memórias vívidas de suas alucinações lhe voltaram à mente, deixando-a sem fôlego. Não sentiu medo, e sim uma onda inesperada de ternura e esperança.

Três mundos colidiram dentro dela: o primeiro, desconhecido, com exceção de alguns flashbacks. O segundo, repleto de alucinações nas quais ela era a Testemunha dos Inícios. E, por último, e de certa forma o mais estranho de todos, o mundo em que ela estava desperta, mantida em transe pelo canto sobrenatural de alguém.

Não havia como saber qual desses mundos era real, se é que algum deles era.

– Lilly é tão jovem – disse John, com uma tristeza indisfarçável na voz. – E está tão... ferida.

A resposta foi uma gostosa risada, notas alegres derramando-se umas sobre as outras. Lilly quase riu também.

– Você tem razão – disse John. – Estou velho e cansado, mas não estou sozinho. Sou uma figura muito diferente daquele homem cheio de energia que fui na juventude, como você bem sabe!

Imaginar John como um jovem vigoroso fez Lilly sorrir. Essa fantasia a fez pensar em Adão, tão seguro do amor e do carinho de Deus. Mas, espere... isso tinha sido no mundo dos sonhos, e este era o mundo real. Ou seria o contrário? Ou será que a Terra, seu misterioso lugar de origem, era a realidade?

– Você poderia cantar para ela? – perguntou John retomando a conversa. – Como cantou para mim quando fui a Testemunha? Sinto que ela vai precisar da força da sua canção hoje.

E foi exatamente isso que a Voz fez. Mesmo que Lilly quisesse abrir os olhos, não conseguiria. Pela primeira vez em qualquer daqueles mundos, ela pôde realmente descansar. A paz atingiu-a como o fluxo das marés, subindo aos poucos por sua pele, até ela ficar envolta por completo na canção. Naquele momento solitário, não sentia nenhuma dor.



Uma grande agitação de vozes e passos apressados a despertou. A atividade era intensa ao redor de Lilly, mas permanecia fora do seu campo de visão. Por trás daquela algazarra, ela ouvia cliques mecânicos e cordas sendo apertadas. Às vezes, ouvia o bipe de um circuito eletrônico e uma exclamação de alegria ou frustração.

Então John apareceu perto dela com um sorriso.

– Hoje é um dia importante! Fizemos muitos avanços desde o dia em que você conseguiu mover a cabeça sozinha.

– Mas isso foi ontem, não foi? – A voz dela soou estranha aos seus próprios

ouvidos.

– Ora, ora, ouça só você! A rouquidão foi embora. – John parecia satisfeito. – Respondendo à sua pergunta, isso foi há três dias.

– Eu estive dormindo esse tempo todo?

– Pairando, para ser mais preciso.

– Pairando?

– Sim, pairando. Definitivamente.

– Você vai me explicar isso ou não?

John pensou por um instante antes de responder.

– É como se tivéssemos levado você para conhecer a morte, mas sem deixar que você apertasse a mão dela.

– Quer dizer que eu estava em coma?

– Coma? – exclamou ele. – Bem, não conheço essa palavra, mas se ela significa um procedimento no qual você é colocada propositalmente em estado de inconsciência de modo a acelerar um processo de cura, então sim, você estava em coma. Está mais claro agora?

Ela concordou com a cabeça.

Os olhos de John se iluminaram.

– Faça isso de novo!

– Isso o quê? – perguntou ela.

– Você concordou com a cabeça.

Percebendo o que havia feito, ela abriu um sorriso e repetiu o gesto. O movimento simples provocou uma série de vivas por todo o recinto.

– Nós afrouxamos a proteção em volta de sua cabeça e estimulamos seus músculos – explicou ele. – Agora você deve ter uma maior amplitude de movimentos e mais controle de suas extremidades.

– John – disse ela, interrompendo-o –, você está falando como se eu fosse um experimento. Quem são essas outras pessoas? Posso ouvi-las, mas não consigo vê-las.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

– Você consegue ouvi-los? Que estranho. Normalmente as vozes deles são imperceptíveis para os humanos. Por essa eu não esperava. – John ergueu as duas mãos e se virou para trás. – Lilly quer saber quem está aqui. Devemos contar a ela?

O silêncio momentâneo foi quebrado por um som agudo parecido com uma campanha.

– Então está bem.

John se virou de volta para ela.

– Vamos lá. Hoje temos conosco um grupo de Curadores e Reparadores, além de alguns Técnicos, Construtores, Desenvolvedores e Ajustadores. – Ele indicou vários pontos do quarto enquanto dizia o nome de cada grupo. – Temos também muitos Mensageiros, que se movem tão depressa que nem eu consigo vê-los, um Pensador,

um Vidente, um Cozinheiro e um Tecelão. Temos as Cuidadoras de sempre. Nenhum Sábio. Também não há nenhum Inventor, Cantor ou Gerente. Mas há um Cronometrista e uma Ranheta. E há sempre alguns Invisíveis, mas nunca se sabe quem ou quantos são, a não ser que eles queiram que você saiba.

– Quero vê-los.

– Bem, isso não é possível. – Ele se inclinou e sussurrou com um sorriso debochado: – Eles são invisíveis.

– Não estava falando dos Invisíveis. Quero ver os outros, os Reparadores e Curadores que têm cuidado de mim. Aliás, por que há Técnicos e Construtores aqui?

John refletiu um pouco.

– Não sei se é uma boa ideia. Quando você pensa em um Reparador ou Curador, sua mente evoca imagens de médicos e enfermeiros, e não é isso que temos aqui. – Ele fez uma pausa e meneou a cabeça para alguém que ela não conseguia ver. – O Pensador concorda comigo. Ver nossos Reparadores e Curadores pode provocar uma recaída.

– Você está me assustando. Minha imaginação provavelmente é pior do que a sua realidade.

– Há... neste caso específico, eu duvido. Você precisa confiar em mim. – Ele se deteve outra vez, tornando a correr os olhos pelo quarto, e então se voltou para ela. – É uma decisão unânime. Talvez possamos mudar de ideia em algum momento, depois que você tiver recuperado plenamente suas forças.

Isso não soou nada bom, e John se apressou a acrescentar:

– Mas posso lhe dizer uma coisa que vai melhorar sua perspectiva. Estamos prontos para transferi-la para o quarto grande e inclinar seu leito para que você tenha uma visão mais ampla do lugar onde está. Agora, quando eu disser, quero que tente mover os dedos das mãos e dos pés.

Ela tentou, mas nada aconteceu.

– Espere, não tente antes de eu sinalizar. Não vai dar certo enquanto não estivermos prontos do nosso lado. Só precisamos conectar algumas coisinhas e eu já lhe digo quando for a hora. Está bem?

Ela assentiu, em parte porque achava que, se tentasse falar, só conseguiria chorar. Sentia-se como uma prisioneira que tivesse ouvido que a liberdade estava a caminho, mas que temia que a notícia fosse para outra pessoa.

Alguns minutos depois, John exclamou:

– Pronto! Tente agora.

Ela conseguiu mover os dedos das mãos e dos pés. Uma comemoração discreta pareceu ressoar pelo quarto. Lilly imaginou pessoas se cumprimentando e soltando vivas. Pensou até ter ouvido o espocar de uma rolha e sentir o cheiro de morangos. Teve vontade de rir.

Sua cama foi movida para fora do quarto em silêncio absoluto, como se deslizesse sobre a superfície da água. À medida que se deslocava, Lilly percebeu que

aquilo que achara ser um teto sobre a sua cama era, na verdade, uma grande liteira. Eles passaram por baixo de uma arcada gigantesca de pedra e então entraram em um espaço aberto e amplo.

Uma brisa – a primeira de que conseguia se lembrar naquele mundo – soprou pelo seu corpo coberto e brincou em seu rosto. A maresia entrou em suas narinas. O som das ondas distantes e os gritos de gaivotas e andorinhas-do-mar encheram seus ouvidos. O efeito relaxante a fez se lembrar de uma coisa.

– John?

– Sim? Estou aqui.

– Com quem você estava falando algumas noites atrás?

– Falei com muitas pessoas enquanto você dormia.

– O que falava cantando.

Depois que a cama foi posicionada no local escolhido, o rosto de John surgiu sobre o dela novamente.

– Imagino que tenha me ouvido conversar com Han-el – disse ele.

Ao ouvir esse nome, Lilly sentiu um calor atravessar seu corpo, uma energia que reanimava seus músculos e ossos cansados.

– Han-el?

Ele ignorou a pergunta.

– Vamos começar a incliná-la um pouco para cima. Basta pressionar alguns botões para sua cama se transformar em uma cadeira de rodas. Não vamos fazer isso hoje, mas aos poucos, à medida que você for ficando mais forte.

John sumiu de vista.

– Por que ele cantava em vez de falar?

– A língua de Han-el é mais antiga e avançada do que a nossa. – Ele reapareceu do outro lado da cama. – Com um pouco de sorte, quando erguermos você, sua cabeça não sairá rolando do pescoço.

Ela franziu as sobrancelhas, preocupada.

– Foi uma brincadeira, Lilly – disse John, rindo. – Você está tão séria que não pude resistir. Não há a menor possibilidade de sua cabeça cair.

– Não tem graça. – Ela fez uma careta. – Por que eu não conseguia entender o que ele estava cantando?

John sumiu de novo.

– Muito bem, lá vamos nós – disse ele de algum lugar. – Isso vai ser bastante tedioso. Vamos aumentar um grau de inclinação a cada 15 minutos. A meta de hoje são 30 graus. Portanto, pouco mais de sete horas. Está pronta?

– Prontíssima! – disse ela. E nada aconteceu.

Ou, pelo menos, foi o que pareceu.

– John?

– Estou aqui, monitorando seu progresso. Está tudo correndo bem.

– Qual era a língua que Han-el estava falando? – insistiu ela.

- A mesma que eu e você.
- Não, não era. Eu teria entendido.
- E não entendeu?

Lilly quase afirmou que não, mas parou para pensar melhor. Embora não pudesse repetir as palavras que Han-el tinha pronunciado, de certa forma *entendera* o significado delas. Ele havia falado de paz e repouso. Para John, oferecera respostas às suas perguntas.

- Você já subiu um grau - anunciou John. - Muito bem.
- O que é uma Testemunha? - perguntou ela.
- Você está cheia de perguntas hoje! - retrucou ele, achando graça.
- Fiquei sabendo que você é o homem das respostas.

Ela ouviu passos e John reapareceu ao lado da sua cama.

- Não tenho todas as respostas, mas talvez algumas. Uma Testemunha é alguém escolhido para um propósito divino: ela deve observar Deus em ação e depois relatar o que viu. - Ele tossiu e desviou o olhar. - Ela ou ele.

Embora Lilly desejasse ardentemente entender o que John e Eva queriam dizer ao chamá-la de Testemunha, o aparente constrangimento dele fez com que ela hesitasse. Aquela conversa se aproximava de forma perigosa do que acontecia nos sonhos de Lilly e da possibilidade de sua mente estar tão danificada quanto seu corpo. Além disso, ela se dava conta de quanto se importava com a opinião de John a seu respeito, o que lhe dava uma sensação incômoda de vulnerabilidade.

- Han-el é uma Testemunha?

- Han-el? Oh, não. Han-el é um amigo querido que esteve do meu lado durante muitos momentos maravilhosos. E durante alguns momentos difíceis, também. - Ele pôs a mão em concha perto do ouvido, então se deteve por um instante. - Ah. Eles estão me dizendo que você acabou de subir mais um grau.

Ele continuou a incentivá-la, comunicando a cada 15 minutos que sua cama havia subido mais um grau. Aos poucos ela pôde notar a diferença. Seu mundo estava se inclinando gradativamente para a vertical. Em algum ponto entre seis e sete graus, seu corpo reagiu. O aposento onde estava oscilou e começou a rodopiar, fazendo uma náusea súbita tomar conta dela.

- Parem! - gritou John. - Esperem um pouco até que ela se acostume.

Lilly tentou concentrar a mente em Han-el e em sua canção. Como um ímã, a música dele a atraiu de volta para as cenas que havia testemunhado.

Quase uma hora se passou antes de seu estômago se acalmar o suficiente para encarar a próxima elevação. À medida que o tempo passava e seu ângulo de visão aumentava, Lilly percebeu que estava diante de uma imensa janela. O céu cor de cobalto estava quase limpo, com apenas uma ou outra nuvem sendo soprada pelo vento. A paisagem a fez se lembrar dos locais que visitara em seus sonhos.

- John, você acredita em Deus?
- Não - respondeu ele, depois de pensar por alguns instantes.

– Eu também não.

Ele tocou seu braço. Lilly não tinha percebido que ele estava bem ao seu lado.

– Palavras como *Deus* e *acreditar* muitas vezes são desprovidas de sentido. Eu não *acredito* em Deus. Eu *conheço* Deus! E, quando você conhece alguém, *acreditar* deixa de ser relevante.

Lilly não entendeu.

– Han-el é Deus?

John riu alto, calando todos os demais sons ao redor deles.

– Não, minha querida. Você parece ter ficado muito impressionada com meu amigo, o que é bastante compreensível. Ele é um dos servos de Deus. – Inclinando-se para perto dela, John sussurrou: – Han-el é um Anjo.

O horizonte começou a surgir em seu campo de visão, e Lilly sentiu-se tonta novamente. Mais uma vez, foi necessário interromper o processo até ela se habituar à nova posição.

– Se precisar vomitar, vomite – sugeriu John. – Talvez você se sinta melhor.

– Detesto vomitar.

– Certo, então fique quietinha até eu voltar, está bem?

– Sim – concordou ela.

A linha em que o horizonte encontrava o oceano já estava totalmente visível quando John anunciou que era hora de descansar. Em poucos minutos todo o ruído ao redor desapareceu, sendo substituído por um silêncio revigorante.

John saiu por alguns instantes e voltou com uma tigela de sopa que cheirava maravilhosamente bem. O estômago de Lilly roncou.

– Logo receberemos visitas – anunciou John, sentando-se numa cadeira ao lado dela. – Eu os mantive longe o máximo que pude, mas eles são insistentes.

– Por que querem tanto me ver? – perguntou Lilly.

– Letty diz que tem algo a ver com uma antiga profecia. Saberemos mais no momento certo. Quando você puder se sentar, eu permitirei que eles venham. Mas, por ora – John pegou um pouco de sopa da tigela com a colher –, como recompensa por todo o seu esforço, vou alimentá-la. Os Cozinheiros e as Cuidadoras prepararam isso especialmente para você. Comer e beber são fundamentais para a sua recuperação. Experimente. Sei que está muito saboroso.

Ele levou a colher à boca de Lilly.

A sopa estava bem temperada e deliciosa, e Lilly sentiu o alimento quente e reconfortante se espalhar dentro de seu corpo, despertando habilidades naturais que até então estavam adormecidas. A princípio, ela se engasgou e cuspiu. Mas riu enquanto John limpava os respingos de caldo no rosto dele para depois levar-lhe de novo a colher à boca.

Assim continuaram durante alguns minutos, devagar, com cautela, até que ele se recostou na cadeira.

– Sei que você quer mais, mas por enquanto chega. É melhor não ficar cheia.

– Tudo bem. – Ela respirou fundo, sentindo os pulmões se expandirem e retraírem, saboreando o cheiro do mar e das flores enquanto o dia começava a cair lentamente em direção ao horizonte. Tirando o fato de ainda estar quase totalmente imóvel, não se lembrava da última vez que se sentira tão bem. Pelo menos quando acordada. – Se eu conhecesse Deus, gostaria que ele fosse como você – disse ela. John largou a tigela e olhou para Lilly, os olhos cheios de lágrimas. – O Deus que você conhece tem um nome?

Ela se perguntou se um nome poderia abrir a porta entre seus sonhos e aquela realidade: Adonai? Elohim? Homem Eterno?

– Deus tem muitos nomes. Cada um revela uma faceta do caráter e da natureza Dele. Nenhum é suficiente, mas cada um tem a sua importância. Alguns são profundos demais para serem expressos em palavras... quer dizer, não podem ser articulados como sons. Outros são fáceis de identificar e de falar.

– Você acha que Deus me colocou no seu caminho porque o ama? Não foi isso que disse?

– Acho, sim. Qualquer pessoa pode se tornar um Descobridor, como eu me tornei. Esse é um dos riscos mais maravilhosos da vida. Quando alguém vive tanto tempo quanto eu vivi, acaba percebendo que nunca pode se afastar de uma descoberta. Pode até tentar, mas ela vai persegui-lo até que você se responsabilize por ela. A única coisa que muda mais você do que se tornar um Descobridor é quando você mesmo é descoberto.

– Alguém descobriu você, John? – perguntou Lilly, atraída pela introspecção dele.

– Essa é uma outra história. – Ele suspirou e hesitou por um segundo. – Meu primo. Foi o meu primo quem me encontrou. – John se levantou da cadeira e pousou a mão na testa dela. – Agora você precisa dormir, mas eu estarei aqui quando acordar. Que seu descanso seja repleto de bons sonhos, e que apenas coisas boas habitem seu coração e sua mente.



Lilly abriu os olhos e viu Adão encostar o dedo na fronteira líquida do Éden. No mesmo instante, uma onda de energia e água o atravessou, iluminando seu corpo como se fossem partículas vivas. Todas as vezes que a tocava, ele dava uma risadinha. Eva estava hipnotizada pelo fascínio dele. *Isso é alegria*, pensou Lilly.

Adão atravessou a fronteira e saiu do jardim. Ele se agachou na grama como um menino brincando de esconde-esconde. As duas o seguiram, contagiadas pelo entusiasmo dele. Eva explicou para Lilly que havia semanas Adão vinha seguindo o rastro de uma criatura nas fronteiras do jardim. Sempre que se aproximava, a criatura desaparecia na vegetação rasteira ou dentro de um buraco, deixando para trás apenas um borrão de cores em movimento.

Embora aquelas longas horas de espera não o tivessem ajudado a apanhar sua

presa, durante a caçada ele acabara descobrindo muitos outros seres que viviam na copa das árvores ou debaixo da terra.

Camuflado com a lama acobreada da margem do rio, Adão se esgueirava pela relva, movendo-se como uma brisa, quando foi surpreendido: a criatura que vinha perseguindo estava a poucos centímetros do seu rosto. O susto foi tão grande que ele caiu para trás; mas depois começou a rir.

Lilly, porém, ficou chocada. Era a serpente que ela havia encontrado na sua primeira visita àquele lugar. Sinais de alerta disparavam em seu íntimo. Ela olhou para Eva, que também parecia aflita.

– O que vamos fazer? – sussurrou Lilly.

– Não cabe a nós interferir – respondeu Eva, a voz deixando transparecer sua frustração.

Por que não?, pensou Lilly. Mas havia notado o tom de advertência nas palavras de sua mãe e achou melhor não falar nada.

O corpo da serpente era tão grosso quanto o tronco de uma árvore. Sua cabeça oscilava, os olhos pretos penetrantes como ônix encaivados no couro amarelo-ouro.

– Por que você me persegue? – Uma língua fendida projetou-se da boca para fora para saborear o ar.

– Você fala! – exclamou Adão. – Não se comunica de forma rudimentar como as outras criaturas. Suas palavras são claras! São como as melodias do Querubim.

A cobra ergueu a cabeça do chão, fitando os olhos de Adão. Seu capuz se abriu. Lilly sentia sua pulsação acelerar à medida que uma combinação de medo e fúria crescia dentro dela. Havia algo muito errado ali, mas ela não conseguia encontrar as palavras para definir o que era. Eva segurou seu cotovelo, como se tentasse contê-la.

– Você é um ser maravilhoso! – Adão estava admirado. – Em todas as minhas explorações, nunca encontrei nenhum outro como você, nem mesmo no Jardim do Éden. Diga-me, o que você é?

A serpente não respondeu imediatamente, apenas fitou-o enquanto executava seus movimentos sinuosos.

– Sou um animal selvagem e sábio dos campos – declarou por fim. – Meu domínio está além das fronteiras do Éden. E você, ao mesmo tempo tão frágil e tão destemido, quem é?

– Sou Adão, o filho de Deus.

– Adão! Não fale com essa criatura! – gritou Lilly, mas Adão não a ouviu. A serpente, entretanto, virou-se na direção dela.

7

VISITANTES



Deitada em seu leito, Lilly continuou tremendo por muito tempo enquanto o horror se dissipava lentamente. Será que a serpente conseguiria segui-la até o Refúgio? Esse medo era irracional, mas o mesmo poderia ser dito de tudo o que havia testemunhado.

Sob a luz do início da manhã, ela levantou um pouco o braço e coçou o nariz. Era a primeira vez que fazia esse movimento. Isso afastou sua ansiedade e provocou um sorriso. E o melhor: não doeu. Algo em seu corpo havia mudado. Levantando as mãos, Lilly as examinou cuidadosamente, movendo os dedos diante dos olhos.

Ela se assustou quando ouviu um ronco alto vindo de algum lugar próximo. John havia passado a noite no sofá, para o caso de ela precisar de algo. Lilly estava tendo dificuldades em resistir à afeição cada vez maior que sentia por ele.

Ouviu vozes vindas do quarto ao lado.

– Acho que temos visitas – disse ela.

Ele acordou sonolento e precisou de alguns instantes para se recompor.

– Visitas? É mesmo? Tão cedo? – resmungou John, meio perdido. Começou a andar para um lado, depois mudou de rumo, então parou e viu Lilly apontar o quarto que servia de recepção. John notou que ela estava usando as mãos e abriu-lhe um sorriso radiante.

– Prefere recebê-los aqui dentro ou lá fora? – perguntou ele.

– Lá fora. Ainda não fui lá.

John pressionou os botões para inclinar a cama e, quando Lilly estava pronta, ele a conduziu até o quarto onde os visitantes os aguardavam. Era um recinto amplo,

com janelas em três das paredes e instalado no topo de um penhasco, o que oferecia uma vista magnífica do litoral, das colinas abaixo e até das silhuetas púrpura e indistintas de montanhas distantes.

Com xícaras de chá nas mãos, admirando a vista do mar, três Sábios esperavam por eles. Todos se viraram ao mesmo tempo quando Lilly e John entraram. Vestiam trajes parecidos – togas um pouco desgastadas, cobertas por uma fina camada de poeira da estrada. Dois eram velhos, talvez mais velhos do que John, mas tinham os olhos brilhantes e límpidos, assim como o sorriso.

A mulher do grupo era alta, devia ter mais de 1,80m, e usava uma espécie de coroa, o que aumentava ainda mais sua altura. Seu corpo era magro e anguloso, o nariz quase como um bico de pássaro. Parecia uma cegonha, embora as cores de suas vestes, em tons de preto e marrom, não combinassem com essa imagem. O outro ancião era totalmente diferente: mal ultrapassava 1,20m e parecia ter essa mesma medida para os lados. Dava a impressão de estar prestes a explodir, a respiração difícil e ofegante.

O terceiro Sábio era consideravelmente mais jovem, apesar do semblante já marcado. Era ainda mais alto que a mulher, os cabelos soltos e bem penteados em volta dos traços marcantes. Ele pareceu estranhamente familiar para Lilly, o que era ao mesmo tempo motivo de atração e desconforto.

– Sejam bem-vindos – cumprimentou John, erguendo as mãos.

Um por um, eles tomaram as mãos dele e as colaram em sua testa. Lilly supôs que essa fosse uma forma habitual de saudação.

– Sou John, o Catalogador. E tenho o prazer de acrescentar que agora também sou um Descobridor, como vocês bem sabem. – Ele meneou a cabeça para a garota. – Esta é Lilly Fields. O Refúgio é nosso lar e vocês são bem-vindos para ficar o tempo que quiserem. Peço desculpas por não tê-los recebido antes. Ainda não era o momento. – Ele gesticulou para as xícaras que os visitantes seguravam. – Vejo que um Assistente já lhes trouxe chá. Gostariam também de biscoitos?

– Não é necessário – disse a mulher, sentando-se em um sofá. – Estamos muito felizes em finalmente conhecê-lo, John. Sua história se tornou famosa.

O Sábio baixinho, que tinha sorriso e aberto a boca ao ouvir falar nos biscoitos, tornou a fechá-la, mas continuou sorrindo.

– De onde vocês vêm? – perguntou John.

– Das terras além de Thrain – respondeu ela.

John arregalou os olhos.

– Não sabia que havia algo além daquela região. Bem, isso explica por que não os reconheci.

Assentindo, os demais visitantes se acomodaram em poltronas. John se sentou ao lado de Lilly, que se sentia constrangida sob os olhares do grupo.

– Vocês devem ter levado muito tempo para chegar até aqui – comentou John.

– Basta dizer que somos de um lugar que fica a meses de viagem.

– Quanto àqueles biscoitos... – atalhou o homem gordo.

A mulher levantou a mão.

– ... isso sem dúvida pode esperar – concluiu ele.

– Como vocês cruzaram tamanhas distâncias? – perguntou John. – Estou tentando imaginar uma viagem tão longa.

– Montarias – começou a explicar a mulher. – Não há muitos Voadores em nossa região e, particularmente, tenho um pouco de medo de altura. As Montarias são muito bem cuidadas aqui. Ainda assim, levamos semanas para nos recuperar.

Lilly lançou um olhar furtivo para suas roupas puídas e se perguntou se eles não teriam outras.

– E *por que* vieram de tão longe? – perguntou ela.

A Sábia hesitou, inclinando a cabeça para Lilly sem descolar os olhos de John.

– Esta é a menina que foi descoberta, suponho.

– Exato.

– Então é por causa dela que viemos até aqui.

Lilly não conseguiu conter a irritação.

– Estou bem na sua frente. Não fale de mim como se eu não tivesse aqui...

– Estivesse – corrigiu a mulher.

– Hã? Estivesse? Estivesse o quê? – Agora, além de confusa, ela estava furiosa.

– O que ela quer dizer – explicou o Sábio corpulento – é que o certo é como se você não “estivesse” aqui, e não “tivesse”.

– Ora, vocês me desculpem – exclamou Lilly –, mas não estou nem aí para isso! Aliás, ninguém por aqui tem um nome de verdade? – Ela gesticulava, jogando mãos e braços para o ar, em parte porque havia acabado de conquistar esses movimentos. – Isso é muito irritante! Sou a única nesta ilha que acha tudo isso um saco?

A explosão de fúria de Lilly provocou um momento de silêncio incômodo. A mulher ergueu as sobrancelhas e o homem baixo se encolheu em sua poltrona como se quisesse desaparecer. O terceiro Sábio permaneceu impassível. Na verdade, o esboço de um sorriso se insinuava nos cantos de sua boca.

– Minha nossa! – exclamou finalmente a mulher. – Isso foi muito emocionante! Devo dizer que só essa cena já valeu a viagem!

John ficou radiante, um brilho inconfundível nos olhos.

– Acho que me esqueci de dizer que Lilly tem um temperamento um tanto... explosivo.

Enquanto olhares chocados se cruzavam com um constrangimento cada vez maior, Lilly só conseguia ouvir os próprios batimentos do coração.

A Sábia pigarreou delicadamente.

– Lilly – disse ela baixinho –, meu nome é Anita. É uma honra conhecê-la.

E então, como se aquela reunião não tivesse a menor chance de dar certo, uma voz fina e aguda veio de fora do quarto.

– Onde estão todos? Perdi a festa? Essas escadas ainda vão me matar, eu juro.

Lilly reconheceu a voz de Letty. Ouviu o barulho de pés pequeninos se arrastando pelo chão seguido da chegada da mulher diminuta. Era a primeira vez que Lilly via de fato a miúda figura que vivia murmurando. Letty era um toquinho de gente, com sua bengala e seu xale. Aos olhos de Lilly, ela parecia uma casa em miniatura apoiada em duas pernas de pau. A mulher desafiava as leis da física, e Lilly evitou ficar olhando demais.

– Bom dia para vocês, meus amigos, e para você também, minha querida. – Ela acenou com a cabeça para a menina.

Então Letty apontou a bengala para os Sábios e perguntou a John:

– O que acha disso, hein? Há séculos que não recebemos visitantes dos reinos além de Thrain.

John jogou as mãos para o ar.

– Você sabia a respeito das terras além de Thrain e nunca me contou?

A velha apenas sorriu. Todos fizeram os cumprimentos habituais, os Sábios obrigados a se abaixar para tocar a testa de Letty. Ela subiu em um banco grande demais para sua altura e começou a entoar seu zumbido característico. Ninguém além de Lilly pareceu dar importância ao fato.

Lilly cutucou John e ele se inclinou para ouvi-la.

– Por que ela está sempre fazendo esse barulho?

– Por que é uma Ranheta – respondeu ele em voz baixa, virando-se logo em seguida para os demais. – Letty, estávamos fazendo as devidas apresentações.

– Sou Gerald – disse o mais baixo, virando-se para Lilly. – Sábio de Antiguidades.

– Meu nome é Simon – disse o mais jovem, recostando-se na poltrona e cruzando o tornozelo sobre o joelho da outra perna. – Sábio de Sistemática e Filosofia.

Novamente, Lilly teve uma sensação estranha e ambígua em relação a ele. Por algum motivo, sua voz a fez pensar em chocolate.

– Posso perguntar qual é sua área de estudos, Anita? – quis saber John.

– Anita – adiantou-se Gerald – é uma Sábia e Conselheira de Primeira Ordem.

– Primeira Ordem! – exclamou John. – Então sinto-me duplamente honrado! Qual é a sua especialidade?

– Psicologia da Alma com foco em INE – respondeu ela.

Por reflexo, John olhou para Lilly. Embora ele tenha se apressado a desviar o olhar, ela notou.

– O que é INE? – perguntou a menina. Sentia o pescoço duro e inchado.

– Integração neural epigenética – intrometeu-se Letty. – É como juntar os cacos de um espelho despedaçado, reconectando os espaços nas redes neurais e restabelecendo a conexão entre mente e coração.

– Ah, sim, nós costumávamos fazer isso lá na fazenda – comentou Lilly. Ninguém riu. – Foi uma piada. É a minha maneira de dizer que não entendi nada do

que você disse.

Eles balançaram a cabeça e riram educadamente. Lilly queria sumir dali.

– Minha querida – falou Anita –, a profecia disse que a sua chegada aconteceria por meio de uma grande tragédia. Até mesmo uma pequena crise pode estilhaçar a alma humana. Sou especialista em juntar os pedaços de volta. Esse título é apenas um jeito pomposo de dizer que sou uma Curadora que ajuda a reparar almas danificadas.

– Você acha que a minha alma está danificada? – Lilly se controlou para não ser grosseira desta vez.

– Com certeza! – respondeu Anita, a voz firme e gentil. – Como a de todos nós neste quarto.

– Até Letty? – perguntou Lilly, provocando uma risadinha em todos os presentes.

– Especialmente Letty – explicou John. – Pelo que ouvi dizer, ela media 2,10m antes de chegar aqui. O que está vindo é o melhor que podemos fazer.

Anita estendeu o braço e afagou a cabeça da menina.

A mulher pequenina sorriu e apontou um dedo longo e ossudo para Lilly.

– Minha criança, você é o motivo pelo qual estamos todos reunidos aqui.

– Eu? – espantou-se Lilly. – Por quê?

– Boa pergunta! – disse Letty, cruzando seus pezinhos balançantes no banco alto.

– Estou muito longe de compreender a sabedoria de Deus, mas parece que o destino deste lugar e desta era, e talvez de todo o cosmos, está ligado a você e às escolhas que fizer.

– Ah, tudo isso não deve passar de um grande mal-entendido! – exclamou Lilly. Ela notou que seus dedos tremiam. – Eu nem sei quem sou ou onde estou.

– Você é a filha de Eva. Isto não é suficiente? – perguntou Letty.

Todos se voltaram para Lilly, aguardando sua resposta.

– Imagino que sim, se a Eva de que está falando é a Mãe dos Vivos.

Os Sábios suspiraram aliviados e se recostaram nas poltronas. Gerald balançou a cabeça. Teria ela dito algo de errado?

– É claro – concordou Anita, pousando a mão no joelho da menina. – Mas também estávamos nos referindo à sua peculiar composição genética.

Lilly não fazia ideia do que ela estava falando. Foi Gerald quem perguntou a John:

– Você não contou para ela?

John inspirou fundo e soltou lentamente o ar.

– Não encontrei a ocasião propícia.

Anita e Gerald pareceram surpresos. Simon, que não tinha dito mais nenhuma palavra desde que se apresentara, parecia distraído, olhando pela janela como se sua mente estivesse perdida em outro lugar.

– A ocasião propícia para quê? – perguntou Lilly.

Letty parou de murmurar e disse:

– John, meu amigo, conte a ela o que sabe.

– Lilly, os Curadores descobriram que em seu DNA há traços genéticos de todas as raças conhecidas da Terra.

– O que isso significa? – perguntou ela.

John abriu a boca para responder, mas Anita falou primeiro.

– Significa que você carrega toda a humanidade em cada célula do seu corpo.

– E é, portanto, a filha de Eva – acrescentou Gerald.

John olhou para Lilly.

– Você se lembra de quando perguntou sobre o meu amigo?

Ela assentiu lentamente. Então ele se virou para os Sábios e continuou:

– Desde a chegada dela, fui visitado três vezes por um Mensageiro.

Isso pareceu chamar a atenção de Simon.

– Os Mensageiros estão sempre por perto – afirmou Anita.

– Mas estou falando de um Cantor! – disse John.

– Ah! – exclamou ela.

Gerald arregalou os olhos e Letty continuou sentada onde estava, ranhetando e assentindo devagar.

– E esse... – Gerald pigarreou antes de prosseguir – ... esse Cantor tem um nome?

John não respondeu imediatamente.

– Han-el – adivinhou Lilly.

Os outros Sábios caíram em um silêncio aturdido, petrificados. Seus movimentos pareceram ficar mais lentos, quase parando.

– Ora, ora, ora! – balbuciou Anita.

Gerald ergueu o rosto e as mãos em louvor.

Simon ficou constringido por alguns instantes, mas logo se recompôs.

– Han-el não é apenas um Cantor. É um Guardião – murmurou ele.

– Um Guardião? – perguntou Lilly.

Foi Gerald quem respondeu.

– Sim, um Anjo da Guarda. Um Mensageiro que é também um Guardião.

– Anjo? Está falando daqueles seres gorduchos com asinhas e auréola?

– Não! – censurou Letty. Suas pernas pequeninas pararam de balançar. – De jeito nenhum! Os querubins são poderosos. Não os diminua com essas representações ridículas.

– Querubins são seres de luz concentrada – explicou Simon –, os sustentáculos do arrebatamento e da adoração. Ao lado dos Serafins, são seres da primeira hierarquia. Enquanto os Serafins estão voltados para dentro, os Querubins estão voltados para fora. Até onde sabemos, e sobre isso os outros Sábios têm mais conhecimento do que eu, apenas dois, talvez três, Querubins foram nomeados em toda a criação. Miguel, com certeza. Gabriel, provavelmente, e... – ele fez uma pausa, uma sombra atravessando seu rosto – talvez Lúcifer, o maior deles, o

Querubim Ungido.

Lilly mal ouvia tudo aquilo. Agora entendia por que John dissera que os Sábios eram irritantes. Mas os pensamentos se atropelavam em sua mente. Novamente, aquela estranha realidade se ligava às alucinações do Éden. Apesar da confusão, ela manteve o rosto tão impassível quanto pôde.

– John, conte a eles o que Han-el lhe disse – incentivou-o Letty.

– Ele anunciou para mim que Lilly é uma Testemunha.

Gerald olhou para Anita e afagou sua mão.

– Isso confirma nossas suspeitas. Não foi uma tolice nossa – disse ele.

– Em toda a minha longa vida, nunca pensei que este dia poderia chegar – declarou Anita com a voz baixa. A Sábua olhava para Lilly com tanta adoração que a menina precisou desviar o rosto.

– Mais de um ano atrás, Sábios, Pensadores, Pesquisadores e Astrónomos nos disseram que o céu noturno havia anunciado a chegada de uma Testemunha – falou Gerald. – Isso provocou um grande rebuliço e discussões acaloradas entre nós, e alguns receberam permissão para embarcar nesta jornada. No início, éramos nove; agora restamos apenas nós três.

– O que aconteceu com os outros? – quis saber John.

– Dois voltaram mais cedo – disse Anita. – Estavam aflitos e com saudades de casa. Três decidiram se separar de nós na Encruzilhada Gregoriana em busca de outra estrela, e uma... – ela fez uma pausa antes de declarar com tristeza: – ... uma de nossas companheiras, que também era uma Sábua, caiu doente.

– Que doença a acometeu? – perguntou John.

– A doença da sombra.

Essas palavras causaram um arrepio em Lilly.

– O que é a doença da sombra? – perguntou ela.

– Você também pode chamá-la de “doença do coração” ou “doença da alma” – respondeu Anita. – Ela acontece quando alguém se afasta da confiança face a face e se deixa invadir pela escuridão da morte. Por causa de Adão, todos herdamos a doença da sombra em nossa mortalidade. Resistir a ela é uma guerra que todos travamos.

– Sua colega está sendo protegida? – perguntou John.

Simon brincou com um anel em sua mão esquerda.

– Uma comunidade ao norte está cuidando dela e acompanhando-a – disse Anita. – Não deixa de ser um tipo de proteção, porém mais no sentido de ajudá-la a se voltar novamente para a vida. – Ela se dirigiu a Lilly. – Descobrimos que a doença da sombra se alimenta do isolamento. Então nos defendemos dela por meio dos relacionamentos de amor e gentileza.

– Sinto muito por suas perdas – disse John.

– Nós também sentimos – afirmou Simon com brandura. – Obrigado.

Após alguns instantes de silêncio, Lilly indagou:

– Então... vocês tiveram todo esse trabalho... só para me encontrar? Achem mesmo que eu sou a Testemunha que estão procurando? – Ela olhou para John. – Ainda não entendo o que isso significa.

Anita se ajoelhou ao lado dela.

– Isso tudo deve estar lhe causando muita confusão. Em nome de todos nós, aceite minhas desculpas.

Ela então abriu os braços e Lilly, um pouco sem jeito, aceitou o gesto e pousou o rosto em seu ombro.

– Sim, minha querida – continuou Anita –, nós acreditamos que você seja aquela que buscamos, mas ainda preciso pensar um pouco antes de arriscar qualquer explicação para tudo isso. – Anita soltou Lilly e voltou ao sofá. – John, você já contou a ela sobre o Cofre?

– Não.

– Entendo. Tem certeza de que ela está segura aqui?

– Entre estas paredes, sim. Afinal, estamos no Refúgio. Nada jamais nos encontrou aqui.

– E Han-el? – atalhou Simon, com uma ponta de apreensão na voz. – Estou correto em supor que o Cantor é o Guardião desta menina?

– Não – afirmou John, hesitando antes de concluir: – Han-el protege a mim.

Os músculos na mandíbula de Simon relaxaram.

– Entendo – disse Anita. – E o seu Guardião confirmou que ela é uma Testemunha. Ele disse o que ela vai testemunhar?

Os Sábios se posicionaram na beirada das poltronas, aguardando ansiosos a resposta. Se Letty tivesse feito o mesmo, teria caído do banco, mas estava prestando o máximo de atenção, seu murmúrio mais alto do que nunca.

– Ela é a Testemunha dos Inícios.

Por um segundo, seguiu-se apenas um silêncio aturdido. Então, veio o pandemônio. Anita se levantou, jogou as mãos para o ar e exclamou em uma língua que Lilly desconhecia. Gerald se pôs a dançar em círculos, enquanto Letty cobriu os olhos com os dedos pequeninos. Simon juntou as mãos, o rosto voltado para cima como se fizesse uma prece.

– Isso pede comida e vinho para celebrar! – anunciou Simon.

John riu e apontou para a porta.

– A despensa está a seu dispor. Tudo o que tivermos é de vocês.

Simon saiu, seguido pelos demais Sábios.

John continuou sentado, em silêncio, olhando para Lilly à espera de uma reação. Como ela poderia lhe dizer que ele estava enganado? Que aquele Anjo tinha entendido tudo errado? Afinal, ela de fato havia sido uma testemunha, mas contra a sua vontade. Se tivesse escolha, preferiria sonhar como uma pessoa normal. Mas Eva a estava levando a lugares para os quais ela não queria ir, e pessoas estavam contraindo a doença da sombra e arruinando a própria vida para encontrá-la. E por

nada! Em seu íntimo, ela buscava justificativas para não ter revelado seus sonhos. Ela olhava para o oceano com a mente e o coração em frenesi, como se fossem dois mundos separados se entrecruzando. Quando se virou novamente para John, encontrou-o ajoelhado à beira de sua cama, os olhos marejados de lágrimas.

– É muita coisa para processar, eu sei – disse ele baixinho.

– Não entendo nada disso. – E, naturalmente, o “isso” a que ela se referia era muito mais do que o próprio John poderia imaginar. A ternura dele só piorava as coisas.

– Não cabe a você entender. Tudo o que precisa fazer é ser você mesma.

– Mas, se eu não entender, como saberei se estou fazendo a coisa certa? – Ela estava quase implorando para que ele parasse. – Não tenho para onde ir. Estou presa aqui e não sei como e nem por que cheguei a este lugar. Eu deveria ser testemunha dos Inícios? *Inícios*? Eu não... não entendo! O que devo fazer?

John parecia estar vasculhando as profundezas do próprio coração em busca de algo que pudesse trazer-lhe algum consolo.

Mas foi Letty quem falou.

– Talvez, Lilly, você devesse apenas confiar. A confiança é algo natural para as crianças, até que alguém mente para elas ou as convence de que confiar é perigoso.

– A confiança é perigosa – retrucou ela sem pensar.

– Sim, é – respondeu John –, mas não da maneira que você pensa.

Os Sábios voltaram com pratos de queijos, frutas, torradas, nozes e biscoitos. O vinho não tardou a surtir o efeito desejado, relaxando os ânimos e intensificando as conversas. Durante toda aquela acalorada troca de ideias, Letty continuava a entoar aquele som estranho.

Ao longo das horas seguintes, John, os Sábios e a Ranheta tentaram responder às perguntas de Lilly.

– Bem – afirmou Gerald em um determinado momento, assumindo um tom acadêmico –, cada era e cada local possui duas Testemunhas básicas: uma na forma de Palavra registrada, e outra de carne e sangue. Para ser mais exato, a última é a encarnação da primeira, mas não é possível ter uma sem a outra.

Anita balançou a cabeça e disse:

– Talvez ajude se você pensar nisso como uma fotografia. Fotografar é o mesmo que escrever, ou *grafar*, um momento de luz, *foto*. Pense assim: a Testemunha é ao mesmo tempo a fotografia e o fotógrafo.

– Está bem – respondeu Lilly. – Acho que consigo entender, mas...

– Há ainda um terceiro elemento. – Agora era Simon quem tomava a palavra. – Uma Testemunha é não só o fotógrafo e a fotografia, mas também um participante vivo que está *dentro* da imagem criada na foto. Uma Testemunha não está fora do quadro, ou desassociada dele, não é imparcial nem independente. Afinal, o ponto de vista do fotógrafo é que define a fotografia. Sua mera presença introduz incontáveis probabilidades, e suas escolhas causam impacto na história como nós a conhecemos

agora. As consequências dessas escolhas, por sua vez, se entrelaçam aos desígnios de Deus.

Aquilo era complicado demais, e Lilly sentiu vontade de fugir dali, mas tentou se concentrar.

– Está dizendo que sem uma Testemunha não haveria fotografia? Se não houver ninguém para ver uma coisa, então ela não existe?

– Quase isso, mas não exatamente – disse Anita.

Gerald falou em seguida, como se estivesse citando um texto já pronto:

– Deus sempre foi a Testemunha, sem a qual nada jamais existiu. Ele é o Grande Observador, sempre e continuamente a Imagem; sua Palavra é a Glória e o Amor.

– Isso tudo é a Grande Interferência – acrescentou Anita. – É por isso que conhecer a natureza de Deus é fundamental. Se essas coisas não fossem Deus em essência, tudo iria pelos ares. – Seus dedos rodopiaram no ar como um balão que tivesse escapado. – Tudo, até mesmo nós, desapareceriam na não existência.

– Então por que Deus precisa de mim – perguntou Lilly – ou de qualquer testemunha humana?

– Ah – respondeu Gerald com uma risadinha –, isso nos leva de volta aos Inícios. Deus não precisa de nada, mas Ele não seria Deus separadamente de nós. Viver dentro da vida de Deus é explorar o mistério da participação.

Tudo aquilo era muito estranho para Lilly, mas os Sábios a incentivaram a não se preocupar com os detalhes. Eles explicaram que ela ainda era uma criança, e que as crianças sabem intuitivamente de coisas que nunca aprenderão por meio da educação formal. Isso não a ajudou a entender o que eles estavam dizendo, mas foi reconfortante ouvir.

No fim da tarde, Letty foi embora sem se despedir de ninguém – simplesmente desapareceu. John estava prestes a acompanhar os três Sábios até os aposentos em que eles passariam a noite quando Anita ergueu a mão.

– Espere! – exclamou ela. – Esquecemos dos presentes que trouxemos para Lilly!

– É verdade – disse Simon. – Mas deixei o meu junto com a bagagem. Precisarei trazê-lo mais tarde. Amanhã, talvez?

– Presentes? – Lilly estava exausta, mas a curiosidade reacendeu o pouco da energia que lhe restava. A perspectiva de receber um presente de Simon causou-lhe um arrepio de ansiedade.

O jovem Sábio se afastou para um dos cantos do quarto, enquanto Anita e Gerald apalpavam os bolsos, tentando se lembrar de onde teriam guardado seus tesouros. A mulher encontrou o seu e se aproximou de Lilly.

– Minha querida – começou a falar Anita –, quando eu orava sobre vir ao seu encontro...

– Você fala sobre mim em suas orações?

– Todos falamos – atalhou Gerald. – A oração é basicamente uma conversa com Deus sobre a vida, as pessoas, o que temos diante de nós e o que nos importa naquele

momento. Isso lhe causa surpresa?

Ela fez que sim.

– Bem – voltou a falar Anita –, quando estava orando sobre vir ao seu encontro, isto vinha repetidamente à minha cabeça. – Ela abriu a mão e revelou uma pequenina chave de prata, ornamentada e talhada com esmero, que pendia de uma corrente também de prata.

– É lindo – disse Lilly. – Obrigada.

Anita pôs a peça delicada na mão da menina.

– Esta antiga chave está relacionada a um certo conto de fadas. Você conhece a história do ogro e da princesa?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Não importa. – Anita sorriu e as duas se abraçaram. – Lilly, esta chave não é apenas um enfeite, ela serve para abrir algo. Ainda não sei o quê. Mas você saberá, quando chegar a hora.

– Isso também se aplica ao presente que tenho para lhe dar – intrometeu-se Gerald, estendendo uma pequena caixa de joias. Ao abri-la, Lilly encontrou um anel de ouro. – É um anel de Noivado – disse ele. Lilly sorriu, sem entender o que aquilo significava. – Este anel tem sido repassado pela minha família desde os tempos nebulosos dos Inícios. Como Anita, também não sei por que ele é importante para você, mas aqui está.

– É como um anel de compromisso?

– Não. *Compromisso* é uma palavra muito pouco significativa. Já um Noivado é um pacto inabalável, uma declaração de matrimônio, ainda que ele possa levar anos para ser consumado. Este é o anel que o noivo dá à noiva como uma promessa de união.

Ele se inclinou para a frente a fim de tocar-lhe a testa. Embora o gesto íntimo tenha deixado Lilly tensa, ela o permitiu e agradeceu o presente.

Depois disso, John acompanhou os Sábios para fora do quarto. Simon, o último a sair, virou-se, sorriu e fez uma leve mesura.

Durante algum tempo, Lilly ficou calada, tentando processar os acontecimentos do dia. Refletir a respeito deles, no entanto, parecia deixá-la ainda mais aflita. Esperava que Han-el fosse real e estivesse por perto, mas isso também significava que o Anjo provavelmente sabia de tudo o que ela havia ocultado, e essa possibilidade a envergonhava. Mesmo assim, a simples ideia de um Guardião era um consolo.

Para sua surpresa, esses pensamentos também trouxeram à tona uma memória diferente: o rosto de um homem que ela não conseguia identificar.

8

INTENÇÕES ESPELHADAS



No início da manhã seguinte, quando a luz do sol começava a substituir as sombras da noite, Lilly escreveu pela primeira vez no diário que John lhe dera. Convidada pela página em branco, ela se lançou à escrita como uma águia mergulhando das alturas, rumo a uma honestidade que nunca havia explorado intencionalmente.

Apesar do que disse John, não acho que eu seja uma escritora. Aliás, não sei por que estou tentando me justificar, já que serei a única a ler estas palavras.

Não sei o que sou nem o que é real. Passo metade do tempo achando que estou louca e cercada por loucos, e a outra metade apenas confusa, com raiva, sufocada por emoções horríveis.

Às vezes, minha única vontade é gritar até não poder mais. Não quero que ninguém se preocupe comigo, mas logo depois quero, e quando isso acontece fico irritada e tenho vontade de morrer.

De todas as pessoas que conheci aqui, é de John que mais gosto, mas estou muito intrigada com esse novo cara que apareceu, um dos Três Reis Magos (acho que era assim que eles eram chamados nas histórias que contavam na escola dominical, embora eu não seja o bebê Jesus que eles estão procurando). O nome dele é Simon. Ele é mais velho do que eu, mas, de todos, é o que está mais próximo da minha idade. Anita e Gerald me deram uma chave e um anel, e Simon disse que me entregaria o seu presente mais tarde. Acho que ele queria apenas conversar comigo a sós. Não consigo parar de pensar nele. É como se ele fosse perigoso, mas em um bom sentido.

Ontem foi uma loucura. Tanta coisa aconteceu que nem sei por onde começar. Eva me levou para ver Adão (só de escrever isso pareço maluca), mas acabamos encontrando uma serpente falante que quase me matou de medo. Os Reis Magos apareceram e eu vi Letty pela primeira vez. Ainda não sei por que ela está sempre sussurrando algo. Eles disseram que eu sou uma Testemunha dos Inícios. Não contei a ninguém que Eva já havia me dito isso.

Tenho olhado bastante para os meus braços. Acho que, na minha outra vida, eu costumava me cortar. Isso também me assusta muito. Talvez seja melhor não lembrar, mas não consigo evitar os flashbacks e as alucinações.

Fico olhando para as ondas do mar... O ir e vir da maré é mais ou menos como a minha vontade de viver e morrer ao mesmo tempo. Quase sempre, tudo o que consigo ver são as ondas, e não sei dizer se a maré está alta ou baixa. Será que Simon virá hoje? Provavelmente não.

Lilly puxou as cobertas para dar uma olhada no pé que não era dela. Perguntou-se quem teria sido sua dona original. Ele parecia completamente funcional, embora muito mais branco e sardento que seu pé direito.

Mulheres vestidas como se pertencessem a algum tipo de ordem religiosa apareceram para ajudá-la com seus rituais matinais. Não falavam nada, mas eram gentis e sorridentes. A presença delas era bem-vinda e reconfortante. John chegou com o café da manhã, a primeira comida de verdade que recebia depois daquela deliciosa sopa. Quando terminaram de comer, ele se afastou e deixou-a olhando para a magnífica vista do oceano lá embaixo.

Lilly cumpriu sua rotina de exercícios, contraindo e relaxando cada um de seus músculos, começando pelos dedos dos pés e subindo por todo o corpo até o nariz. Repetia esse processo seis vezes por dia, da hora que acordava até a hora de dormir. Bastava pressionar um botão para transformar sua cama em cadeira de rodas, e ela precisou se esforçar para resistir à tentação de se levantar e ficar de pé por conta própria. Aparentemente, sua total recuperação era apenas uma questão de tempo.

Mais tarde, John voltou com uma surpresa para ela: inclinou um pouco mais a cadeira e levou-a até um pátio aberto, que ficava em cima dos aposentos onde ela estava se recuperando. Pela primeira vez, Lilly pôde sentir o abraço do vento e do sol sem nenhuma barreira entre eles. O lugar era pequeno, mas era como um ninho de pássaro no topo de um mastro, e oferecia uma vista panorâmica estonteante. Ele a deixou ali e foi cuidar de outros assuntos.

Um parapeito firme era tudo o que havia entre o chão e alguns milhares de metros de queda livre. Ela optou por não se aproximar demais com sua cadeira. Mas, mesmo de longe, uma onda de vertigem e prazer a invadiu.

Com o rosto voltado para cima, Lilly saboreou o sol de fim de tarde. Um vento brinçalhão soprava seus cabelos soltos. Apesar da tristeza onipresente, ela se sentia quase feliz. De repente, esse bem-estar foi interrompido pela sensação de estar sendo

observada. Ela se encolheu, sentindo como se uma mão feita de gelo tivesse tocado a sua. A menos de 3 metros de distância, observando a paisagem como ela, estava Simon.

Alto e magro, agora ele estava vestido com elegância, porém com roupas um pouco pesadas para aquele dia quente. A camisa branca de botão, adornada com uma gravata-borboleta vermelha, destacava seus traços e seus olhos castanhos. Percebendo a tensão da menina, Simon falou sem se virar para ela, a voz surpreendentemente gentil:

– Não tenha medo – afirmou ele. – Não tive a intenção de assustá-la.

– Mas assustou! Não ouvi você chegar... Fiquei surpresa, só isso – retrucou ela.

– Eu sou mesmo silencioso. Não atraio muita atenção, pelo menos não de propósito. Onde está o Catalogador? – perguntou, finalmente virando-se para ela e oferecendo-lhe um sorriso. – Imaginei que seu guardião estivesse sempre com você.

– Não sei onde ele está.

– Não tem problema – declarou o Sábio. – Queria mesmo ter a oportunidade de conversar a sós com você, se não se incomodar.

O sorriso que se abriu dentro dela quase chegou aos lábios, mas Lilly o conteve. Aquele homem era um estranho e ela não podia baixar a guarda. Havia uma aura de perigo e deleite ao redor dele e, de certa forma, aquilo era prazeroso.

– Você é quem sabe – disse ela. – Podemos chamar John para se juntar a nós.

Era um jogo, e ela sabia disso. Suspeitava que ele também soubesse.

– Lilith... – disse ele.

– Lilly – interrompeu ela. – Meu nome é Lilly.

– Claro. – Ele apertou os lábios. – Seja como for, você foi escolhida como a Testemunha dos Inícios, e isso é muito importante. Estou profundamente honrado em conhecê-la, não importa o que os outros tenham dito.

– Que outros? O que eles disseram? – Até ali, ela vinha se sentindo lisonjeada, mas então ficou subitamente insegura.

Simon pareceu constrangido e logo se desculpou.

– Não pretendo espalhar calúnias. Estou certo de que eles têm boas intenções.

– Quem?

– Os outros, os mais velhos.

– O que eles disseram?

– Bem... Por exemplo, que você é apenas uma criança. Não é assim que eu a vejo. Por outro lado, eles têm razão quando dizem que você é jovem e inexperiente. Mas não é nesse ponto que eu quero chegar. Concordo também que você ainda não compreendeu sua importância singular e a gravidade das escolhas que terá pela frente. Humildemente, acho que você precisará que alguém esteja do seu lado para oferecer orientações concretas.

– Alguém como você, imagino? – Lilly estava irritada com todos, e sua frustração generalizada agora encontrava um ponto de convergência.

Simon não respondeu.

– Por que tenho uma *importância singular*?

– Porque você tem o poder de mudar a história!

O poder dessa afirmação era quase inconcebível, mas a postura dele era tão firme quanto sua declaração.

– C-como? – gaguejou ela.

– Lilith, você foi escolhida para ser a Testemunha dos Inícios. Concentre-se no que lhe foi dito na noite passada. Como testemunha, você não apenas é a fotógrafa, mas participa ativamente da fotografia. Isso significa que suas escolhas podem mudar tudo, podem alterar a história de todas as pessoas.

A confusão de Lilly era tão grande que ela nem sequer se deu o trabalho de voltar a corrigir seu nome. O que Simon estava dizendo fazia algum sentido. Havia um propósito para ela estar ali, para ela ser a Testemunha. E se ele estivesse certo? Ao afetar a história do mundo, ela poderia afetar a própria vida? Se alterasse os Inícios, também não alteraria os Finais?

Sentiu-se eufórica com aquela enxurrada de possibilidades. No entanto, logo depois perdeu o ânimo.

– Achei que não podia interferir – disse ela.

– Não interferir, participar – falou Simon. – Posso ajudá-la. E Deus lhe dará sabedoria. Por que Ele a colocaria nesta situação para então abandoná-la ao fracasso? Você é capaz disso, Lilith. Acredito em você.

Esse era o incentivo do qual Lilly precisava, mesmo sem saber. Respirando fundo, ela se permitiu relaxar. Ele deu um passo na direção dela, ainda mantendo uma distância segura.

– E o que devo fazer agora?

Simon se aproximou mais um pouco.

– Precisamos levá-la ao Cofre. Ele parece ser a chave para tudo. Meu conselho, por enquanto, é que você confie em seus instintos. Você foi escolhida por ser quem é. Portanto, as escolhas corretas virão quando você souber quem é de verdade.

– Simon, meu passado é quase todo nebuloso. Tenho flashbacks, mas eles são quase sempre apavorantes. – Enquanto dizia essas palavras, Lilly percebeu que já estava dando àquele homem acesso a lugares para os quais ninguém mais havia sido convidado. – Como posso descobrir quem sou de verdade?

– Foi para ajudá-la nisso, minha jovem, que eu lhe trouxe o *meu* presente. – Então, com um floreio, Simon retirou do bolso um espelho de mão, a moldura e o cabo entalhados com esmero.

– É lindo – disse Lilly, pegando o objeto e pousando-o no colo. – Onde arranhou isto?

Simon hesitou, uma sombra de tristeza nublando sua expressão por um instante.

– Era da minha esposa.

– Sua esposa? – Lilly encheu-se de compaixão por ele; ao mesmo tempo, a ideia

de receber aquele presente lhe causava repulsa. Ela tentou devolvê-lo. – Não posso aceitar.

– Mas deve! – insistiu Simon. – Minha esposa... ela está em um lugar muito melhor agora. Se estivesse aqui e soubesse quem você é, iria querer que o aceitasse. Por favor. Este não é um espelho comum. Ele é capaz de revelar a verdade, se você souber o segredo dele. Segundo a lenda, seu poder de reflexão vem da primeira lagoa em que Adão viu o próprio rosto. Fique com ele, por favor.

Apenas naquele momento é que Lilly se deu conta de que não tinha visto o próprio rosto desde que chegara ao Refúgio. Em nenhum lugar de sua memória havia um rosto que ela reconhecesse como seu. Simon assentiu para ela com a cabeça, incentivando-a, e Lilly olhou-se no espelho.

Ela não viu nada. O reflexo do espelho mostrava apenas uma nuvem cinzenta que se movia como se estivesse sendo soprada pelo vento. Lilly olhou para Simon, confusa.

– Eu disse que ele tinha um segredo – respondeu, bem-humorado e gentil.

Ele pousou a mão sobre a dela e virou o espelho ao contrário. O toque de Simon era frio e refrescava a pele dela aquecida pelo sol.

– Está vendo esta pedra vermelha e brilhante? – perguntou Simon, indicando o cabo do espelho. Ela inspecionou com mais atenção. – Quando você põe o polegar direito sobre esta pedra e coloca o espelho diante do rosto, ele revela a verdade sobre quem você é.

Ela deslizou o polegar até a pedra.

– Antes de você fazer isso, preciso alertá-la de uma coisa. – A voz dele era séria e firme. – Este não é um processo indolor. Você verá a verdade, e isso pode ser muito difícil. E você só será capaz de cumprir seu destino quando se comprometer a acreditar no que vai ver.

Neste instante, uma sombra passou por eles e Simon arrancou o espelho da mão de Lilly, guardando-o de volta no bolso. Era uma águia gigantesca, que passou voando a poucos metros de distância.

– Simon, qual é o problema? É apenas uma águia. A maior que eu já vi, mas não deixa de ser apenas uma águia.

– Não, é um ladrão! – afirmou o Sábio. – Eles roubam reflexos para os seus filhos. Essas criaturas me dão nos nervos.

Eles observaram o pássaro desaparecer ao longe antes de Simon lhe devolver seu presente, os olhos ainda fixos no céu.

– Você deve ficar atenta e manter este espelho escondido. Ele é apenas para você, um presente à altura de sua importância inigualável.

Simon se virou para ela e deu um sorriso, a preocupação dando lugar novamente à gentileza. De outro bolso, ele retirou um saco de pano.

– Tome. Coloque o espelho neste saco e ambos serão camuflados por qualquer coisa que tocarem.

Quando ele guardou o espelho no saco, os dois desapareceram; não totalmente, mas quase. Contra o céu, o conjunto parecia uma janela cintilante, porém distorcida. Simon pousou o presente no colo de Lilly e ele absorveu as cores de sua coberta, misturando-se completamente a ela.

Lilly apertou a mão dele. Sentia-se dividida, ao mesmo tempo atraída e repelida pelas palavras do Sábio. A serenidade que conquistara ao lado de John tinha desaparecido, substituída por uma gama diferente de emoções. Como podia estar simultaneamente assustada e intrigada, esperançosa e hesitante? Simon trazia à tona todos esses sentimentos.

– Obrigada – disse ela. – Eu... Tenho algumas coisas que preciso contar para você...

Lilly pretendia confessar àquele homem tudo o que havia ocultado dos demais; no entanto, quando abriu a boca para falar, ouviu o som de um assobio vindo do andar de baixo. Virou-se para a porta e viu John chegar, apertando os olhos ao deixar a penumbra do interior do edifício e entrar no pátio banhado de luz.

Quando olhou de volta para Simon, Lilly levou um susto. Ele havia sumido, desaparecido tão completamente quanto o espelho. Ela se apressou em colocar seu presente debaixo da coberta. Toda aquela farsa fez seu rosto ficar vermelho. Ela torceu para John não perceber.

– *Aí está você!* – exclamou ele. – Estou vendo pelas suas bochechas coradas que aproveitou bem o tempo que passou aqui em cima. Mas agora é hora de ir. – Ele olhou em volta, com ar de curiosidade. – Você estava falando com alguém ou foi impressão minha?

Sentindo-se prisioneira da mentira crescente, ela elaborou um pouco mais a história.

– Talvez você tenha me ouvido conversar com os Invisíveis – sugeriu, indicando com um gesto o vazio ao seu redor.

Isso não é exatamente uma mentira, justificou-se ela em pensamento.

– Quem sabe? – respondeu ele, rindo. – Está pronta? Os Sábios devem se juntar a nós para o jantar, e você deveria descansar um pouco antes.

Enquanto eles desciam lentamente, Lilly manteve as mãos debaixo da coberta, segurando o espelho. Ele parecia intrigante, como um embrulho de presente não aberto. De todo modo, precisaria esperar.

– John, quero lhe pedir um favor.

– É só falar.

– Passei a tarde inteira descansando. Será que você poderia me contar o restante da história do Éden antes do jantar?

– Claro. – John ficou calado por alguns instantes. – Mas por que esse interesse repentino?

– Estive pensando que talvez possa me ajudar a entender por que estou aqui e o que devo fazer. Até hoje, a história de Adão e Eva esteve no mesmo patamar dos

contos de fadas. Por isso gostaria de ouvi-la de novo, desta vez a versão das Escrituras. Acho que quero estar preparada para o que virá.

John parou a cadeira de Lilly na recepção, afastou-se por uns instantes e reapareceu com um grande livro nas mãos. Puxou uma poltrona confortável e abriu o livro pela contracapa.

– Deixe-me ver... Onde foi que paramos mesmo?

Ele folheou o livro e parou em uma página. Ela assentiu, dizendo que ele podia começar a leitura.

Enquanto lia, John às vezes levantava a cabeça para verificar a reação de Lilly. Ela estava sempre interessada e concentrada no que ouvia. Algumas vezes, pedia que ele repetisse um verso ou uma frase, mas, fora isso, não solicitou explicações adicionais.

– Então Deus expulsou o homem e, a leste do Jardim do Éden, posicionou dois Querubins e a espada flamejante, voltados para todas as direções e protegendo o caminho de volta para a Árvore da Vida – concluiu ele.

– Nossa! – exclamou Lilly, a voz grave. – Acho que nunca tinha ouvido a verdadeira história antes. É linda e incrivelmente triste.

– Quer conversar sobre ela? – perguntou John, pousando o livro numa mesa próxima.

– Agora não. Preciso digerir o que acabei de ouvir. Será que você poderia me levar de volta para o meu quarto?

Ele fez que sim com a cabeça, levantou-se e empurrou a cadeira até o quarto.

– Voltarei para buscar você quando os outros chegarem. Não vai demorar muito.

– Posso fazer só mais uma pergunta?

– Já estava estranhando você não ter feito uma “última pergunta” – respondeu ele, sorrindo.

– Você também foi uma Testemunha?

Ele pareceu surpreso.

– Lilly, de onde você tirou isso?

– Alguém disse perto de mim muito tempo atrás, enquanto eu ainda estava deitada, sem conseguir me mover. Não tive a intenção de bisbilhotar.

– Não tem problema. E, sim, é verdade.

– O que você testemunhou? Os Inícios?

– Os Novos Inícios, poderíamos dizer. Testemunhei a chegada do Homem Eterno como o segundo Adão.

– O *segundo* Adão? – perguntou, espantada. Em seguida levantou a mão e balançou a cabeça. – Não precisa me contar agora. Você soube o que fazer?

– Você percebeu que fez *cinco* últimas perguntas? – disse ele, rindo com ternura e serenidade. Mas depois respondeu: – Sim, eu sabia que era uma Testemunha e que precisaria aprender a confiar. Todo o resto foi acontecendo naturalmente e eu apenas

reagi aos acontecimentos. Alguns diriam que não muito bem, aliás. Mas, mesmo depois de todos esses anos, eu não faria nada diferente.

– John, você mudou o mundo?

– Sim, Lilly. Eu mudei o mundo. É isso que as Testemunhas fazem. – Então ele saiu e fechou a porta sem fazer barulho.

Baixando a cobertura, ela olhou para o espelho, cuja superfície exibia as mesmas nuvens cinzentas e revoltas de antes. Aquele objeto era um convite sedutor para descobrir a verdade, mas parecia também perigoso. Será que ela gostaria mesmo de saber quem era?

Ela levou sua cadeira até uma penteadeira e abriu a primeira gaveta, depositando o espelho junto com seus outros presentes: o anel de Gerald, a chave de Anita e o diário de John. Fossem quais fossem as verdades que seu reflexo tivesse para lhe revelar, elas teriam que esperar um pouco mais.



Conforme prometido, John não demorou a voltar e levá-la até onde o jantar estava sendo servido. As especiarias que temperavam as carnes grelhadas e os legumes frescos provocavam seus sentidos, mas o prato de Lilly era uma mistura insossa de grãos, ervas e plantas medicinais. No entanto, ela não questionou nada daquilo, pois sua mente estava ocupada com coisas que pareciam mais relevantes.

Lilly sentiu um arrepio, presentindo a chegada de Simon antes de ele entrar no recinto. Ele estava vestido como mais cedo, com a camisa branca e a graveta-borboleta vermelha.

– Já vi uma gravata parecida com esta antes – comentou John. – Ela pertencia a um sujeito chamado Cobrador.

Lilly achou engraçado.

– Você tem um amigo chamado Cobrador?

– Talvez a nossa relação pudesse mesmo ser chamada de amizade... mas confesso que venho evitando esse amigo há muito tempo.

– Seu amigo tem bom gosto para moda – brincou Simon.

– Nunca entendi esse acessório – retrucou John. – Sempre me pareceu exagerado. Não no seu caso, Simon. Em você até que cai bem.

Como estava com os sentidos mais aguçados, Lilly achava que toda aquela conversa tinha um duplo sentido. Tentar deduzir o que eles diziam nas entrelinhas era cansativo, e ela logo desistiu.

Durante o jantar, Lilly de vez em quando olhava na direção de Simon, mas ele nunca lhe dava atenção. Agia como se nada tivesse acontecido. Teria ela imaginado a química entre os dois?

Quando todos acabaram de comer, Lilly pediu para se retirar e John a ajudou a voltar para o quarto. Logo depois de ele ir embora, uma Enfermeira chegou para

ajudá-la com a rotina noturna. Quando ela saiu, Lilly moveu a cadeira até a penteadeira, abriu a primeira gaveta e tocou um presente de cada vez, a mão parando sobre o espelho quase invisível. Por fim, pegou o diário e uma caneta e começou a escrever.

Estou mais confusa do que nunca sobre basicamente tudo. Simon veio me ver, sozinho, no Pátio do Castelo (eu que inventei esse nome), que fica no ponto mais alto do Refúgio. Quase fomos pegos por John. Simon faz com que eu me sinta viva, mas não gosto de ter que esconder mais coisas de John. Quando começo a pensar nisso, parece totalmente errado, então evito pensar.

Simon me deu um presente mágico, um espelho que vai me dizer a verdade sobre quem eu sou. Ele tem um segredo, mas ainda não sei qual é. Estou com medo e, além do mais, não tive muita chance para fazer isso. O que mais...? John e Simon tiveram uma conversa estranha sobre um tal Cobrador. John pareceu meio desconfortável ao falar sobre ele, então talvez eles não fossem exatamente amigos.

É como se a aventura estivesse apenas começando, mas sinto que, com a ajuda de Simon, sou capaz de fazer o que é preciso, seja lá o que isso signifique. Fico feliz que Anita, Gerald e John estejam do meu lado, e espero que Han-el seja real. Parece desonesto da minha parte manter segredo sobre o que vi, sobre o Homem Eterno, Eva, Adão e a Criação. Sinto saudades de Eva. Talvez ela pudesse me dar algumas respostas. Por outro lado, posso apenas estar louca.

Lilly fechou o diário, selando-o com a impressão digital de seu polegar esquerdo. Estranho, ainda não tinha reparado que o diário e o espelho eram ativados de maneiras opostas. O polegar esquerdo protegia os segredos do diário, enquanto o direito destravava os do espelho.

Uma leve fragrância de incenso e sálvia começou a preencher o ambiente, como se uma mistura de ervas estivesse sendo fervida perto dali. Imaginou que seria apenas reflexo do seu cansaço, então guardou o diário e a caneta de volta na gaveta.

Mas o quarto estava se transformando. Ela se sentiu zonha, perdeu o equilíbrio e teve a impressão de ouvir o zumbido de Letty ao longe.

Lilly estava prestes a fechar a penteadeira quando foi atacada. Uma serpente surgiu de um canto escuro da gaveta, saltando direto para o seu rosto. Instintivamente, ela gritou e ergueu o braço a tempo de proteger o rosto, mas as presas da serpente afundaram em seu braço, logo acima do punho. Ela tornou a gritar, debatendo-se enquanto a criatura continuava a se arrastar para fora da gaveta. A serpente era muito longa e começou a se enroscar em volta dela, arrancando-a da cadeira e derrubando-a no chão.

A serpente se preparava para dar outro bote quando uma forte luz atravessou o quarto como um raio. Lilly estava paralisada, incapaz de se mover ou enxergar, apenas ouvindo a confusão de vozes que se aproximava. Ela reconheceu a de John,

dos Sábios e de Letty.

– Isso não é uma crise convulsiva – disse John, a voz carregada de preocupação.
– É outra coisa. Ninguém deve tocar nela até que ela seja examinada por um Curador.

– Lilly, está me ouvindo? Consegue abrir os olhos?

Ela sentiu a proximidade de John, ouviu sua voz, mas não foi capaz de reagir. No entanto, a simples presença dele a encheu de alívio.

– A julgar pelas lágrimas, acredito que você consiga me ouvir – disse John, emocionado. – Estamos do seu lado, você está segura e não há nada que precise fazer agora.

– O que aconteceu? – perguntou Anita.

– Ninguém sabe ainda. Letty saiu correndo como um furacão, gritando que o Refúgio tinha sido invadido, e então desapareceu em um clarão de luz. Ouvimos gritos e encontramos Lilly caída no chão, petrificada. Fora isso, o quarto parece estar exatamente como antes.

– Estamos prontos para colocá-la na cama – disse uma voz desconhecida. – Precisamos medir a temperatura dela imediatamente.

Lilly não sentia nada, apenas uma estranha euforia. Não sabia o que havia tomado conta do seu corpo, mas não era de todo ruim, pois tinha a sensação de estar sem peso, flutuando. Porém, lenta e inesperadamente, os dois círculos em seu punho ardiam como fogo, o local onde a serpente enterrara suas presas. *Como eles ainda não viram?*

– Simon, a primeira gaveta da penteadeira está aberta. Pode me dizer o que há lá dentro? – A frustração era perceptível na voz de John.

Poucos instantes depois, o Sábio disse:

– Não tem nada aqui além de uma espécie de diário. Ele parece estar trancado.

– Mais nada?

– Mais nada.

Onde estão os presentes? O anel, a chave e o espelho? Lilly conseguia sentir seu coração acelerando no peito, o latejar se espalhando pelo seu corpo a partir da mordida, abafando os sons da conversa. O pânico substituiu a sensação de estar flutuando. Ela tentou gritar, mas não conseguiu.

– Ela está tendo uma parada cardíaca – gritou alguém. – Letty?

Então veio outro clarão de luz e tudo mergulhou na escuridão.

9

SOMBRAS DO AFASTAMENTO



Ainda imóvel, Lilly abriu os olhos lentamente. Estava numa clareira, de costas para os muros ondulantes do Éden. Diante dela, Adão fitava a serpente, que, no entanto, olhava para Lilly como se não houvesse passado nem uma fração de segundo desde a última vez que estivera ali. Seu punho ainda latejava, mas a pressão da mão de Eva em seu braço fazia a dor diminuir.

– Precisamos impedir isso – sussurrou Lilly por entre os dentes. – Algo terrível está prestes a acontecer.

A língua da serpente saltou para fora e saboreou o ar, como se buscasse algo. Lilly recuou um passo, aproximando-se mais da presença protetora de sua Mãe.

– Não – respondeu Eva com firmeza. – Ainda não é o momento.

O animal tornou a voltar sua atenção para o jovem.

– Como você é o filho de Deus – declarou a serpente em tom respeitoso, fazendo uma reverência –, serei sua humilde e eterna serva.

Adão sentou-se no chão, e Lilly pôde sentir que ele estava intrigado.

– Como é possível que você saiba falar? – perguntou Adão, curioso.

– Toda a criação é capaz de falar – respondeu a serpente. – Talvez, quando você estiver mais maduro, eu possa dividir esse conhecimento com você. Ele vai abrir seus olhos e seus ouvidos.

– Você nunca esteve dentro do Éden? – questionou Adão, indicando a muralha de energia pulsante. – Existe conhecimento lá dentro. Há uma Árvore do Conhecimento lá.

– Uma Árvore do Conhecimento? Ora, isso é bom. O conhecimento permite o

domínio – respondeu a serpente. – Como você, eu fui criada fora dos muros do Éden...

– Como eu? – Adão riu, e Lilly riu também, embora não entendesse por quê. – Achei que você não soubesse quem eu sou, mas vejo que sabe que nasci fora dos limites do jardim.

– Toda a criação foi concebida do lado de fora dos muros do Éden. O sopro da vida que anima você vem de Deus, e minha sabedoria vem da criação, mas nós dois somos feitos do mesmo pó. Você, no entanto, foi levado para dentro do jardim.

– Mas você não. Há morte dentro de você? – perguntou Adão.

– Não há vida ou morte em mim, meu jovem. Posso ser mais sutil e sagaz do que os outros animais, mas também sou parte da boa criação de Deus.

– A serpente está mentindo – rosnou Lilly.

– Não, não está – sussurrou Eva. – Não até Adão mentir.

Lilly percebia que Adão estava hipnotizado. Lá estava uma criatura com a qual ele podia conversar. Isso o deixava ao mesmo tempo perplexo e exultante.

– Por que você nunca atravessou os portões? – perguntou.

– O seu domínio é o Éden. Minha morada é o restante da criação – afirmou a serpente.

Adão refletiu por um instante.

– Adonai me disse que eu vou expandir o Éden para incluir toda a criação.

– É para isto que trabalho: para preparar o caminho para você e seu domínio.

Adão achou fascinante ter um aliado, Lilly percebeu.

– Existem outros do seu tipo? – perguntou Adão.

– Há muitos do meu tipo fora do Éden. Existem outros do *seu* tipo? – retorquiu a serpente.

Não havia acusação na pergunta da serpente, mas Lilly pôde sentir que ela pegou Adão de surpresa. Ele ficou desorientado e olhou pensativo para o chão enquanto a criatura esperava pela sua resposta.

– Não, não há ninguém semelhante a mim – admitiu ele enfim, com uma ponta de tristeza na voz. – Mas esta noite pedirei a Adonai que convide você a entrar.

– Se o Éden é o seu domínio, não é direito seu fazer um convite sem precisar pedir permissão? Por que não usa da autoridade que possui para encobrir sua fraqueza infantil? Não seria este um teste de maturidade, uma maneira de incentivá-lo a agir como filho de Deus, uma vez que está sozinho nesse papel?

Adão fechou o semblante. Ele se levantou e foi andando em direção à serpente até os dois estarem separados por apenas alguns centímetros.

– Eu fui criado do ser eterno de Adonai! – Adão parecia estar tentando convencer a si próprio. – Estou vivo graças ao próprio Sopro de Deus.

– Deus não está sozinho.

– *Eu não estou sozinho!* – negou Adão, gritando. Apesar disso, a dúvida havia se enraizado em sua mente. – Nunca estive sozinho. Confio no Amor e na Palavra de

Adonai. Sou filho de Seu leite.

Lilly estava atônita, e também sentia a agitação crescente de Eva, que segurava seu braço cada vez com mais força. Por fim, a mulher puxou Lilly para si e falou em seu ouvido:

– É chegada a hora. Uma de nós precisa encontrar Adonai e contar a Ele o que está acontecendo.

– Mas Ele já não sabe? Já não está aqui?

– Sim, mas nós também estamos e nossa participação é importante. Vá e encontre Adonai, Lilly.

Algo havia mudado entre as duas, uma coisa pequena, como uma nota inesperada em uma canção familiar.

– Você não confia em mim o suficiente para me deixar sozinha com Adão? – perguntou a menina.

– Eu confio em Adonai – respondeu Eva.

Lilly não tinha argumentos contra aquela resposta. Com uma pontada de decepção, teve a sensação de estar sendo afastada dali.

– Vou ficar com Adão – decidiu. Imediatamente, seu braço ferido começou a latejar, mas ela ignorou a sensação.

Adão havia caído em silêncio, sentindo pela primeira vez uma nova emoção: a solidão. Lilly a conhecia bem e compartilhava da sua dor. Sentia o coração partido enquanto o observava se afastar com a cabeça baixa.

– Antes de você ir embora – chamou a serpente –, tenho um presente para lhe dar.

Adão se virou. A criatura retirou da vegetação rasteira um emaranhado de ramos retorcidos e o jogou aos pés do jovem.

– O que é isso? – perguntou Adão, retirando um objeto de dentro do embrulho e erguendo-o contra a luz.

– Retire-o da bainha como se tirasse uma criatura de sua toca. Isto é um punhal, e este em especial tem um nome: Machiara.

Com um arquejo de espanto, Lilly o reconheceu: era o mesmo punhal que o Querubim Ungido tinha usado para cortar o cordão umbilical de Adão e desligá-lo da terra. Enquanto Adão o sacava da bainha, a lâmina brilhou sob o sol da tarde, cegando-o momentaneamente. Nessa confusão, Adão largou o punhal e a lâmina cortou a palma de sua mão antes de cair no solo.

– Que tipo de presente é este? – exclamou Adão, observando o sangue escorrer pela sua mão e depois lançando um olhar enfiado para a serpente. – Um presente para me causar dor?

– Um presente para lhe trazer vida. Machiara foi usada apenas uma vez.

– Para quê? – perguntou Adão.

– Para separar o filho de Deus do domínio da criação.

Adão vacilou.

– Mas *eu* sou o filho de Deus.

A serpente inclinou a cabeça em direção ao rosto de Adão.

– Mas você sangrou. A sua vida está em seu sangue, jovem filho de Deus.

– Em meu sangue? Então este punhal pode me matar? – Esfregando a mão na lama que cobria seu corpo, Adão estancou a hemorragia. – Ou você quer dizer que o sangue vivo pode destruir a morte? Ou que este punhal tem o poder tanto da vida quanto da morte?

– Apenas o filho de Deus pode dizer tais coisas. Você tem o domínio. Você determina seu propósito. – A serpente esticou a língua para fora, tocando o rosto do humano. – A não ser que você seja indigno.

Lilly tinha a sensação de estar sendo engolida pelos pensamentos de Adão, totalmente sozinha e desesperada. Desejou que Eva voltasse.

– Eu?

– Sim. – A serpente se afastou. – Antes, você era um de nós, mas a Machiara o separou. Agora, parece que está sozinho e entre uma coisa e outra: não é o Criador e tampouco a criatura. Vá comer da Árvore do Conhecimento e volte depois que se tornar digno.

O jovem vacilou.

– Não posso.

A serpente ficou calada. Adão devolveu o punhal à bainha e, sem dizer mais nenhuma palavra, virou-se e foi andando em direção ao Éden.

– O que é você e por que está aqui?

A serpente estava logo atrás de Lilly. Ela fechou os olhos, amedrontada demais para encarar o animal. O ardor da picada começou a se espalhar pelo seu braço. A cabeça latejava. Mas, ao mesmo tempo, uma doçura sutil se misturava ao pavor que ela sentia, atraindo-a para águas profundas. Lilly estava prestes a se entregar quando duas mãos familiares agarraram suas mãos. Sobressaltada, ela levantou a cabeça e deparou com os olhos de Eva.

– Shhh. Lilly, ouça. A serpente não consegue vê-la com clareza, mas de alguma maneira sabe que você está aqui – sussurrou a mulher. – Venha. Siga-me! – Eva conduziu Lilly para longe da serpente e de volta para o Éden.

Quando já haviam se afastado bastante, a menina finalmente perguntou:

– Ela foi embora?

– Sim!

– Mãe Eva, onde você estava? – perguntou Lilly, brava. – Você me deixou sozinha com aquela coisa. E onde está Adonai?

Eva parecia intrigada.

– Lilly, estávamos ao seu lado o tempo todo. Você não conseguia nos ver?

– Não! Achei que estava sozinha. Eu me senti abandonada e totalmente só. – Lilly baixou a cabeça e começou a chorar. – Senti tanto medo! Foi horrível.

– Minha querida, você não estava sentindo apenas suas próprias angústias, mas

as de Adão também. Você é filha dele. – Eva suspirou e abraçou a menina com força. Sua voz estava rouca de emoção. – Lilly, você sentiu o desespero do afastamento de Adão; ele escolheu acreditar que está sozinho. Você é mesmo filha de seu pai!

– E agora? – perguntou Lilly enquanto recuperava as forças.

– Esta noite você testemunhará a primeira Grande Tristeza.

Eva tinha razão. Naquela noite, não houve nem sinal das brincadeiras e conversas alegres entre Adão e Deus. Algo havia mudado, e Lilly sentia que Adão se aprofundava em pensamentos turbulentos. Embora andassem lado a lado em silêncio enquanto adentravam a escuridão, era como se Adonai estivesse ausente. As perguntas que atormentavam sua alma evoluíram para suspeitas, que por sua vez conduziram a uma conclusão não declarada: ele estava sozinho.

Adão não contou para Adonai sobre seu encontro com a serpente, e Lilly compreendia por quê. Como ele, ela também guardava segredos.

– O Senhor me amaria... – começou a falar Adão depois de um longo silêncio –, mesmo que eu carregasse a escuridão dentro de mim?

– Meu amor nunca será condicionado por nada, nem pela escuridão nem por qualquer coisa que possa haver em você – respondeu Adonai, apertando a mão do filho. – Eu sei quem você é de verdade.

– Se eu lhe der as costas, o Senhor dará as costas a mim?

– Não, meu filho. Você nunca será abandonado ou renegado.

Aquelas palavras eram reconfortantes e bastavam para o dia de hoje. Nada mais foi dito enquanto Lilly testemunhava o Homem Eterno chorar e Adão dormir aninhado em seus braços.

– E assim começa – falou Deus – a Tristeza do Afastamento.

– Esta é a primeira coisa Não Boa – lamentou Adonai. – Adão escolheu acreditar que está sozinho e viver longe do único amor que o ampara dia após dia. Daremos a ele outro poder antes que se afaste por completo.

– Pela manhã, quando acordar – sussurrou o Sopro de Deus –, ele começará a dar nome aos animais.

Uma sensação de desamparo ameaçou rasgar a alma de Lilly.

– Estamos pedidos para sempre? – murmurou ela para a Mãe.

Da noite que se estendia atrás de Eva e Lilly, dois braços surgiram para abraçá-las. Sem precisar olhar, a menina soube que era Adonai. O calor daquele abraço fez seu medo recuar.

– Lilly, você nunca estará perdida – sussurrou Ele. – Sempre será encontrada.

A agradável sensação de ser abraçada permaneceu mesmo depois que Lilly acordou em seu quarto no Refúgio. A julgar pela luminosidade, estava quase amanhecendo.

John dormia profundamente em uma cadeira ao lado da cama, e Lilly sorriu ao ver a mão dele pousada sobre a sua. Durante algum tempo, ela apenas ficou deitada em silêncio, deixando as ondas de emoções banharem aos poucos sua alma.

Quando ela finalmente moveu a mão, John acordou.

– Bem-vinda de volta – falou ele, a voz rouca. – Você torna minha vida muito emocionante, Lilly. Como se sente?

– Bem. Com um pouco de calor.

– Você tem tido alguns episódios de febre. Ainda não conseguimos descobrir por quê. – Ele se levantou e alisou a camisa amarrotada. – Você se lembra do que aconteceu na noite passada?

– Sim, fui picada por uma serpente!

John parecia chocado.

– Uma serpente? Aqui? Onde ela picou você?

Lilly levantou o braço direito para mostrar as duas perfurações inflamadas deixadas pela picada. Ele olhou com atenção, aumentou as luzes e tornou a olhar, intrigado. Em seguida, pousou o braço dela com cuidado na cama.

– Acredito em você, querida, mas não vejo nada.

– Como assim? Está bem aqui. – Ela apontou os dois pontos vermelhos, que ficavam cada vez maiores. Ele tocou a área e ela se encolheu.

– Isso não é nada bom! – declarou ele. – Letty nos alertou de que o Refúgio tinha sido invadido, mas não sabíamos pelo quê nem como. – Ele se encaminhou para a porta e disse: – Preciso avisar os outros. Você não está em segurança aqui, e não quero correr o risco de outro ataque. Precisamos transferir você para o Cofre hoje mesmo.

– O Cofre?

– É o lugar mais seguro da ilha. Onde estava a serpente quando ela atacou você?

Lilly apontou para a penteadeira.

– Na primeira gaveta.

– Havia mais alguma coisa lá dentro?

– Os presentes que os Sábios me deram. E o meu diário.

– O seu diário continua ali, mas os presentes desapareceram. – Ele alisou a barba curta com a mão. – Isso está ficando cada vez mais estranho.

A hesitação atípica de John causava-lhe angústia. Embora continuasse recostada, Lilly sentia-se cada vez mais fraca. Quando notou sua aflição, John imediatamente adotou uma expressão de confiança.

– Não se preocupe – disse ele, apertando a mão dela. – Os Sábios e eu não deixaremos que nada lhe faça mal. Você é preciosa demais para nós. Acredita em mim?

Ela acreditava? Fechou os olhos, sufocada pela dúvida, a serpente sussurrando em sua memória. *Talvez você não seja digna.*

Ela se forçou a assentir.

Quase no mesmo instante em que John foi embora, as Enfermeiras chegaram para ajudar Lilly com a rotina matinal. Elas tomaram cuidado para não tocar seu punho, mas também negaram enxergar qualquer ferida.

Novamente sozinha, Lilly empurrou sua cadeira até a penteadeira e pôs-se a abri-la devagar. Como John tinha dito, a única coisa visível era o seu diário, que Lilly retirou lá de dentro e pousou em cima do móvel. Então, bateu o fundo da gaveta. O espelho continuava ali! Ele se misturava à madeira, ficando praticamente invisível. Colocou-o no seu colo, girou a cadeira e ficou de costas para a porta – isso lhe daria um pouco mais de tempo, caso necessário.

Tirando-o do saco, ela sentiu o espelho pulsar no mesmo ritmo de seu coração. *Será que sou digna de ser amada? Ou mereço morrer?*

A superfície do espelho ainda mostrava a massa cinzenta revoltada. Hesitante, ela pressionou o polegar direito na pedra vermelha.

– Ai! – exclamou, puxando a mão de volta. O espelho tinha perfurado seu polegar o suficiente para verter sangue, que a pedra preciosa absorvia. À medida que isso acontecia, a superfície nebulosa mudava. O reflexo, no entanto, não era o esperado.

O que via era, em parte, os contornos do rosto de uma jovem: o dela própria. A imagem era irregular, com um aspecto de porcelana quebrada. Contudo, a maior parte do seu rosto estava coberta por uma máscara de renda, que caía sobre ele como um véu de noiva, transparente demais para ocultar sua aparência grotesca. A menina que olhava de volta para ela estava em decomposição, seu aspecto repulsivo, danificada a ponto de não ter mais conserto. Seu sorriso vago e retorcido; um olho repleto de ódio ardente, o outro um grito de vergonha.

Enojada, Lilly largou o espelho no colo. A superfície voltou a ficar nebulosa enquanto ela sentia ânsia de vômito. Seria aquela a verdade sobre quem ela era? Seria que, no fundo, ela não passava de um monstro terrível?

Ela pegou o espelho mais uma vez e tocou a pedra novamente. Sangrou de novo, mas desta vez não se importou. A imagem agora pareceu ainda pior: uma acusação gritante de que ela não tinha valor, que era um produto danificado, uma farsa. A máscara fora removida, expondo a doença que havia por debaixo dela. Lilly ficou horrorizada e se sentiu exposta. Ela enterrou a cabeça no travesseiro e gritou até recuperar algum controle.

Enfiando o espelho no saco, jogou-o de volta na gaveta, esperando que ele desaparecesse antes de fechá-la com violência.

Lilly lavou o rosto e foi até a recepção, sentindo-se grata por encontrar o lugar vazio. Durante alguns instantes, ficou olhando pela janela. O impulso de saltar no vazio era tentador. Seria que Adonai apararia sua queda? Seria que ele ao menos perceberia se ela caísse? O único motivo pelo qual alguém já havia se importado com ela era porque precisava de algo ou porque tinha sido enganada por ela.

Ela sabia, no entanto, que não era possível se jogar dali. John lhe explicara que

aquela janela não era fechada com vidro, mas com uma espécie de filamento flexível que resistia ao aumento da pressão. Por outro lado, o Pátio do Castelo não tinha tais barreiras. Por um instante, Lilly se imaginou tirando-se do parapeito.

Mas John também lhe mostrara outra coisa, e bastou que ela pressionasse um botão para que a janela se transformasse em um espelho de parede inteira. Lilly examinou seu reflexo com cuidado – e ele mostrava a mesma verdade que o presente de Simon. Seus olhos eram muito separados; seu nariz, muito largo; sua pele, cheia de cicatrizes; o corpo, magro demais; e assim por diante. Lilly catalogou mentalmente cada uma de suas falhas. Ela não era digna de nada, apenas de desprezo.

Ao ouvir um barulho atrás dela, Lilly se apressou a transformar o espelho de volta em janela.

Era Simon.

– Vim ver se você estava bem. – Sua voz tinha a carga necessária de preocupação para incentivá-la a conversar.

– Eu olhei no espelho, Simon – confessou ela. – Odeio o que vi.

– Sinto muito. – Aproximando-se dela, Simon pousou a mão em seu ombro. Lilly se afastou, com nojo de si mesma. – Eu avisei que poderia ser doloroso.

– Foi mais do que doloroso. Foi horrível. Eu sou um monstro.

– Lilith – começou ele, puxando uma cadeira para se sentar ao seu lado. – O que você viu é a verdade do seu ser, e é o motivo pelo qual Deus a escolheu para ser a Testemunha. É por ser quem você é que está qualificada a servir ao propósito de Deus.

– Danificada, não qualificada – retrucou ela. – Por acaso eu deveria me sentir grata ou honrada por ser o traste que Deus escolheu para usar? Já estou farta de ser usada, por Deus ou por quem quer que seja.

– Então assumo o controle do seu destino. Mude a história. Se não pelos outros, por você mesma. Acredito que você seja aquela por quem temos esperado há tanto tempo, aquela que é capaz de mudar os Inícios.

– Como posso mudar os Inícios se mal consigo controlar meu próprio corpo? – Lilly estava furiosa, à beira do desespero. O dia mal tinha raiado e ela já estava exausta. Seu braço ardia quase até o cotovelo.

– Como Testemunha, você pode mudar os Inícios. Você precisa impedir Adão.

– Impedir Adão? – perguntou ela, irritada. – De quê?

– Através de um só homem, Adão, o pecado foi trazido ao mundo. – Ele soava como se estivesse citando algo que ela deveria conhecer. – Você precisa impedir que Adão se afaste de Deus. Precisa impedir que ele vire a face.

– Impedir Adão de virar a face? – Ela balançou a cabeça. – Tarde demais.

– O quê? – Simon parecia chocado. – Tarde demais?

– Aí está você! – Anita chegou ao quarto de recepção. – Lilly, eu estava à sua procura, mas parece que você já está em boas mãos.

Discretamente, Simon recolheu a mão que segurava a de Lilly e se levantou.

– Parece que todos conseguem me encontrar em algum momento – respondeu ela, sem sorrir.

– Garota esperta – disse Anita. – John falou que devemos transferi-la imediatamente para o Cofre, e eu queria me certificar de que você está em condições para isso. Simon, John me perguntou também se você poderia nos acompanhar.

– Claro. – Ele fez uma pausa. – Se você concordar, minha jovem.

Ela assentiu sem olhar para ele.

– Ótimo. Vamos apreciar sua companhia. – Anita se voltou para a menina. – Lilly, vamos comer alguma coisa. Como está se sentindo? John me contou a respeito do ataque.

– Já estive melhor, mas estou pronta para sair do alcance daquela serpente.

– Entendo perfeitamente! Sempre tive pavor dessas criaturas. – Com essas palavras, Anita empurrou a cadeira de Lilly em direção à cozinha, enquanto Simon ficava para trás, olhando pela janela.



– Já estou satisfeita – declarou Lilly, empurrando-se para longe da mesa. Os Sábios também tinham comido o suficiente e limpavam os queixos, saciados. John estava imerso em pensamentos, seu prato de comida ainda intocado.

– Está aflito com alguma coisa? – perguntou Lilly enquanto os outros deixavam a mesa.

– Estou um pouco ansioso, como se algo estivesse cutucando meus pensamentos lá no fundo, mas eu não conseguisse puxá-lo das sombras. Nunca gostei de segredos, de coisas ocultas.

– Eu deveria estar preocupada?

– Nem um pouco. – Ele sorriu. – Isso não tem a ver com você, pelo menos não diretamente. Acredito que tenha relação com as minhas próprias escolhas no que diz respeito à confiança.

– Confiança? – ela perguntou em tom de deboche e lhe deu um soquinho no braço, tentando tirá-lo daquele mau humor. – Você confia em mim, Descobridor?

– Plenamente! – Essa simples declaração surpreendeu Lilly, destruindo suas barreiras internas.

– Por quê?

John olhou dentro dos olhos dela.

– Por causa de quem você é.

Todo o esforço que Lilly fazia para soar des preocupada caiu por terra.

– Sou um destroço que enalhou na sua praia.

– Não. – John tornou a fitar seus olhos. – Não estou falando de quem você pensa que é, mas de quem você é *de verdade*.

Eu sei quem sou, pensou ela. Será que John continuaria a confiar nela se soubesse dos segredos que escondia? Lilly se sentia presa no fogo cruzado entre as coisas que ocultava e seu senso de integridade.

Foi Gerald quem, sem perceber, a impediu de confessar seus segredos.

– Então estamos indo para o Cofre, e não para a Biblioteca? – Ele parecia um pouco desapontado.

– A Biblioteca vai ter que ficar para outra ocasião – falou John.

– Onde exatamente fica este Cofre? – perguntou Lilly.

– Nas profundezas do Refúgio, debaixo do oceano – respondeu John. – A descida vai levar algumas horas, mas, quando chegarmos, ficaremos por lá. Tem dormitórios confortáveis e tudo o que é necessário.

– Quanto tempo ficaremos lá embaixo?

– O tempo que for preciso. Pelo menos alguns dias, imagino – esclareceu John. – Até termos certeza de que o Refúgio está em segurança. O Cofre é onde você vai experimentar e registrar seu testemunho. – Ele deu uma piscadela para Lilly. – Quando chegar lá, vai querer ficar para sempre. Ele tem esse efeito nas pessoas.

– Então vamos andando – disse Anita.

Todos se dirigiram aos seus quartos para juntar as coisas que pretendiam levar. Lilly não tinha muito que carregar, apenas algumas roupas e artigos de higiene pessoal, além de seu diário, uma caneta e, é claro, o espelho. Perguntou-se se a chave e o anel poderiam ter rolado para o fundo da gaveta, mas não teve coragem de enfiar a mão nas sombras para conferir. John dissera que eles tinham sido levados, e Lilly sentiu mais a falta deles do que imaginava, como se a culpa fosse dela. E talvez fosse.

Ela reservou alguns instantes para escrever em seu diário antes de sair.

Não quero nem escrever sobre o que vi no espelho de Simon. Simplesmente não consigo. John, Anita, Gerald, Simon e eu estamos prestes a descer até o misterioso Cofre. Pelo que John me falou, Letty apareceu na noite passada e me salvou da serpente. Sinto-me mais segura quando ela está por perto, por mais rabugenta que ela possa ser às vezes. Meu braço realmente está doendo no local onde fui picada, mas parece que sou a única que consegue ver a ferida. Estamos indo às pressas para o Cofre porque John acredita em mim. Embora isso também possa não ser verdade.

Estou com medo do Cofre, talvez porque não contei meus segredos a ninguém, nem mesmo a Simon. O que vai acontecer quando eles descobrirem o que eu já venho testemunhando? Será que vou estragar tudo? John diz que confia em mim, e acho que ele não está mentindo. Mas sou boa em enganar os outros. É isso que os mentirosos fazem. Agora preciso ir.

10 A DESCIDA



John foi descendo várias rampas, indicando o caminho. Os corredores se afunilavam, a iridescência azul ficando mais forte, o bater do mar contra a areia fazendo-se ouvir acima deles. Simon se dispôs a empurrar a cadeira de Lilly, e ela gostou de tê-lo tão próximo.

Enquanto desciam, Lilly bombardeava a todos com perguntas. Os Sábios pareciam estar adorando aquilo. Ao contrário de John, disposto a abrir mão de suas ideias com facilidade, os Sábios tinham uma opinião firme sobre a maioria dos assuntos. E, quando não tinham, mostravam-se loucos para encontrar uma.

– Este é o nível do depósito – anunciou John enquanto eles passavam por uma rede de corredores. – É aqui que guardamos as coisas que encontramos na praia, incluindo as suas, Lilly. Você chegou no 11^o dia do primeiro mês, e, pelos seus registros, deduzimos que você tinha 15 anos de idade. Portanto, o número de sua câmara é 1-11-15. Fácil de lembrar. Tiramos uma impressão da sua mão para que apenas você ou um Catalogador pudesse abri-la.

O lugar era um enorme labirinto de corredores e câmaras. Lilly não queria pensar na massa de água acima dela, que só aumentava à medida que desciam. De alguma forma, havia ar fresco ali, mas isso não diminuía a sensação de opressão que a sufocava.

– Alguém pode me contar outra vez o que são as Eras dos Inícios?

Foi Gerald quem respondeu.

– O termo se refere aos acontecimentos que antecederam a Criação, basicamente

as primeiras coisas e os primeiros tempos. As raízes de tudo o que existe hoje e...

– Espere um instante. Havia algo *antes* dos Inícios?

– Claro! Se não houvesse nada “antes” do Início, jamais poderia ter havido um Início.

– Faz sentido, eu acho... – ponderou ela, hesitante. – Sempre pensei que o mundo tivesse vindo do nada.

– Nada pode vir do nada. O nada não pode criar coisa alguma. – Gerald ergueu as sobrancelhas. – O *nada* seria ausência de energia, de tempo, de espaço, de informação. Como você é a Testemunha dos Inícios...

– Isso tudo é grandioso demais para mim – interrompeu ela com um suspiro. – Não consigo entender. Me sinto uma idiota.

Anita riu.

– É grandioso demais para todos nós, minha querida. Parece que até mesmo uma tolice de Deus traz um propósito extraordinário às coisas medianas. É um milagre e um mistério.

– No meu caso, ser *mediana* já seria um avanço – balbuciou Lilly.

– Nenhum ser humano é mediano, para falar a verdade – respondeu Anita.

Quando o grupo parou para descansar, Lilly já havia formulado outra pergunta.

– Então esse algo que criou o mundo... era Deus?

– Sim – respondeu John. – A criação foi gerada dentro de Deus. Mais especificamente, dentro de Alguém. Adonai.

A mente de Lilly fez uma conexão imediata, que escapou de sua boca antes que ela pudesse impedir.

– Está falando do Homem Eterno?

Quatro rostos chocados se viraram para ela.

– Hã, devo ter ouvido isso em algum lugar. Vamos andando?

Anita lhe deu um rápido abraço antes de eles voltarem a descer mais uma série de rampas. Inclinando-se, ela sussurrou:

– Que surpresa, minha querida. O que mais ainda não nos contou?

Ignorando o comentário, Lilly fez outra pergunta.

– Então Deus criou Adão dentro de Adonai. Isso significa que o homem foi criado dentro do Homem Eterno?

– Criado e nascido – esclareceu Anita. – Seria mais apropriado dizer que Deus *deu à luz* o homem.

– Então Adão foi um bebê? – perguntou ela.

– É claro que Adão foi um bebê! Por que não teria sido?

– Achava que Deus o tivesse criado, bem, como um homem adulto.

Isso causou risadas entre seus companheiros.

– A mitologia é responsável por muitas ideias estranhas – murmurou Gerald. – Seus Contadores de Histórias achavam que Adão foi criado como um jovem adulto sem nenhuma capacidade, um material bruto pronto para ser programado?

Falando assim, parecia mesmo uma tolice.

– Se ele era apenas um bebê, o que lhe deram de comer?

– O que se dá para qualquer bebê – respondeu Anita. – Leite, é lógico! Adonai o amamentou. Se Deus pôde dar à luz um bebê, você acha que Eles não conseguiriam amamentá-lo? O próprio ato de amamentar uma criança só poderia ter se originado de Deus, você não acha?

– Imagino que sim, mas isso significaria que Adonai tem...

– Seios? – atalhou John, terminando sua frase. – É claro que Eles têm seios, e são cheios de leite, segundo as Escrituras. Leite materno.

John subestimou o tempo que eles levariam para descer com a cadeira de Lilly. Quase três horas tinham se passado quando eles chegaram a um beco sem saída, uma parede de pedra lisa como vidro.

Todos pararam de repente, exceto John, que não hesitou. Ele continuou andando diretamente para a parede e desapareceu atrás dela.

– É uma ilusão – disse ele, sua voz vindo do outro lado. – Apenas finjam que não há nada aqui. Se hesitarem, vão se machucar.

– Obrigada por avisar – retrucou Lilly, irônica.

– Eu me esqueci. É o hábito, venho sempre sozinho aqui.

Foi difícil para Lilly ignorar seus sentidos. A parede parecia intransponível, apesar de John tê-la atravessado. Quando esticou a mão para tocá-la, Lilly sentiu a solidez da parede nos dedos.

– Isso não vai ajudar – alertou John do outro lado. – Espere um pouco. – Em alguns segundos, ele reapareceu na sua frente. – Você precisa ignorar a parede. Somos criaturas habituadas a “ver para crer”, mas depois que você faz algumas vezes, fica fácil.

Ela hesitou.

– Olhe para mim – falou Simon, atravessando a parede como se fosse uma neblina. Os outros o seguiram.

– Vamos fazer assim – disse John, tirando um lenço do bolso. – Deixe-me vender você. Vou girá-la e fazê-la atravessar a parede sem perceber.

Parecia um bom plano, mas a ideia de ser vendada a incomodava.

– Posso apenas tapan os olhos com as mãos?

John guardou o lenço de volta no bolso.

– Sem problemas – concordou ele. – Desde que mantenha os olhos bem fechados. Uma simples olhadinha pode resultar em um nariz sangrando.

– Prometo.

– Está pronta? Bem, agora vou girar você para lá e para cá... agora vou empurrá-la um pouco para trás nesta direção e...

Lilly sentiu uma rajada de vento roçar seus braços, fazendo-a soltar um gritinho. Quando abriu os olhos, viu-se diante de um salão de espelhos, que exibiam reflexos infinitos de si própria e dos outros.

- Até que foi divertido! – exclamou ela.
- Foi, não foi?! – disse John, alegre como uma criança.
- Mas você trapaceou.
- Não trapaceei, não – defendeu-se ele. – Confie em mim, Lilly. Sempre vou fazer o que eu disse que vou fazer.

Um espelho que ia do chão ao teto atrás deles marcava a parede pela qual haviam entrado. Mais espelhos cobriam as paredes do corredor, e uma área ampla se abria diante deles. De uma das paredes laterais era possível ver o oceano. A luz penetrava na água até uns 30 metros de profundidade, permitindo que eles vissem corais, plantas aquáticas e peixes de todos os tamanhos, formatos e cores. Aquela janela suportava toneladas de pressão. Lilly não saberia dizer a que profundidade eles estavam em relação à superfície.

- Este é o Cofre? – perguntou ela. Não era nada parecido com o que ela esperava.
- Não exatamente. Este é o alojamento. O Cofre fica ao final daquele corredor – respondeu John, apontando o caminho. De onde estavam, eles viam uma porta maciça que se assomava na outra extremidade do corredor amplo. – Vou mostrá-lo para você amanhã de manhã. Escolha um quarto para dormir. Por hoje, vamos apenas comer e descansar.

Havia cerca de uma dúzia de aposentos interconectados ali; quartos de dormir, banheiros, salas de estar, bem como uma cozinha e uma despensa.

Lilly notou que Gerald e Anita escolheram um só quarto para os dois. Quando desapareceram, ela agarrou o braço de John.

- Eles estão juntos?
- Juntos? – A expressão de surpresa dele foi seguida por um largo sorriso. – Imagino que sim, se estar casado por muitos anos significa que duas pessoas estão “juntas”.
- Não fazia ideia. Achei que fossem apenas amigos e colegas de trabalho.
- Lilly – falou ele com ternura –, até onde sei, pessoas casadas podem ter uma bela amizade, e às vezes até trabalharem juntas.
- Você já foi casado, John?
- Eu? Não. Já me relacionei com muitas mulheres, todas extraordinárias e algumas terríveis, mas o casamento não é para mim.
- Terríveis? – disse Lilly com um sorriso.
- Ele revirou os olhos.
- Uma em especial, o ser humano mais manipulador que já conheci. Muito atraente, mas de um jeito um tanto extravagante. – Ele viajou na lembrança por alguns momentos. – Mas essa é outra história, para outra ocasião. Vá escolher seu quarto. Gerald e Anita vão voltar logo, e você poderá perguntar a eles tudo o que quiser sobre os mistérios do matrimônio.

Enquanto Lilly virava a cadeira para ir embora, John a deteve.

- Ah, como está o seu braço?

– Melhor – mentiu ela.

Ele assentiu e os dois se separaram.

Lilly entrou em um quarto e largou sua pequena mochila em uma cama com dossel. Escondeu o espelho na penteadeira antes de voltar à área central. Os três Sábios já estavam lá, e logo John se juntou a eles.

Após verificar que a febre de Lilly não tinha aumentado nem diminuído, John resmungou algo e trocou olhares com Anita.

– Agora vamos comer – disse ele, conduzindo o grupo até a sala onde a comida estava servida. Uma mesa de cinco lugares tinha sido arrumada com um verdadeiro banquete de frutas, verduras, biscoitos, queijos e pastas, além de água, sucos, chá e café à vontade.

Lilly ficou feliz por estar com apetite, ainda mais quando John disse que ela podia comer o que quisesse. Ela escolheu um cacho de uvas vermelhas.

Saber que Gerald e Anita eram casados fez Lilly apreciar ainda mais a amizade dos dois. Ficou observando como eles se sentiam à vontade na presença um do outro, como respeitavam suas diferenças. Quando um deles cedia, logo o outro fazia o mesmo, como se tivessem aprendido a se comunicar em uma linguagem secreta.

Enquanto John conversava com Simon e Gerald sobre as antiguidades que adornavam a sala, Lilly cutucou Anita.

– Vocês são... casados?

– Sim, querida – respondeu ela –, achei que você soubesse. Não era para ser um segredo, mas vejo que causou uma boa surpresa. Eu amo Gerald, amo a pessoa que ele é.

– O que é... amor? Acho que não sei o que é. – A pergunta saiu com facilidade. Anita tocou seu braço de forma maternal.

– É algo ao mesmo tempo misterioso e simples. O bem de Gerald é mais importante para mim do que o meu próprio, assim como, para ele, o meu bem é mais importante que o dele. Cada um de nós carrega essa convicção sem esperar que ela seja correspondida. Um amor saudável é construído com base no respeito por si mesmo e pelo outro. Dá muito trabalho, no entanto, conhecer alguém tão profundamente.

– Como você sabe o que é o bem da outra pessoa? – perguntou Lilly.

– Ah – suspirou Anita, afagando seu braço –, essa é uma pergunta profunda, um grande mistério para qualquer relacionamento. Apenas Deus, que é Bom, pode revelar o que é o Bem, e Ele faz isso no momento em que tal revelação é necessária. Isso faz parte da grande dança.

– Como eu disse – falou Lilly, desanimada –, não sei o que é o amor.

– Isso é a sua cabeça falando – disse Anita com brandura, tocando o rosto da menina. – Mas estou convencida de que você já sabe, em algum lugar lá no fundo.

Parece que nossa ida ao misterioso Cofre ficou para amanhã. A ideia é que eu

“registre” as coisas que testemunho, mas não sei como isso funciona. Sei que é errado guardar segredo sobre o que vi, sobre o Homem Eterno, Eva, Adão e a Criação. Menti para John hoje. E se eu simplesmente tiver enlouquecido? De certa forma, seria mais fácil. Eu teria uma desculpa.

Simon disse que eu preciso impedir que Adão vire a face para Deus, e quando eu falei que era tarde demais ele ficou chocado. Eu contei a ele que olhei no espelho, mas não disse o que vi. Ainda não quero falar nem escrever sobre isso. Estou tentando descobrir de que forma aceitar o que o espelho me mostrou pode me ajudar a mudar a história.

Mudar a história... até parece...

Lilly olhou para o oceano glorioso que preenchia uma das paredes do seu quarto, observando a água dançar com as anêmonas nos corais. A serenidade daquela cena parecia zombar dela. Ela acrescentou uma última observação em seu diário:

Adonai me disse que sempre serei encontrada. Quando penso no amor que Anita e Gerald têm um pelo outro, imagino que o amor talvez signifique ser encontrada. Tudo o que sei, no entanto, é que, desde que vi Adão virar a face e me olhei no espelho, eu me sinto sempre perdida.



Em algum lugar no depósito da alma, todas as experiências são armazenadas. Embora o acesso às lembranças seja restrito, a história encontra maneiras de se fazer conhecer.

No hiato entre o sono e a vigília daquela noite, flashes do passado de Lilly vieram bruscamente à tona. Esses espasmos de memória eram cruéis e violentos, raios fulminantes que destruíam sua conexão com a realidade, com o amor e a plenitude: uma mulher (sua mãe?) lendo um livro para uma menina muito nova. Um soco no rosto da menina; sangue cegando-a enquanto ela cambaleava, atordoada; vultos de homens que a perseguiam, tateando com unhas afiadas e mau hálito; uma pressão em seu peito que a apertava até ela ficar paralisada; ruídos de trens, galpões e gritos; a tentativa de se agachar no escuro em um chão sujo, na esperança de passar despercebida. Ela apenas observava sem poder fazer nada: a garotinha arrastada para dentro de um quarto, a porta sendo fechada com um golpe violento. A segurança dissolvida em um pequeno círculo de escuridão dentro do seu coração, seu único refúgio contra esses horrores.

Lilly abriu os olhos e deparou com Anita sentada ao lado da sua cama, segurando sua mão, os olhos fechados e os lábios se mexendo suavemente, como numa prece silenciosa.

Lilly apertou a mão da mulher.

– Oi.

Anita abriu os olhos e deu um sorriso cansado.

– Olá, minha pequena. Volte a dormir. Estarei bem aqui.

Lilly foi invadida por um cansaço irresistível e deixou-se levar por ele.

Sem largar a mão de Anita, ela flutuou em direção a outro sonho que também não era um sonho. Agora Eva estava sentada ao lado dela, mas o cobertor de Lilly não registrou seu peso.

– Estou tão feliz que você esteja aqui – exclamou Lilly, pousando a cabeça no ombro da mulher.

– Eu também – confessou Eva.

– Mãe Eva, o que devo fazer? Me sinto mal em não contar para eles, e não sei por que não conto. Quando chego perto de contar, fico aterrorizada e desisto.

Eva ficou calada por uns instantes antes de responder com a voz suave.

– Lilly, esconder-se atrás de segredos é como atravessar um lago congelado enquanto ele derrete debaixo dos seus pés. Cada passo é repleto de medo.

– Não sei de que outra maneira posso tentar atravessá-lo.

– Guardar segredos é uma atitude perigosa. Você deve aprender a pensar como uma criança. Crianças não guardam segredos até alguém convencê-las de que isso é mais seguro do que revelá-los; o que quase nunca é verdade.

– Mas não sou uma criança! – Lilly não pôde impedir sua própria reação instintiva.

Eva a abraçou.

– Minha querida, todos nós somos crianças. Mas, quando somos convencidos de que guardar segredos vai nos manter em segurança, nos esquecemos de quem somos de verdade. Não é de espantar que a doença da sombra cresça no isolamento.

– Então estou ficando louca? – perguntou Lilly, exasperada. – Estou falando sozinha em uma cela acolchoada em algum hospício? Você é resultado de alguma medicação ou doença mental? O que aconteceu comigo? Qual desses mundos é real? Todos falam comigo como se eu fosse importante, como se eu fizesse diferença, mas eu não estou à altura das expectativas de ninguém! – Ela estava desabafando e não esperava uma resposta. Era um alívio falar em voz alta sobre os assuntos que ela vinha evitando, e sentiu-se grata por Eva deixá-la falar sem expressar impaciência nem desconforto.

– Eu já vi tudo isso antes – disse Eva por fim –, mas não com você.

– Viu o que, exatamente? Uma garota com o pé de outra pessoa? – Lilly levantou a bainha da saia para mostrar o pé implantado. – Alguém presa entre mundos desconhecidos com criaturas estranhas? Ou uma Testemunha dos primeiros momentos da criação?

Eva riu.

– Não, muitas dessas coisas estou vendo pela primeira vez também. Quis dizer que já vi o destino de toda a criação, homem, animal e espírito, até mesmo do próprio Deus, confiado às mãos de outra menina, mais ou menos da sua idade.

– Sério? – Lilly estava genuinamente surpresa. – Então não sou a única? Não estou sozinha?

– Você nunca esteve sozinha, minha querida.

– Não era isso que estava perguntando, mas... – Lilly parou a frase no meio. Quando voltou a falar, sua voz, que não passava de um sussurro, fraquejou ainda mais. – Por que... por que Deus não me protegeu?

Eva deixou que a pergunta pairasse no ar. Aquela mesma pergunta era feita por um bilhão de outras vozes, em sepulturas, mesquitas, igrejas, escritórios, celas de prisão e becos escuros. Atrás dela, um rastro de fé abalada e corações destruídos. Aquela pergunta clamava por justiça e implorava por milagres que nunca vieram.

Eva tocou o ombro de Lilly e a menina sentiu outra vez a ternura se espalhar dentro dela.

– Neste momento, não tenho uma resposta que possa satisfazê-la. Nenhuma palavra que possa fechar as feridas em sua alma e em seu corpo.

Lilly fechou os olhos, mas se recusou a chorar, permitindo apenas que aquele conforto tomasse seu corpo cansado e aplacasse a febre crescente. Apesar de não ter obtido respostas, ela se sentia segura na presença da Mãe.

– Sinto que estou subindo uma montanha que não tem topo – disse ela, muito tempo depois. – Mal consigo me agarrar às rochas da encosta. Estou com medo, e todos esperam que eu consiga terminar a escalada. Se eu não conseguir, tudo o que há de errado no mundo se torna culpa minha. – Lilly enterrou o rosto no pescoço da mulher e sussurrou: – E se eu não aguentar mais e cair? E se eu pular? Deus vai amparar a minha queda?

– Vai. Mas você vai sentir como se tivesse atingido o chão.

Elas tornaram a ficar caladas por alguns instantes.

– Mãe Eva, você sabe como isso termina para mim?

– Não, nenhum de nós jamais esteve aqui antes. Mas não tenho medo.

– E tudo acabou bem para a outra garota? A menina que tinha a mesma idade que eu?

– Sim! Acabou bem, sim. Lilly, a participação dela mudou tudo.

Essa era uma esperança grande o suficiente para o resto da noite. Lilly dormiu em paz, sem sonhos nem alucinações, sem perguntas perturbando sua mente.

Porém, muito mais tarde, sem que fosse possível saber quantas horas tinham se passado ou mesmo se era noite ou dia, ela acordou com um sobressalto, alarmada pela sensação de algo rastejando em seu braço.

11

O COFRE



Lilly quase puxou o braço com força antes de perceber que se tratava apenas de um pequeno marsupial que a cheirava, os bigodes fazendo cócegas em sua pele. Com cuidado, como se não quisesse assustá-lo, ela estendeu a outra mão para acariciar as costas do bicho; mas, quando ela o tocou, o animal soltou um guincho e fugiu correndo para a vegetação rasteira.

Que estranho, pensou ela. As marcas de picada inflamada pulsavam em seu punho. Será que aquela criatura tinha sentido o veneno se espalhando pelo seu corpo? Era ainda mais esquisito que um animal tivesse notado sua presença, que geralmente era imperceptível ali.

Ela só precisou de um instante para se localizar; estava em algum lugar dentro do Éden, mas sozinha: não havia sinal de Eva. Lilly andou em direção a uma rocha que dava vista para uma planície ampla e repleta de criaturas. Adão estava parado em cima da pedra, apontando para baixo, cercado pelo Fogo, pelo Vento e pelo Homem Eterno.

O que eles estão fazendo?, perguntou-se. Ela parou perto o suficiente para entreouvir a conversa. Adão, sentindo sua presença, virou-se e olhou através dela, como se tentasse se concentrar para materializá-la.

– Este é o fim do último dia da nomeação dos animais – declarou ele com tristeza, como se falasse para ela –, e ainda não encontrei nenhum outro ser semelhante a mim, para que eu possa criar uma relação face a face.

O jovem ergueu os punhos e gritou enfurecido para o céu. As palavras reverberaram e ecoaram de volta, enquanto o tempo, o espaço e todas as criaturas

ficaram imóveis.

– Estou sozinho!

Lilly sentiu o grito penetrá-la profundamente, e sentiu-se arrebatada pelo desespero daquela alma perdida.

Adonai estendeu a mão para tocar seu filho e Adão se encolheu, a cabeça baixa, as mãos cobrindo os olhos, constrangido por sua fraqueza. Lilly tentou dar um passo em sua direção, mas seus pés pareciam atolados em um lamaçal espesso. Então uma voz, que ela julgou ser de Adão, disse algo totalmente inesperado.

– Lilith? Lilith?

– Lilly? Lilly? – Anita sacudia seu braço.

Arrancada de sua visão com um sobressalto, ela se viu encarando a expressão preocupada da mulher mais velha. Lilly olhou ao redor e tentou mascarar sua perplexidade. Todos estavam tomando café da manhã e olhando para ela, com talheres congelados a meio caminho da boca, mas ela não fazia ideia de como havia chegado ali. Não tinha lembranças da manhã, de acordar, ou de qualquer outra coisa.

– Desculpem – balbuciou ela, procurando uma justificativa qualquer. – Estava com a cabeça longe, pensando em algo que John leu para mim alguns dias atrás. – Eles pareceram aceitar a explicação, pois todos relaxaram.

– Com a cabeça longe? – disse Anita. – Acho que longe é pouco. Você parecia estar em outro planeta, minha querida. Ficamos preocupados por alguns instantes. Em que estava pensando? Devia ser importante.

O alívio da mulher deu a Lilly os instantes de que ela precisava para organizar seus pensamentos.

– John leu para mim a história dos Inícios e eu estava me perguntando... quem é Lilith?

– Lilith?! – exclamou Simon, quase engasgando com a comida. Lilly teve a impressão de vê-lo balançar a cabeça de leve, em um gesto de alerta. Os outros pareciam igualmente chocados.

– Este nome não estava em nada do que eu li para você! – declarou John.

Lilly vacilou.

– Qual é o problema com esse nome?

– Tólices sem fundamento, minha querida – afirmou Gerald, em um tom quase severo. – Mitologia em sua forma mais insidiosa. Absurdos. Onde você ouviu falar de Lilith?

– Não sei bem – respondeu ela. – Talvez em um sonho?

– Só se tiver sido em um pesadelo! – disse Gerald, mais agitado do que Lilly jamais o havia visto. – Ou em uma picada de serpente.

– Gerald, acalme-se. – Anita estendeu a mão e afagou-lhe o braço. – Acho que está perturbando a pobre garota. É óbvio que ela não sabe quem é Lilith.

– Me desculpe, querida – apressou-se ele. – Não quis assustá-la ou censurá-la por

trazer aquela... coisa... para a conversa. Por favor, perdoe meu descontrole.

– Não se preocupe, Gerald – disse Lilly. – Mas o que há com essa Lilith que tanto perturba você?

– Existe um mito – disse Gerald, acalmando-se, mas ainda sério –, a respeito de Lilith... Segundo a lenda, que não tem absolutamente nenhum fundamento, ela foi a primeira esposa de Adão.

– Adão teve mais de uma esposa? – Agora era a vez de Lilly ficar surpresa.

– Não, é claro que não – frisou Gerald. – É só um mito. Eva foi a única esposa de Adão.

– Lilith era boa?

– Na maioria das versões desse mito, ela era tudo, menos boa. Uma aberração da natureza, metade serpente metade mulher, uma terrível deusa da lua que caçava à noite. – Enquanto falava, Gerald mantinha as mãos em forma de garras, como se quisesse enfatizar suas palavras.

Mais uma vez, Lilly viu um ligeiro sinal de alerta na expressão de Simon, notando que ele parecia balançar um pouco a cabeça. Ela se apressou em mudar de assunto.

– E quanto àquela parte em que Adão nomeou os animais. Por que é tão importante?

Simon se apressou em responder.

– Ótima pergunta. A nomeação tem um significado muito importante. Deus chamou os animais do céu e da terra para que Adão determinasse sua verdadeira natureza. Ao nomeá-los, Adão estabeleceu seu domínio.

– É verdade – acrescentou Gerald –, mas Adão também estava buscando desesperadamente uma cara-metade, um “outro” com quem se relacionar face a face. Alguém ou algo para lhe dar a certeza de que não estava sozinho, embora ele não estivesse, na verdade.

– O que Gerald está tentando dizer, Lilly – interferiu Anita –, é que se o que você procura é um relacionamento face a face, a nomeação é um exercício inútil. O domínio não pode ajudá-lo com isso. Não havia nenhuma criatura semelhante a Adão em toda a criação, e Deus pacientemente permitiu que ele comprovasse isso. O único ser semelhante estava...

– Dentro dele! – exclamou Lilly, ligando os pontos. – Era Eva! Ela estava dentro dele desde a Criação.

– Exatamente! – confirmou Anita. – Eva estava dentro de Adão, que estava dentro de Deus, que nunca está sozinho.

– Mas a nomeação ainda é válida para estabelecer o domínio – afirmou Simon, e a partir desse ponto a conversa se tornou acadêmica, o que fez Lilly perder o interesse. Ela tornou a se perguntar como havia saído do quarto para tomar café da manhã e por que mencionar Lilith parecia tão perigoso.

John, que estava tirando a mesa, anunciou que poderiam ir ao Cofre assim que

estivessem prontos. Embora a temperatura de Lilly ainda estivesse alta, o que continuava a preocupar John, ela fingia não ligar. Na verdade, todas as vezes que movia o braço, pequenos choques elétricos explodiam em seu punho e subiam até seu cotovelo. Ela sentia que o veneno estava se espalhando em direção ao ombro. Mas era mais fácil ignorar a dor do que correr o risco de perder a chance de fazer a sua parte, o que quer que isso significasse.

Depois de convencê-los de que estava bem, Lilly se viu diante do objetivo de toda aquela aventura. A poucos metros de distância, estendia-se a porta de entrada maciça, aparentemente impenetrável, sem maçaneta visível. Símbolos precisos e rebuscados estavam gravados em sua superfície, como se talhados por artesãos ancestrais.

– O que você vê, Lilly? – perguntou John, aproximando a cadeira dela da porta.
– Pode descrever para nós?

Era um pedido estranho, mas, quando Lilly olhou para os demais, viu que eles aguardavam ansiosamente suas impressões.

– Bem, não estão vendo? – disse ela, gesticulando como se traçasse os contornos da porta no ar. – Aqui tem um círculo perfeito que se estende de um lado ao outro, entalhado tão profundamente que parece que a parte de dentro está destacada do resto da porta. O círculo é dividido em quatro seções por traves de madeira. Cada uma delas contém um entalhe rebuscado, uma espécie de símbolo ou imagem.

Lilly reconheceu dois deles no mesmo instante, mas começou pelos outros dois.

– Este aqui, na parte inferior esquerda, é uma montanha em forma de pirâmide com um olho aberto.

– Você consegue ver a Montanha do Um? – Anita pareceu espantada.

– Hã, acho que consigo, se é esse o nome. – Lilly hesitou como se tivesse feito algo de errado. – Não estão vendo? Está bem aqui.

– Não, minha querida, você não entende. Nenhum de nós vê a mesma coisa quando olha para esta porta. Você é a única a ver o que está vendo.

– Isso é ruim? – perguntou ela, confusa. – Ver esta montanha?

– Não é nem bom, nem ruim – disse Gerald. – É o que é, mas o fato de você ver a Montanha do Um é tão improvável que chega a ser assombroso. O que mais você vê?

Lilly olhou com mais atenção. Como eles não conseguiam ver a montanha? Ela estendeu a mão para tocar a imagem, mas Anita agarrou seu braço, sobressaltada.

– Não faça isso! – ordenou ela.

– Vocês estão me assustando! – Lilly parecia transtornada. – Qual é o problema? Eu só estava conferindo se a imagem era real ou imaginação minha.

– Se você a tivesse tocado – disse Anita com a voz firme, largando devagar o braço de Lilly –, ela teria puxado você para dentro. E ninguém saberia para onde você seria levada ou como trazê-la de volta.

– Sério? – Ela se inclinou para a frente a fim de examinar melhor a madeira. –

Parece só uma porta entalhada.

– É um portal – afirmou John. – Os elementos dos quadrantes mudam de acordo com a pessoa que os olha, mas todos vemos o círculo e a cruz. Se você tocar nesses espaços, cada um deles vai levá-la para um lugar diferente.

– Minha nossa, vocês não conseguem ver nada disso?

O silêncio foi a resposta.

– Certo... Então, no canto inferior direito, aqui embaixo – continuou Lilly, tomando cuidado para não aproximar muito os dedos da superfície entalhada –, tem um oito deitado...

– O infinito – interrompeu-a Gerald, desculpando-se logo em seguida com um sorriso. – É o símbolo do infinito, caso você não saiba.

Algo naquele símbolo chamou a atenção de Lilly.

– No centro, onde as extremidades do símbolo se encontram, tem uma cabeça de serpente, e ela está engolindo o próprio rabo... para sempre? – Ela estremeceu involuntariamente.

– Prossiga – instruiu Anita, seu tom de voz sério e focado.

– Na parte de cima – continuou Lilly, apontando para o canto superior esquerdo – está Adão... – Ela hesitou. – Quer dizer, um entalhe de um homem que possivelmente representa Adão. Ele está ajoelhado, olhando para o solo e pegando um punhado de terra com as mãos. Está nu, assim como a mulher no quadrante direito, que representa... Eva? Ela está virada com as mãos estendidas e as palmas vazias erguidas, como se segurasse algo precioso. Lilly imitou a postura o melhor que pôde para demonstrar o que queria dizer.

– Incrível! – exclamou Gerald.

– Se houvesse alguma dúvida sobre você ser ou não a Testemunha dos Inícios – disse Anita –, ela foi totalmente apagada.

– Porque eu consigo ver uma porta?

– Por causa do que você foi capaz de ver *na* porta – enfatizou Simon.

– E agora? – perguntou Lilly.

– Agora, nós entramos – declarou John, a voz grave e solene. – Esta é a entrada para o Cofre. Podemos seguir em frente?

– Como? – perguntou Lilly.

Ele sorriu e colocou a mão bem no centro do portal, que se abriu sem nenhum barulho, lenta e majestosamente.

– Às vezes – falou John com um sorriso –, você só precisa tocar o centro da cruz, onde tudo se encontra.

O lugar onde eles entraram parecia uma sala de tribunal ricamente mobiliada ou o saguão de um hotel suntuoso. Suas peças em madeira talhada e objetos dispostos de forma harmoniosa criavam uma impressão um tanto exótica.

– Uau! – exclamou Lilly. – Não era isso que eu esperava. Achei que fosse uma grande caixa-forte ou coisa parecida.

– Há uma pequena despensa e algumas áreas de descanso por aqui – disse John, como um guia que estivesse mostrando uma propriedade de grande valor. – Além de quatro aposentos especiais deste lado, cada qual com seu propósito específico. Venham.

Ele os conduziu até um recinto que parecia um observatório.

– A Sala dos Mapas – anunciou ele. – Essas não são exatamente paredes, mas sim espaço em movimento: incontáveis estrelas e galáxias, constelações gigantes e anãs, pequenos asteroides e cometas vagando pelo espaço e assim por diante.

Cada uma das duas longas paredes oferecia uma visão estonteante de lugares totalmente diferentes do cosmos. Era como se tudo estivesse em movimento, e Lilly teve que se concentrar para não cair da cadeira.

– Leva um tempo para você se acostumar – tranquilizou-a John. – É como a primeira vez no mar. Existe um ritmo próprio, e assim que você começar a se mover em sintonia com ele, vai se sentir mais firme.

– Eu tinha apenas ouvido histórias sobre esses lugares – revelou Gerald.

– Veja só, Gerald! Pods! – exclamou Anita, apontando para uma fileira de sete esferas cor de esmeralda. Ela estava quase eufórica.

– Não toque nisso, por favor! – falou John. E acrescentou, cauteloso: – Isso é um alerta, não uma ordem. Agora por que não vamos até a parede oposta?

Quando eles seguiram em frente, Lilly não soube dizer se estavam andando ou planando. Simon empurrou sua cadeira até eles estarem diante de algo mais parecido com um mapa comum. Era o desenho de um enorme complexo, e Lilly precisou de alguns instantes para entender do que se tratava.

– É um mapa do Refúgio! – exclamou ela.

O Refúgio era um lugar imenso, muito maior e mais extenso do que ela poderia imaginar, quase como uma cidade. Conseguia ver os aposentos superiores em que ela havia se recuperado depois da tragédia, além da rampa e das escadas que levavam ao Pátio do Castelo, onde Simon lhe dera o espelho.

Mas o que mais a impressionou foi o espaço subterrâneo. Os caminhos se estendiam por debaixo das colinas e dos vales próximos, e talvez até dos limites das montanhas púrpura.

Enquanto a visão dos sistemas estelares tinha sido grande demais para compreender, aquele mapa lhe dava uma nova perspectiva das dimensões do Refúgio. Lilly se sentiu pequena e assustada.

John lhes mostrou a localização do Cofre, pouco abaixo da superfície do oceano. Então tocou a tela com o polegar e o indicador, ampliando o mapa.

Em seguida, John foi até a parede ao lado, onde havia uma fileira de dez pequenos triângulos contornados de vermelho-vivo. Lilly já vira aquelas peças antes, mas achava que se tratava de controles de iluminação ou temperatura.

– Com isso aqui – disse ele, indicando os triângulos –, podemos nos transportar para qualquer ponto do Refúgio.

– Sério? – exclamou Lilly ao mesmo tempo que Anita soltava um “Minha nossa!”

– Nunca ouvi falar desse dispositivo – balbuciou Simon. – Como funciona?

– Se você encostar uma das peças de teletransporte em algum lugar do mapa, você será transportado para esse local. A peça voltará à Sala dos Mapas em dez minutos. Se quiser voltar com ela, terá que encontrar um receptáculo de retorno antes que esses dez minutos acabem.

– Eu vou poder me teletransportar? – perguntou Lilly. – Com a minha cadeira?

– Sim. Tudo o que estiver tocando será transportado com você, incluindo suas roupas, o que é uma maravilha, não acha? – Todos riram da piada. – Mas cada pessoa deve carregar sua própria peça de teletransporte.

John apontou de volta para o corredor.

– Aquelas esferas, ou pods, como Anita as chamou, são como os triângulos, só que elas podem teletransportar você de um *mundo* para outro. Não é para os fracos. Nem para aqueles que não sabem exatamente para onde vão.

Ninguém pareceu inclinado a questionar.

– As outras três salas são mais simples – disse ele, conduzindo-os até a porta mais próxima. – Especialmente a Câmara da Testemunha e a Sala de Registros. – Ele abriu a porta com um floreio orgulhoso. – Mas o Estúdio é onde vocês, Sábios, poderão fazer seus estudos, explorações ou pesquisas se Lilly precisar do conhecimento de vocês ou se quiserem apenas se divertir.

O Estúdio era mobiliado com bom gosto, e tinha mesas, cadeiras, sofás e tudo o mais que pudesse ser necessário para o trabalho acadêmico. Havia muitos livros, penas de escrever e canetas, pergaminhos e cadernos, bem como bandejas com chá, café, biscoitos, frutas e nozes. O espaço era bonito, mas nada extraordinário.

– Deixe-me contar para vocês o que este lugar tem de maravilhoso – anunciou John. – Sempre que um Artista ou um Sábio como vocês entra nesta sala, tudo o que já pensaram, escreveram ou exploraram, até mesmo as coisas de que não se lembram mais, entra junto. Todo esse conhecimento se reúne aqui e fica à sua disposição nas gavetas, fichários e armários.

Os três Sábios estavam boquiabertos.

– Isso é muito mais do que eu poderia imaginar – consegui dizer Gerald depois de um tempo, correndo as mãos por uma prateleira cheia de livros grossos.

Anita estava com os olhos marejados. Ela levou os dedos aos lábios.

– Querido – disse ela para o marido –, o trabalho de toda a nossa vida está aqui. Agora. Nesta sala... nem um só instante de reflexão ou pensamento perdido!

– Não pode haver tesouro maior – disse Simon.

Os Sábios estavam profundamente gratos, e Lilly sorriu ao ouvir cada um deles sussurrar seus agradecimentos a Deus.

– Antes que eu perca vocês para este lugar, vamos visitar rapidamente os outros dois aposentos – falou John, assumindo o controle da cadeira de Lilly no lugar de

Simon. – Sigam-me, por favor.

A Câmara da Testemunha era um pequeno quarto verde com um sofá simples, de aparência muito confortável, no centro. Quatro poltronas exageradamente acolchoadas de vários tamanhos e formatos ocupavam cada um dos cantos.

– É simples, na verdade. Você só precisa se esticar, se acomodar e... testemunhar o que quer que esteja aqui para testemunhar. Não sei bem por que o verde, mas parece que essa tonalidade auxilia o processo, sendo a cor da vida e tudo o mais.

Lilly se perguntou por que alguém precisaria de um quarto especial para testemunhar alguma coisa, mas achou melhor fazer uma pergunta diferente.

– Tudo o que eu testemunhar também será registrado aqui?

– Não. Isso acontece na Sala de Registros – respondeu John, encaminhando-os para o corredor. Havia uma porta no caminho, que John ignorou.

Lilly não conseguiu se conter. Enquanto John empurrava sua cadeira, ela estendeu a mão e tentou girar a maçaneta. Estava trancada.

– Nem queira saber – disse John, sem desacelerar ou virar para trás.

– Sério? Achei que *queria* saber – resmungou ela.

– Lilly, o mistério cria as condições para a confiança crescer. O tempo é o playground de Deus. Confie em mim: surpreender-se com tudo é muito melhor do que ter tudo sob controle.

Lilly não tinha certeza se isso era verdade, mas não discutiu.

A Sala de Registros era bem iluminada e tinha um clima quase tropical com seus tons de azul-claro, roxo e branco. Ao olhar para o chão, quase esperou ver areia embaixo dos pés.

Como a Câmara da Testemunha, a Sala de Registros era bastante modesta. Havia uma mesa quadrada no centro, com uma cadeira diferente em cada ponta. O tampo da mesa parecia vivo, mudando de cor drasticamente, oscilando entre marrom-daro e tons de preto.

Diversas prateleiras com menos de 2,5cm de largura se projetavam ao longo das paredes, cada uma delas apoiando uma tabuleta preta muito fina.

– É aqui que você vai registrar tudo o que testemunhar, Lilly – explicou John.

Os outros encolheram os ombros, o que Lilly interpretou como uma indicação de que eles também não tinham entendido.

– Não escrevo bem – disse ela. – E cometo um monte de erros de ortografia. E se eu me esquecer de algo que testemunhei? – Antes mesmo de começar, ela já se sentia um fracasso.

– Não se preocupe – disse John com um sorriso. – Olhe à sua volta. Vê algum instrumento de escrita?

– Achei que este fosse o lugar em que vou registrar o que verei.

– O que você testemunhar, Lilly.

– Como funciona?

John foi até as prateleiras e analisou as tabuletas até encontrar a que estava

procurando. Depois de pegá-la e abri-la, ele a pôs sobre a mesa. A tabuleta desapareceu na superfície como o espelho de Simon. John empurrou a cadeira de Lilly até lá, e ela olhou mais de perto.

– Consegue vê-la? – perguntou.

– Mais ou menos – respondeu Lilly. – Vejo as bordas vermelhas, mas bem apagadas. É isso?

– Exatamente.

– Seja o que for essa mesa, ela não para de mudar, mas a coisa que você colocou em cima dela continua igual.

– Quando você estiver pronta, colocará as duas mãos aqui nessa tabuleta com as palmas voltadas para baixo. O dispositivo fará todo o resto: vai capturar e armazenar todas as suas experiências.

Simon pigarreou.

– Nós já estamos liberados para explorar o Estúdio?

John assentiu e os três Sábios foram embora. Anita, no entanto, voltou instantes depois e pegou as mãos de Lilly. Ela tentou não se encolher enquanto uma pontada de dor se espalhava pelo seu braço.

– Minha querida, nós duas precisamos conversar. Talvez não agora, mas em breve. Você precisa se abrir para mim, está bem?

Lilly respirou fundo e fitou os olhos verdes, radiantes e bonitos da mulher.

– Você tem razão. Acho que já está na hora.

Anita segurou o rosto de Lilly com delicadeza e disse:

– Lembre-se, Lilly, você está aqui por causa de quem é. Agora me dê um abraço para que eu possa me juntar aos outros. Estaremos à sua disposição para tudo o que precisar.

Elas se abraçaram e Anita foi embora.

– Devo tentar agora? – perguntou Lilly.

– Não acho que vá acontecer alguma coisa. Você precisa testemunhar algo na Câmara da Testemunha para registrá-lo aqui.

Lilly hesitou por um momento, pensando sobre seus sonhos e alucinações. Mas logo afastou-os da cabeça.

Ela pôs as mãos no tampo da mesa, entre o traçado das bordas vermelhas da tabuleta. Por um instante, o mundo à sua volta pareceu ficar mais lento. Depois desacelerou ainda mais, quase parando. Ela viu John levantar as mãos, com uma expressão apavorada no rosto. Antes de ser engolida pela escuridão total, ela ainda conseguiu ouvi-lo gritar desesperado: “*Espeeeeeere!*”

12 SEIS DIAS



Lilly flutuava. A princípio ela se debateu contra o fluido espesso que a sufocava e abraçava ao mesmo tempo, especialmente quando ele entrou em sua boca. Como antes, quase ficou em pânico ao respirar aquela lama pegajosa. Seus pulmões se encheram de líquido.

Mas dessa vez ela se adaptou mais rápido, sabendo que não ia sufocar. Com os olhos abertos, porém sem enxergar nada, ela se deixou levar pela corrente. Logo uma paz a preencheu. Lilly sabia onde estava e se lembrou do que tinha acontecido. Na Sala dos Registros, ela colocara as mãos sobre a mesa.

O PRIMEIRO DIA

A detonação se espalhava, instantânea e contínua, não só uma luz arrebatadora que transmitia força e informação, mas também som em expansão, como uma canção universal. Primeiro veio uma inspiração reluzente, depois uma expiração de êxtase e arrebatamento, ao mesmo tempo irrefreável e contida dentro de um fogo voraz, uma rajada de vento e água: a culminação de uma Voz Todo-Poderosa que desembocava em uma união altruísta.

Grandes quantidades de matéria chocavam-se contra o caos, liberando fagulhas de poder que criavam espaço, energia e tempo. Tudo isso diante da presença e dos aplausos de seres espirituais. Era um alarido esmagador e dissonante, uma cacofonia avassaladora, à medida que a harmonia se envolvia ao redor de uma melodia central.

Estava tudo acontecendo outra vez. Lilly estava revivendo a primeira explosão da Criação e a construção do útero em que Deus geraria o Homem. Mas agora ela sabia por que estava ali: para testemunhar as Eras dos Inícios. Não havia como voltar atrás ou impedir o processo, então ela se deixou levar, sentindo, experimentando e conhecendo, permitindo que aquela onda cósmica a arrebatasse, carregando-a em sua crista.

Lilly não estava ali para entender, medir ou censurar, mas para ouvir, ver e sentir; as tarefas de uma testemunha. Como ela poderia compreender luz, energia, seres espirituais e dobras que formavam camadas entre força e matéria? Como sua mente poderia assimilar os mistérios de cordas quânticas, quarks e múltiplas dimensões? Era impossível, e não importava. Mas o que Lilly sabia era que o foco do Amor de Deus estava concentrado em um planeta minúsculo, remoto e perfeitamente construído, instalado dentro dos limites de uma galáxia em espiral.

A Testemunha flutuava sobre o casulo de um novo mundo, um deserto sem vazio e forma, envolto por um dossel de poeira – resquícios de estrelas e gases. Lilly não conseguia ver, mas ouvia e sentia a pulsação lenta das asas do Espírito, bem como os gritos dos Anjos que a tudo assistiam e proclamavam o nome Dela: *Ruach! Ruach! Ruach!* O Espírito soprou para longe os escombros para deixar que a luz da estrela mais próxima penetrasse o caos da superfície.

A noite se transfigurou em manhã; e isso foi Bom.

O SEGUNDO DIA

A flamejante Alegria de Deus separou a matéria em alvoroço. O calor trazido pelo Sol e a umidade carregada de poeira brincavam com o rosto de Lilly, que assistia a tudo extasiada. A luz do primeiro dia havia penetrado as profundezas do oceano, despertando novas canções no fundo das águas. Uma dança viva e perfeitamente sincronizada respondia à melodia, enquanto a noite se transfigurava em manhã, e isso foi Bom.

O TERCEIRO DIA

A Terra tremeu. Sua crosta vergou. Vulcões urraram em louvor, erguendo-se em direção aos céus. O solo, depois de resfriado, cobriu-se de vegetação. Com um floreio, o Artista da Criação pintou a arrebatadora paisagem do planeta.

O Espírito saltitava como uma criança, totalmente entregue ao Amor do Pai. A noite se transfigurou em manhã; e isso foi Bom.

O QUARTO DIA

Lilly conseguia ver, nas alturas, as hostes celestiais. A lua clareava a noite, cercada por uma plateia de incontáveis estrelas. A luz do dia varreu para longe as nuvens de poeira, deixando o céu translúcido. As luzes que Deus havia concebido na

explosão agora pendiam das alturas, visíveis e expectantes. O palco estava armado para o Dramaturgo, e os espectadores viram, ansiosos, a noite se transfigurar em manhã; e isso foi Bom.

O QUINTO DIA

O oceano fervilhava. Criaturas com barbatanas, guelras e esguichos surgiam, enquanto assassinos marinhos colossais buscavam sua próxima refeição. A terra recebeu trepadeiras e vegetação rasteira e as nuvens ganharam belas companhias aladas. Tudo se juntou ao Criador na construção do mundo à medida que a noite se transfigurava em manhã; e isso foi Bom.

O SEXTO DIA

Depois de criados todos os animais da terra, um grito jubiloso rimbombou pelo Universo como um milhão de instrumentos ressoando dentro de um só recinto. “A hora marcada chegou! Reúnam-se!”

À medida que a noite caía, todo o cosmos se aproximava: luzes dançantes e seres ágeis e graciosos foram se juntando às pressas ao encontro da Voz Sagrada.

Lilly estava sobre uma colina, olhando para um vasto planalto circular. Atrás dela, as fronteiras do Éden erguiam-se como preces da terra em direção aos céus.

– Espantoso! – disse uma voz melodiosa vinda de algum lugar acima dela.

Lilly olhou e saltou de susto. À altura dos seus olhos, viu o dorso de um pé calçado com uma sandália. Ela olhou para cima, bem para cima, e viu um sorriso gigantesco. Ele ou ela estava de cócoras, apoiando um dos joelhos no chão.

– Não tenha medo. – O ser se desintegrou como uma explosão de vaga-lumes, para em seguida se materializar em uma forma mais ou menos da altura dela. – Tamanho é algo relativo – declarou ele, melodicamente. – Você é a Testemunha?

Lilly ficou confusa.

– Onde está Eva?

– Eva? Esta palavra não tem significado para mim.

– Eva, a Mãe dos Vivos.

O ser riu, e foi como se uma música doce se derramasse de seus lábios.

– Este é um maravilhoso novo nome para Deus!

Lilly olhou à sua volta para ter certeza de onde estava, então virou-se novamente para o ser sorridente.

– Sério? Você não conhece Eva? Quem é você?

– Meu nome é Han-el – cantou ele. – Ao seu dispor.

– Han-el? – espantou-se Lilly. – O Guardião de John?

Outra explosão de risadas.

– Não sou Guardião nenhum. Sou um simples Mensageiro e Cantor. – O ser fez uma pausa. – Quem é John?

Lilly levantou a mão para indicar que precisava de alguns instantes para

processar tudo aquilo. Han-el tocou os dedos dela, provocando um formigamento familiar pelo seu corpo, que se espalhou por toda a parte, com exceção do braço infeccionado.

Ela se afastou.

– Como pode não conhecer Eva ou John, mas saber que sou uma Testemunha?

– Adonai anunciou que uma Testemunha estaria aqui. Eu, Han-el, tive a honra de recebê-la.

– Adonai anunciou? – Nada daquilo era como ela esperava.

– Ele disse que sua presença é uma anomalia e uma ambiguidade preciosas, e que gosta muito de você!

– Ele disse isso? – Lilly sentia a guerra brotar novamente em seu interior, o conflito entre atração e repulsa. – Uma anomalia? Então você sabe que eu não pertencço a este lugar.

– Mesmo assim, aqui está você! – cantou Han-el.

Hesitante, Lilly tentou tocar naquele ser, mas sua mão o atravessou.

– Você não é real.

Han-el tornou a rir.

– Se minha existência dependesse da sua percepção ou do seu toque, então o mesmo se aplicaria ao amor, à esperança, à fé e à alegria. Sou um ser espiritual. Talvez *você* é que não seja real.

Lilly cruzou os braços lentamente, a ansiedade fazendo seu coração bater mais forte. Como isso poderia ser tão diferente do que vira nas vezes em que havia estado com Eva? Se era isso que o Cofre estava registrando, então ela ainda poderia impedir Adão? Era por isso que Eva tinha aparecido para ela *antes* do verdadeiro momento a ser testemunhado? *Isso aconteceu apenas uma vez...*

E foi então que ela entendeu. A compreensão a atingiu como um raio, fulminando suas dúvidas. Ela havia sido convocada até ali para testemunhar o ponto mais alto da Criação de Deus. Eva não estava presente porque seria formada dentro do Homem, e Lilly estava ali para testemunhar o nascimento dos dois.

– Sou real, sim – afirmou ela. – Meu nome é Lilly e eu sou a Testemunha.

– É chegada a hora! – exclamou a Canção do Trovão.

Nesse momento, Lilly se viu no centro da congregação, cercada pelos seres de luz e por uma avalanche de estímulos sensoriais. Música se entrelaçava como os fios de uma tapeçaria perfumada: cordas de mirra e sândalo, trombetas de olíbano e frutas, flautas de jacinto, pinho, lilases, lavanda e madressilva, tambores de cravo e canela, açafraão e gengibre. Até mesmo as estrelas se juntaram ao grupo com suas próprias canções, enquanto toda a criação aguardava em suspenso.

Depois que todos estavam reunidos ali, não precisaram esperar muito até que um portão fosse aberto nos muros do Éden. – Eles estão vindo – Han-el sussurrou ao lado de Lilly, que não conseguia descolar os olhos do esplendor à sua frente. Era um turbilhão de chamas alaranjadas, com pontos verde-esmeralda cravejados em

um brilho vermelho rodopiante. Do centro desse turbilhão de luz e energia, surgiu... um ser humano.

– O Homem Eterno – sussurrou ela. – O Deus Perpétuo! Adonai!

Lilly teve a sensação de estar em transe, cada célula sua ansiava por correr na direção Dele e lhe contar todos os seus segredos. Ansiava por ser restaurada, por se mesclar à Sua glória, por se livrar da vergonha. Estava diante Daquele em que se pode confiar plenamente. Com um sorriso acolhedor, Ele ergueu as mãos e todas as criaturas puseram-se de joelhos.

O Homem Eterno também se ajoelhou e começou a juntar um monte de terra avermelhada com as mãos, como uma criança brincando na areia. Ele revolvia a terra com concentração e alegria. Então, Ele se sentou e cercou o monte com as pernas.

Uma brisa suave subiu, agitou seus cabelos e o ajudou a moldar seu tesouro. Ele e o Vento trabalhavam com cautela, como se estivessem tentando garantir que nenhuma partícula se perdesse.

Risos e lágrimas correram, incontidos.

E, em seguida, uma canção.

– A Canção das Canções – sussurrou Han-el para ela. – A canção da Vida e de tudo o que Vive; a canção que é palavra, pão, verdade e esperança; a canção da dádiva e do perdão.

Subitamente, uma água vermelho-sangue começou a brotar de dentro do monte de terra, como a força da esperança que crescia no coração de Lilly. Entre lágrimas e risadas, Ele enterrou as mãos na mistura sagrada com um grito que fez Lilly se levantar. O parto estava chegando ao fim. Então, com um urro profundo, Adonai ergueu sobre a cabeça o bebê recém-nascido.



– Um Filho nasceu, um Filho nasceu!

Todas as criaturas irromperam em um som de júbilo, celebrando o nascimento.

A voz límpida e bondosa do Homem Eterno agora cantava acima da cacofonia:

– Esta é a alegria do Meu coração, a coroação de toda a Criação. Apresento a vocês o Meu filho amado, em quem Minha alma se deleita. Eles serão chamados Adão!

A cena mudou rapidamente enquanto Lilly observava o beijo e o sopro de Deus transformarem a criança em uma alma viva. Ela testemunhou o Querubim cortar o cordão umbilical, declarar sua lealdade a ele e se prostrar junto com outros seres celestiais diante do bebê delicado, jurando servi-lo.

– Ótimo! – declarou o Homem Eterno, erguendo a criança adormecida em suas mãos – Contemple a criança! O útero da Criação foi plenamente abençoado. Que tudo o que existe, cada qual à sua maneira, possa celebrar este nascimento. O apogeu

da Criação é o grande Bem! Com a chegada desta criança, o Sexto Dia é coroado e concluído. Agora, descansemos de Nosso trabalho.

A noite se transfigurou em manhã; e isso foi Muito Bom!



Lilly puxou as mãos da mesa bruscamente, como se tivesse levado um choque. O movimento fez uma dor lancinante subir pelo seu braço ferido até o pescoço. Por um instante, ela não conseguiu recuperar o fôlego ou saber onde estava.

– Ela voltou! Ela voltou! – gritou John.

Nesse momento, Lilly ouviu os passos apressados de Simon, Gerald e Anita, que entraram correndo no quarto, os rostos ao mesmo tempo preocupados e aliviados. Lilly se recostou na cadeira, um cansaço esmagador pesando sobre seus ombros. John também parecia esgotado, com os olhos vermelhos como se tivesse chorado. Estavam todos vestidos de forma diferente do que ela se lembrava.

– Quanto tempo estive apagada? – perguntou ela, tentando ignorar a dor.

– No nosso tempo? – perguntou Gerald, fazendo cálculos mentais. – Aproximadamente cinco dias e meio.

– Cinco dias e meio? – espantou-se Lilly. A revelação a deixou ainda mais cansada. – Eu apaguei por cinco dias e meio?

– Quase seis dias, na verdade – disse Anita.

– Estávamos preocupados se você conseguiria voltar – acrescentou Simon.

– É mesmo – confirmou John. – Chegamos a cogitar tirar suas mãos da mesa à força, mas os riscos... – Ele se interrompeu e balançou a cabeça, aliviado. – É bom ter você de volta.

Ela olhou para as próprias mãos, então as juntou para que não vissem como seu braço havia piorado desde que fora picada.

– Não acredito que tudo o que vi tenha acontecido em seis dias.

– No nosso tempo – enfatizou Gerald. – O que você testemunhou, em especial os Dias da Criação, provavelmente levou bilhões de anos para acontecer.

– Eu testemunhei isso antes – falou Lilly bem baixinho, quase como se não quisesse ser ouvida.

John assentiu. Eles haviam tido tempo de sobra para descobrir a verdade.

– Sinto muito – confessou. – Achei que fossem alucinações, que eu estava enlouquecendo, por isso não falei nada. Não sabia o que era real. – Ela refletiu por alguns momentos e então acrescentou com tristeza: – Ainda não sei.

– Não se culpe, querida – disse Anita, tranquilizando-a. – A confiança é um caminho difícil de se trilhar. Eu entendo. Foi Gerald quem desconfiou de que você já havia testemunhado; apesar disso, nós entramos em pânico!

– E posso lhe garantir uma coisa – ponderou Gerald –, entrar em pânico não ajuda em nada, embora tome um bocadinho de tempo.

– O importante é que você está de volta – disse John, tentando disfarçar o leve tom de resignação na voz. – Agora vamos arranjar um pouco de comida e água para você. Talvez precise ir ao banheiro também, não?

– Não está desapontado comigo?

– Desapontado? Não. Chateado? Sim. Você confia em mim o suficiente para me permitir ficar triste sem que isso mude minha opinião a seu respeito?

Ele estava fazendo uma pergunta importante. Vergonha e autodesprezo eram seus companheiros mais antigos. Esses sentimentos interpretavam qualquer palavra negativa como prova de sua falta de valor. Uma palavra como *desapontamento* era capaz de empurrá-la para o abismo. John estava lhe pedindo que acreditasse que seu afeto e seu zelo eram reais.

Fazer isso significava que ela precisaria zelar por ele também.

– Sim, claro – respondeu ela, sentindo uma dor no peito, como se estivesse traindo um acordo precioso. – Isso já ajuda. Vou tentar. Obrigada.

Depois de ir ao banheiro, onde finalmente conseguiu conter a dor no braço, Lilly quis saber:

– Então eu apaguei por quase seis dias inteiros, ou bilhões de anos, e não senti vontade de fazer xixi? Como isso funciona?

Gerald respondeu enquanto o grupo seguia em direção à área de jantar.

– Quando você toca a mesa, o tempo e a percepção dele ficam mais lentos. Na verdade, eles quase param. Seu ritmo cardíaco, por exemplo, desacelera até cerca de uma batida por minuto. Se meus cálculos estiverem corretos, em seis dias seu coração bateu apenas aproximadamente 8.640 vezes. Isso parece muito, mas na verdade não é. Imagine que seu ritmo cardíaco normal seja de 60 batidas por minuto, embora no seu caso eu ache que seja mais, mas vamos usar esse número para facilitar as contas. Ou seja, para o seu corpo, é como se apenas algumas horas tivessem se passado.

– Ah! Então é por isso que John pareceu estar gritando “Espeeeeeeer!”

Todos riram dessa observação.

A mesa estava posta, com aromas deliciosos exalando dos pratos servidos: hortaliças, legumes grelhados e um ensopado. Antes de comerem, todos deram-se as mãos, o que era habitual, mas essa noite Lilly decidiu participar da oração: “O meu coração agradecido é minha melhor oferenda.” Eles fizeram a gentileza de não dar atenção especial à sua participação, embora ela tenha visto John abrir um sorriso discreto.

A comida estava apetitosa, mas a fraqueza impediu Lilly de comer tanto quanto ela provavelmente necessitava.

– Lilly, nós assistimos a quase tudo que você registrou. Sempre havia um de nós ao seu lado; na maioria das vezes, nós quatro estávamos lá. Não queríamos sair de perto de você, não só por estarmos preocupados, mas também porque... – John se deteve, baixou os olhos e apoiou as mãos na mesa enquanto uma onda de emoção o

invadia. – Porque era maravilhoso demais para ser traduzido em palavras.

Lilly concordava. Ela se esticou para tocar as mãos dele.

– Fico feliz que você tenha visto. Nenhuma descrição que eu pudesse fazer chegaria aos pés do que testemunhei.

O silêncio que se seguiu logo se tornou constrangedor. Gerald apertou o braço inficionado de Lilly, que se esforçou para aguentar a dor. John estava olhando diretamente para ela e ficou intrigado com a cena.

Ela se apressou a desviar a atenção, anunciando que queria dormir.

– Tenho certeza de que vocês também estão cansados – arrematou.

Enquanto John empurrava a cadeira dela para o quarto, Lilly perguntou:

– Isso significa que meu trabalho terminou? Registrei tudo desde a explosão da Criação até o surgimento do Homem. Então eu acabei o que tinha que fazer aqui?

– Não sei. Você acha que acabou?

Essas palavras a magoaram. Elas questionavam sua integridade. Lilly conseguia ver que John estava tentando reconstruir a confiança que ela havia destruído entre os dois.

– Também não sei.

– Então imagino que a única maneira de ter certeza seja você se deitar na Câmara da Testemunha e ver o que acontece – sugeriu John.

– Está bem. – Ela estava cansada demais para pensar no que aquilo queria dizer.

– Ah, posso fazer mais uma pergunta?

– Eu já imaginava – disse ele, forçando um sorriso. – Você é a garota das últimas perguntas.

Ela também tentou sorrir.

– Não consigo evitar. Minha mente nunca para quieta. Bem, eu estava pensando o seguinte: se eu nunca tivesse vindo para cá, para o Refúgio, será que um dia ficaria sabendo sobre Deus, Adão e os Inícios?

– Você está entrando em outro mistério – respondeu ele. – Quando o assunto são planos e desígnios, Deus não faz rascunhos. Então nunca poderemos saber. Você está aqui, e isso muda tudo. Se não estivesse, isso mudaria tudo também. Sendo bastante egoísta, sinto-me grato por você estar.

– Eu também – admitiu ela. – Na maioria das vezes.

Fiz de novo. Conte a verdade porque fui apanhada. E nem contei toda a verdade, só a parte que era inevitável. Magoei John. Vejo isso nos olhos dele. E como estou escondendo um monte de coisas, me sinto ainda mais presa. Quantas vezes mais posso destruir uma relação antes que as pessoas desistam de reconstruí-la? Odeio tudo isso. Faz com que eu me sinta fraca e desprotegida. Talvez a mentira sirva para isso – para me proteger.

O registro nem sequer gravou tudo o que testemunhei até agora. O que isso significa? Não quero passar eras e mais eras aqui registrando coisas. Só de pensar

nisso fico mais exausta do que já estou.

Quero impedir Adão. Quero olhar no espelho. Quero conversar com Simon. Quero morrer, ou partir, ou encontrar uma maneira de voltar para casa. Bem, não acho que isso seja verdade... a parte de voltar para casa. Do pouco que consigo me lembrar, nunca tive um lugar onde quisesse estar. Detesto admitir, mas esse estranho Refúgio me parece mais um lar do que qualquer outra coisa – ou do que um lar deveria ser, pelo menos.

Hoje eu testemunhei a Criação outra vez. Foi igual, mas foi diferente. Encontrei Han-el, mas ele não me conhecia nem sabia quem era Eva. Meu braço está doendo muito. Menti para John sobre isso, mas acho que ele sabe. Estou cada vez mais convencida de que o espelho tem razão: se você olhar bem, eu sou mesmo um traste inútil.

Mas talvez Simon também tenha razão, talvez eu seja Lilith e possa fazer uma coisa antes de morrer: assumir o controle da minha vida e mudar a História. Só preciso descobrir como.

13 O NASCIMENTO DE EVA



Na solidão do quarto de Lilly dentro do Cofre, uma mão familiar pegou a sua, dando-lhe uma imensa sensação de alívio. Não via Eva desde que Deus expressara sua tristeza por Adão ter lhe virado a face. Havia algo de profundamente reconfortante naquela presença materna, como se ela a ajudasse a afastar suas dúvidas e ansiedades, bem como as expectativas e exigências depositadas sobre seus ombros. Com exceção de alguns breves momentos com os outros, apenas com Eva Lilly tinha uma sensação de pertencimento.

– Posso fazer uma pergunta? – sussurrou Lilly, hesitando em quebrar o encanto daquele silêncio sagrado.

– É claro. – O sorriso de Eva era tão hipnotizante que Lilly quase se esqueceu do que ia perguntar.

– Por que você não foi comigo da última vez? Geralmente estamos juntas.

– Minha querida, eu não sou uma Testemunha. Hoje, a estrada que viemos trilhando juntas se bifurca, e cada uma deverá seguir seu próprio caminho. Estarei à sua espera mais adiante.

– Então não iremos mais juntas?

– Eu já estou lá. Da próxima vez que você testemunhar, nossos caminhos se cruzarão de novas maneiras. Aconteça o que acontecer, lembre-se do seguinte: eu sempre amei você, e você sempre foi digna do meu amor.

Quando ouviu essas palavras, Lilly quase acreditou nelas. Era estranho que uma declaração de afeto pudesse ter o poder de uma espada que cutuca feridas tão profundas.

Eva se inclinou e beijou a testa de Lilly, permanecendo sentada ao lado dela por alguns minutos, acariciando seus cabelos.

– Embora você vá me reconhecer, eu não me lembrarei de você. Mas Adonai nunca esquece. Ele gosta especialmente de você.

– Não vá embora, por favor – disse Lilly, agarrando-se à mulher. – Não sei se vou suportar ser abandonada outra vez. Mãe Eva, não sei ao certo quem eu sou.

– Pergunte a Adonai e confie que Ele vai lhe dizer. O amor sincero sempre conta a verdade, mesmo que não possamos ouvi-la. Lilly, você é minha filha e nós nunca estaremos longe uma da outra. Você está em mim e, graças ao mistério de Deus, estamos todos em você. Você nunca estará sozinha.

Lilly não questionou, mas suas feridas continuavam abertas. De repente, Eva começou a cantar uma melodia doce que embalou Lilly. Ela caiu em um sono de paz, em que nem sonhos nem pesadelos eram permitidos.



Na manhã seguinte, Lilly sentiu que seu corpo estava pior e logo desistiu da sua rotina habitual. A dor latejava por todo o seu braço direito, então tentou compensar isso fazendo mais força com o esquerdo para movimentar sua cadeira de rodas. Quando ela apareceu na Câmara da Testemunha, onde John e Simon a esperavam, estava suando.

John colocou a mão na testa dela.

– Sua temperatura subiu. Acho que não deveria fazer isso hoje.

– Não está se sentindo bem, Lilly? – perguntou Simon. – É você quem decide.

– É para isso que estou aqui, não é? – disse ela. – Então vamos logo com isso.

Movê-la deu um pouco de trabalho, mas, quando Lilly se permitiu relaxar, sentiu-se inesperadamente envolvida por uma maravilhosa sensação de conforto. Não sabia que tipo de dispositivo era aquele, mas ele era bom no que fazia.

Logo em seguida, ela se viu parada em uma colina rochosa e arborizada, com vista para uma vasta planície que fervilhava de atividade. Estava sozinha, cercada por árvores enormes, e seu corpo não doía. Na verdade, nada doía. Quando estendeu a mão para se apoiar em uma árvore, esta reagiu ao seu toque com uma risada melódica.

Lilly deu um pulo de susto: ela havia encostado em Han-el.

– Você agora é uma árvore? – Ela deu um riso forçado, mas, no fundo, estava feliz pela presença do Anjo.

– Não, mas talvez eu apareça da maneira como você espera – cantou Han-el. – E você está em uma floresta.

Lilly soltou uma gargalhada sincera. A alegria a pegou de surpresa, como se fosse a primeira vez que ela respirava fundo em dias. Ao olhar para suas mãos e braços, não viu sinal da picada da serpente nem do veneno que se espalhava ali.

Levantando a barra da saia, deu um gritinho de alegria ao perceber que seus dois pés originais estavam ali. Será que estivera tão maravilhada com a beleza dos Inícios que não reparara nisso da última vez?

Lilly deu um passo para a frente e rodopiou como uma garotinha, o rosto virado em direção ao sol. Feixes dourados de luz atravessavam as copas das árvores e beijavam sua face. Ela fechou os olhos de prazer.

– Han-el, o que estou aqui para testemunhar?

– Olhe para lá.

Ao abrir os olhos, ela viu que Han-el apontava para uma plataforma de pedra a cerca de 100 metros de distância. Ela se projetava acima de uma planície ampla repleta de movimento. Lilly piscou e no instante seguinte ela e o Anjo estavam parados no centro de toda a atividade. Adão estava perto deles, acompanhado do Fogo, do Vento e de Adonai. Ele apontou para um hipopótamo e, após refletir um pouco, anunciou:

– Significa cavalo do rio.

– Eu sei o que Adão está fazendo – percebeu ela, subitamente transtornada.

– Sim, este é o último dia da nomeação – disse Han-el. – Desde que Adão virou a face, Deus lhe deu essa oportunidade de se voltar novamente para Ele, de voltar a confiar.

– Ele já virou a face? – Lilly estava chocada. Era tarde demais outra vez. – Han-el, por que a nomeação dos animais é um convite para resgatar a confiança?

– Observe e entenderá. Adão não é mais capaz de ver o que você vê. Ao virar a face, ele acredita estar sozinho. Essa mentira perverteu a visão dele. Para Adão, não há vida no Vento e no Fogo. Apenas Adonai existe para ele, e até mesmo Adonai está desaparecendo.

– Mas Adão foi enganado! Pela serpente! Ela disse que ele estava sozinho.

– Não. Adão deu poder à serpente e agora ela fala em nome dele.

Adão se deixou cair no chão aos pés de Adonai e abaixou a cabeça.

– Estou completamente sozinho – urrou ele, como se fossem as últimas palavras que diria na vida.

– A nomeação foi concluída! – declarou Han-el, cantando numa escala mais baixa. – A nomeação não deu a Adão aquilo que ele esperava.

Adonai estendeu a mão para tocar a cabeça dele e a deixou pousada ali. O que aconteceu em seguida foi como o girar de um caleidoscópio.

Lilly testemunhou Adonai colocar Adão em um sono profundo sobre uma cama de asas celestiais. Um dossel de ramos entrelaçados o protegia enquanto ele permanecia deitado, protegido por um exército de Anjos. O tempo passou. Dias tornaram-se meses. A barriga de Adão cresceu, dilatada por uma gestação. E então o tempo parou.

Em nove meses, Deus transformou o lado feminino da humanidade – a mulher adormecida dentro de Adão – em uma criatura extraordinária e poderosa, mas tão

frágil e inconsequente quanto a fonte da qual foi retirada.

A Criação prendeu a respiração. Adonai abriu o corpo de seu filho e a criatura foi tirada de dentro dele – o um se separando para se tornar dois. Nenhum deles jamais poderia ser o todo, porém Adonai prometeu que, pelo conhecimento do Amor, os dois um dia poderiam escolher celebrar a unidade. A natureza única de Deus agora estava expressa em uma dualidade, feminino e masculino, ambos criados para viver face a face com o Pai, o Filho e o Espírito.

O choro da menina recém-nascida rasgou a noite do Éden, e os Mensageiros carregaram novamente a boa-nova até os confins da criação.

Lilly viu Deus fechar a carne de Adão, depois dar-lhe um beijo no rosto e despertá-lo do sono profundo. Adão se levantou e tocou o corte no lado do corpo, que já começava a sarar. Então o Homem Eterno estendeu a ele a menina recém-nascida, envolta em amor, luz e graça. Quando Adão a tomou nos braços, riu de satisfação.

– Finalmente! Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne. Eu a chamarei de Isha, uma fraqueza, pois ela foi retirada de Ish, minha força.

Lilly começou a bater palmas, maravilhada, rodopiando e dando vivas junto com o restante da criação. Mas quando notou que o rosto de Han-el e de Adonai estavam sérios, ela desacelerou até parar.

– Han-el, por que você não está feliz?

– Estou extasiado. Ela é a resposta em forma de Amor à escolha de Adão de virar a face. Com a participação dela, Deus criará redenção e reconciliação, mas vejo no rosto de Adonai que haverá um preço. Isso me entristece.

– A chegada dela não salva Adão de ter virado a face?

– Essa é a promessa – limitou-se a dizer o Cantor.

– O que vai acontecer a ele?

– Ao virar-se para ela agora, Adão se afasta do precipício, mas apenas temporariamente. Ela é o convite de Adonai para que ele abrace a fragilidade e a ternura, para que seja pleno e não tenha vergonha, para que ele se volte para Deus novamente. A relação face a face com ela nunca será suficiente.

Lilly balançou a cabeça, subitamente percebendo um detalhe.

– Adão não a chamou de Eva. Ele a nomeou, como fez com os animais terrestres e os pássaros. Não foi isso?

– Sim – a voz de Han-el tornou-se um cântico de lamento. – Mesmo agora ele não conseguiu deixar de se afastar de Deus e ir em direção ao poder e ao domínio. Ele a chamou de “débil e frágil”, o que é a verdade a respeito dele próprio, características da quais ele se envergonha. Ele tentará se separar da verdade e escolher a solidão como a sua força, como se pudesse ser Deus separadamente de Deus.

Hesitante, Lilly estendeu a mão para o Anjo. Ele pegou seu braço e a força e a tristeza dele fluíram para dentro dela.

– Sinto muito – lamentou Lilly, referindo-se a Adão.

– Eu também – disse ele. De alguma forma, Lilly sentiu que Han-el também se referia a ela. – Mas, por enquanto, a história está apenas começando. Olhe!

O tempo acelerou novamente: Isha também mamou nos seios de Deus e deu seus primeiros passos cambaleantes em direção aos braços de Adão. Ela se aventurou pelas florestas e planícies, vestida de Fogo e de Vento, de mãos dadas com o Homem Eterno. Lilly não tardou a ver que os sinais da postura majestosa de Eva começavam a surgir. A filha do Éden ganhava discernimento rapidamente. À medida que ela amadurecia, a profundidade do seu amor e carinho por Adão aumentava, assim como a profundidade do amor e carinho dele por ela: os olhares sedutores, os sorrisos sem motivo. A alegria que extraíam um do outro não tinha limites.

Mas quando as conversas deles com Adonai passavam das maravilhas da criação para as da procriação, Lilly afastava o olhar, sentindo uma vergonha que não conseguia definir. Mas eles não sentiam nada disso; apenas antecipavam o prazer desse plano futuro. Riam e se provocavam, sabendo que na hora certa a união do Amor dos dois se consumaria, e isso seria maravilhoso.

A menina se tornou mulher, obstinada e inteligente, ágil e forte. Ela às vezes explorava o jardim sozinha, mas sempre dançava ao som da música do amor ilimitado de Deus, que a trazia de volta para os braços de Adão.

Mas Adão começava a se afastar. Lilly notou a sombra do seu distanciamento antes mesmo de Eva. Ela foi surgindo aos poucos: uma frase inacabada, um sorriso forçado, uma gentileza reprimida. O medo cresceu no coração de Lilly.

– Não quero ver esta parte.

– Eu entendo, Lilly – falou o Anjo com ternura. – Você quer voltar para o lugar de onde veio?

– Sim! – E isso foi tudo que ela precisou fazer.



– Ok! – exclamou Lilly, com um movimento brusco. John, que estava sentado no sofá perto dela, levou um susto. Ela mesma se espantou, principalmente quando a dor no seu corpo retornou com força total. Ela gemeu e fechou os olhos, tentando afastar a agonia. Aos poucos, focou a atenção em John e disse: – Tenho perguntas a fazer!

– Perguntas? – exclamou ele. – Você ficou apagada por menos de dois minutos.

– Só isso? – Seu rosto voltou a ficar quente de febre. – Bem, segundo Gerald, dois minutos podem significar dois milhões de anos. Não entendo por que testemunhei o que acabei de testemunhar!

– Hã... – John coçou a testa. – Não sei o que você viu.

– Você escolheu ser uma Testemunha – comentou Simon, fazendo Lilly se virar

para procurá-lo. Tinha se esquecido da presença dele ali. – Mas não pode escolher o que vai ver.

– Eu não escolhi ser uma Testemunha. Pelo jeito, não tenho escolha sobre nada. Quem decide o que eu vejo?

– A Sabedoria de Deus – afirmou Simon.

– E quem decide o que vai ser registrado?

Os homens a encararam, confusos.

– Não entendi a pergunta – disse John. – Tudo é registrado.

– Ai – gemeu ela, mudando de posição, desconfortável com as limitações físicas enquanto a memória da dança ao lado de Han-el continuava tão fresca em sua mente. – Você não vai entender enquanto não vir com os próprios olhos. Vamos registrar isso logo para eu poder fazer minhas perguntas.

Eles a levaram para a Sala de Registros, parando no caminho apenas para convidar Anita e Gerald a acompanhá-los.

Quando Lilly tocou a mesa, a transferência imediatamente começou e todos assistiram à sua experiência. Quando o processo foi concluído, ela ergueu as mãos e se virou para os quatro. Gerald estava petrificado, tapando a boca com as mãos. Anita balançava a cabeça, e John e Simon pareciam tão perplexos quanto os demais.

– O que foi? – exigiu saber a menina.

Gerald foi o primeiro a falar.

– Eu venho estudando os textos há anos e nunca entendi a profundidade do que aconteceu. Quer dizer, não que eu entenda agora. É como se eu tivesse passado todo esse tempo olhando para a montanha das Escrituras do fundo de um vale, e agora estivesse no topo da montanha.

– O que nós testemunhamos – prosseguiu Anita, a voz solene – foi o momento em que Adão começou a virar a face.

– Não! A questão é essa! – Lilly estava confusa e exasperada. Uma nova dor irradiou pela sua espinha, causando-lhe dor de cabeça. – Foi porque Adão *já havia* virado a face que a nomeação aconteceu. Esse não foi o começo. Eu testemunhei as primeiras etapas, mas por algum motivo o registro pulou a parte... a parte em que Adão fala com uma serpente e ela lhe dá um punhal. O que acontece depois disso?

Pela expressão no rosto de todos, Lilly percebeu que novamente havia se exposto, mas dessa vez ela estava mais transtornada do que constrangida.

– Esperem! – exclamou John.

Lilly nunca o tinha ouvido falar tão alto, exceto quando ela estava em convulsão. A lembrança a fez ter vontade de sorrir. Por algum motivo, ela sentia um certo prazer em vê-lo levantar a voz daquele jeito.

Todos ficaram calados enquanto John organizava seus pensamentos.

– Lilly, você pode nos contar sobre essa conversa entre Adão e a serpente? E sobre o punhal?

Então ela lhes contou a história do início ao fim, com todos os detalhes de que

conseguia se lembrar, incluindo a presença de Eva e a tristeza de Adonai. Enquanto Lilly falava, a curiosidade era substituída pelo pesar, no rosto de todos, exceto no de Simon, que parecia agitado e começava a andar de um lado para outro.

Quando ela terminou, o silêncio perdurou por vários minutos. Então Gerald falou:

– O momento em que Adão vira a face nunca foi registrado. – Ele balançou a cabeça.

John se levantou e foi até uma prateleira cheia de objetos ao lado das que abrigavam as tabuletas de registro. Começou a revirá-la.

– Lilly, você precisa entender uma coisa – disse Anita. – Todo o mal que o Universo sofreu, toda traição e toda perda, todo e qualquer erro já cometido em nome do bem ou do mal, todo o sofrimento da criação, tudo isso tem sua origem no momento em que Adão se afastou de Deus. Antes disso, não havia nada que não fosse bom. Pelo contrário, tudo era muito bom.

– Han-el me disse algo parecido – comentou Lilly. – Mas eu não entendo. O que Adão fez de errado? Não consigo deixar de pensar que a culpa é da serpente.

– Você está enganada – respondeu Anita. – A serpente não originou a escuridão do afastamento. Foi Adão.

– Continuo sem entender. – Lilly empurrava sua cadeira de um lado para outro, porque isso a ajudava a pensar. – De que maneira tudo está relacionado a esse afastamento, ao fato de Adão ter virado a face? Ele não mentiu, não matou, não fez mal a ninguém!

– Infelizmente, fará isso muito em breve – declarou John. Ele apanhou um dispositivo em forma de bastão na prateleira. – Talvez isso ajude. – Ele girou sua base e o aparelho produziu uma luz ofuscante, forte e concentrada. Lilly teve que proteger os olhos. – Esta luz não vai ferir você – disse ele para tranquilizá-la. – Confie em mim, por favor. Pode olhar para ela e responder a uma pergunta?

Ela obedeceu. A princípio, teve que apertar os olhos; então John ajustou a intensidade da luz e ela se tornou mais confortável – inclusive melhorando a dor de cabeça de Lilly.

– Agora me diga – continuou John –, enquanto você olha diretamente para esta luz, quanta escuridão consegue ver?

– Nenhuma – respondeu ela.

– Exatamente. O que seria preciso para que qualquer escuridão ou sombra surgisse aqui?

– Algo que bloqueasse a luz?

– Sim, mas e se não houvesse nada nem ninguém capaz de bloqueá-la?

Ela precisou de apenas um segundo para encontrar a resposta.

– Eu teria que virar a face. Somente assim poderia haver uma sombra.

– Exatamente – afirmou John. – Deus é luz, e não há escuridão nenhuma ao lado dele. E a luz de Deus incide sobre todo o Universo. Quando Adão vira a face, ele dá

as costas a Deus, ele lança uma sombra. E como Adão tem o domínio, ele arrasta a serpente e a criação para a sua própria sombra.

John afastou a luz.

Gerald deu um passo à frente.

– Espero que isso possa ajudar também. – Ele passou as mãos na camisa como se quisesse limpá-las, e então as estendeu, meio sem jeito, em direção ao rosto de Lilly. – Posso?

O primeiro impulso dela foi recuar, mas permitiu o gesto para não magoá-lo. As palmas das mãos de Gerald, quentes e macias, seguraram seu rosto.

– Enquanto eu e você estamos assim, face a face, o que jamais passaria pela sua cabeça?

Ela já sabia a resposta.

– Jamais passaria pela minha cabeça que estou sozinha.

– Isso! – Gerald largou seu rosto e recuou um passo. – Adão estava totalmente cercado pelo amor de Deus, face a face com ele, então se virou para o único lugar impensável...

Lilly concluiu o raciocínio:

– Ele fechou os olhos e virou a face, voltando-se para dentro de si mesmo. Quando fez isso, passou a acreditar que estava sozinho!

– Quando você está realmente face a face, como Gerald lhe mostrou – reforçou John, para que não restassem dúvidas –, você sabe que não está sozinho.

Aquilo tudo era desconcertante.

– Então por que Adão não virou a face de volta?

– A partir do momento em que Adão passou a acreditar que virar a face era uma boa ideia – respondeu Anita –, a escuridão se tornou sua realidade. O controle substituiu a confiança, a imaginação tomou o lugar da palavra e o poder sobrepujou o relacionamento e o amor. A escuridão redefiniu sua compreensão de tudo, inclusive de Deus. Ele logo se esqueceu até mesmo de que havia se afastado. Ele ainda é o filho de Deus, o ápice da criação, mas agora reivindica isso como um poder independente. Infelizmente, todos nós, filhos de Adão, passamos a viver na sombra da morte, destinados a distinguir por conta própria o bem e o mal.

– E tudo começou quando ele virou a face – declarou Gerald. – Sem a confiança na palavra ou no caráter de Deus, a morte é o que nos resta. Este é o legado que perpetuamos. Substituímos nosso desejo de união, que se origina em Deus, pelo desejo egoísta de conquista. Santificamos o dinheiro como se ele fosse o sangue da vida. Transformamos arte em propaganda e armas em instrumentos de adoração. Pelo bem de muitos, sacrificamos um. Acreditamos que os fins justificam os meios, tudo pelo bem maior; bem este que determinamos segundo nossos próprios parâmetros.

Suas palavras foram recebidas com silêncio, em especial porque era estranho que tal desabafo viesse dele. O tom intenso e ardoroso de Gerald possuía gravidade, e

todos o respeitaram. Finalmente, Lilly quebrou o silêncio.

– Mas também somos filhos de Eva, não somos? E ela nem estava presente quando Adão virou a face.

– Ela estava ali, dentro de Adão – disse Simon –, mas ainda adormecida. Deus a tirou de dentro de Adão em parte como um convite para que ele virasse a face de volta. Ela foi criada para chamá-lo de volta à humanidade. Se ao menos Adão tivesse sido impedido!

Lilly sentiu a tensão contrair sua nuca. Ela tentou aliviá-la com uma massagem, mas seu braço doía por causa do veneno que se espalhava em suas veias.

– Acho que você deve descansar – anunciou Gerald. – Também preciso me deitar um pouco. Todo esse sofrimento é demais, às vezes. Estou exausto com tudo isso.

– Adão deve ter partido o coração de Deus – falou Lilly, pensando em voz alta. Os outros assentiram.

– Eu sei como é ver a pessoa que você ama lhe dar as costas – declarou Simon, indo embora em seguida.

Lilly logo foi se deitar, as lágrimas sofridas escorrendo como um rio, molhando seu travesseiro. Tinha a sensação de que testemunhara o dia mais triste de toda a história. Embora seu pranto fosse por Adão, por Deus e até por si mesma, ela chorava especialmente por Eva.

14

PERDAS ARMAZENADAS



A mão de alguém tapou a boca de Lilly e um peso a impediu de se levantar da cama. Ela arregalou os olhos e sacudiu o braço bom, mal conseguindo respirar.

– Shhh! – ordenou uma voz. Lilly foi dominada pelo pânico antes de reconhecer quem era. Aos poucos ela parou de resistir e ele a soltou.

– Simon? – sussurrou ela. Seu coração continuava disparado. – Você quase me matou de susto. O que está fazendo aqui?

– Precisamos conversar. – Um desespero suplicante habitava seus olhos.

– O que está havendo? – perguntou ela. Ainda ofegante, converteu a cama em uma cadeira.

– Lilith, você não pode confiar neles.

– Em quem? Não posso confiar em quem?

– Nos outros: John, Anita e Gerald. – Simon ergueu as mãos. – Não me entenda mal. Eles acreditam que são seus amigos, e em um certo sentido são mesmo, mas não compreendem a sua importância ou o que você realmente veio fazer aqui.

– Que é...?

– Mudar a história. Evitar o desastre em que estamos todos presos agora.

– Então quem está do meu lado nisso tudo? Só você?

– Sim, eu. E, por mais estranho que possa parecer, a serpente.

– A serpente? – A afirmação foi tão inesperada que Lilly teria se levantado se fosse capaz. – Aquela coisa me picou! Como ela pode ser minha aliada? Ele é minha inimiga!

– Pense um pouco. Lembre-se do que os outros disseram. Não foi a serpente que

fez Adão virar a face. Não é culpa dela. Por causa de Adão, a morte veio ao mundo, e isso precisa ser reparado. Apenas o sacrifício de uma vida poderá extinguir a doença da sombra.

Simon parecia prestes a começar um longo sermão, mas se conteve.

– Desculpe – pediu ele. – Isso é muito importante para mim.

– A serpente me picou! – repetiu Lilly. – Está doendo, e o veneno está se espalhando!

– Exatamente! A picada foi para fortalecer você. Ainda não entendeu isso?

Lilly ficou vermelha.

– Então explique para mim.

– Não acho que você, como Testemunha, possa mudar muita coisa, mas, como Lilit... você é mais que Testemunha. E se o propósito daquela mitologia for abrir uma possibilidade de mudar a história? Você já esteve dentro da história de maneiras que não foram registradas, não esteve?

– Sim. Quando ouvi a conversa de Adão com a serpente, por exemplo.

– Exatamente! – O rosto dele ficou radiante. – Diga-me uma coisa, o punhal que a serpente deu a Adão tinha um nome? Por acaso se chamava Machiara?

– Isso! – confirmou ela. – Como sabe disso?

– Louvado seja Deus! – exclamou Simon, tentando controlar o entusiasmo. – Eu sabia! Tudo começa a fazer sentido agora.

Lilly estava pasma.

– Fico feliz que isso esteja fazendo sentido para alguém.

– A Machiara não é um punhal qualquer. É o punhal de sacrifício usado ao longo das eras para sacrificar animais a Deus e expiar o afastamento de Adão. Um sacrifício digno agrada a Deus. O que Adão fez com ela?

– Não sei. – Lilly tentou se lembrar. – Acho que ele a levou para o Éden.

– Ótimo! – Simon afastou o olhar, imerso em pensamentos por alguns instantes.

– Você não conseguiu impedir que Adão virasse a face, mas isso não significa que não possa mudar a história.

A observação soou como uma acusação aos ouvidos de Lilly, como uma confirmação de sua incompetência.

– E como eu poderia fazer isso?

– Acredito que a picada da serpente lhe dê o poder de ter substância dentro de suas visões, de ser mais “real” do que quando você testemunha. Acredito que você precise ser “real” para poder mudar as coisas. Ainda não está claro para mim como exatamente isso acontece.

– Isso não ajudou muito – bufou Lilly.

– Existe algo que podemos fazer. O espelho é a chave. O que ele lhe revelou é fundamental, é uma declaração da verdade sobre quem você é, e você precisa abraçar isso.

– Não! Não posso fazer isso, Simon! – Lilly estava implorando. – Se você visse o

que eu vi, não iria querer nem estar no mesmo quarto que eu. Sou uma pessoa horrível, repugnante.

– Mas você não percebe? É por isso que foi escolhida para estar aqui. Lilith, eu sinto muito, mas Deus precisa dos piores para realizarem o melhor.

Nada do que Simon pudesse ter dito a magoaria tanto quanto aquilo, mas, embora seu primeiro impulso tenha sido lhe dar uma bofetada com toda a força, sua respiração ficou presa no peito. Por mais abominável que fossem, aquelas palavras calaram fundo dentro dela; Lilly sabia que ele estava dizendo uma verdade. Fazia sentido e, de uma maneira um tanto distorcida, aquilo lhe deu uma sensação de propósito.

Simon estendeu a mão e afagou seu ombro. Ela não se afastou. Sem levantar os olhos, disse:

– O que devo fazer?

– Abraçar a verdade sobre quem você é e sobre o seu destino! Precisamos recuperar os seus pertences, que estão armazenados no depósito. Acredito que ver o que está guardado ali a ajudará a juntar algumas das peças do quebra-cabeça que tem impedido você de aceitar o seu papel nisso tudo.

– Mas como? Fica muito longe daqui e... Espere, você está pensando em usar a Sala dos Mapas?

– Exatamente. Podemos ir até o depósito e voltar em dez minutos. Não foi isso que John disse? Não está curiosa para saber o que tem lá?

– Estou, mas não tenho certeza se quero saber.

– Você precisa saber. A confiança exige correr riscos. É necessário que você saiba quem é de verdade para poder estar em paz e participar dos desígnios de Deus.

– Acho que eu jamais vou conseguir ficar em paz depois do que vi nos flashbacks do passado e no reflexo do espelho. – Ela combateu a ideia de lembrar o que sua mente se esforçava para esquecer. Sentia-se aterrorizada por esses mistérios.

– O que você tem a perder, Lilith? Nada.

Ele tinha razão. Ela não tinha nada a perder. Seus relacionamentos com John, Anita, Gerald, Letty e até mesmo com Simon eram apenas imaginários. Na melhor das hipóteses, eles gostavam de uma pessoa que nem sequer existia.

Ela assentiu e Simon a empurrou silenciosamente pelo corredor até o Cofre. O lugar parecia isolado; os outros ainda deviam estar descansando. Logo eles estavam parados diante de um mapa do Refúgio. Foi fácil identificar onde estavam e determinar o local de destino. Simon lhe entregou um triângulo e apontou uma marcação semelhante no mapa.

– Toque a beirada deste triângulo naquele ponto ali. Irei logo depois de você. Podemos ir assim que estiver pronta.

Lilly não hesitou. Então foi engolida por uma onda de luz e névoa, uma massa cinzenta e rodopiante que nublou sua visão por alguns instantes; quando a neblina se dissipou, ela se viu em um corredor de pedra, ainda sentada na cadeira de rodas.

Logo depois, Simon surgiu ao lado dela.

– Que coisa estranha! Espere um pouco, preciso me localizar – disse ele.

Simon a instruiu a colocar seu triângulo no receptáculo que havia na parede bem ao lado dela. Isso a enviaria de volta dentro de dez minutos. Simon saiu em busca de outro receptáculo e voltou um minuto depois.

– Graças a Deus havia outro por perto. Agora vamos procurar seus pertences. Qual é o número da sua câmara?

– 1-11-15. O dia em que John me descobriu e minha idade.

Eles levaram cerca de cinco minutos para encontrar a unidade certa. Lilly achou que o lugar parecia um caminho de mudança, com uma grande tranca de girar. A placa em uma das paredes ao lado tinha a inscrição 11115 e os contornos apagados de uma palma da mão.

Ela olhou para Simon, que inclinou a cabeça para a marca da mão.

– Eu não posso abrir – disse ele.

Hesitante, Lilly levantou a mão esquerda e a pressionou contra a parede, destravando a primeira parte do mecanismo.

– Não posso fazer isso – balbuciou Lilly. – Estou com medo.

– Se não fizer, ninguém mais fará. – Simon estava determinado. – Se escolher não descobrir quem você é, continuaremos presos para sempre nessa bagunça criada por Adão.

Lilly encostou a cabeça na porta de metal e suspirou. Um peso insustentável parecia ter sido depositado em seus ombros.

– Por que tudo depende de mim?

Simon não ofereceu resposta.

Quanto mais esperava, mais crescia sua indecisão. O conflito era tão intenso que chegava a ser doloroso. Por fim, decidiu girar a tranca. A porta se abriu com facilidade e, ao mesmo tempo, as luzes no interior se acenderam.

A enxurrada de memórias não foi desencadeada pelo que ela viu, mas pelos cheiros que sentiu: camadas de nicotina assentadas sobre o carpete puído, misturado ao odor pungente de comida estragada, perfume barato e lixo em decomposição. Esses eram os cheiros marcantes de sua infância, quando ela se arrastava em busca de restos para comer escondida. Ao fundo, tocava a trilha sonora de suas primeiras danças ao som de Kurt Cobain e Merle Haggard, com John Denver sempre no *repeat* cantando “Sunshine on My Shoulders”.

Aquela experiência a atingiu como um soco no estômago, deixando-a completamente sem ar. Todas as lembranças de uma vida inteira chegaram ao mesmo tempo e não havia nada que ela pudesse fazer além de gritar, vomitar, gritar e gritar mais. Então, por um instante, tudo mergulhou na escuridão.

Lilly ainda estava aterrorizada quando voltou a si, mas foi contida por braços fortes enquanto se debatia. Anita e John tinham vindo em seu auxílio; Gerald assistia a tudo do canto do quarto, com uma expressão de desamparo e ansiedade.

Aos poucos ela foi se acalmando, o coração desacelerando ao som repetitivo de frases tranquilizadoras como “Está tudo bem” e “Estamos aqui”.

– Traga um chá quente para ela – ordenou Anita, fazendo Gerald sair correndo para atender ao seu pedido. – Com leite e mel – acrescentou enquanto ele se afastava.

Anita olhava para Lilly com ternura.

– Não precisa ter pressa, minha querida. Recompõe-se primeiro. Estamos bem aqui e não vamos abandoná-la. Você está em segurança.

Lilly começou a chorar.

– Anita, eu me lembrei. – Sua voz estava frágil, irregular e rouca. – Eu me lembrei de tudo. Não queria lembrar...

– Shhh... – Anita abraçou a menina, embalando-a nos braços.

Lilly conseguia ouvir John orando baixinho ao fundo, mas tudo o que queria naquele instante era desaparecer, para sempre, nos braços daquela mulher.

– Ninguém vai lhe pedir para falar sobre nada que você não queira. Vai ficar tudo bem. Agora apenas respire fundo.

Gerald logo retornou com o chá e ficou de vigia ao lado de John. De vez em quando, Lilly era invadida por ondas de lembranças e seu corpo todo tremia. Somente depois que a turbulência perdeu a força é que Anita lhe deu um lenço aquecido para limpar o rosto. Lilly deu um gole do chá, que se espalhou por dentro do seu corpo, doce, quente e reconfortante. Apenas seu braço envenenado continuava frio e dolorido.

– O pesadelo que você teve enquanto cochilava causou um rebuliço e tanto. O pobre Gerald nem sabia o que fazer. Se não tivéssemos ficado tão preocupados com seus gritos, teríamos achado graça do desespero dele.

Lilly mal tinha energia para sorrir, mas conseguiu fazê-lo.

– A princípio, tive certeza de que você estava no Cofre – disse Gerald –, mas no fim das contas estava aqui no seu quarto mesmo. O som se propaga de maneira estranha neste lugar. Simon só pode estar no Estúdio, o único lugar acusticamente isolado daqui.

Lilly desejava poder se esconder como Simon. O que ela fizera tinha sido uma estupidez. Onde estava com a cabeça? Não tinha parado para pensar nas consequências. Se John descobrisse, ela morreria de vergonha.

– Posso desistir? – sussurrou Lilly. – Quero que tudo isso acabe.

Anita afagou a mão dela.

– Eu sei, querida. Você teve que envelhecer rápido demais, e isso me enche de tristeza. – Anita não conseguia disfarçar sua revolta. Mas Lilly gostava de sentir que alguém estava com raiva por ela, mesmo que não fosse digna disso.

– Obrigada por cuidar de mim.

– Não precisa agradecer – disse a mulher. – Conte comigo sempre. Agora, durma um pouco. Um de nós ficará aqui lhe fazendo companhia.

Lilly não quis discutir – nem teria forças para isso. O chá a havia deixado

sonolenta. Enquanto recostava a cabeça no travesseiro e fechava os olhos, ela fez um pedido silencioso que mais parecia uma prece: “Deus, por favor, não quero lidar com nada agora. Posso só dormir?”



Durante o tempo em que Lilly esteve dormindo, a iluminação do quarto pequeno passou do amarelo vivo da luz do dia para o azul calmante das luzes noturnas.

– Por quanto tempo eu dormi? – perguntou ela.

– Quase quatro horas. – Anita sorria com ternura. – Como está se sentindo?

– Não sei. Agora não sinto nada em especial. Como você faz para acordar de um sonho que é real? Entende o que digo? Tenho certeza de que estou acordada. – Lilly beliscou seu braço esquerdo até ele doer quase tanto quanto o braço envenenado.

– Apenas conferindo? – perguntou Anita, erguendo uma sobranceira.

– Sim. Não tenho certeza de nada neste momento, absolutamente nada. – Lilly fez uma pausa e então perguntou: – Anita, o que você quis dizer quando falou que eu tive que envelhecer rápido demais?

A Sábria refletiu antes de responder.

– Somos todos crianças, independentemente da nossa idade. Embora Deus tenha nos criado para crescer em estatura e sabedoria, Ele também pretendia que continuássemos crianças em nosso coração. Infelizmente, o mal obriga muitos de nós a abandonar nossa infância, de modo que envelhecemos rápido demais.

– O que você sabe sobre a minha vida?

– O suficiente para ver que ela lhe causou feridas profundas e que agora você está revirando os escombros dela. – A revolta surgiu novamente em sua voz. – Isso não é o julgamento de uma Sábria, Lilly, mas a observação de uma amiga que ama você.

As duas ficaram de mãos dadas em silêncio por algum tempo.

– Minha mãe me vendeu, Anita. Minha própria mãe! Ela me vendeu para o seu namorado, que então me vendeu para outros homens. – Enquanto Lilly falava, lágrimas escorriam pelo seu rosto. Anita também chorou. – Como uma mãe pode fazer uma coisa dessas? Ela me vendeu em troca de drogas. Quando estava chapada, ela me chamava de Kris, que era o nome de uma droga que ela usava. Os homens me chamavam de Princesa.

Anita apertou a mão dela e a deixou falar. Não era hora de dizer nada.

– A pior coisa de ser estuprada não é a dor, é o que fica com você depois. O medo, a vergonha. Minha mãe costumava me levar para a igreja do bairro e me deixar lá. Talvez fosse sua tentativa de se confessar, ou talvez quisesse que Deus me consertasse apenas para que ela pudesse me quebrar outra vez. Eu me lembro de estar na escola, com uns 5 ou 6 anos de idade, e pensar: *qual é o problema dessas crianças? Como elas podem estar brincando tão perto de mim? Elas não sabem que podem pegar minhas doenças?*

Lilly e Anita suspiraram quase ao mesmo tempo.

– Esse tipo de violência destrói a sua alma. Você fica sem ninguém e sem nada, e acaba achando que isso é tudo o que você merece. A culpa é sempre sua. É culpa sua se você é bonita o suficiente para ser escolhida. E é culpa sua se você não é bonita o suficiente e outra é escolhida no seu lugar. Eu fugi várias vezes, mas sempre me encontravam. Os homens me vendiam sem parar, e depois me operavam para os clientes acharem que eu era virgem. No final, tiraram de mim a única coisa que me restava. Nunca vou poder ter um bebê, Anita. Você entende? Eu não passei por uma tragédia. Eu *sou* a tragédia!

Anita se debruçou sobre Lilly e a envolveu em seus braços fortes, protegendo-a com um escudo de amor.

– Anita, nunca vou poder ter um bebê – repetiu ela. – Sempre achei que não importava quanto eu estragasse tudo, um dia eu poderia fazer uma coisa certa e ter um bebê, alguém que eu pudesse amar e que me amaria de volta e me chamaria de mamãe, mas agora não posso, não posso...

Lilly estava tão perdida em sua própria angústia que não notou as lágrimas que escorriam continuamente pelo rosto da Sábvia até que elas encharcaram seus cabelos.

Quando a comoção diminuiu e as duas se recompuseram, Lilly se sentiu levemente constrangida por ter despejado seus problemas em cima de outra pessoa. Mas não havia como desfazer aquilo.

– Posso compartilhar algo pessoal e valioso com você, Lilly? – perguntou Anita.

– Claro.

– Gerald e eu tivemos uma filha; a gestação foi completa, mas ela nasceu morta. Foi o pior dia da minha vida. O nome dela é Nadja, que significa esperança. Nós lhe demos esse nome depois que a vimos. Ela tinha as mãos e os pés mais delicados que você pode imaginar, perfeitos e completos. Tinha as orelhas de Gerald, o que teria sido um desafio para a pobrezinha. Mas, desde que Nadja foi para junto de Deus, nunca mais fui capaz de conceber outro filho, e não foi por falta de tentativa. Parece que, fisiologicamente, não havia nada de errado conosco, mas não aconteceu. E, agora, perdemos a oportunidade para sempre.

Anita fez uma pausa e, desta vez, foi Lilly quem pegou sua mão.

– Querida, nossas histórias não são iguais – disse a mulher. – Nada foi roubado de mim, como no seu caso. No entanto, é como se algo me tivesse sido tirado aos poucos. Existe um tipo de dor que somente uma mulher que não pode gerar um filho consegue entender. Escolher não ser mãe é uma coisa, mas ter esse milagre tirado de você... É uma ferida tão profunda que não consegue sequer sangrar.

– Sinto muito, Anita. O seu segredo está bem guardado comigo – sussurrou Lilly.

Anita sussurrou de volta:

– Não guardo segredos, Lilly. Amigos de verdade não fazem isso, apenas surpreendem de vez em quando.

Anita se levantou e estendeu a mão para Lilly.

– Minha querida, o afastamento de Adão sem dúvida oprimiu as mulheres, mas foi um desastre para os homens também. Mesmo assim, alguns deles conseguiram sair da sombra de Adão. Você pode não acreditar, mas existem muitos homens no mundo que não são como os que você conheceu. O que acha de procurarmos alguns desses bons homens e ver se eles prepararam algo para comer? Toda essa emoção me deixou faminta.

Lilly riu, o que de certa forma foi um alívio.

– Se importa de ir na frente, Anita? – sugeriu ela – Preciso me recompor, mas me juntarei a vocês daqui a alguns minutos. Está bem?

– Claro, como quiser. – Anita sorriu e a abraçou mais uma vez. – Obrigada por me permitir entrar com você em seu solo sagrado.

– Obrigada por não me deixar sozinha. – Lilly segurou o braço da mulher por um instante. – Anita, você disse algo que me fez lembrar de alguém, de um homem. Eu me lembrei do rosto dele alguns dias atrás, mas não conseguia me recordar de mais nada. Agora eu sei. Quando eles me despacharam junto com as outras meninas naquele contêiner que me trouxe até aqui, ele tentou nos salvar. Nós não servíamos mais, entende? Fomos descartadas porque estávamos doentes, “ruins para o mercado”. A filha desse homem estava desaparecida e ele achou que ela tinha sido levada junto com a gente, então se infiltrou no grupo de traficantes para tentar encontrá-la. A menina não estava lá, mas ele deve ter me achado parecida com ela. Foi ele quem me colocou naquele compartimento, mas tudo aconteceu tão rápido que não pude me posicionar direito. Quando os outros homens arrombaram a porta, acho que atiraram nele primeiro. Ouvi tiros enquanto desmaiava; é a última coisa de que me lembro. O nome dele era Abdul Baith. Achei que alguém deveria saber.

Anita afagou seu braço.

– Quando voltarmos à superfície, falaremos mais sobre ele e celebraremos sua memória de forma apropriada. Um dia você poderá lhe agradecer pessoalmente. Esse é, em parte, o motivo da nossa esperança.

Depois que ela foi embora, Lilly pegou seu diário.

Chega de segredos. Tive um dia muito difícil. Descobri, ou melhor, finalmente lembrei que... Tenho medo até de escrever sobre isso, pois tornaria tudo mais real. Fui operada, esterilizada como uma cadela ou um animal qualquer, e nem sei quem fez isso comigo.

Anita me disse que também não pode ter filhos. Acho que é por isso que estou conseguindo escrever sobre o assunto. Estou TÃO TRISTE por ela e por mim, e não consigo parar de chorar. Agora estou com muita raiva, mas a maior parte do tempo não sinto nada, é como se eu estivesse anestesiada. Tenho vontade de me cortar só

para sentir alguma coisa. Tenho medo de nunca mais voltar a sentir nada – se bem que estou sentindo meu braço picado pela serpente. E está doendo muito.

Talvez eu precise que o gelo debaixo dos meus pés quebre para que eu possa cair e desaparecer. Oh, Deus, ainda que eu esteja totalmente maluca, Você viria me encontrar? Acho que quero mesmo ser encontrada, mas por Você, não apenas pelos outros.

Eu fui ao lugar em que John guardou meus pertences e foi então que todas as minhas memórias voltaram. Talvez não todas, mas muitas delas, lembranças demais de uma vez só. Aí eu me abri com Anita.

Mas acho que sei o que preciso fazer agora. Parece claro para mim pela primeira vez. Simon tem razão: eu posso mudar o mundo. Mas não como Lilly. Lilly é uma garotinha que morreu muito tempo atrás, uma menina fraca, quebrada e impotente que merece descansar em paz. É hora de criar uma nova realidade para mim mesma, me dar um novo nome e um novo destino. Então, escolho ser Lilith, porque Simon acredita nela. A verdade sobre mim mesma é que sou Lilith.

15 LILITH



Assim que ela se decidiu, tudo, inclusive o tumulto que se agitava em seu coração, se aplacou. Quando ela empurrou sua cadeira até a área de estar, John estava recostado em uma parede olhando o oceano, hipnotizado pelo ir e vir da vegetação marinha no ritmo do movimento das águas. A comida já estava na mesa.

Lilly parou ao seu lado e quebrou o silêncio.

– Em que está pensando?

– Hum? – John não se virou para ela. – Você sofreu perdas terríveis para alguém tão jovem. Provavelmente nunca vou entender por que a alma humana tem uma necessidade tão grande de recordar e reviver suas tragédias.

– Anita contou para você?

Ele levantou a mão para detê-la e baixou-a lentamente quando ela se calou.

– Às vezes – prosseguiu ele, com a voz triste –, sinto que minha função é acrescentar mais fardos sobre seus ombros, cutucar sua dor. Isso me deixa arrasado. Não gosto de fazer isso, e gosto cada vez menos à medida que meu afeto por você aumenta.

Lilly ergueu a mão e tocou seu braço, um gesto que ela nunca tinha feito antes.

– Você se importa comigo?

– Sim – afirmou ele, ainda olhando para o balanço das algas. – Para mim, isso foi algo totalmente inesperado. Acho que os relacionamentos têm vida própria, não se importam com a história, os compromissos ou as necessidades das pessoas. É irritante. Mas também são uma dádiva, uma alegria. Um mistério, como se costuma dizer.

Ele inspirou e expirou lentamente, um suspiro que vinha do fundo da sua alma.

– Então, sim, eu me importo com você, e isso atrapalha meu julgamento. – Ele franziu os lábios como se quisesse evitar que eles revelassem ainda mais coisas.

– Então pare de se importar – sugeriu ela, mas não estava sendo irônica. – Não estou acostumada a ter pessoas se importando comigo. É estranho. E, como você disse, só complica tudo.

– Quem me dera fosse tão simples assim. Eu tentei me distanciar, me convencer de que você era apenas uma missão que eu precisava cumprir. Mas não adiantou.

Ela sorriu com uma facilidade surpreendente.

– Não acredito. Você estava tentando gostar menos de mim?

– Parecia o caminho mais seguro.

– Acredite – disse ela –, os caminhos raramente são o que parecem e não são previsíveis. Talvez a *segurança* esteja em quem acompanha você, e não no caminho que você escolhe.

Ele a encarou, surpreso.

– Esse é o tipo de sabedoria que não se conquista com facilidade – reconheceu ele. – Obrigado pela dica. Isso é algo que todos nós deveríamos ter em mente.

Sem saber como responder, Lilly anunciou em um tom de voz sarcástico:

– Bem, se isso for ajudar, eu não me importo muito com você. Acho você curioso, mas não gosto nem desgosto de você. – Ela não estava dizendo a verdade, e suspeitava que ele soubesse disso.

– Humm. – Ele olhou para cima e, passados alguns instantes, voltou a fitá-la. – Não, isso não ajuda nem um pouco. Não diminuí em absolutamente nada a profundidade do meu sentimento por você.

Um medo inesperado percorreu sua espinha.

– Você não está tentando me dizer que está... apaixonado por mim, está?

– Por Deus, não! – exclamou ele. – Apaixonado? Aquele sentimento romântico que deixa as pernas bambas e torna você um ser praticamente inútil? Não, nada disso.

– Que bom! – disse ela com um suspiro. – Isso teria dado um nó na minha cabeça! Não que alguém não possa se apaixonar por você, mas, eu e você? Nem pensar. Você é velho... quer dizer, deve ter uns 40 ou 50 anos, não é? – Ela fez uma careta para enfatizar sua repulsa.

– Ufa! – provocou John, rindo. – Ainda bem que esclarecemos isso. E você tem razão, eu tenho uns 40 ou 50 anos, e você é um bebê.

– Eu não sou um bebê! – reclamou ela. – Sou uma mulher jovem e forte!

– E teimosa. – Ele tornou a sorrir, mas, quando voltou a olhar pela janela, o sorriso se apagou.

– Por que está tão triste, John?

– Porque eu já sabia. Eu já sabia do que haviam feito com seu corpo, mas não sabia como lhe contar. Você foi privada da dádiva de poder gerar uma criança, e

mesmo com todos os nossos recursos não pudemos lhe dar isso de volta. Sinto muito, muito mesmo.

– Eu também – emendou ela. – Na verdade, eu não sinto nada. Estou meio anestesiada. Talvez seja melhor assim.

– Talvez – concordou John. – O sofrimento é uma coisa estranha. Como a alegria, ele nos pega desprevenidos, totalmente de surpresa. Faz parte da vida, faz parte da natureza humana.

– Todo mundo está estragado por dentro, John? Todo mundo está sofrendo?

– É impossível evitar o sofrimento, Lilly. A dor é o que todos nós temos em comum. Assim como a sua alma, o cosmos está estilhaçado. Mas preste atenção. – John a encarou, agachando-se ao lado da sua cadeira. – Lilly, se você participar de sua própria cura, abrirá possibilidades de que a criação também seja restaurada.

– A minha cura? Por que tudo depende de mim?

– Tudo depende de cada um de nós, porque cada um de nós importa. Fomos todos criados em Adonai. Nele, estamos todos conectados uns aos outros, quer reconheçamos isso ou não.

Alguém pigarreou perto deles e, quando Lilly se virou para olhar, viu Simon parado na porta. Ela se perguntou há quanto tempo ele estaria ali, quanto da conversa teria ouvido. John se levantou, cumprimentando-o com um aceno da cabeça.

– Com licença – falou Simon. – Vim apenas conferir como você estava. Pelo que me disseram, perdi momentos de fortes emoções mais cedo.

– Estou me sentindo melhor, obrigada! – respondeu Lilly. E era verdade. Embora ainda sentisse a febre e a infecção, ambas pareciam ter diminuído.

Ela esperava que Simon ficasse feliz em ouvir a notícia, mas, em vez disso, ele pareceu perplexo. Lilly se voltou para John, que estava imerso em pensamentos.

– Acho que estou pronta para voltar ao trabalho.

John respirou fundo e sorriu para ela. Lilly detestava ter que enganar alguém tão gentil. A lembrança de quem ela era de verdade, uma pessoa manipuladora e mentirosa, embrulhou seu estômago. Mas não deixou que nada disso transparecesse em seu rosto.

– Não acho que seja uma boa ideia, minha querida – censurou ele. – Você parece ter melhorado um pouco, mas ainda está exausta. Acho que o Universo pode lhe dar mais um dia de descanso. Eu me importo mais com você do que com o destino do nosso planeta.

Ele está na palma da minha mão!, foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça. As palavras de John ricochetearam dela como uma pedra contra um escudo de metal. *Se John soubesse a verdade a meu respeito, ele me rejeitaria no mesmo instante.*

O que ela poderia fazer além de concordar, fingir que se submetia aos conselhos dele?

– Você não vai comer nada? – perguntou ela.

– Não – respondeu John. – Mas você deveria. E depois seria bom descansar um pouco. Estou com um mau pressentimento sobre amanhã. Ainda não entendi direito do que se trata, mas, de qualquer forma, isso vai ter que esperar. – Ele se inclinou e deu um abraço mais demorado que o normal em Lilly, quase como se estivesse se despedindo. Ele beijou sua testa e se retirou.

Embora não fosse necessário, Simon empurrou a cadeira dela para perto da mesa.

– Ele é ingênuo e sentimental, ou talvez coisa pior – afirmou ele quando John já não podia ouvi-los. – Ninguém ama dessa forma, a não ser que tenha algum motivo. Lilly, você não se deixou enganar por nada daquilo, certo?

– É claro que não – respondeu ela.

– É revoltante a maneira como eles estão usando você, cada qual para o seu próprio objetivo. John é o pior de todos.

– Como pode dizer isso? Ele abriu mão de tudo por mim, da sua casa, da sua privacidade, provavelmente do seu dinheiro...

– Ele não abriu mão de nada. Este Refúgio é o pequeno reino dele, e você é o peão que vai consolidar seu poder. Você nem imagina a autoridade que ele passará a ter depois que tiver o verdadeiro registro dos Inícios nas mãos. Será que não entende? Todos eles sairão ganhando. Poderão influenciar o mundo inteiro e criar a mitologia que lhes for mais conveniente. Liliith, eles só querem usá-la. Você não pode deixar que isso aconteça.

– Você tem certeza disso?

– Não é óbvio? – Simon se sentou ao lado dela e começou a colocar comida em seu prato. – Ainda não percebeu como John e os outros estão sempre sussurrando? E sempre param de falar quando eu me aproximo. Estão tramando alguma coisa, e eu lhe garanto que não é no seu bem que estão pensando.

Lilly remexeu a comida. Tinha perdido o apetite.

– E você? O que está fazendo aqui? É no meu bem que está pensando, Simon?

O Sábio se deteve e olhou para ela.

– Não, Liliith, não estou pensando no seu bem. Mas, pelo menos, tenho a decência de admitir isso, em vez de mentir descaradamente como os outros.

Simon pegou sua mão. A pele dele estava fria e suada, mas ainda era gostoso senti-la contra o seu corpo febril.

– Não lhe desejo mal algum, mas confesso que estou interessado em você por motivos próprios.

– E que motivos seriam esses?

– Liliith, se você for mesmo a Testemunha capaz de mudar a história, talvez possa trazer minha esposa de volta para mim.

– Mas, Simon, achei que você tivesse dito que ela estava morta!

– Não para mim. Eu disse que ela está em um lugar melhor. Ela está presente em cada momento de todos os meus dias e nos meus sonhos à noite. Ela aparece

mas eu não posso abraçá-la. Ela era tudo para mim, e eu tinha perdido as esperanças de reencontrá-la até conhecer você. Lilith, você me deu a coragem de viver e ter esperança novamente. Juntos, nós dois podemos mudar o mundo.

Lilly estava assustada. O que Simon sentia pela esposa era amor ou obsessão? Ela não conseguia ter certeza. Mas a intensidade daquele sentimento mexeu com ela. Algum dia alguém poderia amá-la tanto quanto Simon amava sua mulher?

– Como? – perguntou. – Não consegui impedir Adão. Ele virou a face antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo.

– É verdade – concordou Simon. – Mas você ainda pode impedi-la.

– De quem você está falando? De Eva? Impedi-la do quê?

Simon se levantou e começou a andar de um lado para outro.

– Já falei demais. Ela deve tomar decisões reais para que dê certo, mas se eu falar demais, ela pode se sentir coagida, e aí nada vai mudar. – Ele estava pensando alto, e não exatamente falando com Lilly. – Mas, talvez, se eu falar apenas o suficiente, o resto possa entrar nos eixos sozinho... É isso!

Ele voltou para o lado dela e se deixou cair em uma cadeira.

– Você precisa voltar esta noite! – disse ele, pegando o braço dela.

Lilly recuou, assustada com o comportamento estranho de Simon.

– Voltar para onde?

– Para o jardim. Você precisa testemunhar esta noite.

– Mas...

– Estão todos em seus quartos. Temos que fazer isso agora.

– Fazer o quê? Você nem me disse...

– Você só precisa fazer uma coisa antes.

– O quê? – disse ela, quase com medo de perguntar.

– Precisa olhar no espelho outra vez. É a única maneira.

– Não posso, Simon, não me obrigue a fazer isso, por favor.

– Lilith. – Ele se ajoelhou diante da sua cadeira e cruzou as mãos sobre os joelhos. – Será que você não entende? Não há outra saída. O espelho não só reforçará a verdade sobre quem você é e por que está aqui, como lhe dará o poder de estar presente e se tornar visível no jardim. Ele lhe dará a capacidade de efetivamente *fazer* algo! É o espelho que lhe dá o poder de mudar os acontecimentos, de mudar a história. Você precisa confiar nele e no que vê em seu reflexo. Por favor!

Embora parecesse loucura, Simon tinha razão. Ela havia ficado mais tangível no Éden depois de ter furado o dedo no espelho.

Mas, espere... tinha sido o espelho ou a picada da serpente que fizera isso acontecer? O que lhe dera esse poder? Ela não conseguia se lembrar das palavras exatas de Simon. De todo modo, o espelho e a serpente pareciam estar conectados, então provavelmente não fazia diferença. O importante é que ela havia tomado a decisão de assumir seu destino como Lilith, e ele estava lhe mostrando uma maneira de fazer isso.

– Está bem, o espelho ainda está no meu quarto, dentro da penteadeira. Mas eu não vou colocar minha mão ali.

– Posso pegá-lo para você.

Enquanto ele empurrava sua cadeira em direção ao quarto, outra pergunta passou pela cabeça de Lilly.

– Simon, foi você quem pegou o anel e a chave?

– Não! Não preciso de nenhuma dessas duas coisas. Mal cheguei a vê-las. – Simon foi assertivo e Lilly acreditou em suas palavras.

Chegando ao quarto, Simon encontrou rapidamente o espelho, que ainda estava escondido no saco, e o entregou a Lilly.

– Quantas vezes você tocou a pedra? – perguntou ele.

– Duas – respondeu ela. – Foi o suficiente.

– Bem, esta noite você precisa tocá-la três vezes. Não quatro, mas não menos do que três.

– Simon, como você sabe de tudo isso? Como sabe que eu preciso olhar no espelho para mudar a história? Como sabe que se eu o tocar quatro vezes vai ser demais?

Ele hesitou.

– Minha esposa, Karyn, o tocou seis vezes.

Lilly largou o espelho no colo.

– Este negócio matou sua mulher? E você quer que eu o toque? Está maluco?

– Não, não, você entendeu errado. Não foi o espelho que a matou, mas estava com ela da última vez que a vi. Quando eu a encontrei, ela era apenas um corpo, sem ninguém dentro. A verdadeira Karyn desapareceu e nunca mais voltou. Ela havia pressionado a pedra seis vezes.

– E você espera que eu...

– O que aconteceu com Karyn não tem nada a ver com você. Eu a alertei. Avisei que o espelho não era para ela. Karyn não era uma Testemunha. Este espelho é para *você*! O sacrifício dela não significou nada. Mas por causa dela agora tenho respostas para você. Você é a Testemunha que pode mudar tudo.

Lilly removeu lentamente o espelho da sacola e olhou para ele. Como antes, viu uma massa cinzenta e rodopiante, como nuvens disformes em constante movimento.

– Você disse que Karyn foi para um lugar melhor.

– Não sei exatamente onde fica. Quando a vejo em meus sonhos, ela não me reconhece, mas parece feliz.

Lilly aproximou seu polegar direito da pedra vermelha.

– Espere! – ordenou Simon, fazendo ela recolher o dedo na mesma hora. – Lembre-se: três vezes, não quatro. Três vezes serão suficientes para lhe dar a autoridade de permanecer onde quiser.

– E se eu quiser ficar no Éden?

– Então você poderá ficar lá por quanto tempo quiser e não voltar. É assim que

você será envolvida na história e mudará o mundo.

A magnitude daquela declaração tirou seu fôlego. Lilly não queria ter esse poder. Mas Lilith, sim.

Foi Lilly quem falou.

– Não deveríamos contar a John e aos outros?

– Não podemos. Eles nunca a deixariam correr esse risco. Estão aqui porque querem algo de você.

– E você, Simon, me diga outra vez: por que está aqui?

– Estou aqui para servi-la e, se possível, encontrar Karyn.

Sem pensar duas vezes, Lilith pressionou o polegar contra a pedra. Uma descarga de dor subiu pelo seu braço até o ombro, como se ela tivesse pegado ferro em brasa. A pedra absorveu seu sangue e a superfície do espelho começou a mudar. Ela afundou o dedo ali uma segunda vez, fazendo a dor penetrar mais fundo, espalhando-se até o seu outro braço e descendo em direção às pernas. Lilly arquejou, mas manteve o controle. Então forçou o dedo contra a pedra uma terceira vez. A dor foi tão forte que era como se o seu corpo estivesse sendo esgarçado. As chamas estavam em toda a parte, nos seus pés e nos seus cabelos, em cada nervo e cada neurônio, numa agonia tão intensa que ela nem conseguia gritar.

Incapaz de resistir, ela olhou para o espelho. Seu olhar foi devolvido por uma criatura horrenda: o rosto em putrefação, olhos amarelos e purulentos, lábios retorcidos. Lilly estava vendo tudo aquilo que mais temia – ela era um produto estragado pronto para ser vendido a quem estivesse disposto a pagar mais. Por trás de toda a feiura, ela conseguia enxergar a verdade: ela nunca havia sido digna de amor; era um erro, um acidente, um lixo imprestável. Não era boa, inteligente ou bonita o bastante; não era nem mesmo uma mulher de verdade. Estranhamente, esse semblante inútil e maculado pela vergonha também lhe dava poder.

Lilly não tinha a nada a perder, pois nunca tivera nada desde o início.

Guardando o espelho de volta no saco, ela o entregou a Simon, que se apressou a guardá-lo.

– Eu sou Lilith e estou pronta – anunciou ela. – Nunca mais voltarei para cá.

16

A QUEDA



– Onde estamos? – sussurrou Lilith para Han-el, embora ninguém pudesse ouvi-los.

– Dentro do Éden, perto do centro. Olhe. – O Cantor apontou para três vultos que andavam pela grama, não muito longe dali. – O Um que agora são Dois se aproxima, e com eles vem a serpente.

– O que a serpente está fazendo aqui? – perguntou ela, logo depois adivinhando a resposta. – Adão a convidou, não foi?

Han-el não precisou responder. Enquanto o grupo se aproximava, Lilith os observava com atenção, especialmente Eva. A jovem andava com ar confiante ao lado de Adão, um pouco mais alta e mais negra do que ele, magra, de ossos finos, com uma postura majestosa. Também estava nua, com exceção da luz incandescente que caía em cascata ao seu redor, respondendo a cada movimento seu. O homem não parecia muito mais velho, e a expressão em seu rosto era distante. Mesmo quando sorria, uma ponta de tristeza toldava seus olhos. Lilith tinha notado a mesma coisa nos olhos de John, mas John não era Adão.

– Han-el, um dia você será um Guardião.

– Essa seria uma honra inimaginável. Espero que seja você quem eu virei a servir.

– Não serei eu, mas alguém que é... digno – ela se surpreendeu ao se referir a John dessa maneira, mas naquele momento parecia verdade, apesar do que Simon lhe dissera.

Adão não estava retribuindo a atenção da jovem, que claramente o adorava. Eva fez uma pergunta, mas Adão não a ouviu, ou a ignorou de propósito. Ela

repetiu o que disse, mas só conseguiu uma reação dele depois de tocá-lo no ombro.

A serpente dava a impressão de estar maior. Ela deslizava pelo solo do jardim como se não o tocasse. De repente, se deteve e sumiu na floresta. No instante seguinte, surgiu bem na frente de Lilith.

Han-el deu um passo à frente como se quisesse protegê-la, mas Lilith o afastou e manteve-se firme enquanto o animal se aproximava. O veneno que queimava em suas veias reagiu à presença dela, pulsando debaixo de sua pele.

A serpente usava uma coroa com nichos para doze joias, mas três delas estavam faltando.

– O que significa essa coroa? – perguntou ela. – Não combina com você.

– Foi um presente de Adão, por aceitar seu domínio.

Oscilando para trás e para a frente, a serpente esquadrinhou Lillith, parando a centímetros de distância dela. Depois de um tempo, constatou:

– Você não pertence a este lugar.

– Você também não – retrucou Lillith em tom de desafio.

– Estou aqui a convite de Adão, o rei de toda a criação, filho de Deus. Você é um dos rebentos de Adão, está no lugar certo, mas na hora errada. Quem é você e o que está fazendo aqui?

– Meu nome é Lilith, mas não sou ninguém. Ninguém está aqui para impedir você.

– Charadas? – A serpente recuou, depois se aproximou novamente. – Ouça, pequenina, tenha cuidado onde pisa; e não se meta onde não é chamada.

– Isso é uma ameaça?

– Não contra você. Você não tem importância alguma.

– Não tenho nada a perder – devolveu Lillith. – O que você pode tomar de mim que ainda não tenha sido roubado?

– Isso não me interessa. Não preciso de nada que você tenha a oferecer. Você não é nada, não é ninguém. – Com essas palavras, a criatura desapareceu, ressurgindo atrás de Adão e de Eva. Os dois haviam parado em um descampado.

– Leve-me até lá – disse ela para Han-el. – Preciso ouvir o que eles estão falando.

No instante seguinte, ela estava parada a poucos metros dos três, que olhavam para uma figueira carregada de frutos. A serpente fitava Lillith diretamente, mas se dirigiu a Eva.

– Isha, por acaso Deus falou com você e lhe disse que não deve comer de todas as árvores do jardim?

A pergunta surpreendeu Eva, que olhou para Adão. John havia contado para Lillith que essa conversa havia ocorrido entre Deus e Adão – e não entre Deus e Eva. Adão indicou com um gesto que a mulher deveria responder.

– Podemos comer os frutos de todas as árvores, menos desta que está no meio do jardim. – Ela indicou a árvore com a cabeça. – Sobre esta, Deus alertou: “Se comerem desta árvore ou tocarem nela, vocês morrerão.”

Adão assentiu em silêncio. Eva sorriu, satisfeita com a sua resposta. Afinal, tinha sido exatamente assim que Adão lhe ensinara.

– Garanto que vocês não morrerão! – declarou a serpente.

Eva arregalou os olhos.

Que coisa espantosa de se dizer, pensou Lilith. A criatura não estava fazendo uma insinuação velada, mas uma acusação direta contra a bondade de Deus. Aquela coisa tinha chamado Deus de mentiroso?

Eva virou-se de volta para Adão, desta vez aflita e confusa, como se esperasse que ele desse uma lição na serpente. Mas, em vez disso, ele continuou em silêncio. Eva olhou para o chão e, ao fazer isso, não viu que Adão assentiu para a criatura.

– Pois Deus sabe que, no dia em que comerem desta árvore, seus olhos serão abertos e vocês serão como Ele, capazes de discernir o bem do mal.

Isso era verdade? Lilith não sabia ao certo. Não era isso que se lembrava das Escrituras que John lera para ela. Ou talvez ela não tivesse entendido bem.

Adão permanecia em silêncio e imóvel, aguardando a resposta de Eva. Ela olhou primeiro para um e depois para o outro, e então para a árvore repleta de frutos.

Quando Lilith fez menção de impedir Eva, sentiu a mão de Han-el em seu ombro.

– Você está aqui para testemunhar – disse o Cantor, num tom grave.

Lilith recuou, sentindo-se frustrada e impotente. Eva se aproximava lentamente da árvore, como se uma luta interna entre desconfiança e desejo eclodisse dentro dela.

Adão seguiu Eva, e ela interpretou isso como um sinal de encorajamento. A árvore era linda, hipnotizante, e oferecia a promessa de frutos doces; mas, acima de tudo, parecia o caminho mais curto para saciar seus anseios.

Como a vontade de ser como Deus poderia não ser uma coisa boa? Não era este o destino deles? Discernir o bem do mal, tornar-se sábios e poderosos? Ali estava uma maneira simples de provar o valor deles, de cumprir os desígnios de Deus e de assumir seu domínio sobre toda a criação.

Como era belo esse desejo profundo de ser como Deus!

Eva estendeu o braço, ainda titubeante, até seus dedos roçarem levemente a casca da fruta, e logo o puxou de volta. Nada aconteceu. A serpente tinha falando a verdade. Eles não morreriam se a tocassem.

Ela tornou a esticar a mão, mas desta vez agarrou o figo com força e o arrancou do ramo. Lilith sentiu um cheiro doce e pungente quando Eva abriu o lindo fruto com as mãos. Ela o ofereceu a Adão, que o recusou para que ela o provasse primeiro. Ela o levou devagar à boca, deu uma mordida, mastigou e engoliu. Então estendeu a outra metade a Adão, que também a comeu.

Eva sorriu enquanto o caldo da fruta suculenta escorria pelo seu queixo, mas logo em seguida sentiu uma pontada no estômago. O pânico nublou seus olhos. Adão sentiu o mesmo, encolhendo-se. O gosto doce em sua boca se tornou amargo

em seu interior.

Eles tinham comido o fruto proibido. E a morte parecia a consequência dessa escolha. A luz que cobria seus corpos havia desaparecido e eles ficaram totalmente expostos. Eva se encolheu no chão, as lágrimas rolando em profusão pela sua face. Adão se agachou ao seu lado e falou em tom de súplica:

– Isha, você não entende? O que está feito está feito, e nosso domínio começa agora. Precisamos romper as amarras que nos prendem à ignorância e à dependência. Como poderíamos dominar algo sem ter conhecimento do bem e do mal? Agora somos como Deus, e essa liberdade é boa.

Enquanto Eva revirava os olhos, furiosa e envergonhada, Lilith tapava a própria boca, tentando conter o pesar que sentia. Estava tudo errado, tudo perdido.

– Não é bom estar exposto e desprotegido – afirmou Adão, deixando Eva gemendo sozinha no chão.

Pouco depois, ele retornou com seu punhal. Lilith arquejou de espanto quando reconheceu a Machiara. Adão começou a cortar os ramos mais baixos da árvore, entregando-os a Eva. Em silêncio, ela arrancou as folhas e entrelaçou-as. Lágrimas escorriam pelo rosto dela enquanto o casal se vestia para cobrir sua nudez.

– Podemos ter sido abandonados, mas não somos mais tolos – disse Adão.

Eva continuou calada. Durante algum tempo, eles ficaram apenas sentados no chão, encostados na figueira. Adão girava o punhal para lá e para cá em suas mãos, o rosto franzido, sem dizer uma única palavra.

– Espere aqui – disse ele por fim. – Eu já volto. – Então, ele se levantou, atravessou o descampado e sumiu na floresta. Eva não o observou enquanto ele se afastava.

Quando Lilith deu um passo à frente para consolar a jovem, a serpente sibilou e Han-el se colocou entre as duas. O veneno que pulsava no corpo de Lilith recordou-lhe o seu poder, de modo que ela recuou.

Muito tempo depois, Adão voltou e se agachou ao lado de Eva, ofegante, suado e coberto com o que parecia ser sangue.

Eva saltou de pé, preocupada.

– O que aconteceu?

– Eu tentei consertar as coisas, Isha. – O peito e os braços dele estavam lacerados, uma das mãos ainda agarrando o punhal, que estava sujo de sangue até o cabo.

– Consertar as coisas? Como? Este sangue é seu?

– Não! – exclamou ele, ainda respirando com dificuldade. – Não é o meu sangue. Eu fui destruir aquela Árvore da Vida.

– Você ficou louco? Por que faria uma coisa dessas? – perguntou ela, horrorizada.

– Isha, ela é uma tentação. Não precisamos dela. Tentei derrubá-la, mas não consegui! – desabafou, com uma ponta de resignação na voz. – Arranquei toda a sua

folhagem e seus frutos. Deixei-a nua, apenas com dois galhos podados, um de cada lado.

– O que deu em você? É a Árvore da Vida! Se existe alguma esperança para nós...

– Esta *aqui* – disse ele, batendo no tronco da figueira – é a *nossa* Árvore da Vida, nossa esperança. Os frutos e as sementes dela estão plantados bem no fundo de nós.

Eva fechou os olhos, inspirando com força, como se lutasse para respirar.

– Adão, que sangue é este? – repetiu ela.

– Aquela árvore imprestável pertence a Deus, que em breve virá nos matar. Pensei que se oferecesse à Árvore da Vida outra morte no lugar da nossa, o sangue dela talvez pudesse expiar nossa transgressão – confessou Adão.

– O que você fez? – gritou ela, em desespero. – De quem é este sangue?

Ele tapou a boca de Eva com a mão para calá-la.

– Silêncio! – ordenou ele, cheio de pavor nos olhos. – Ouça!

Lilith também conseguiu ouvir o som se aproximando, e, da mesma forma, foi invadida pelo medo.

Adonai e Elohim estavam vindo na direção deles dentro de Ruach. O que pouco antes tinha sido uma brisa refrescante de afeto agora era uma violenta tempestade de fogo. Aterrorizados, Adão e Eva subiram na árvore.

– Eles estão escondendo sua desobediência por vergonha de terem sido descobertos – cantou Han-el para Lilith. – Estão tentando desaparecer misturando-se ao Bem e ao Mal.

Mas não era um terror que os perseguiu, e sim um coração partido. E o Vento não trazia fúria e revolta, mas um cântico profundamente triste. Parados à beira do descampado, Elohim e Adonai chamaram, envoltos pelos ventos de Ruach:

– Adão! Onde você está?



O grito veio do Cofre e fez John cair da cama.

– Há algo de errado com a Testemunha! Socorro!

John se vestiu rapidamente e foi correndo até o Cofre. Chegando lá, ficou perplexo com a cena que se desenrolava: deitada na Câmara da Testemunha, Lilly se debatia em convulsões. Sua cadeira de rodas estava reclinada como uma cama e nivelada com o sofá, como se Lilly tivesse rolado de um para outro. John virou-a de lado e limpou o vômito que bloqueava suas vias respiratórias. Gerald e Anita chegaram logo em seguida.

Simon andava de um lado para outro.

– Eu vim conferir uma coisa no Estúdio e ouvi um barulho, então a encontrei aqui. Não sabia o que fazer. Não fui treinado para lidar com isso.

– Acalme-se, Simon – disse Anita. – Graças a Deus você estava perto o suficiente

para ouvir. Mais um minuto e poderia ter acontecido uma tragédia.

– Ela está ardendo em febre – balbuciou John, enquanto Simon se recolhia para um dos cantos do quarto. Raiva e medo ardiavam em seu peito. – Onde ela estava com a cabeça para vir sozinha até aqui embaixo?

– Você acha que deveríamos levá-la para outro lugar? – perguntou Anita. – Ela vai precisar ser examinada por um especialista, alguém em que você confie o suficiente para ter acesso ao Cofre.

– A maneira mais rápida de obter ajuda seria transportá-la para a superfície usando a Sala dos Mapas – afirmou ele. – Precisamos fazer alguma coisa logo, ou Lilly não vai sobreviver.

Imediatamente eles começaram a agir. Lilly foi colocada de volta em sua cama e levada para a Sala dos Mapas.

– Anita, Gerald, será que vocês podem pegar nossas coisas antes de voltarem à superfície? As minhas, as de Lilly e as de Simon? – pediu John.

– Posso fazer isso – ofereceu-se Simon. – Morro de medo de ser teletransportado e...

– Não, quero você comigo – disse John com firmeza. – Posso precisar da sua juventude e sua força. Sabemos que o Refúgio foi invadido, mas ainda não temos ideia do que isso significa.

Simon pareceu não gostar nem um pouco da ideia, mas foi assim que ficou decidido.

– Gerald, quando você e Anita estiverem prontos, peguem nossas coisas e usem um desses triângulos para tocar este ponto no mapa. Não se preocupem em encontrar um receptáculo, pois eles serão enviados de volta para cá sozinhos passados dez minutos. De qualquer forma, nenhum de nós voltará tão cedo.

Depois que eles partiram, John se aproximou do painel ao lado do mapa e começou a inserir algo na tela.

– O que está fazendo? – exigiu saber Simon. – Não há tempo para isso, precisamos ir agora mesmo!

– Só mais um instante. Estou notificando os Curadores e modificando os códigos de acesso ao Cofre. Todo cuidado é pouco, não acha?

Algo no fato de Simon ter encontrado Lilly e em sua relutância de sair dali havia deixado John desconfiado, mas ele não sabia exatamente por quê.

– Você primeiro, Simon. Irei logo em seguida.

Simon pegou um triângulo.

– Toque aqui – instruiu John. O Sábio obedeceu e sumiu imediatamente.

Eu devia ter enviado você para outro planeta, pensou John. Depois ele colocou um triângulo na mão de Lilly e levou a mão dela até o mapa.

Ele fechou os olhos e, quando os abriu novamente, ambos estavam de volta à superfície, no quarto em que Lilly passara tantos meses em recuperação. Letty já estava lá com as Cuidadoras. Não havia mais nada que os homens pudessem fazer.

Simon pediu licença para sair e John o observou ir embora. Antes de se retirar também, ele orou por Lilly. E pediu sabedoria.



Um calafrio percorreu o corpo de Lilith, mas ela o ignorou.

– Adão, onde você está? – Era um grito desconsolado e um convite, mas também soava como o sinal da danação iminente.

O vento começou a soprar entre os galhos da figueira e pelas folhas que Adão e Eva usavam como vestes. Lilith sabia, como eles próprios, que ninguém poderia se esconder daquele Deus.

Adão desceu da árvore e se posicionou ao lado da serpente, como se ela pudesse protegê-lo. Eva desceu em seguida, ajoelhando-se e prostrando-se em toda a sua glória arruinada enquanto lágrimas de angústia escorriam pelo seu rosto.

Adão tentou se distanciar de suas escolhas, mas elas se insinuavam até mesmo em sua versão da história.

– Eu me escondi porque ouvi o som do Senhor no jardim. Estava nu, desprotegido e com medo da sua presença.

Quando o Homem Eterno falou, sua voz estava repleta da ternura de um pai.

– Quem lhe disse que você está nu? – Ele estendeu os braços para Adão, que recuou.

Este era mais um convite para ele se voltar na direção do Amor. O homem, no entanto, se refugiava em seu silêncio.

– Adão, você comeu da árvore da qual ordenamos que não comesse? – Apesar da pergunta difícil, a voz continuava gentil e convidativa, uma nova oferta de aproximação e reconciliação.

Adão ficou indignado e se defendeu, apontando o dedo para o rosto de Adonai.

– A mulher que o *Senhor* colocou aqui me deu o fruto da árvore. Por isso o comi.

A acusação pairou no ar. O homem havia se tornado juiz de Deus, e declarava que Deus agira com má intenção. Mas essa acusação grotesca finalmente desmascarou a escuridão do afastamento de Adão, revelando de maneira clara o que ele já havia expressado antes através da serpente. Sua rebelião orgulhosa e egoísta tinha sido exposta.

E, no ataque dele contra Deus, a mulher ouviu a mesma voz de acusação que saía da boca da serpente, que fora a fonte de toda a confusão. Eva compreendeu tudo. Ela havia sido traída e agora estava sendo culpada por Adão de algo que ele havia concebido em seu próprio peito.

Lilith estava furiosa, mas era incapaz de fazer outra coisa que não fosse ouvir e ferver de raiva. Como Eva pôde ter sido tão ingênua a ponto de entregar seu coração a Adão? E como Adão pôde se afastar de sua maior alegria e depois depositar a

culpa nos ombros dela?

Deus não respondeu no mesmo tom. Adonai não fez nenhuma acusação. Em vez disso, virou-se e estendeu as mãos para Eva.

– O que você fez? – perguntou ele.

Com o rosto ardendo em ira, Eva olhou para Adão, parado com os braços cruzados ao lado de sua serpente guardiã. Virando sua face para Deus, ela estendeu as próprias mãos para aceitar as Dele; chorando, puxou-as para o seu rosto e pôs-se a beijá-las. Então, olhando dentro dos olhos de Adonai, ela contou a dolorosa verdade:

– A serpente me enganou. E eu comi o fruto!

Deus beijou-lhe a testa, aceitando sua confissão, e então se virou para a serpente a fim de confrontá-la. A criatura se retraiu. Suas escamas espelhavam a presença do Fogo e do Vento de Deus, as nove pedras em sua coroa também refletindo uma luz brilhante.

A centímetros da cabeça da criatura, o Homem Eterno fez uma declaração – não só para ela, mas para todas as forças sombrias que aquela serpente encorajaria e fortaleceria por causa do afastamento de Adão.

– Por conta do que fez à mulher, você será amaldiçoada como nenhum outro animal em toda a criação. Sua existência se resumirá a rastejar-se sobre seu ventre enquanto se alimenta da poeira da morte, a poeira deixada para trás pelo afastamento deste homem.

A serpente diminuiu de tamanho e tombou no chão. A coroa caiu rolando de sua cabeça até Adonai apará-la com o pé.

– E, além disso – declarou o Homem Eterno –, estabelecerei uma hostilidade entre você e a mulher, entre a sua semente e a semente dela; esta esmagará sua cabeça, enquanto a sua semente ferirá o calcanhar dela.

Lilith pressentiu que uma guerra tinha sido declarada, fronteiras foram traçadas e alianças, escolhidas. A mulher assumiu seu lugar ao lado de Deus contra Adão e a serpente. Lilith ainda não tinha feito sua escolha.

Deus virou-se para a mulher e falou com tristeza e brandura:

– A cilada e traição a que foi submetida aumentarão sua dor e sua angústia. Será com agonia e sofrimento espiritual que dará à luz seus filhos, e quando voltar sua face para o homem, ele a dominará.

Outro calafrio percorreu o corpo de Lilith, dessa vez infiltrando-se até o seu âmago. Ela tremia. O que Adonai disse parecia impossível. Como Eva poderia se voltar para Adão depois de tudo o que ele tinha feito? Mas foi nesse instante que ela finalmente encontrou uma maneira de mudar a história: embora não tivesse sido capaz de impedir que Adão virasse a face, poderia encontrar um modo de evitar que Eva fizesse o mesmo.

Adonai esperou que a mulher assimilasse suas palavras antes de se voltar para Adão. Ele se aproximou com as mãos estendidas para o filho, como havia feito com

a mulher. Amor e ternura banhavam Suas palavras, as lágrimas escorrendo de Seus olhos.

Adão virou a face na direção oposta.

– Meu filho, como você deu ouvidos à mulher e não a Mim, e comeu do fruto da árvore da qual ordenei que não comesse, amaldiçoei esta terra. Você não apenas cometeu uma transgressão, como ocultou a maldade em seu coração. Com agonia e sofrimento você tentará extrair o pão do solo do qual foi criado, mas ele se rebelará contra você com espinhos e ervas daninhas. Com o suor do seu rosto, você deixará o meu Repouso para se alimentar do seu trabalho, até ser consumido pelo próprio solo; porque do pó você veio, e ao pó voltará.

Enquanto Deus declamava sua promessa, Lilith sentia que toda a criação gemia e se condoía de angústia.

Adão se aproximou de Eva, hesitante. Os olhos dele ardiam de raiva e agonia, mas evitavam os dela. Pediu perdão com as palmas das mãos erguidas. Eva se recusou a tocá-lo.

– Reconheço diante de toda a criação – falou Adão, ainda sem olhar nos olhos dela – que o seu nome não é Isha. Eu agora estou morto, mas você é Eva, pois é a Mãe dos Vivos.

A humildade de Adão não aplacou a intensidade da fúria da mulher, tampouco foi suficiente para diminuir o abismo que havia se aberto entre eles.

– Isto é para vocês. – Era Adonai quem falava, estendendo roupas feitas de peles de animais. – É melhor que estejam vestidos com essas roupas do que escondidos com a proteção que acreditam que esta árvore oferece.

Titubeante, Adão estendeu a mão e aceitou o que Deus lhe oferecia.

– De onde saíram essas roupas? – perguntou, embora já soubesse a resposta.

– Adão, essas peles são dos animais que você amaldiçoou, abateu e deixou empalados na Árvore da Vida. Você já está coberto com o sangue deles, então deixe que cubram seu corpo.

– Eu estava com medo e envergonhado – tentou explicar Adão. – Não sabia o que fazer. Pensei que o derramamento de sangue pudesse ser a vida que cobriria minha morte e fosse agradá-lo. – Sua voz era grave, ainda maculada pela acusação, mas também carregava um tom de súplica.

– Não somos Nós, mas *você* quem precisa de um sacrifício – respondeu Adonai com suavidade. – Adão, o que você começou, um dia Eu irei terminar.

Então Adonai ergueu a mão e fez outra declaração.

– Vejam, Adão se tornou como um de Nós, conhecendo o Bem e o Mal, mas ele não deve estender a mão para apanhar e comer o fruto da Árvore da Vida, ou combinará luz e escuridão, vida e morte, liberdade e rebelião. E sua morte será eterna.

Voltando-se novamente para Adão, Deus falou com ternura:

– Meu filho, você não pode mais viver com alegria na presença Daquele em

quem não confia e que deixou de amar. A escuridão do seu afastamento está em guerra com todas as coisas que são luz. Para que possa retornar, você deve partir, mas prometo que não o abandonarei.

O Vento começou a rodopiar em volta da grande figueira. Afastando-se, Lilith observou espantada a brisa suave de Ruach transformar-se em um violento tornado. Com um rugido, Ela se envolveu ao redor do tronco e então o arrancou totalmente da terra, levando consigo todas as suas raízes, frutos e folhas. Como uma erva daninha, ela foi arrancada e carregada para longe, em direção à fronteira oeste do jardim.

– Adão – explicou Adonai –, em seu domínio você escolheu aquela árvore, então ela lhe pertence. A Árvore da Vida crescerá para sempre dentro do Éden, e será a árvore para a cura das nações.

Adão compreendeu.

– O que devo fazer? – perguntou ele.

– Você trabalhará incessantemente a terra da qual foi tirado. Cuidará dela como se fosse sua vida e sua fonte de sustento. Exigirá que ela lhe dê tudo o que só pode encontrar num relacionamento face a face Conosco. E você e seus descendentes lutarão por essa terra até o dia em que você se voltar novamente para Nós.

Adão, Eva e Deus caminharam até a fronteira oeste do Éden e Lilith os seguiu, a serpente acompanhando-os em silêncio. De novo, o Homem Eterno tentou tomar a mão de seu filho, mas Adão o evitou mais uma vez.

– Você deveria ter me impedido – murmurou ele. – Seria melhor nunca ter vivido do que continuar a existir na morte, sozinho.

– Sozinho não, meu filho. Nós nunca o abandonaremos ou o renegaremos. Mas a sombra do seu afastamento ocultará a Nossa face de você.

Nesse momento, Adão quase cedeu, mas preferiu agarrar-se ao seu orgulho. Caminharam mais um pouco, até que ele perguntou:

– E a serpente?

– Esta criatura partirá com você. Não há lugar no Éden para acusadores ou transgressores. Ao acreditar em suas próprias mentiras, você desencadeou e deu poder a um terror violento e ardiloso. Escolheu-o como seu companheiro e provedor. Ele criará para você bestas destrutivas, donas de um poder devastador. Em troca da promessa de segurança e controle, você lhe oferecerá adoração e obediência. Adão, o Nosso Amor não o protegerá das consequências das suas escolhas. Nós o honramos e respeitamos, então nos submetemos a você. No entanto, também revelaremos um propósito para o seu afastamento. Um dia, vamos redimir a sua tragédia, e a serpente dentro de você será esmagada.

Assim que alcançaram as gigantescas cascatas de luz que rugiam como quedas-d'água, Adão e Adonai atravessaram a fronteira do Éden. Eva e Lilith pararam antes de chegar ao muro, assistindo ao desenrolar da cena de dentro da segurança do jardim.

– Eva? – chamou Adão. Ao gritar o nome dela, cheio de desespero, ele entendeu tudo. Aquela mulher tinha sido a encarnação do Amor de Deus, mas ele escolhera estar sozinho a ficar ao lado dela. Este Amor, traído e destroçado por seu afastamento egoísta, era a maior de suas perdas. Virando-se para Deus, falou, entre lágrimas: – O Senhor prometeu que a semente de Eva esmagaria a cabeça da serpente. Como isso poderá acontecer?

– Isso, meu filho, é um mistério que ainda será revelado.

Dois Querubins surgiram, desembainhando suas espadas e tocaram a fronteira. O que antes parecia água tornou-se uma fornalha flamejante. Eles assumiram seus postos como sentinelas.

– De dentro para fora, é possível passar como se os muros fossem de água, mas o retorno ao Éden é feito através de um muro de fogo – afirmou Adonai. – Adão, essa é outra promessa. Esses Guardiões protegem o caminho de volta à Árvore da Vida.

O Homem Eterno fez novamente menção de pousar a mão sobre o ombro de Adão, e desta vez o filho não se desvencilhou ou recuou. Mas também não virou a face de volta para Ele.

– Adão, desde antes de sua criação, Nós o amamos. Com o passar do tempo, você se esquecerá disso, mas sejam quais forem as suas escolhas, elas nunca diminuirão essa verdade. Nós o amamos agora e o amaremos para sempre, e seremos o caminho para você voltar para casa.

Quando Adão tentou tocar a mão de Adonai, Ele havia desaparecido. Com um suspiro, deixou-se cair no chão, a serpente observando-o a distância.

Dentro do Éden, Adonai apanhou a coroa da serpente e retirou uma a uma as pedras de seus nichos. De dentro da luz que o envolvia, Ele sacou mais uma pedra, a décima. Elohim fez surgir outra, e Ruach, que soprava em forma de Vento, lhe entregou a décima segunda. Então Adonai cantou para o céu e pôs-se a girar e rodopiar até se tornar um borrão. Doze pedras preciosas de brilho multicolor explodiram de dentro dele, três para cada ponto cardeal. Colidindo com as fronteiras do Éden, detonaram em um arco-íris de música colorida.

Diante da muralha de fogo, Adão se levantou e começou a gritar:

– Eva!

Ele chamou sem parar até perder o fôlego.

– Eva... se é que isso é possível, você poderia me perdoar? – sua voz agora não passava de um sussurro.

Do lado de dentro das muralhas de água, Eva e Deus, assim como Lilit, ouviam os apelos desesperados de Adão.

Até que, exausto, ele deu as costas ao muro e encarou sua desolação.



17

ARREPENDIMENTO

– Alguém viu Simon? – perguntou Anita enquanto entrava no quarto em que Lilly jazia inconsciente, cercada por tubos e bandejas.

– Ele estava aqui quando cheguei com Lilly, mas não o vejo desde então – afirmou John, com um sorriso discreto. Anita notou.

– John, o que você fez?

– Nada, apenas precauções de segurança. Procedimento padrão.

– Vai me contar, ou não?

– Concluí que não havia motivo para nenhum de nós tentar voltar ao Cofre, a não ser que estivesse escondendo algo, então talvez eu tenha reconfigurado as coordenadas de retorno do triângulo de Simon.

– Você o enviou para outro lugar?

– Os triângulos todos desapareceram, como era de esperar, e Simon também parece ter sumido. Um mistério, não é? – Ele deu de ombros.

– Está sugerindo que ele está por trás disso? – Anita olhou para Lilly. – Tenho andado preocupada com o estado mental dele depois do que aconteceu com a Karyn.

– Acho que ele vem guardando segredos. E, até entender melhor a situação, prefiro ter certeza de que ele não poderia interferir.

– Muito prudente da sua parte – disse ela. – Posso saber onde Simon foi parar?

– Em uma comunidade de algumas centenas de quilômetros ao sul daqui. Levará meses para voltar. Assim que puder, retornarei ao Cofre para ver se consigo desvendar suas verdadeiras intenções.

Gerald entrou no quarto.

– Como está Lilly?

– Estável, mas foi por pouco – respondeu John. – Está... em *coma*, acho que foi essa palavra que Lilly usou da outra vez. Há algo no corpo dela que ainda não conseguimos identificar; acho que foi infectada dentro do Cofre. Vocês querem me

ajudar a investigar? A boa notícia é que o Cobrador ainda não veio buscar Lilly, o que significa que temos algum tempo.

Gerald assentiu.

– Eu ficarei com ela – anunciou Anita. – É melhor que um de nós esteja aqui se ela acordar.

– Ótimo, obrigado! Gerald, você vem comigo?

Eles saíram juntos do quarto.

– O que estamos procurando? – perguntou Gerald.

– Saberemos assim que encontrarmos.



Durante três dias, Lilith sentiu sua presença no Éden crescer, sua capacidade de interagir com o ambiente ao seu redor aumentando à medida que ela ganhava substância. Conseguia comer frutas e beber água, e dormia melhor a cada noite que passava. Han-el estava sempre por perto, mas sua presença já começava a irritá-la. Ela passava a maior parte do tempo próxima a Eva, que ainda não conseguia vê-la. Mesmo que conseguisse, a mulher estava sofrendo tanto que nem perceberia. A ansiedade de Lilith também crescia; ela precisava agir, e rápido.

Todos os dias, quando o sol da tarde começava a mergulhar no horizonte, Adão saía da floresta e se aproximava do muro tanto quanto sua coragem permitia, implorando que Eva voltasse para ele. Dentro do Éden, nada bloqueava a visão do lado de fora. Lilith conseguia vê-lo com clareza, caído de joelhos, puxando os cabelos e gritando de agonia. Mas Adão não conseguia ver o lado de dentro, o que intensificava ainda mais sua dor.

No terceiro dia, Eva, com as mãos pousadas na barreira nebulosa, observou Adão percorrer um caminho até uma lagoa próxima. Lilith estava perto o suficiente para ver Eva enterrar o rosto no ombro de Adonai e começar a gritar. Ele a conteve em seus braços fortes até ela se acalmar.

– Eu o odeio! – exclamou ela, colocando para fora toda a sua mágoa em relação a Adão. – Eu o odeio tanto!

– Você odeia aquilo que ele se tornou – disse Adonai. – Ele não é isso. O Bem verdadeiro sempre será mais profundo que o afastamento.

– Vocês ainda o amam?

– Isso nunca foi uma questão para Nós, como é para você. Nós sempre soubemos que isso aconteceria, mas nunca deixamos de amá-lo.

– Se Vocês sabiam, por que permitiram que acontecesse?

– O verdadeiro amor exige liberdade. Se você não puder dizer não, o amor nunca será real, apenas uma ilusão.

– E Vocês me criaram mesmo assim?

– Você é um milagre maravilhoso, Eva, feita à Nossa imagem e semelhança.

Esta criação é a melhor de todas, e o Homem é o milagre dos milagres. A criação foi concebida para compartilhar com vocês o Amor e a Vida que sempre conhecemos. Mas Nós também sempre soubemos que vocês responderiam ao nosso sim com um não.

– Mas então por que se dar o trabalho de conceber a criação?

Adonai a abraçou com força.

– Um dia, Eva, você será mãe e entenderá melhor. O verdadeiro amor não depende das escolhas do outro, mas de quem você sabe que o outro é. Embora, como você pode ver, os relacionamentos sejam afetados de forma indelével por essas escolhas.

– A culpa é minha, então. Fui eu quem fiz isso a ele. Eu podia ter evitado. Podia ter consultado Vocês, mas não fiz isso. Eu quis ser mais do que já era, por ele, por Vocês. Eu queria ser como Vocês.

Ela voltou a tocar a fronteira, sabendo que, se assim escolhesse, poderia atravessá-la para estar junto dele.

– Deus, estou com tanta raiva! Ele me criou, cuidou de mim e depois me traiu. Meu coração está em pedaços. – E logo outras emoções vieram à tona. – Mas não consigo suportar a dor de vê-lo sozinho lá fora.

– Ele está sem você – disse Adonai –, mas não está sozinho.

Eva abriu um sorriso triste.

– Isso pode ser um consolo para mim, mas não para ele. O que ele vai fazer?

– Com o suor de seu rosto, Adão trabalhará para expandir o Éden sem a Nossa presença ou a Nossa palavra. Ele se voltará para o solo em busca de segurança e dignidade, identidade e sentido, embora o solo não possa lhe dar o que não possui.

– Mas, Adonai, Você disse que eu serei mãe. Que darei à luz um homem-criança. Como isso é possível se... – Ela olhou para a barreira que a separava de Adão.

Deus sorriu.

– Sobre isso, você deve confiar em Mim. Eu a criei do corpo de Adão, que nasceu do pó da criação. Minha promessa e minha palavra são uma só. Você ficará surpresa.

– Você disse que um dia eu voltaria minha face para ele. Não acho que eu seja capaz de fazer isso. Eu deveria?

– Ao voltar sua face para o homem, como Adão voltou a sua para o solo, e exigir dele o que ele não pode dar, você o aprisionaria em sua vergonha. Adão fugirá ou exercerá domínio sobre você. Essa será a consequência da sua escolha.

– Então por que eu escolheria novamente um caminho tão devastador?

– Motivos não lhe faltariam. Você tem a liberdade de confiar e a liberdade de virar a face. Esse é o mistério profundo e por vezes doloroso da comunhão e do amor.

– Eu sempre terei essa liberdade?

– Sempre! Isso é o Amor.

Nesse instante, Lilith amou Eva e sentiu mais compaixão por ela do que jamais sentira por nenhuma outra pessoa. Ela precisava salvá-la de ter o mesmo fim que Adão. Eva não podia deixar o Éden. Se Lilith pudesse mudar o destino de Eva, poderia mudar a história, inclusive a sua própria. Seria capaz de salvar a esposa de Simon. E talvez fosse se tornar menos inútil. Sim. Estava na hora.

– Fique aqui! – ordenou ela para Han-el. – Não venha atrás de mim.

O Anjo fez uma mesura e ficou onde estava. Lilith atravessou com facilidade o muro do Éden – ela sabia que não voltaria mais para lá.



– Nós encontramos! – exclamou Gerald, entusiasmado. – Encontramos o que Simon estava escondendo!

Anita estava jantando e parou assustada no meio de uma colherada. Recompondo-se, olhou confusa para os dois homens. John mantinha o punho fechado no ar como se estivesse segurando algo, mas na mão dele não havia nada.

– Meus parabéns! – disse ela, revirando os olhos e limpando a boca. – Vocês saem para procurar algo e voltam com as mãos vazias, mas empolgadíssimos. Não entendo os homens.

– Meu coração – disse Gerald, sedutor –, é um saco de camuflagem. Ele absorve a luz para se tornar praticamente invisível: é por isso que não o vimos antes. Mas, desta vez, quando vasculhamos o quarto de Lilly, ele estava escondido dentro do diário dela, então deu para perceber que havia um volume extra ali.

Anita largou a colher, o olhar de espanto substituindo sua expressão contrariada.

– O que tem aí dentro dele? Vocês acharam o anel e a chave?

– Não – respondeu Gerald. – Achamos um objeto sinistro, um espelho antigo com uma pedra vermelha.

John o retirou do saco com cuidado, puxando pelo cabo até o espelho estar totalmente exposto. Ele o pôs sobre a mesa. Os três se juntaram ao redor do objeto.

– Eu já estudei esses artefatos – disse Gerald. – São muito raros, estimados por praticantes das artes ocultas. São espelhos que mentem para você.

Anita deu uma risadinha.

– Pessoalmente, acho que isso se aplica a quase todos os espelhos.

– Mas este é diferente – prosseguiu Gerald. – Está vendo como não há imagem na superfície, apenas uma nuvem cinzenta rodopiante? E, bem ali – ele apontou, mantendo o dedo um pouco afastado –, fica a pedra que arranca seu sangue se você encosta nela. O sangue seco que está ali deve ser de Lilly. Vamos examiná-lo. Supostamente, a “pedra-sanguessuga” absorve sua vida e reflete a verdade mais profunda sobre quem você é.

– Ela pode mesmo fazer isso? – perguntou Anita, estupefata.

– É claro que não – garantiu Gerald. – É tudo uma grande enganação. A atenção da pessoa é atraída para o sangue, mas o que ele faz é injetar algum tipo de veneno em sua corrente sanguínea, para que ela se torne altamente sugestionável. O veneno então se aproveita dos seus piores medos e vulnerabilidades.

– Vou levar isso para os Cientistas agora mesmo – falou John, devolvendo o espelho para o saco e guardando os dois em uma caixa. – Não podemos afirmar o que Lilly viu, mas estou certo de que não foi nada bom.



Lilith não precisou procurar pela serpente. A criatura a encontrou assim que ela saiu do santuário do Éden.

– Diga qual é seu propósito – questionou a serpente, fazendo Lilith sorrir. A criatura mal conseguia erguer a cabeça do chão, de modo que a garota parecia um gigante ao lado dela.

– Oferecer um plano em que todos saiam ganhando – afirmou ela. Sua intenção era ir diretamente a Adão, mas a aliança com a serpente poderia ser útil se ela não conseguisse convencê-lo sozinha.

– Estou ouvindo – repetiu a criatura.

– Eu escutei a promessa que Adonai fez a Eva, de que a semente do ventre dela um dia esmagaria sua cabeça.

– Sim. E qual é a sua proposta?

– Enquanto Eva permanecer no Éden, ela não poderá gerar um filho. Não me parece que aquele que vá esmagar sua cabeça possa nascer sem o envolvimento de Adão. Se eles continuarem separados, você estará em segurança, não é?

A serpente ficou um bom tempo calada antes de falar.

– Adão está inconsolável. Busca desesperadamente uma maneira de trazê-la para cá.

– Eu sei. Ele se afastou de Deus e de sua cara-metade. Está sozinho, mas eu posso aplacar sua solidão.

A criatura entendeu.

– Você? Você se ofereceria para ele? Por quê?

– Para manter Mãe Eva em segurança.

– Ah, você é filha de Eva. Mas isso a torna ainda mais perigosa, tanto para Adão quanto para mim. Adonai disse que a semente dela esmagaria minha cabeça; essa semente não poderia ser você própria?

Lilith estava pronta para aquilo.

– Não! Eva disse que seria um homem-criança. Eu estava preparada para essa escolha. Não posso gerar um filho, e nunca serei uma ameaça. Posso ser útil a Adão e a Eva.

– E por que Adão iria querer um nada miserável como você, disposta a se

vender para esse propósito?

A serpente falava a verdade a seu respeito. Com o rosto franzido, Lilith enfrentou a criatura.

– Você acha que sou uma prostituta? E se eu fosse, isso teria importância? É claro que não. O que importa é que cada um de nós conseguirá exatamente o que deseja.

A serpente se enroscou como se fosse dar o bote, mas pousou a cabeça no chão.

– A escuridão de Adão está crescendo, mas nem se compara à sua. Ou você não sabe quem você é, ou simplesmente não se importa mais. Vou buscá-lo.

A serpente saiu rastejando até sumir de vista. Era fim de tarde e fazia frio, e Lilith começou a tremer. Sentou-se em uma rocha, baixando os olhos para as mãos e pernas sujas, sua roupa rasgada pelos espinhos. Um riacho tranquilo passava por ali, e ela lavou o rosto em suas águas. Na superfície espelhada, Lilith viu o rosto de uma jovem forte, mas a imagem logo desapareceu em uma série de ondulações. O reflexo mostrava apenas a mentira, não a verdade que havia por trás dela.

Adão vinha se aproximando, envolvido em uma discussão acalorada. De repente, parou e ficou olhando fixamente para Lilith, que ficou constrangida.

– Quem enviou você aqui?

– Eva. Ela ama você e lamenta que esteja sozinho. – Isso não chegava a ser mentira, mas era possivelmente o máximo que a verdade poderia ser esticada antes de se romper. – Adão, eu serei sua companheira. Deixe Eva com Deus no Éden. É o melhor para ela. Comigo, você não se sentirá sozinho. Posso satisfazê-lo. Deixe-a ficar com Deus, eu imploro.

Adão levantou a mão para que ela se calasse e ele pudesse pensar.

– Você tem razão – disse ele, depois de um tempo. – Tenho pensado apenas em mim mesmo e nas coisas que perdi. Agora eu entendo. Não voltarei a pedir que ela deixe o Éden e se junte a mim. Ela está em um lugar melhor, onde não precisa trabalhar arduamente para viver e está cercada pelo amor de Deus.

Ele se sentou no chão e começou a jogar terra sobre a própria cabeça, balbuciando:

– Sinto uma falta terrível dela. A cada dia que passa, tenho menos motivos para viver.

Lilith se sentou ao lado dele no chão; perto, mas sem tocá-lo. As lágrimas de Adão se misturaram à terra. Sem olhar para Lilith, ele pegou sua mão.

– A serpente disse que você é filha de Eva. Isso é verdade?

– Sim, eu sou.

– E você faria isso pela sua mãe? Você se tornaria minha esposa?

– Sim, por escolha própria.

– Você pode me dar um filho?

Lilith não sabia como responder a essa pergunta. Será que a serpente tinha contado para ele? Se ela mentisse e ele soubesse a verdade, seria o fim dos seus planos. Se dissesse a verdade, também poderia ser.

– Certas coisas levam tempo e...

– Lilith. – Adão apertou sua mão. – Você pode me dar um filho?

O desespero fechou suas garras em volta do coração de Lilith e ela mal conseguiu pronunciar as palavras.

– Não, Adão, não posso.

– Olhe para mim – disse ele com ternura.

Por mais difícil que fosse, ela ergueu a cabeça e olhou dentro dos seus olhos escuros e salpicados de dourado, seu rosto um caos de lágrimas e terra, um sorriso cansado gravado ali.

– Mesmo que você pudesse me dar um filho, eu teria negado sua proposta. Eva é minha amada, mas eu aprenderei a viver sem ela. Não vou traí-la uma segunda vez. Essa escuridão enganadora que percebo em você, que faria com que você se vendesse por algo menor que o amor, eu sei que vem de mim. Um dia, talvez, você também encontre uma maneira de me perdoar em seu coração.

Lilith desmoronou. Ela tinha sido rejeitada. A fúria que sentia contra os homens que a usaram no passado agora alimentava seu autodesprezo. Ela se desvencilhou de Adão e levantou.

– Odeio você! – rosnou ela, dando-lhe as costas e correndo em direção à escuridão da floresta.

Adão a deixou partir. A única coisa que restava para ela era encontrar um lugar para morrer.

John entrou correndo no quarto em que Gerald e Anita estavam debruçados sobre livros.

– O quadro de Lilly se agravou – anunciou ele.

– Quem ficou cuidando dela? – perguntou Anita.

– Letty – respondeu John.

Gerald atirou sobre a mesa com violência o exemplar que estava lendo.

– Era o que eu temia – resmungou. – Não consigo encontrar o que está catalisando o veneno. Sabemos a sua composição química, sabemos de quais plantas foi extraído, já demos a Lilly todas as variações de antídotos e antitoxinas possíveis, mas ela está morrendo e eu me sinto um inútil. E tenho orado também, caso vocês estejam se perguntando. Não parei de orar um só minuto.

– Eu também, Gerald, eu também – sussurrou Anita.

Ela envolveu o marido em seus braços e ele se deixou abraçar, finalmente libertando seus soluços reprimidos.

– Talvez não haja cura – sugeriu John.

– Como assim? – perguntou Anita. – Tem de haver.

– Não se o veneno não for biológico, químico ou neurológico. E se o que Lilly viu no espelho tiver roubado sua esperança? Ou seu senso de propósito?

– Ou sua autoestima e amor... – acrescentou Anita. – Faz sentido. Sem esperança, mesmo uma pessoa saudável pode morrer. E Lilly estava apenas no

início de sua cura física. Emocionalmente, estava ainda mais debilitada.

– Se isso for verdade – disse Gerald –, o que podemos fazer?

– Você já disse, Gerald – respondeu John. – Faremos a única coisa que sabemos fazer e deixaremos o resto nas mãos de Deus. Vamos orar, cantar para ela, conversar com ela e ungi-la com óleos. Afinal, não somos os anciões?

Letty pôs a cabeça para dentro do quarto.

– Desculpe interromper, mas tenho notícias. Não me olhe assim, Anita. Não deixei Lilly sozinha. O Cobrador vai chegar amanhã, mas não sabemos para quem ele está vindo. Possivelmente para Lilly.

Foi um golpe inesperado, e John precisou de alguns instantes para se recompor.

– Então é melhor começarmos as orações e unções, concordam? Sei que orações não são mágicas, assim como nenhum outro tipo de manipulação, mas, neste momento, estou disposto a colocar minha própria vida em jogo.



A última esperança de Lilith era que a morte a atingisse de forma rápida e indolor. Ela se enroscou em posição fetal debaixo de uma árvore imensa e antiga. Não pôde deixar de perceber a ironia em querer ficar aquecida enquanto tentava morrer. Às vezes, o instinto de sobrevivência era um estorvo.

Ela sentia a vida se esvaír lentamente de sua alma. As últimas palavras que havia lançado contra Adão eram a prova derradeira de uma vida desperdiçada. Naquele momento, ela tinha sido totalmente honesta: odiava tudo. “Maldito seja você, Adão! Maldito seja Deus! Maldita seja eu! Malditos sejamos todos nós!” balbuciou ela. Mas quem era ela para lançar aquelas maldições? Ela não era nada, não era ninguém.

Ali, debaixo daquela árvore, era como se sua vida tivesse sido registrada em uma série de fotografias, e agora, à beira da morte, ela fosse forçada a olhar para todas as imagens. Cada foto era uma acusação. Não havia nada de bom naquelas lembranças.

Sem saber se sonhava ou delirava, ela se viu dançando com roupas maltrapilhas, cercada por brinquedos quebrados e pelo barulho de portas sendo trancadas. Quando o som começou a diminuir, ela achou ter sentido a presença de Adonai, então virou o rosto para o outro lado. Foi invadida pela paz. Estava feliz em morrer. Finalmente encontraria o descanso que varreria suas angústias para longe. O céu não era uma opção, mas o inferno não poderia ser pior do que a vida que levava.

Lá estava Ele outra vez, oferecendo um sorriso, um olhar gentil, um toque fugaz enquanto ela tentava novamente lhe virar a face.

As folhas que ela havia juntado para fazer um último leito agora pareciam um travessero vivo, o peso da sua existência suspenso e amparado em uma

misericórdia cheia de ternura. Seu último pensamento antes de ser engolida pela escuridão da inconsciência foi: “Se morrer é tão fácil, eu devia ter feito isso antes.”

18

FACE A FACE



Não eram ramos macios que a sustentavam, mas os braços fortes e carinhosos de Adonai. Ele se sentou debaixo da velha árvore e cantou para ela uma canção ancestral sobre as estrelas e os Inícios, sobre alegria e esperança e sobre o Amor que a tudo permeava, sem deixar espaço para mal algum. Era uma canção doce de cura e descanso. Ela atendia aos seus anseios mais profundos, dando-lhe as boas-vindas como todo lar deveria fazer.

Respirando fundo, Lilly abriu os olhos devagar. Em outro tempo e lugar, ela teria negado a presença Dele, mas aqui e agora era como se nenhuma outra coisa jamais tivesse sido tão real. Ela havia parado de correr, tinha tropeçado e caído no chão, e finalmente encontrado um lugar para descansar. Portanto, fez o que qualquer criança machucada faria: enterrou o rosto no peito Dele aos soluços, as lágrimas escorrendo pelas faces enquanto Ele a envolvia com sua paz e seu amor.

Havia esperado a vida inteira por esse momento. Estava conhecendo algo além de qualquer compreensão. Não desejava mais nada que não fosse estar envolvida pelos braços amorosos do Homem Eterno.

– Lilly, é você quem Eu amo. – As palavras desmanchavam-se, tinham vida própria. Era como se ela nunca mais precisasse ouvir nenhum outro som. Isso era suficiente, e nesse abraço firme e perene, tudo o que tinha sido quebrado ou roubado podia ser encontrado, restaurado e celebrado. – Você confia em Mim? – Não era uma pergunta sobre fé. Não precisava de justificativas, racionalizações ou argumentos. Era simples e pura, assim como a resposta imediata de Lilly.

– Confio – disse ela em meio às lágrimas.

A resposta foi sincera, mas ainda assim ela sentiu que resistia.

– Quero dizer, desejo muito confiar.

Lilly deixou que as ondas de amor a engolissem e recompusessem de volta, as chamas do afeto Dele desintegrando tudo o que não fosse Amor. Por um instante, pareceu que nada restaria, porém mesmo este pensamento se incendiou e foi consumido pelo fogo, mas também nada mais lhe importava, pois naquele momento ela confiou.

Quando todo o turbilhão de emoções passou, Lilly percebeu que continuava enroscada no colo de Adonai, que estava encostado na árvore.

– Lilly – a voz do Homem Eterno era gentil –, a confiança é um relacionamento, não uma questão de poder. Quando duas pessoas dançam, cada qual está respeitosa e em sintonia com a outra. Toda relação possui seu ritmo, e esse é o domínio de Ruach.

– E Você confia no Espírito Santo?

– Confio – respondeu Adonai, rindo. – Quero dizer, desejo muito confiar.

Lilly também riu, reconhecendo as próprias palavras.

– Confiança nunca foi uma coisa muito fácil para mim – disse ela com um suspiro.

– A confiança não é uma coisa, Lilly. Ela significa dar o seu próprio eu para outra pessoa, estar vulnerável, nu e despido de qualquer vergonha. Graças à sua história e à sua experiência, a confiança lhe parecia uma montanha impossível de escalar. Mas você pode escalá-la. E vai fazer isso.

– Vou mesmo, Adonai? Será que um dia serei capaz de escalar qualquer coisa?

– Sim, minha querida, você já está escalando. Um passo de cada vez, e não está sozinha.

Lilly se aconchegou junto ao peito Dele e fechou os olhos, deixando o sol acariciar seu rosto e o som da atividade dos insetos capturar sua atenção.

– Como Você me encontrou? Eu tinha certeza de que iria morrer. Parecia o melhor para todos, especialmente para mim.

– Você nunca esteve perdida para Mim. Esteve perdida para si mesma, mas não para Mim.

Isso fez Lilly sorrir, reconfortada.

– E agora? Podemos ficar assim para sempre?

– Venha – disse Ele. Levantando-se, Ele ajudou-a a se colocar de pé também. – Lilly, você confia em Mim?

– Confio! – respondeu ela, sem hesitar.

E juntos eles andaram de mãos dadas até contornar a curva de um regato e se aproximar das chamas da fronteira do Éden.

– O que estamos fazendo aqui?

– Estou aqui para levar você de volta para dentro. Lilly, você confia em mim?

– Não posso cruzar essa barreira – disse ela, ofegante. – Não pertença a esse

lugar.

– Em parte, você tem razão. Lilith não pode atravessar o fogo, mas Lilly pode. E é Lilly que sempre pertenceu ao jardim.

Outra escolha, outra encruzilhada. Atravessar aquele muro significava permitir que as chamas consumissem suas mentiras. Será que ela era capaz de abrir mão de Lilith? Uma guerra feroz era travada dentro dela, como se Lilith estivesse implorando.

– Lilly – falou Adonai –, olhe para a Minha face. Estou aqui e nunca abandonarei você. Em qualquer dança, um parceiro às vezes conduz, mas os dois sempre se submetem um ao outro. Então agora, querida Lilly, você precisa escolher, e Eu Me submeterei a você.

Estendendo as duas mãos para ela, o Homem Eterno andou de costas em direção à fronteira. Quando suas costas tocaram o fogo, seus olhos se transformaram em labaredas, sua túnica virou uma cascata de luz brilhante, seus pés brilharam como metal incandescente.

Por três vezes Ele lhe pediu que ela confiasse, e pela terceira vez ela fez sua escolha. Levantando os braços, ela segurou as mãos Dele, que a conduziu lentamente para dentro do Éden até serem ambos engolidos pela massa flamejante. A dor do julgamento sagrado a atravessou como uma corrente violenta, e Lilly se deixou levar por ela, permitindo que as mentiras que habitavam seu espírito, sua alma e seu corpo fossem purgadas.

Quando pareceu que tudo já havia sido desfeito, a voz do Amor fez uma derradeira declaração:

– Tudo o que é vivo jamais morrerá, e o que estiver morto será totalmente consumido pelas chamas.

Lilly atravessou a barreira e abriu os olhos.



– Letty? – falou ela, com a voz rouca. – O que está fazendo aqui?

– Tricotando. Não está vendo? – Como se nada tivesse acontecido, a mulher pequenina retomou seu murmúrio familiar e bem-vindo, voltando também a tricotar.

– Onde estamos?

– Você está de volta ao seu quarto no Refúgio. Os outros foram dormir um pouco. Você os manteve acordados por muitas horas e eles estavam exaustos. Mas agora sua febre finalmente diminuiu e você está melhorando. Louvado seja Deus! Chegamos a achar que fosse bater as botas.

Lilly riu, a garganta ainda seca.

– Bater as botas? Jura? Então você ficou com o turno da noite. Que azar, hein?

– Eu me ofereci. Não preciso dormir como os outros. – Letty largou suas agulhas

no colo por alguns instantes e inclinou-se para perto do rosto da menina. – O que aconteceu, Lilly? O que a trouxe de volta? Acreditávamos que tivesse perdido todas as esperanças e não sabíamos como chegar até você.

– Adonai! – respondeu Lilly, pigarreando. – Foi Adonai que fez a diferença. Ele veio ao meu encontro e me curou dentro do fogo.

– Ah, sim! – Letty sorriu. – Todos passam pelo fogo, minha querida, e a chama do afeto Dele expurga tudo o que não é Amor.

– Isso é permanente?

A pergunta arrancou uma gargalhada de Letty.

– Rá! A verdade é sempre permanente, mas você terá que lidar com sua nova vida com cuidado, pois ainda está muito frágil.

– Fomos criados para ser assim, não fomos? Frágeis?

– Certamente – assentiu a mulher, voltando a se concentrar em seu tricô.

– Letty, o que você está fazendo? – perguntou Lilly, curiosa. – Tricô não parece ser a moda dominante por aqui.

– Não faço ideia, mas isso me ajuda a pensar e a orar. Tenho dezenas dessas... dessas *coisas*, que não têm motivo nenhum de existir. Um dia, reunirei todas elas para ver se juntas fazem algum sentido.

– Você é uma figura – riu Lilly, deixando o silêncio da noite envolvê-las em seguida.

Depois de um tempo, Letty largou seus utensílios e falou em um tom de voz totalmente diferente.

– Lilly, preciso lhe confessar uma coisa.

– Você fez algo de errado?

– Ah, não, não é esse tipo de confissão. É mais como dizer em voz alta algo que tenho guardado para mim.

– Ótimo, mais segredos. Estou farta de segredos.

– Não, também não é um segredo. É uma boa surpresa que vem aguardando o momento certo para ser revelada.

– Então agora é o momento certo?

– É, sim. Lilly, não sou exatamente... bem, não sei como dizer isso, mas não sou humana.

– Sério? – Lilly riu como se estivesse chocada. – Essa é a sua surpresa? Letty, eu nunca soube direito o que você era, mas humana não estava entre os meus palpites. Mas então, se não é humana, o que você é?

– Quer mesmo saber? – falou Letty, dando uma risada. Ela estava gostando disso. As duas estavam gargalhando sem parar.

– Desembuche de uma vez – insistiu Lilly.

Quando Letty finalmente sossegou, ela se inclinou para a frente, pegou suas agulhas de novo e declarou:

– Você sabe que Han-el é o Guardião de John, não sabe? – A mulher aguardou

um instante depois que Lilly assentiu. – Bem, eu sou a sua Guardiã.

– Minha guardiã? Tipo meu anjo da guarda?

– Por essa você não esperava, não?

Lilly recostou na cama, pasma.

– Mas você não era a prefeita da cidade, ou coisa parecida, membro do conselho e sei lá mais o quê?

– Sou uma mulher multitarefas.

– Você sempre foi minha Guardiã?

– Sim, sempre.

– Mas achei que o trabalho de um Guardião fosse, hã... proteger.

Letty soltou as agulhas outra vez.

– Alguém por acaso lhe disse que eu era boa nisso? – Ela tornou a dar sua risada estridente. – Lilly, o que nós fazemos aqui seria mais simples se os humanos não fossem tão complicados. A maioria de vocês tem uma péssima opinião sobre si mesmos; não chega nem perto de entender o poder de suas escolhas e a extensão de seu domínio. Mesmo as decisões que nascem da doença da sombra devem ser tratadas com respeito, pois são feitas por seres humanos. Então observamos, acompanhamos e interferimos quando nos é permitido, que é minha parte preferida. Esse é um dos motivos por que as orações são tão poderosas. Elas nos deixam alterar as coisas.

Elas ouviram que John se aproximava, assobiando sua melodia melancólica de sempre enquanto andava pelo corredor.

– Ele sabe? – perguntou Lilly.

– Não. – Letty sorriu. – Acha que sou apenas uma velha excêntrica. Uma Ranheta, acho que é assim que ele me chama.

John entrou no quarto, olhou para Lilly e pareceu tão aliviado que ela achou que ele fosse chorar.

– Lilly! – exclamou ele, correndo para dar-lhe um abraço. Algo havia mudado dentro dela, pois ela retribuiu ao gesto sem nenhum traço da resistência, cautela ou desconfiança de antes. – Vê-la acordada e com uma aparência tão boa é o melhor presente que eu poderia receber. Vocês duas andaram colocando a conversa em dia, pelo que vejo.

– Um pouco – admitiu Lilly. – Mas ainda tenho muitas perguntas. Imagino que você já saiba sobre Simon e o espelho, não? – Era maravilhosa a sensação de não ter mais nada a esconder. E estava determinada a continuar assim.

– Sim, nós já sabemos de tudo – respondeu John. – Simon sofria da doença da sombra desde o dia em que chegou aqui com Anita e Gerald.

– Por que você não me falou nada? – Lilly estava chocada.

– Você teria acreditado?

– Provavelmente não – reconheceu ela. – Por que vocês não o impediram?

– Precisávamos de tempo para descobrir o que ele estava tramando. Contar a

você antes de termos provas concretas poderia tê-la feito mergulhar ainda mais fundo na escuridão que estava enfrentando.

– Ele disse coisas terríveis sobre você e os outros.

– Da maneira mais gentil possível, imagino – resmungou John. – Ninguém pode dizer que ele não se esforçou.

– Mas onde ele está agora?

Letty e John se entreolharam.

– Eu montei uma armadilha, e ele caiu voluntariamente. Neste momento, Simon está sendo acompanhado a muitos quilômetros ao sul daqui, da mesma forma que Karyn está sendo acompanhada no norte. Eles precisam descobrir que não estão sozinhos antes de poderem estar realmente juntos.

– Karyn? A esposa dele? Mas achei que ela estava...

– Karyn foi a Sábica que contraiu a doença da sombra antes de eles chegarem aqui. Aquele espelho dela provavelmente é o culpado. Enfim, nossa esperança é que, depois que ambos estiverem curados, eles possam ser reunidos.

– Então por que ele quis que eu usasse o espelho?

– Quando eu o confrontei, Simon realmente acreditava que você poderia usar o objeto para mudar a história e trazer a esposa de volta para ele.

– E onde está o espelho?

– Em um lugar seguro, no Refúgio. Os Sábicos tentarão desvendar seus segredos, por precaução. – John bateu as palmas das mãos, como se quisesse encerrar o assunto. – Então, Lilly das últimas perguntas, há algo mais que queira saber antes de levarmos você para comer alguma coisa? Ah, por sinal, o motivo da minha vinda foi para conferir se as Cuidadoras tinham razão. Elas disseram que a sua recuperação foi extraordinária. *Sem precedentes*, foi a expressão que usaram, se não me engano. Disseram que você pode até tentar andar, se estiver disposta. Mas muito devagar e com ajuda, é claro.

Lilly ficou entusiasmada. John a ajudou a se sentar na beirada da cama, que eles então baixaram até seus pés tocarem o chão. Com cuidado, ela se levantou pela primeira vez desde que chegara ali. Era libertador, mesmo se tratando de um sucesso tão pequeno. No entanto, o esforço a deixou tonta e após alguns passos cambaleantes ela voltou à cama, já convertida em cadeira.

– Espantoso – declarou John, enquanto Letty sorria de orelha a orelha. – Nós vamos trabalhar nisso e em muito mais. O que você acha que desencadeou essa recuperação *sem precedentes*?

– Adonai – respondeu Lilly.

– Claro, Adonai – afirmou John. – E o timing perfeito. Algo que nunca entenderei totalmente, mas pelo qual sou grato! – Ele falou isso para o ar, como se conversasse com Alguém invisível.

Letty foi andando na frente enquanto John empurrava Lilly para fora do quarto. Tudo parecia diferente para Lilly, quase novo, agora que seus sentidos estavam

aguçados. Ela também se sentia grata, e sussurrou baixinho seu agradecimento para quem quer que estivesse ouvindo.

Gerald e Anita correram para abraçá-la assim que chegaram à área de jantar. Novamente, ela retribuiu os abraços com naturalidade e sem restrições.

Eles mal tinham se sentado quando Lilly falou:

– O meu coração agradecido é a minha melhor oferenda.

Todos olharam para ela, espantados.

– Bem, já que devo aprender a rezar, esse me pareceu um bom começo.

Durante a refeição, que consistia nos pães e ovos mexidos mais saborosos que Lilly já havia provado na vida, cada um dos presentes ofereceu sua versão dos últimos dias, com muitas risadas e uma ou outra lágrima também.

– Eu fui má com vocês? – perguntou Lilly. – Fui, não fui? Sinto muito.

– Não se preocupe, querida – disse Anita. – Todos sabemos muito bem que havia muito mais coisas acontecendo do que podíamos ver.

– Na verdade, era muito pior do que vocês poderiam imaginar. Simon e o espelho me convenceram de que eu era Lilith.

– Lilith? É mesmo? – falou Gerald, visivelmente irritado pela simples menção desse nome. – Pura invenção! Mitologias sem qualquer sustentação histórica.

– Eu me lembrava da sua opinião a respeito dela, mas não fez diferença. Aquele espelho e o veneno dele refletiam as mentiras a respeito de mim mesma nas quais eu já acreditava. Que eu era uma pessoa inútil e horrorosa, mas que talvez pudesse me redimir fazendo uma coisa boa: salvando o mundo ao evitar que a Mãe Eva virasse a face.

– Uau! – exclamou John, surpreso. – E como você faria isso?

– Tenho até vergonha de dizer – falou Lilly devagar. – Achei que se me oferecesse a Adão como substituta de Eva ele pararia de tentar convencê-la a sair do jardim e se juntar a ele, e então o mundo mudaria.

– Eu não sabia disso – admitiu Anita –, mas acho que nada mudou. – Ela olhou para Lilly. – Ou mudou?

– Acho que não – respondeu Lilly, insegura.

– O que aconteceu? – perguntou John.

– Adão me rejeitou, ou melhor, rejeitou Lilith. Ele escolheu Eva. Foi então que achei que fosse morrer, e Adonai veio ao meu encontro.

– Então, se nada mudou – resumiu Gerald –, em algum momento Eva deve ter deixado o jardim.

– Não sei dizer – afirmou Lilly com tristeza. – Mas isso parece fazer sentido. E Adonai parecia pensar que ela tomaria essa atitude de qualquer jeito. Mas por que Eva faria isso?

Ninguém tinha uma explicação que fizesse sentido com o que Lilly sabia a respeito de Eva.

Enquanto a conversa prosseguia, Lilly percebeu que Anita e Gerald pareciam

hesitantes em terminar a refeição, como se estivessem escondendo algo. Por fim, Lilly perguntou:

– O que está havendo com vocês dois?

Anita retesou o queixo e não conseguiu falar. Gerald tentou, mas suas palavras saíram junto com as lágrimas.

– Recebemos uma convocação... uma espécie de chamado e convite para outro tempo e outro lugar. Não sabíamos como contar a você. Parecia que se continuássemos conversando não haveria necessidade de dizermos adeus. Sei que é uma tolice, mas é assim... é assim que nos sentimos.

– Então vocês estão indo embora? – Lilly se sentiu invadida por uma enxurrada de emoções. – Quando?

– Em breve – respondeu Anita com tristeza. – Dentro de algumas horas. Foi muito repentino, e o assunto exigia uma resposta rápida. Sinto muito, Lilly. Se houvesse outra maneira...

– Fiquem tranquilos, está tudo bem. Foi só um pouco inesperado. Vocês dois se tornaram especiais para mim, e eu... – Lilly não conseguia encontrar palavras para dizer quanto se importava com eles.

– Nós também amamos você – disse Gerald.

– E Lilly – disse Anita. – Ao longo da minha vida, aprendi a confiar a Deus tudo o que se torna valioso para mim, como você se tornou para nós. Este é apenas o começo da nossa história. Se não tivéssemos essa certeza, não estaríamos partindo.

Lilly ficou calada por alguns instantes, mas depois disse:

– Preciso pegar uma coisa que gostaria de dar para vocês. Por favor, não partam sem se despedir de mim, está bem?

– Claro que não. De todo modo, fomos informados de que o Cobrador virá nos visitar no fim da tarde, e decidimos que, se ele quiser um de nós, vai ter que se esforçar mais do que o normal.

– Como assim? Quem é esse Cobrador?

– Mais tarde eu explico, Lilly – falou John. – Mas agora Gerald e Anita precisam se preparar para sua próxima jornada. Daqui a uma hora nos encontraremos aqui novamente para nos despedirmos.

– Letty, você pode me levar para o meu quarto? – perguntou Lilly, e a Guardiã a empurrou dali e pelo corredor a fora. – Obrigada. Não consegui falar sobre tudo isso que estou sentindo. É como se eu finalmente tivesse encontrado uma família e, de repente, ela fosse tirada de mim.

– Nada jamais permanece igual, minha querida. A confiança não é uma decisão que você toma apenas uma vez na vida, mas deve ser tomada a cada momento, enquanto o rio continuar a correr. Devemos nos sentir gratos pelas dádivas que nos cercam, e então precisamos nos desapegar delas, confiando que nada será perdido, mesmo que o percamos por algum tempo.

– Juro que estou tentando entender. Você deve achar que sou meio lerda, não é?

– Acho que você é uma adolescente – falou Letty, rindo. – As duas coisas geralmente andam juntas.

Isso fez Lilly rir e ela se sentiu melhor.

Quando todos voltaram a se reunir na área de estar, Lilly entregou seu diário para Anita, que pareceu surpresa.

– Lilly, o que é isso?

– Meu presente para você. É a coisa mais importante que tenho, e quero que você e Gerald fiquem com ela. Vocês dois significam mais para mim do que qualquer coisa que eu possuía, mesmo a mais preciosa delas.

Anita e Gerald ficaram pasmos. John parecia um pai orgulhoso.

– Obrigado – disse Gerald. – É um dos melhores presentes que já recebi.

– John fez este diário para mim. Na verdade ele é um gravador, como os que ficam lá embaixo, no Cofre. Eu registrei aí tudo o que testemunhei, as coisas boas e as nem tão boas assim, e quero compartilhar com vocês. Fiz a minha parte, agora acho que é a vez de os Sábios interpretar o que tudo isso significa.

John mostrou a Lilly como acrescentar as impressões digitais das mãos dos Sábios para que eles pudessem acessar o conteúdo do diário.

– Acredito – disse ele – que vocês vão encontrar outro Cofre no lugar para onde estão indo. Lá, poderão armazenar e reproduzir os registros de Lilly para analisá-los.

– Nós nos veremos em breve, minha querida. É só uma questão de tempo.

Sem muita demora, todos se abraçaram e os Sábios foram embora sem olhar para trás.

Lilly parou sua cadeira a alguns metros da janela e arriscou se levantar. John se aproximou, mas sem ajudá-la enquanto ela dava alguns passos titubeantes para olhar a praia que se estendia lá embaixo.

– Consegui! – exclamou ela, satisfeita.

Com todo o cuidado, ela voltou até a cadeira e se sentou.

– John, você pode me levar até o Pátio do Castelo para que eu possa sentir o vento e o sol?

Por um segundo, ele hesitou. Mas, por fim, disse:

– Claro. Será um prazer.

Os dois subiram a rampa e estavam prestes a atravessar a porta em direção à luz do sol quando Han-el surgiu diante deles.

O Guardião sorriu.

– John – entoou o Cantor –, estarei aqui assistindo.

John baixou a cabeça por um instante e pensou antes de assentir.

– Obrigado!

– Assistindo a quê? – perguntou Lilly, sentindo o estômago embrulhar.

Sem responder, John empurrou a cadeira dela em direção ao sol, deixando o Anjo para trás. Em vez de se sentir aquecida, Lilly foi invadida por uma brisa fria que soprou em seu coração. Ela respirou fundo. Ali em cima, um estranho olhava

para o mar. Ele usava um terno branco de três peças e um chapéu de feltro preto, que realçava sua pele pálida e anêmica. Os olhos do homem eram fundos e escuros. Em contraste com a mistura de preto e branco, um acessório que não combinava em nada com o resto: uma gravata-borboleta vermelho-sangue.

– Você é o Cobrador? – perguntou ela, tentando controlar seu medo.

O estranho não olhou para ela, mas respondeu com uma voz suave e fria.

– Estou à procura de um amigo de longa data. Um Catalogador. Acho que você o conhece. Ele está por perto?

– Estou bem aqui – disse John. – Como se você não soubesse.

Aquele homem solene deu a impressão de ter sorrido, mas mesmo que tivesse sido essa a sua intenção, a expressão não durou mais que um breve instante.

Havia algo de sinistro em sua postura e autoridade. Instintivamente, Lilly afastou sua cadeira; sentia que não deveria ficar perto dele – nem tanto por ele parecer ameaçador, mas pela incerteza que causava em seu interior. Era difícil imaginar aquele homem sendo amigo de alguém, quanto mais de John.

– Ele pode ser seu amigo – sussurrou ela –, mas me dá arrepios.

– É uma questão de perspectiva.

– Ele me faz pensar em um agente funerário – observou Lilly. – Exceto por aquela gravata-borboleta.

– A gravata? – Ele tornou a rir. – Também nunca fez sentido para mim.

Lilly estava tão tensa que nem conseguiu achar graça.

John se virou e falou diretamente com o estranho:

– Então, você veio me buscar?

– Espere um instante! – interrompeu Lilly, surpresa. – Você sabia que ele estaria aqui? Por que não me disse quando eu pedi para vir?

– Lilly, eu nunca lhe disse o que fazer. Por que deveria começar agora? – E, inclinando-se, ele plantou um beijo em sua testa.

O Cobrador se virou, percebendo pela primeira vez a presença de John.

– Olá, velho amigo. Você tem sido bastante escorregadio. Foi difícil rastreá-lo.

– Tive ajuda – retrucou ele, entortando a cabeça na direção de Han-el, que estava parado com os braços cruzados ali perto.

– É verdade. Mas agora seu visto de permanência expirou. É hora de partir.

– John – murmurou Lilly –, do que ele está falando? Partir para onde? – Ela estava com medo de ouvir a resposta.

– Partir para onde? – John repetiu ao visitante a pergunta dela. – Mais uma ilha entre mundos? Alguma outra dimensão?

– Não, não desta vez, John. Hoje você voltará para casa.

Como se as coisas já não estivessem estranhas o suficiente, essas palavras fizeram John irromper em lágrimas.

– Para casa? Você veio me levar para casa? – disse ele, entre soluços.

Com as pernas bambas, ele se ajoelhou no chão ao lado da cadeira de Lilly. Ela

passou um braço ao redor dele, mas por dentro estava em pedaços. Ao que tudo indicava, seria a segunda vez em um só dia que perderia alguém que amava.

– Eu sei por que você veio aqui em cima. – Ela sussurrava, incrédula. – John, você vai morrer, não vai?

John se recompôs e se levantou. Apesar das lágrimas, estava sorrindo.

– Pode me dar um momento para eu me despedir? – pediu ele ao Cobrador.

– Esperarei apenas o suficiente antes de levá-lo para casa em minha dança.

John tornou a se ajoelhar para falar com Lilly face a face.

– Lilly, eu não tinha certeza. Suspeitava que isso fosse acontecer, mas ainda não sabia ao certo. Lamento ter sido tão de repente.

– Odeio tudo isso!

– Eu compreendo – disse ele, tentando tranquilizá-la. – Lilly, ouça o que vou dizer. Graças a Adonai, o que aos seus olhos parece a morte, para mim parece a vida.

– Não estou entendendo nada, John!

– Mas um dia vai entender, minha querida. Um dia vai entender.

– Você não está triste? Estou tão arrasada que acho que vou desmoronar.

– É sempre triste deixar um lugar e um tempo e partir para outro, especialmente quando se deixa algo precioso para trás. Quando você chega à minha idade, começa a perceber quando um novo começo se aproxima.

– John, você me ajudou a reconstruir meu coração. Sabia que foi o primeiro homem em quem confiei, o primeiro homem que amei na vida?

– Isso é uma honra e um privilégio – sussurrou ele. – Lilly, Deus é um artista tão magnífico que faz com que ninguém jamais seja curado sozinho. Um dia, você verá que me curou também.

– Eu?

– Lilly, não estou lhe pedindo que confie em mim para o resto da vida, mas apenas por enquanto, hoje, neste exato momento. Você confia em mim?

Lilly demorou para recuperar o fôlego enquanto John secava as lágrimas do seu rosto. Por fim, ela disse:

– Sim! Eu confio em você neste momento.

– Então se despeça de mim.

Foi o que ela fez. Lilly o abraçou, beijou seu rosto, chorou e depois chorou mais um pouco. E então sussurrou:

– Adeus, John. Até breve.

– Com certeza! – Respirando fundo, ele se levantou.

– Espere! Tenho uma última pergunta.

John soltou uma risada cristalina.

– É claro que sim. O que é?

– Deus tinha vários nomes diferentes no Éden. Como você O chama?

– Essa é fácil. Meu nome favorito para Deus é Primo.

– Primo?

– Sim! Sempre adorei falar que Deus é meu primo! – John ficou radiante, como se estivesse rejuvenescendo. – Adonai, Jeshua, Jesus, o segundo Adão... meu primo, você vai ver!

Quando ele se virou para o Cobrador, Han-el surgiu ao lado dele e tomou sua mão.

– Eu também amo você, Lilly Fields! – gritou John de volta para ela, alegre como uma criança.

Então, erguendo um braço acima do parapeito do Pátio, o Cobrador abriu o que parecia ser uma porta que se materializava em pleno ar. Ele tomou a outra mão de John e com um só passo os três desapareceram pela abertura. Lilly ficou sentada ali, boquiaberta, enquanto o portal tremeluzia e evaporava como um reflexo na água desfeito por uma pedra.

– Que exibicionista – resmungou Letty, surgindo ao lado dela. – Vamos, Lilly, ainda temos muito trabalho a fazer! Sorte que não preciso de escadas e rampas. Vamos sair daqui.

19

AS TRÊS



Quando deu por si, Lilly estava sentada ao lado de Letty diante da porta do Cofre.

– Eu avisei – falou Letty. – É muito mais rápido do que vir andando com John.

Lilly riu, apesar do vazio que sentia.

– O que viemos fazer aqui?

– Você tem um encontro marcado – anunciou a Guardiã com um sorrisinho travesso.

– Vou encontrar alguém no Cofre?

– Não, melhor do que isso. – Ela fez uma pausa dramática e então passou a mão pela superfície da porta. – Por aqui!

– A porta? – Lilly olhou com mais atenção.

Ao lado dela, Letty cantarolava alegremente. As imagens entalhadas na madeira eram as mesmas que Lilly havia visto antes: Adão ajoelhado, pegando a terra com as mãos; Eva com os braços estendidos; a serpente do infinito engolindo o próprio rabo; a Montanha do Um encimada por um olho onisciente. Parecia que uma vida inteira havia se passado desde que ela estivera ali, embora tivessem sido apenas alguns dias.

– Os Sábios me disseram que se eu tocasse nessa porta ninguém conseguiria me trazer de volta.

– É por isso que estou aqui! – Letty juntou as duas mãos. – Eu sei tudo sobre essa porta e posso guiar você. É uma das minhas especialidades.

– Ah, claro. Então, o que devo fazer?

– Segure minha mão e toque qualquer um dos lugares que deseje visitar –

instruiu Letty.

– Quero ver Eva.

– Eu já imaginava. – Letty abriu o sorriso mais radiante que Lilly já vira em seu rosto.

Sem dizer mais nenhuma palavra, a menina se levantou da cadeira, pegou a mão pequena e enrugada de sua Guardiã e tocou a representação de Eva. Uma descarga de energia atravessou seu corpo e tudo mudou ao seu redor.

Quando Lilly abriu os olhos, ela estava parada sobre uma plataforma que dava vista para uma série de vales a perder de vista. Era possível ver os contornos irregulares da vegetação que acompanhava os rios que cortavam aquela região infértil. Um vento árido soprava, ondulando sua saia e trazendo consigo o cheiro de gado e de solo lavrado.

Uma fumaça chamou a atenção de Lilly.

– Eles estão brigando pelas melhores pastagens – explicou Letty.

De repente, a mão que segurava a sua pareceu diferente e, quando Lilly baixou os olhos, viu que não era a de Letty. Ao se virar, levou um susto. A mulher diminuta havia desaparecido, em seu lugar estava um ser reluzente, que oscilava entre uma substância opaca e uma onda de energia translúcida. Lilly se lembrou imediatamente dos seres de luz que tinha visto ao redor da celebração do nascimento de A dão.

As vibrações do ser de Letty ressoavam do seu centro, saindo em cascata e agitando as frequências de tudo à sua volta. Ali estava, afinal, a fonte do zumbido frequente que ela emitia.

– Uau! – exclamou Lilly, espantada. – Letty? É você?

– O quê?! Você achava que aquela coisinha encarquilhada era a minha aparência real? – O senso de humor sem dúvida era o de Letty, mas a voz era mais jovem e cheia de vida. – É bem mais fácil transitar entre os lugares se sua aparência não for tão impressionante.

– Não sei, não – respondeu Lilly com uma risadinha –, aquela velhinha rabugenta sempre me impressionou bastante.

O ar estava quente e seco, o sol agradável contra a pele de Lilly.

– Vamos seguir naquela direção – indicou Letty.

O lugar para onde ela apontou não parecia muito longe dali. Aninhadas na base de uma enorme escarpa, perto de uma cachoeira, dezenas de tendas ondulavam ao sabor da brisa. Rajadas de vento puxavam as cordas como se as instigassem a sair voando. – Ela está nas tendas? – perguntou Lilly.

– Sim! Prefere ir andando ou simplesmente aparecer lá?

Lilly riu.

– Vamos andando. Não há nenhuma serpente por aqui, certo?

– Estou aqui, portanto não há serpentes em um raio de mais de 150 quilômetros – disse ela, e Lilly acreditou.

Letty foi andando na frente. Em seu rastro, plantas brotavam e formavam uma

trilha, botões se abriam como guarda-chuvas em miniatura para revelar tesouros em forma de flores adormecidas.

– É, eu faço desertos florescerem – anunciou Letty. – É mais fácil do que tricotar.

– Você é mesmo cheia de surpresas.

– É por isso que me dou tão bem com crianças. Elas adoram surpresas.

Enquanto elas se aproximavam das habitações, Lilly percebeu que havia outro caminho verde e florido vindo do lado oposto e terminando no local de destino delas, em frente a uma das maiores tendas.

– Outro Guardião – declarou Letty, sem dar mais explicações.

Em volta das barracas, um pequeno vale descia em direção à parede rochosa, que oferecia sombra. Ele era cheio de plantas, árvores pequenas e arbustos multicoloridos, com frutas e legumes dispostos em arranjos organizados com criatividade.

Perto da cachoeira, o vale ficava mais estreito para depois se abrir em um pasto, onde ovelhas se alimentavam. O ar era perfumado, os despenhadeiros de pedra erguendo-se como se protegessem aquele lugar idílico.

Quando elas chegaram, uma mulher já havia saído da tenda. Lilly a reconheceu no mesmo instante. Era Mãe Eva, mais velha do que quando a havia visto no Éden, mas não tanto quanto parecera no Refúgio. Lilly atravessou a pouca distância entra as duas e Eva a apanhou em um abraço.

– Esperei tanto tempo para finalmente conhecê-la! – exclamou Eva, apertando-a ainda mais entre os braços.

– Como assim? – perguntou Lilly. – Já nos encontramos várias vezes, só que você estava mais velha.

– Bem, essa pode não ser a primeira vez para você, mas é para mim.

Virando-se para Letty, o Anjo, Eva fez uma pequena mesura.

– Leticia, há quanto tempo. Estou honrada pela sua presença.

– A alegria é toda minha, Eva, por testemunhar este dia. Que ocasião maravilhosa!

– Realmente. – Eva ergueu as mãos. – Agora, por favor, entrem e descensem um pouco. Lilly, tenho comida e surpresas à sua espera.

Lilly a seguiu através de uma série de abas de couro que separava os ambientes da tenda até chegar a uma área ampla e ricamente decorada. Várias mulheres ocupavam o recinto. A maioria estava sentada em tapetes, preparando comida e manipulando ervas aromáticas. Uma brincava com várias crianças; outra trabalhava em um tear.

– Estas são as minhas filhas – falou Eva, sorrindo. – A promessa de Adonai, minha alegria. E esta jovem – anunciou Eva para as outras enquanto tomava a mão de Lilly – também é minha filha.

Apesar da agitação naquele recinto fechado, a temperatura era fresca e oferecia um alívio contra o calor do dia. Havia uma fartura de pães e doces, frutas e nozes,

várias carnes secas e outras iguarias. Eva indicou com um gesto que Lilly se sentasse sobre um conjunto macio de tapetes e almofadas.

– Deixe-me olhar para você – pediu Eva, os olhos enchendo-se de lágrimas. – Nem acredito que é você! Desde o Início me foi prometido que seriam três, mas nunca pensei que conheceria as outras duas durante a minha vida.

– Desculpe, Mãe Eva – confessou Lilly –, mas não entendo o que diz.

– É verdade, ela não sabe – disse Letty.

Eva levou as mãos à boca e deu uma risada cheia de compaixão.

– Ela não sabe? Isso é uma dádiva! – Antes que Lilly pudesse ficar constrangida, Eva falou: – Minha querida Lilly, estou emocionadíssima por ser aquela que vai contar a você.

– Contar o quê? – perguntou Lilly, já sem conseguir conter a curiosidade.

– Primeiro – continuou Eva –, você precisa me dizer por que veio até aqui.

– Eu vim para falar com você! Tenho muitas perguntas a fazer, mas elas parecem um pouco estranhas agora que percebi que você não me conhece.

– Ah, Lilly – exclamou Eva. – Eu conheço você, embora nós nunca tenhamos nos encontrado. Pelo menos não que eu me lembre.

Uma das filhas de Eva trouxe para Lilly uma caneca de leite de cabra quente e espumante. Lilly agradeceu e tomou um gole.

– Então, para começar, onde estamos?

– Do lado de fora dos portões do Éden, um pouco para o Oeste, mas não muito longe.

– E que época é essa?

Eva ergueu os olhos para o vértice da tenda.

– Como eu poderia lhe dizer? Lilly, eu calculo o tempo pelas estações, e quatro estações formam um ano. Para mim, o tempo começou no dia em que escolhi sair do jardim para me juntar a Adão.

Essa confirmação da teoria de Gerald partiu o coração de Lilly.

– E há quantos anos foi isso?

– Quase 400, desde que...

– Por quê? – Lilly não pôde evitar a pergunta. – Por que virou a face e deixou para trás a paz do Éden? Por que não continuou dentro do amor de Deus? – Ela falou com mais rispidez do que pretendia.

A princípio, Eva não parecia ofendida com a pergunta. Mas ela deu um suspiro profundo, e Lilly percebeu que aquele assunto a fazia sofrer.

– Eu não conseguia mais confiar – respondeu ela. – Lilly, eu não conseguia acreditar que Adonai seria capaz de suprir todos os meus anseios, que todos os meus desejos seriam realizados se eu estivesse longe de Adão. Não conseguia confiar que Deus criaria uma maneira de concretizar Suas promessas. Comecei a achar que cabia a mim fazer isso acontecer. Adão se voltou para o lugar de onde tinha sido retirado, para o solo, buscando nele e no trabalho de suas próprias mãos o sentido, a

identidade, a segurança e o amor. Eu fiz a mesma coisa. Voltei para o lugar de onde tinha sido retirada. Voltei para Adão.

– O que aconteceu? – Lilly perguntou, sentindo o desapontamento na voz de Eva... e nela mesma.

– O solo não pode dar ao homem aquilo que apenas Deus pode conceder se estivermos face a face com Ele. Adão luta contra a criação com um espírito atormentado. Nossos filhos homens guerreiam uns contra os outros pela terra, pois acham que ela pode produzir aquilo de que necessitam. Mas estão enganados.

Lilly pousou sua caneca de leite.

– E você, Mãe Eva, o que aconteceu com você?

– Quando me voltei para Adão esperando que ele me desse o que apenas Deus pode conceder, ele e seus filhos reagiram com poder e domínio. Agora, com espírito atormentado, eu luto contra esses homens para trazer meus filhos ao mundo. – Eva baixou a voz e olhou para as mulheres ali reunidas. – Minhas filhas competem e guerreiam umas contra as outras pelos homens e suas famílias, como se isso pudesse lhes dar aquilo que esperávamos.

O peso da verdade esmagava os ombros de Lilly. Grande parte da devastação que assolava a Terra vinha disso, do fato de termos virado a face e nos afastado de Deus.

– Por que você deixou o jardim?

– Todos os dias Adão vinha à fronteira do Éden, e todos os dias eu me sentava e ouvia seu apelo. Por mais furiosa que estivesse com ele, não queria que ele acreditasse que eu o havia abandonado. Talvez esse desejo de voltarmos um para perto do outro seja parte do instinto maternal de Deus que existe dentro de todos nós. Um amor que vem de dentro, misericordioso.

Eva deu um longo suspiro e continuou:

– Mas então ele parou de vir. Adão desapareceu, e dia após dia eu voltava à fronteira para esperá-lo. Todos os dias eu perguntava a Deus o que deveria fazer, e todos os dias Deus me pedia para confiar Nele, e eu confiava, até o próximo nascer do sol. Mas o tempo passava e Adão não retornava. Comecei a pensar sobre a promessa que Deus havia feito, de que a minha semente esmagaria a cabeça da serpente. Quanto mais pensava nisso, mais sozinha eu me sentia e menos eu buscava a face de Deus, afastando-me pouco a pouco. Não queria confiar, queria respostas.

– Por que Deus não lhe deu essas respostas? – perguntou Lilly.

– Deus pede que confiemos – declarou Eva. – Eu errei ao virar a face.

– Mas por que Deus não impediu você? Por que Ele deixou que você se afastasse?

– Lilly, eu descobri que Deus tem mais respeito por mim do que eu tenho por mim mesma. Ele se submete às escolhas que eu faço. Minha capacidade de dizer não e virar a face é fundamental para que o Amor seja o Amor. Adonai nunca ocultou sua face de mim, tampouco escondeu as consequências das minhas decisões. É por isso que tantos dos meus filhos e filhas amaldiçoam o nome de Deus. Mas Ele se

recusa a ser aquilo que nós nos tornamos e a exercer poder e domínio sobre nós. Então Ele se junta a nós na escuridão que criamos por termos todos virado a face.

Lilly começou a chorar.

– A culpa é toda minha! – gritou.

Eva a abraçou imediatamente, embalando-a em seus braços como qualquer mãe faria. Outra mulher lhe trouxe pão quente e perfumado com azeite de oliva, como se isso pudesse ajudar.

– Como assim a culpa é sua, querida? Do que está falando?

– Eu sou o motivo pelo qual Adão desapareceu dos muros do Éden.

– Não se desespere, Lilly, eu já lhe disse que sei quem você é.

– Sabe? – perguntou Lilly entre soluços. – Como poderia saber?

– Adão me contou.

Lilly ergueu os olhos para a mulher, que lhe ofereceu um lenço.

– Adão contou para você?

– É claro que sim. – Ela sorriu. – Ele achava que seu nome fosse Lilith, mas, em um sonho, Adonai me contou quem você é de verdade.

– Adão lhe contou o que eu fiz? – A vergonha fez sua pele arder como fogo.

– Sim, em detalhes, mas Adonai me explicou seus motivos. Você nunca foi essa Lilith. Ela era uma mentira desde o início.

Finalmente, Lilly se viu livre do seu fardo. Ela começou a rir, depois a chorar, e uma mistura de emoções a tomou por completo. Uma criança de olhos grandes trouxe uma flor do deserto para Lilly a fim de consolá-la, e ela a aceitou com alegria, colocando a menininha no colo. Eva afagou os cabelos crespos da criança com sua mão elegante.

Depois de se acalmar, Lilly perguntou:

– Ainda não entendo por que você deixou o jardim. Você se sentia mal pelo que aconteceu com Adão?

– Ah, quem me dera tivesse sido por um motivo tão nobre. A verdade é muito mais perversa. Olhando para trás, percebo que fiz isso por mim mesma. Eu estava tentando preencher o vazio que criei dentro de mim por ter virado a face, tentando enfrentar o medo de que meus desejos não fossem realizados. Não admiti isso naquele momento. Pelo contrário, justifiquei minha atitude das formas mais louváveis aos olhos de Deus. Mas não conseguia parar de pensar em como poderia gerar a semente prometida sem Adão. Assim, cheguei à conclusão de que Deus estava me testando, para ver se eu amadureceria a ponto de decidir por conta própria. Em vez de confiar que Deus poderia fazer o que eu julgava impossível, acreditei que eu só poderia cumprir a promessa se deixasse o Éden e me juntasse a Adão. Não precisei de uma serpente para me enganar; menti para mim mesma e acreditei nessa mentira. Acreditei que deixar o Éden era um gesto sagrado, uma maneira de participar dos desígnios de Deus.

– Eu fiz exatamente a mesma coisa quando deixei o Éden e me ofereci a Adão.

– Bem, eu e você provavelmente não somos as únicas a tentar satisfazer nossos próprios desejos. Adão ficou arrasado quando me viu, mas logo encontramos uma maneira de nos reaproximar. Meses depois, tivemos nosso primeiro filho.

– Foi o filho que Deus tinha prometido?

– Para justificar minhas escolhas, eu me convenci de que ele era a semente prometida. Quando o bebê nasceu, eu exclamei: “Eu dei à luz um homem-criança!” Enquanto Caim crescia, eu me agarrei a essa esperança, até perceber que ele também virava a face. Então seu irmão Abel nasceu, e minha esperança diminuiu ainda mais.

Lilly podia ver o sofrimento de Eva. Depois de alguns instantes de silêncio, ela continuou sua história.

– Embora Adonai o tivesse alertado sobre o perigo de virar a face, Caim matou Abel. Adonai tentou aproximar-se novamente, mas meu filho o rejeitou outra vez e pôs-se a vagar, cheio de angústia, por terras distantes. Ali, construiu sua primeira cidade, chamando-a de Enoque, que significa novos inícios, nome também do meu neto. Ele já não fala em Adonai, mas somente sobre o Deus único, Elohim. Para ele, Ruach é apenas uma vaga lembrança. Meus descendentes por parte de Caim são dominados pela escuridão, pela ira assassina e pela desonestidade.

– Ainda há esperança para nós? – perguntou Lilly.

Eva suspirou e deu um sorriso amoroso.

– Sim! Adonai é nossa maior esperança, e é por isso que você está aqui!

– Ainda não entendo o que isso tudo tem a ver comigo.

– Lilly, eu lhe disse que eram três.

– Três o quê?

– Três mulheres que moldariam a história humana. Aquela que recebeu a promessa da semente, ou seja, eu. Aquela através da qual a promessa viria ao mundo e esmagaria a cabeça da serpente. E essa seria... – Ela se virou e indicou uma mulher que estava sentada perto dali, fazendo massa de pão. À primeira vista, a mulher não parecia muito mais velha do que Lilly, seus olhos escuros brilhantes destacando-se da pele lisa, perceptivelmente mais clara do que a das outras.

– Essa seria eu! – afirmou a mulher, com um sorriso travesso.

– Você não foi a primeira a chegar aqui hoje, Lilly – falou Eva.

A mulher se levantou e limpou farinha das mãos antes de aproximar de Lilly.

– Assim como Eva, eu esperei a vida toda para conhecê-la.

A criança no colo de Lilly foi correndo brincar com as outras quando ela se levantou para cumprimentar a mulher.

– Não aguentava mais continuar de boca fechada! – disse ela, abraçando Lilly com entusiasmo.

Só então Lilly notou que havia outro ser espiritual parado ao lado de Letty. Eles eram parecidos, embora a coloração e o tom de suas vibrações fossem diferentes.

– Quem é você? – perguntou Lilly, recuando.

– Sou Maria, a mãe da semente prometida; o segundo Adão, Jesus.

Todas as peças se juntaram na mente de Lilly.

– Não acredito! Você é Maria, mãe de Jesus? John tentou me explicar sobre o segundo Adão, e eu não tinha conseguido entender.

– John manda lembranças, embora vocês tenham acabado de se separar. Ele já sente saudades de você – falou Maria.

– John? Ele mudou o mundo para mim.

– Isso é a cara de John. Como Testemunha, ele já fez isso antes.

Tentando não chamar atenção, Lilly beliscou a si mesma para conferir se não estava sonhando.

– Então, quem é a terceira?

– Você! – responderam Eva e Maria ao mesmo tempo.

Lilly pestanejou.

– Eu?

– Você! Lilly, você é a Noiva, aquela à qual a semente prometida se unirá para sempre.

– Como pode ser? – Novas lágrimas brotaram de um poço ainda mais profundo, de um lugar sagrado nos confins da alma ao qual apenas Deus tem acesso. – Ninguém iria me querer. Estou danificada demais.

– Meu filho quer você, Lilly – afirmou Maria. – E, para demonstrar seu amor e afeto incondicional, ele lhe enviou um presente. Leticia?

De dentro de sua túnica de luz oscilante, Letty sacou o anel que Gerald tinha dado para Lilly.

– Então foi você quem pegou meu anel? – disse ela, tentando fazer uma brincadeira para relaxar.

– Melhor do que deixá-lo para uma serpente levar – retrucou Letty.

– Ele sempre foi seu, minha querida. – Maria pegou o anel e o estendeu para Lilly. – Este é um anel de Noivado, uma promessa de matrimônio.

– Adonai quer se casar comigo? Por quê?

– Lilly, é em você que todos nós moramos. Você personifica tanto nosso sofrimento quanto nossa cura – explicou Eva, enquanto ela e Maria cercavam a menina. – Você é a escolhida!

– Mas não posso ter filhos!

– Houve um tempo em que eu também acreditei nisso – admitiu Eva. – Eu não acreditava, mas Maria, sim. Está vendo? Quando me vi entre a promessa e a impossibilidade, escolhi virar a face. Maria manteve sua face voltada para Elohim, e pela sua confiança participou do desígnio de Deus. Ele fez o impossível, e a promessa não tardou a nascer.

Eva tomou as mãos de Lilly nas suas.

– Minha filha, você não aprendeu nada com o meu afastamento? Deus quer que você esteja face a face com Ele. Viver dentro Dele e com Ele é o maior Bem de todos.

– Como você conseguiu? Como confiou no impossível? – perguntou Lilly para Maria.

– Tive bastante ajuda – respondeu Maria. Ela olhou para o Anjo parado ao lado de Letty. – Não foi, Gabriel?

– Um pouco. – Uma voz poderosa se fez ouvir com clareza.

– Sempre modesto – resmungou Letty, mas sua voz também estava cheia de afeto.

– Isso é como um casamento arranjado? – perguntou Lilly, ainda chocada.

– Existe algum outro tipo? – perguntou Maria, ao que todos riram.

– Tenho uma última pergunta.

– Ah, John me alertou quanto a isso – falou Maria.

– O que devo fazer agora?

– Aguardar – disse Maria. – Esperar a hora certa. E, enquanto espera, tudo o que precisa fazer a cada dia é confiar Nele, haja o que houver. No momento certo, meu Filho virá até você para levá-la à maior cerimônia de casamento que já existiu, pela qual a criação tem esperado ansiosamente.

– Você aceita este convite? – perguntou Eva. – Confiar e aguardar diariamente?

Era simples assim.

– Aceito – respondeu ela, colocando o anel no dedo. Maria e Eva pousaram as mãos sobre as dela.

– Minha criança, Deus cumpre Suas promessas.

Lilly fechou os olhos.

– Hoje, eu confio Nele.

20

INÍCIO DO FIM



Lilly abriu os olhos e se viu outra vez parada diante da porta do Cofre. Letty, que havia assumido novamente sua forma diminuta, estava ao seu lado, ainda segurando sua mão.

– Aquilo aconteceu de verdade? – perguntou ela.

– Lindo demais para descrever em palavras! – exclamou Letty no tom de voz estridente que Lilly passou a adorar.

– E agora?

– Você já sabe – respondeu a Guardiã. – Agora é que o trabalho de verdade começa! Mas você vai precisar disto aqui.

Quando viu o que Letty lhe estendia, Lilly deu uma gargalhada. Era a chave de prata de Anita.

– Eu devia ter imaginado! Você pegou a chave também?

Letty encolheu os ombros.

– Eu sabia mais do que as pessoas que lhe deram esses presentes por que eles seriam necessários.

A menina olhou para a chave, girando-a nas mãos.

– Acho que sei para que ela serve, mas estou com medo.

– Sentir medo é humano. Mas não se esqueça de que você é amada.

– Ninguém nunca vai acreditar no que aconteceu comigo. Eu vou me lembrar?

– Deus lhe dará sabedoria para compartilhar sua história com outras pessoas. E, sim, você sempre se lembrará disso.

– Obrigada, Leticia – falou Lilly com um sorriso.

– Letty está bom, minha pequena.

– Letty, um dia você vai precisar me dizer quantas vezes me salvou.

– Adolescentes! – Letty riu. – Nós, Guardiães, às vezes chamamos vocês de garantia de emprego.

Lilly se sentia mais forte e se afastou um passo de sua Guardiã. Seu pé ferido fraquejou debaixo dela.

– Você vai ter que se acostumar com isso – falou Letty, cutucando a perna de Lilly com sua bengala. O som produzido foi oco e metálico.

– O que...? – Lilly levantou a saia para olhar para sua perna mecânica. – O que aconteceu com meu novo pé sardento?

– Isso é uma prótese – explicou Letty. – É o melhor que seu mundo e sua época podem oferecer no momento. Vai ter que servir.

Lilly parou e puxou a mulher num abraço apertado.

– Não me abandone, está bem?

– Lilly, eu sempre estarei por perto. Mas Adonai nunca vai abandoná-la ou renegá-la. Como Maria disse, Eles sempre cumprem Suas promessas.

– Está bem. Agora vamos logo com isso.

Lilly se virou devagar e seguiu mancando pelo corredor. Não precisou andar muito, mas estava sem fôlego quando chegou à porta trancada sobre a qual John a alertara, a que ela havia tentado abrir em seu primeiro dia no Cofre.

Ela girou a maçaneta. Continuava trancada.

Lilly ficou um minuto parada diante da porta, olhando para ela, sabendo que se a atravessasse tudo mudaria. Mas, por outro lado, tudo mudava de qualquer maneira. O que ela acreditava ser a verdade sobre si mesma e sobre as outras pessoas tinha sido completamente desmentido; o que antes havia tentado controlar agora estava nas mãos de Adonai. A certeza se revelara uma impostora e o controle, uma ilusão. O que tinha a perder? Não havia motivo para continuar no Refúgio. Se Deus nunca a abandonaria e Letty continuaria ao lado dela, se o trabalho a fazer era apenas confiar em Adonai um dia de cada vez, ela podia fazer isso. Só por hoje.

Lilly inseriu a chave na fechadura e a girou. Então, a porta se abriu.



O espaço era quente e convidativo, uma sala de estar com cadeiras e um sofá, uma mesa e armários cheios de livros. Lilly o reconheceu. Já estivera ali muitas vezes. Era um lugar seguro, onde a recuperação era incentivada até onde Lilly permitisse.

– Bom dia, minha jovem. Por favor, entre. – A mulher que falou estava sentada à mesa em frente a um laptop, mas logo fechou o computador e tirou os óculos, pousando-os na mesa. Ela se levantou e estendeu a mão.

Era negra, alta e magra, e estava vestida com uma saia e blusa coloridas. A mulher tinha um ar quase majestoso, sua postura transmitindo a dignidade da

sabedoria e da gentileza.

– Sente-se. Posso lhe oferecer algo?

– Não, estou bem, obrigada – respondeu Lilly, escolhendo uma cadeira que parecia confortável. A mulher arrastou outra para o lado da menina, perto o suficiente para ser simpática, mas não invasiva.

– Não sei se está lembrada de mim, mas sou a médica que vem lhe ajudando a processar as tragédias que sofreu. Meu nome é Evelyn.

Ela sorriu.

– E o meu é Lilly Fields.

A médica pareceu surpresa.

– Ótimo, Lilly. Desde que chegou aqui, você às vezes lida com seus traumas assumindo outras personas, o que é perfeitamente compreensível se levarmos em conta a intensidade das suas experiências.

– Personas?

– Sim. Já tivemos Kris e também a Princesa.

– Ah, isso faz sentido – admitiu Lilly, recordando os nomes dados a ela por sua mãe e pelos homens que a haviam usado. – Mas acho que não preciso mais deles. Se vou levar a sério o trabalho de me recuperar, provavelmente precisarei descobrir como ser uma pessoa só.

Evelyn hesitou por um instante antes de falar, como se Lilly a houvesse surpreendido outra vez.

– Excelente. Às vezes, uma pessoa pode levar muito tempo para chegar a este ponto.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Cerca de um ano, mas a maior parte dele foi passada na ala médica. Alguns dos profissionais mais brilhantes do país têm trabalhado arduamente para restabelecer sua saúde física. Não sei de quanto consegue se lembrar, mas você estava quase morta quando foi encontrada.

– Eu me lembro – afirmou Lilly. – O contêiner de carga. Tráfico humano. Sim, eu me lembro.

Uma expressão chocada passou pelos olhos de Evelyn, mas seu sorriso irradiava ternura e esperança.

– Muito bem, vamos trabalhar a partir daí. – Ela apanhou a pasta que havia sobre a sua mesa e retirou uma folha de papel de dentro dela. – Lilly, recebemos um pedido da sua mãe biológica. Ela está em um centro de reabilitação para dependentes químicos e pediu permissão para visitá-la.

O pedido a pegou de surpresa, trazendo à tona uma onda de raiva e ressentimento que tirou seu fôlego. *Confiança*, pensou ela, e a sala voltou a entrar em foco. Lilly se concentrou na luz que entrava pelas janelas.

– Preciso decidir agora? Acho que ainda não estou preparada para isso.

– Não, de maneira alguma. Quis apenas informá-la. Não gosto de segredos.

Prefiro...

– Guardar boas surpresas, certo? – disse Lilly, fazendo a mulher rir.

– Exatamente! Parece que você leu meus pensamentos. Além disso, teremos mais dois terapeutas trabalhando conosco. São um casal de especialistas, marido e mulher, e acabaram de se juntar a nós. Eles ainda estão sendo orientados pela nossa equipe, mas amanhã você irá conhecê-los. Pelo que ouvi dizer, acho que vamos nos dar muito bem.

– E John? – perguntou ela, a ansiedade crescendo.

Evelyn recostou-se na cadeira, como se tentasse tomar uma decisão.

– John, o cuidador voluntário?

– Isso.

– Lilly, John já era idoso e faleceu alguns dias atrás. Ele morreu enquanto dormia. Lamento que ninguém tenha lhe contado.

– Tudo bem – disse ela, enquanto algumas lágrimas subiram-lhe aos olhos. Ela não as escondeu nem fez menção de secá-las. – John vinha me visitar. Eu gostava dele. Ele era gentil e engraçado, mesmo quando eu era grosseira. Acho que ele me ajudou bastante. Vou sentir saudades.

A médica assentiu.

– Sofrer pelas coisas que perdemos e pelas pessoas que deixaram nossa vida é humano e importante.

– E quanto a Letty?

– Letty? Ah, imagino que esteja falando de Leticia, a zeladora da noite. Parece que ela está sempre por perto. Que mulher incrível! Ela sempre me dá as peças de tricô que faz. Mas eu não tenho coragem de dizer que não sei o que são aquelas coisas! – O riso de Evelyn transbordava afeto. – Como isto aqui – ela enfiou a mão em uma gaveta e retirou uma peça tricotada. – Ela me deu isso ontem mesmo.

– Posso ficar com ela? – pediu Lilly, estendendo a mão. – Sempre que não quiser, é só dar para mim. Eu coleciono essas coisas.

– Ah, então você é uma colecionadora? Combinado – exclamou Evelyn, entregando-lhe a peça de tricô. Quando fez isso, ela olhou para a mão de Lilly. – Que anel interessante. Não me lembrava dele.

Lilly o girou no dedo.

– É um anel especial. De um dos homens mais confiáveis que conheci. É uma promessa de que sempre serei digna de ser amada.

– Lilly, se você já conhece uma verdade tão profunda, não há nada que não possamos solucionar juntas.

– Eu sei.

Evelyn apanhou papel e caneta.

– Então, está pronta para fazer o trabalho pesado? Não vai ser fácil, mas valerá a pena.

– Estou pronta. Por onde começamos?

O POEMA DE LILLY



Existe uma Verdade,
acima, entre,
além de
Um ou Dois.
O Um e o Dois
Eles são o Três
em cujo
Amor Eles cantam
sua criação
e sua existência.
É lá que eu
descanso das
exigências
da morte,
das ações
que me fazem
virar a face.
E nesta paz
eu respiro, viva,
e, virando
a face de volta,
ouço a Voz em que confio

e que me liberta,
para que agora e
sempre
eu participe
da revelação.

CARTA DO AUTOR



Caro leitor,

O livro que você tem em mãos traz uma imagem na capa que eu achei perfeita no instante em que a vi. Algumas pessoas me disseram: “Adorei o seu livro, mas por que a capa tem uma maçã se na história Adão e Eva comem um figo?”

Arrá! Excelente pergunta.

Adoro uma boa pergunta. Na verdade, é por causa delas que eu escrevo. Meu desejo é explorar os sentimentos e as suposições que fazemos quando mergulhamos nas grandes questões da vida. E existe símbolo mais carregado de suposições do que a maçã? Embora essa fruta seja incrivelmente emblemática, ela não é mencionada no livro do Gênesis, e a associação com a história da Criação talvez tenha origem num jogo de palavras medieval, pois maçã em latim é *malus*, enquanto “mal” é *malum*.

Ao longo dos séculos na tradição narrativa judaica do Midrash, sugeriu-se que vários frutos e nozes teriam sido o fruto proibido do Jardim do Éden, mas existe um fruto específico que consta tanto na própria história do Gênesis quanto no Midrash – e ele não é a maçã que todos imaginamos, mas o figo. O figo representa a *ruptura* nas Escrituras. Considere, por exemplo, as referências do Novo Testamento ao episódio em que Jesus amaldiçoa a figueira, ou o fato de que Adão e Eva usam as folhas dessa árvore para esconder sua nudez. Há uma riqueza nessa tradição, não é?

Quando comemos uma maçã, não comemos as sementes. Não ingerimos o

núcleo da sua vida. Mas, quando mordemos um figo, é impossível não comer as sementes. Quando fazemos isso, a fruta – a “ruptura” simbólica – se torna parte de nós. Isso me parece profundamente verdadeiro.

Além do mais, a maçã que estampa a capa deste livro está inteira, ainda não foi mordida, e é, portanto, a imagem perfeita da antiga visão sobre a história bíblica – a mesma que Lilly tem no começo de *Eva*. Ela representa as crenças que eu mesmo tinha e que você provavelmente tem. Com esta obra, eu espero desafiar algumas dessas crenças, ao trazer Lilly – e você – de volta para uma relação mais sincera e profunda com Deus. Este é um convite para vivermos em uma união face a face com o Divino, e uma declaração de que cada um de nós é uma obra de arte única, que não deve ser tolhida por preceitos ou limitações culturais.

Portanto, o pequeno diálogo evocado por essas questões é parte do que desejo que *Eva* provoque em um sentido mais amplo. Espero que este livro abale nossas crenças e abra nossos corações, de tal maneira que algo profundo possa acontecer dentro de cada um de nós como indivíduos e como comunidade.

Com grande afeto,

A handwritten signature in black ink, reading "Amy Paul Jones". The signature is written in a cursive, flowing style with large loops and a long tail on the final letter.

AGRADECIMENTOS



Eva tem sido o trabalho criativo mais árduo que já empreendi, resultado de quarenta anos de questionamentos, estudo e experiências de vida. Não é possível realizar uma tarefa como esta sozinho. Estou cercado por familiares e amigos, acadêmicos e pensadores, sonhadores, criadores e artistas, e cada uma dessas pessoas contribuiu à sua maneira para dar vida a este trabalho.

No centro de tudo está Kim, que me oferece a dádiva de manter os pés no chão; ela acredita em mim, mas não se deixa impressionar com facilidade. Nossos filhos, seus companheiros e companheiras, nossos netos, e a alegria que cada um deles nos traz, faz com que o trabalho compense o suor, as lágrimas e as preces. Para além deste núcleo, estamos cercados por amigos incríveis que continuam a nos cobrir de afeto e orações. Eu precisaria de outro livro para dar nome a todos eles, mas gostaria de mencionar alguns: Closner, Weston, Foster, os “Ninjas” e o “Bando”, Scanlon, Linda Yoder, Graves, Troy Brumell, Miller, o outro Miller, Garratt, os “Minions” de Toronto e Vancouver, Huff, a família TCK, Larson, Wards, Sand, Jordan, a família de NE Portland, Gillis, minha família canadense (Young e Bruniski) incluindo mamãe e papai, Debbie, Tim e seus familiares, o clã Warren, especialmente “The Force,” Goff, Marin, Gifford, Henderson e MacMurray.

Meus agradecimentos especiais a C. Baxter Krueger, que me salvou algumas vezes quando o processo criativo me deixou à beira do precipício, oferecendo apoio e incentivo constantes nas vezes em que tive dificuldade para inserir com coerência elementos eruditos nesta história que se pretende acessível. Agradeço também a Howard Books e à Editora Simon & Schuster por seu estímulo constante, com um abraço especial para Jonathan Merkh e Carolyn Reidy, que apoiaram de forma inequívoca este projeto desde o início.

Também sempre digo que uma boa editora não tem preço, portanto, obrigado a

Ami McConnell, Becky Nesbitt, Amanda Rooker e, especialmente, Erin Healy (Erin, você é literalmente uma bênção).

Obrigado às inúmeras vozes que têm se erguido em todo o mundo e que tornarão este século o Século das Mulheres, como Jimmy Carter, Stephen Lewis e Emma Watson (seu discurso na ONU foi profundo); a organizações como a Opportunity International e a Stop Demand; bem como uma série de organizações religiosas, políticas, empresariais e filantrópicas que vêm lutando para diminuir, pouco a pouco, as enormes desigualdades em nosso mundo, especialmente aquelas que trabalham com os direitos da mulher e questões femininas.

Recorri a especialistas de várias áreas, incluindo linguística, estudos da Antiguidade, filosofia, teologia e ciência. Novamente, eu precisaria de outro livro para listar todas essas pessoas, mas gostaria de destacar algumas delas. Obrigado, Jacques Ellul, que agora está sentado na grande nuvem da testemunha, ao lado de Katherine Bushnell. William Law, Keith Barth e George MacDonald. Obrigado, também, a Fuz Rana, Hugh Ross e aos membros da Reasons to Believe, que me ajudaram a escrever os dias da Criação de maneira que respeitasse tanto as Escrituras quanto a ciência.

Outra lista longa demais seria a das músicas que compõem a trilha sonora do meu trabalho, a companhia constante de bardos, melodias e poesia. A gratidão que tenho por esses artistas é representada por meus agradecimentos a Bruce Cockburn, um poeta da jornada da vida.

Obrigado, Biliske Meiers (área de Spokane) e Jay e Jeni Weston (área de Mt. Hood), pelo espaço e tempo oferecido para que eu me concentrasse em meu trabalho. Tais dádivas são uma grande gentileza.

Este projeto existe em grande parte graças a dois homens e suas respectivas famílias, sem os quais ele nunca teria saído do papel. Obrigado, Dan Polk e Wes Yoder, que, com sua integridade e compaixão, supervisionaram e burilaram cada detalhe. Ninguém representa meu coração melhor do que vocês.

Agradeço também aos meus leitores. Espero que essa história encontre um lugar em seu mundo, passe um braço em volta do seu ombro e sussurre que você sempre foi digno de ser amado e sempre será. Obrigado a todos os nossos editores e leitores em todo o mundo, estamos juntos nessa jornada! Espero que esta narrativa traga um pouco mais de liberdade para todos nós, homens e mulheres.

Por fim, no verdadeiro centro de tudo está o amor altruísta e centrado no outro do Pai, do Filho e do Espírito Santo, transmitido de forma tão perfeita na pessoa de Jesus. Estamos aprendendo a virar a face de volta e confiar em você, e também aprendendo lentamente a confiar uns nos outros. Obrigado!

SOBRE O AUTOR



William Paul Young é autor de *A cabana* (mais de 25 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo) e de *A travessia*. Ele nasceu no Canadá e foi criado pelos pais missionários em uma tribo indígena, nas montanhas da antiga Nova Guiné Holandesa. Sofreu grandes perdas na infância e na adolescência, mas agora goza, juntamente com sua família, do que chama de um “esbanjamento de graça” na região noroeste dos Estados Unidos.

[facebook.com/WilliamPaulYoungOficial](https://www.facebook.com/WilliamPaulYoungOficial)

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

O poema de Lilly

Carta do autor

Agradecimentos

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro